

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Paula Jenevain Grazinoli

“Ajudei a difundir muito a ginástica. E depois, por si, ela criou asas e voou livre”: o professor Ítalo Paschoal Luiz e as práticas corporais em Juiz de Fora

Juiz de Fora

2021

Paula Jenevain Grazinoli

“Ajudei a difundir muito a ginástica. E depois, por si, ela criou asas e voou livre”: o professor Ítalo Paschoal Luiz e as práticas corporais em Juiz de Fora

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: “Educação Brasileira: Gestão e Práticas Pedagógicas”.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Zélia Maia de Souza

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Grazinoli, Paula Jenevain.

"Ajudei a difundir muito a ginástica. E depois, por si, ela criou asas e voou livre" : o professor Ítalo Paschoal Luiz e as práticas corporais em Juiz de Fora / Paula Jenevain Grazinoli. -- 2021.

184 f. : il.

Orientadora: Maria Zélia Maia de Souza
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Biografia. 2. Ginástica. 3. Juiz de Fora. 4. Práticas Corporais. 5. Educação Física. I. Souza, Maria Zélia Maia de , orient. II. Título.

Paula Jenevain Grazinoli

Ajudei a difundir muito a ginástica. E depois, por si, ela criou asas e voou livre: o professor Ítalo Paschoal Luiz e as práticas corporais em Juiz de Fora

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/a em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Aprovada em 24 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Maria Zélia Maia de Souza

Dr/a. (Maria Zélia Maia de Souza) – Orientador/a
Universidade Federal de Juiz de Fora

Maria Zélia Maia de Souza (Anuência)

Dr/a. (Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Maria Zélia Maia de Souza (Anuência)

Dr/a. (Coriolano Pereira da Rocha Junior)
Universidade Federal da Bahia

Dedico este trabalho ao professor Ítalo Paschoal Luiz, pelo seu envolvimento e pela dedicação às práticas corporais de Juiz de Fora.

AGRADECIMENTOS

A caminhada até aqui não foi simples. Com esforço e muito estudo pude construir os trilhos para a elaboração desta dissertação. Porém, meu percurso não foi traçado de forma isolada. Muitos foram os que me ajudaram de diversas maneiras.

Aos meus familiares, principalmente a minha mãe, Maria de Lourdes, e meu pai, Paulo Luiz, pela dedicação e pelo amor de toda uma vida.

A minha irmã Danielle, meu cunhado Alexandre e meu sobrinho Davi, por estarem sempre presentes nos momentos em que precisei de apoio.

Ao meu marido João Vítor, pelo cuidado, pela paciência e pelo amor dedicados a mim. Por ter sido leitor, ouvinte e conselheiro nas horas em que necessitei.

Aos meus amigos e minha família, pelas palavras de conforto e pela cooperação nos dias difíceis.

Aos meus colegas de trabalho, principalmente a todos os meus alunos, por sempre instigarem, de alguma forma, minhas inquietações.

Ao professor Ítalo Paschoal Luiz (*in memoriam*), por sua dedicação profissional, proporcionando-me a realização desta pesquisa. Agradeço também aos familiares do professor Ítalo, pela confiança no meu trabalho.

À Profa. Dra. Maria Zélia Maia de Souza, minha orientadora, pelo acolhimento, pela disponibilidade e pela forma afetuosa de conduzir o trabalho.

À amiga Sandra Alves de Oliveira, pelas conversas, pelos conselhos e pela ajuda em minha caminhada.

Sou grata a cada pessoa que, através de gestos, de palavras, de indicações, de histórias, de livros, de conselhos, enfim, através de suas contribuições, me auxiliou. Sou muito grata a Deus, por me proporcionar tamanha experiência para meu crescimento pessoal e profissional. Esta é a finalização de uma etapa, mas está longe de ser o término da caminhada. E fico feliz por isso. Afinal, o “ápice inalcançável é sinal de inspiração eterna” (GRAZINOLI, 2012, p. 39).

RESUMO

Esta pesquisa analisa a trajetória do professor Ítalo Paschoal Luiz (1927-2016), por meio de um estudo histórico-biográfico, na interlocução com os estudos de Bourdieu (2006), Macedo e Goellner (2013), Tavalier e Costa (2010) e Schmidt (2012). O objetivo deste estudo é ressignificar e ampliar o olhar sobre os sentidos e os significados das práticas corporais na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, com destaque para a ginástica, à luz das contribuições de Ítalo Paschoal Luiz. Foram utilizadas como fontes três entrevistas realizadas com Ítalo, em momentos anteriores ao seu falecimento; o livro *Crônicas - A Vida e a História do Preparador Físico: Ítalo Paschoal Luiz*, escrito pelo próprio, na década de 1990; arquivos do acervo familiar de Ítalo, contendo fotos, documentos e recortes de jornais relacionados ao tema. Ítalo se enxergava como uma importante figura na construção, divulgação e perpetuação da ginástica e das práticas corporais. Dessa forma, usou vários artifícios para legitimar seu trabalho em âmbito municipal, para garantir seu prestígio e reconhecimento na cidade e para consolidar-se como uma referência na área da Educação Física, tanto para seus contemporâneos, como para a posterioridade. A análise da trajetória de Ítalo lançou luzes numa fração da história dos movimentos em prol das práticas corporais e sobre importantes locais que possibilitaram o desenvolvimento dessas em Juiz de Fora. A investigação demonstrou o protagonismo de Ítalo em diversos caminhos, tornando-se notável seu pioneirismo na cidade em relação às práticas corporais, principalmente quando associadas à ginástica.

Palavras-chave: Biografia. Ginástica. Juiz de Fora. Práticas Corporais.

ABSTRACT

This research analyzes the trajectory of Professor Italo Paschoal Luiz (1927-2016), through a historical-biographical study, in the interlocution with the studies of Bourdieu (2006), Macedo and Goellner (2013), Tavalier and Costa (2010), and Schmidt (2012). This work aimed to give new significance and expand the look on the senses and meanings of body practices in Juiz de Fora, Minas Gerais, with emphasis on gymnastics, in the light of Italo Paschoal Luiz contributions. Three interviews with Italo were used as sources, before his death; the book *Chronicles - The Life and History of the Physical Trainer: Italo Paschoal Luiz*, written by himself, in the 1990s; archives from Italo's family collection, containing photos, documents, and newspaper clippings related to the theme. Italo saw himself as an important person in the construction, dissemination, and perpetuation of gymnastics and body practices. Thus, he used various artifices to legitimize his work at the municipal level, to guarantee his prestige and recognition in the city, and to consolidate himself as a reference in Physical Education, both for his contemporaries and for later years. The analysis of Italo's trajectory shed light on a fraction of the history of movements in favor of body practices and on important places that enabled the development of body practices in Juiz de Fora. The research demonstrated Italo's role in several ways, making his pioneering spirit in the city remarkable with body practices, especially when associated with gymnastics.

Keywords: Biography. Gymnastics. Juiz de Fora. Body Practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividades do Clube Noronha.....	28
Figura 2 - Ítalo Paschoal Luiz.....	33
Figura 3 - Carteirinha de curso de atualização e aperfeiçoamento.....	38
Figura 4 - Poses de exibição Ítalo Paschoal Luiz.....	41
Figura 5 - Dupla Lô e Rubi.....	42
Figura 6 - Ítalo Paschoal Luiz no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 1975.....	46
Figura 7 - Aparelhos de ginástica em 1961.....	48
Figura 8 - Exercícios no cavalo em 1961.....	49
Figura 9 - Carteirinha de sócio do Clube Ginástico.....	50
Figura 10 - Uniforme Clube Ginástico – os “quatro efes”.....	52
Figura 11 - Medalha de apresentação no Clube Ginástico – 1948.....	54
Figura 12 - 5.º aniversário do Clube Ginástico – 1914.....	55
Figura 13 - Recorte do jornal <i>Diário Mercantil</i> – 1961.....	56
Figura 14 - Turma masculina de ginástica no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 6 de setembro de 1977.....	58
Figura 15 - Turma feminina de ginástica no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 6 de setembro de 1977.....	59
Figura 16 - Ginástica de solo no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 1977.....	59
Figura 17 - Campeonato interno de basquete no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 1963.....	60
Figura 18 - Pose realizada em escada: Clube Ginástico, 1948.....	62
Figura 19 - Matéria sobre a diminuição do Clube Ginástico para o prolongamento da rua Barão de Cataguases.....	62
Figura 20 - Tentativa de reativação do Clube Ginástico em 1985.....	65
Figura 21 - Ginástica turma feminina em 1978 - Clube Ginástico de Juiz de Fora.....	70
Figura 22 - Academia Ítalo Paschoal Luiz em 11 ago. 1980 – A.....	74
Figura 23 - Academia Ítalo Paschoal Luiz em 11 ago. 1980 – B.....	77
Figura 24 - Academia Ítalo Paschoal Luiz.....	78
Figura 25 - Título de melhor preparador físico da cidade concedido à Ítalo Paschoal Luiz – 1967.....	80

Figura 26 - Ítalo Paschoal Luiz na TV Industrial – 1965.....	80
Figura 27 - Apresentação de força combinada no carnaval – 1954.....	82
Figura 28 - Comentário de Ítalo sobre os carnavais.....	83
Figura 29 - Apresentação com escada em 1952.....	84
Figura 30 - Panfleto de 1957 contendo como atração o Trio Brasil.....	87
Figura 31 - Trio Brasil em 1957 com Hervilha, Paulo e Ítalo.....	88
Figura 32 - Desfile Sete de Setembro de 1971.....	89
Figura 33 - Time de futebol – 1944.....	93
Figura 34 - Retorno da Seleção Mineira - 22 jan. 1960.....	97
Figura 35 - Campeonato brasileiro de seleções estaduais – time de Minas Gerais – 1960.....	98
Figura 36 - O Fantasma do Mineirão – 1966.....	100
Figura 37 - Amistoso Tupi e Seleção Brasileira em Caxambu - 27 abr. 1966.....	101
Figura 38 - Amistoso Tupi e Seleção Brasileira em Caxambu - Pelé e Toledo.....	102
Figura 39 - Tupynambás – campeão juiz-forano em 1961.....	103
Figura 40 - Sport - campeão juiz-forano em 1967.....	103
Figura 41 - Treino no campo do América – 1966.....	104
Figura 42 - Alunos do professor Ítalo – Instituto Vianna Júnior – 1979.....	109
Figura 43 - Reencontro de Aperfeiçoamento e Difusão da Educação Física e Desportos em Belo Horizonte – 1967.....	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Associação Cristã de Moços
CFE	Conselho Federal de Educação
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
D.	Dona
ENEFD	Escola Nacional de Educação Física e Desportos
FACOM	Faculdade de comunicação
FAEFID	Faculdade de Educação Física e Desportos
GEPHEFE	Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação
s.d.	Sem data
Sr.	Senhor
TV	Televisão
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 “NÓS PASSAMOS, MAS O RASTRO FICA”: SENTIDOS, FORMAÇÕES E LEGITIMAÇÕES.....	21
2.1 “Como despertei o interesse pela ginástica e esporte”: significações da infância e mocidade.....	22
2.2 “Meu negócio é educação física, não adianta”: a formação pela prática.....	35
2.3 “O professor Ítalo tornou-se destaque na educação física da cidade”: possibilidades de legitimação do trabalho.....	39
3 “AGORA VOU DIZER, ESSE É MEU FORTE: GINÁSTICA”: A PRÁTICA PELAS LENTES DE ÍTALO.....	44
3.1 “Entrei para o clube ginástico de juiz de fora em 1947 e saí em 1979 em face da sua extinção”: considerações sobre as vivências de Ítalo no ginástico.....	44
3.2 “É a nossa ginástica: calistenia” - primórdios, tendências e transformações na prática de Ítalo.....	65
3.3 “A primeira academia de ginástica de Juiz de Fora foi a minha”: a academia Ítalo Paschoal Luiz.....	71
4 “NÃO FIQUE AÍ PARADO. MEXA-SE”: A CIRCULAÇÃO DE ÍTALO PELOS DIFERENTES ESPAÇOS DA CIDADE.....	79
4.1 “O público aplaudiu de pé e com entusiasmo o nosso número”: as pirâmides humanas.....	81
4.2 “Eu gostava de ir a circos”: as significações na trajetória de Ítalo.....	90
4.3 “Como preparador físico fiz a minha parte consciente”: os percursos pelos times de futebol juiz-foranos.....	93
4.4 “Um professor cuja vocação é nata, ele sempre ajudará o aluno a despertar-se”: os caminhos de Ítalo pelas escolas de Juiz de Fora.....	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117

REFERÊNCIAS	120
ANEXO A – Currículo escrito por Ítalo Paschoal Luiz.....	126
ANEXO B – Apostila idealizada por Ítalo no Reencontro de Aperfeiçoamento e Difusão da Educação Física em 1966.....	127
ANEXO C – Entrevistas.....	135

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória no Ensino Superior teve início em 2004, quando optei pelo curso de Educação Física e Desportos (FAEFID) na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Logo após concluir a graduação em 2007, ingressei no curso de Especialização em Organização e Administração da Recreação e do Lazer, visando expandir meus conhecimentos sobre as práticas corporais inseridas em diferentes contextos. De 2011 a 2015 cursei Jornalismo no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Nesse período, pude ter contato com jornais e revistas pioneiros no Brasil e na cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais, constatando a grande riqueza de informações que podem fornecer sobre a sociedade num determinado recorte histórico.

A minha experiência profissional iniciou-se nos últimos períodos de Faculdade de Educação Física, em academias de ginástica. Logo depois de formada trabalhei como professora de Educação Física na rede escolar particular e pública. Em 2009, fui aprovada no concurso público para professores da Rede Municipal de Juiz de Fora. Ministrei também aulas em projetos da Prefeitura - ginástica, caminhada orientada e hidroginástica-, de 2015 até 2017. Atualmente, trabalho como professora efetiva de Educação Física na rede municipal da cidade e em academia de ginástica.

As raízes do meu interesse pela História da Educação Física nascem na graduação da referida área. Logo nos primeiros períodos da faculdade, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE/FAEFID/UFJF), tentando sanar curiosidades que foram surgindo no decorrer das disciplinas curriculares sobre o assunto. A aproximação com o tema intensificou minha curiosidade por épocas passadas e por nomes que ajudaram a desenhar o cenário da Educação Física do nosso presente.

O trabalho diretamente com as práticas corporais ao longo dos anos e os estudos sobre a história dessas práticas só fez crescer minha vontade de saber mais sobre os primórdios da Educação Física e as histórias de vida nela contidas, principalmente em Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata de Minas Gerais em que nasci e na qual trabalho. A partir de então, várias questões começaram a surgir trazendo-me inquietações. Uma delas diz respeito a uma pessoa, nascida também na

cidade, que dedicou sua vida às práticas corporais, principalmente a ginástica: o professor Ítalo Paschoal Luiz (1927 - 2016).

Ao buscar informações sobre o *Turnerschaft*, Clube Ginástico de Juiz de Fora, me deparei com o nome de Ítalo. Pesquisando sobre a trajetória do professor, pude perceber como sua caminhada se entrelaça com a história da Educação Física da cidade de Juiz de Fora, desde o seu encantamento pelas práticas corporais, ainda na infância da década de 1930, passando pelo seu percurso no extinto Clube Ginástico, de 1947 até 1979 e pelas suas apresentações de força combinada, com as pirâmides humanas, em vários eventos da cidade e fora dela. Além disso, é possível ainda citar o percurso de Ítalo como professor de Educação Física escolar da década de 1960 até meados da década de 1990, sua caminhada como preparador físico de vários clubes de futebol juiz-foranos, como o Tupynambás, Sport e Tupi, chegando a disputar com o time amistosos contra a Seleção Brasileira de Futebol, e da equipe que disputou o extinto Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, em 1960, e por fim, suas vivências na academia de ginástica Ítalo Paschoal Luiz, que funcionou da década de 1980 até próximo ao seu falecimento, em 2016. Durante sua vida, o professor publicou quatro livros: *Crônicas - A Vida, História do Preparador Físico: Ítalo Paschoal Luiz*¹; *Ocultismo, Espiritualismo e Fenômenos*²; *Quebra-Cabeça com Palavras e Histórias*³ e *Frases, Pensamentos e Provérbios de Escritores Famosos*⁴. Há ainda um quarto livro não publicado: *Ginástica Rítmica para Ambos os Sexos*.

A história de Ítalo reúne contribuições importantes podendo revelar e produzir novos olhares em relação às práticas corporais de Juiz de Fora. Para mais, pode

¹LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico**: Ítalo Paschoal Luiz. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.].

O livro escrito por Ítalo conta sobre passagens de sua vida, principalmente relacionadas a sua trajetória com as práticas corporais. Esse livro foi utilizado como fonte desta pesquisa.

²O periódico *Diário Regional*, de 14 de agosto de 1994, encontrado no acervo da família de Ítalo Paschoal Luiz, noticia o lançamento do livro *Ocultismo, Espiritualismo e Fenômenos*, no dia 12 de agosto do mesmo ano. A matéria relata que Ítalo descobriu a mediunidade na década de 1960, o que levou o professor, anos mais tarde, a ser membro e fundador da Sociedade de Eubiose de Juiz de Fora. Segundo a matéria, eubiose é um estudo aprofundado do espiritismo, porém utiliza um vocabulário mitológico. O livro, então, é fruto desses acontecimentos.

³O periódico *Diário Regional*, de 8 de novembro de 1995, encontrado no acervo da família de Ítalo Paschoal Luiz, expõe o lançamento do livro *Quebra-Cabeça com Palavras e Histórias*. Ainda segundo entrevista com o autor, “são crônicas tiradas das lições do dia a dia [...]” (*Diário Regional*, 8 abr. 1985).

⁴O livro *Frases, Pensamentos e Provérbios de Escritores Famosos* traz uma coletânea de pensamentos de diversos escritores, selecionada por Ítalo Paschoal Luiz.

reunir ideias e conceitos de uma época e de uma sociedade, contribuindo para a reflexão sobre os sentidos e os objetivos das atividades físicas e da Educação Física na cidade. Tendo em mente que o passado se torna redentor, se interpretado à luz do presente, deixando para trás seu status de finalizado, esta pesquisa buscou analisar a atuação e a trajetória de Ítalo Paschoal Luiz, ressignificando suas contribuições para a História da Educação Física de Juiz de Fora.

É sabido que contar a história de alguém, narrar os acontecimentos e as fases da existência de uma pessoa não é tarefa simples. Ainda mais se refletirmos sobre os vários caminhos que se podem seguir para sua construção: será que devemos pautar a escrita nas virtudes do sujeito? Contar sobre sua trajetória respeitando a cronologia do tempo? Isolar sua história dos fatos sociais de sua época? Ou, como segunda opção, na contramão dessas ideias, será que devemos considerar a teia de relações que a pessoa está inserida? Podemos encará-la como um ser passível de erros e mudanças ao longo da vida? O tempo presente deve ser considerado como um local para a ressignificação do passado? Antecipadamente, já deixamos aqui, claro ao leitor, que a construção deste trabalho foi pautada na segunda opção, entendendo Ítalo Paschoal Luiz como um ser plural, passível de incoerência e transformações, pertencente a um determinado contexto social e uma cadeia de relações interpessoais. Dessa forma, os vínculos e os laços afetivos do envolvido com os sujeitos que dividiram com ele o mesmo espaço, tempo e época também devem ser levados em conta (ELIAS, 1994; SCHMIDT, 2012, 2014).

Seguindo esse caminho para a escrita, a pesquisa aqui apresentada vai na contramão do modo tradicional de se escrever a História. Estimulada por uma visão positivista, esse modelo de historiografia coloca como exemplar aquele pesquisador que relata os fatos do passado, de uma maneira neutra e imparcial, isento de interpretação crítica. Há ainda uma valorização da escrita feita de forma objetiva e focada em agentes históricos considerados importantes, como a trajetória das elites e a trajetória de sujeitos tidos como vencedores, pessoas de altos cargos sociais, políticos, reis, ditadores, dentre outros (BURKE, 1992; LEVI, 1992; SCHMIDT, 2014; SHARPE, 1992). Ao resto da humanidade era então “destinado um papel secundário no drama da história” (BURKE, 1992, p. 12). Com um olhar restrito, esta forma de narrar os fatos, além de tendenciosa, parece ser insuficiente para entender os desdobramentos sociais e cotidianos de um tempo, de uma ordem social e de uma vida.

Especialmente a partir da Escola de Annales⁵, foi possível escrever a História com outra resenha. Recuperá-la de forma objetiva, cronológica, na tentativa de descrever os fatos como realmente foram, através da busca pela verdade absoluta, já não satisfaziam mais os campos de pesquisas historiográficas. A Nova História, como ficou conhecida, passou a reconhecer como importante toda atividade humana proveniente de diferentes grupos sociais, não restringindo a escrita da história a somente determinados grupos da elite. Houve então, o surgimento de novas narrativas, pautadas em uma construção coletiva dos acontecimentos e dos direcionamentos de um determinado período. O ser humano comum, do povo, passa de excluído para protagonista. Emergiu-se uma visão interpretativa do passado, aflorando um pesquisador que não apenas descreve, mas interpreta os fatos e objetos de pesquisa. Dessa forma, superando o modelo tradicional no qual somente a História vista de cima, ou seja, dita oficial era considerada como relevante, passou-se a valorizar pessoas comuns e grupos marcados pela exclusão, como sujeitos produtores e construtores da História, tornando-os personagens ativos desta. Assuntos cotidianos, costumes, hábitos, relações, vida pessoal e história de vida passam a ser também foco de estudo. Nesse cenário, vários tipos de fontes passam a ser consideradas, além das fontes escritas e dos documentos oficiais, como, por exemplo, depoimentos orais, fotos, músicas, literatura, dentre outros. Nessa perspectiva, o pesquisador passa a não buscar uma verdade absoluta: busca sim, dialogar com os vários tipos de fontes, investigando possibilidades, cruzando informações e interpretando os indícios. Essa nova forma de escrever a História, não trata mais o passado como unidade: revaloriza seus atores sociais, dando valor a pequenos detalhes e acontecimentos que outrora seriam desprezados (BURKE, 1992; OLIVEIRA, P.; OLIVEIRA, A., 2015).

Focalizar elementos diferentes do tradicional, proporcionando uma visão plural através de cotidianos de uma época, e pequenos fragmentos, faz alusão ao movimento da Nova História, principalmente quando se direciona o olhar para a Micro-

⁵A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico que surgiu em 1929, na França, através da publicação da revista de mesmo nome. A revista foi fundada visando promover uma nova forma de se fazer História, possibilitando uma substituição das narrativas tradicionais, permitindo a utilização de outras fontes históricas além dos documentos escritos e oficiais. Nesse caminho, passou a focar não somente na história política, mas na história de todas as atividades humanas, possibilitando várias interpretações de um mesmo fato. Além disso, abriu espaço para a valorização de outras disciplinas, aproximando a História das demais ciências sociais (BURKE, 1997).

História. Essa corrente historiográfica compõe assim, de maneira exploratória e agregadora, a história de cotidianos que possibilitam visualizar o cenário geral à luz de vários ângulos. Os sujeitos estudados são atores e transformadores das circunstâncias e de sua cultura local. Sendo assim, podem concentrar suas forças de ação nas brechas do sistema de normas, não sendo suas atitudes, somente reflexo de um contexto homogêneo e coerente. Buscando encontrar respostas que possam enriquecer o entendimento sobre os fatos e processos, a Micro-História pretende “considerar a realidade histórica de um modo mais rico e complexo, olhando com intensidade analítica aspectos dessa realidade em escala reduzida” (LIMA, 2012, p. 222), agindo sobre fatos considerados antes como insignificantes ou excepcionais, desvendando as inconsistências e os contrassensos não revelados ou ocultos nos sistemas normativos. O pesquisador, nessa abordagem, desvincula-se do modelo retórico de se estudar a História, destacando grupos e comunidades excluídas, dando voz a indivíduos, muitas das vezes anônimos, gente comum, histórias de vida, podendo-se alçar o recurso das construções biográficas (LEVI, 1992; LIMA, 2012; VAINFAS, 2002).

Com inspiração nestas ideias, para a construção desta pesquisa de cunho histórico-biográfico, concordamos que:

Biografar é evidenciar o “fazer-se” do personagem focado ao longo do tempo, e que tal movimento não é linear e unidirecional, mas contextualmente delineado, sujeito, pois, a diferentes injunções e ritmos, bem como a incertezas, descontinuidades, oscilações e incoerências. Afinal, a cada momento da vida, todo o indivíduo tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse, sim, historicamente determinado. Se, para os historiadores, tais futuros já são passados, e os resultados das escolhas feitas, conhecidos, torna-se importante recuperar, na medida do possível (e esse possível inclui a disponibilidade de fontes), o caráter dramático de toda a existência, ou seja, o âmbito da incerteza, do talvez, do hipotético, do poderia ter sido, do que não se realizou. Somente dessa forma a biografia será capaz de exprimir o “demasiadamente humano” da existência, ou seja, a angústia de se querer uno quando se é múltiplo e de se deparar com inúmeros caminhos quando a vida só pode ser uma. (SCHMIDT, 2012, p. 199, grifos do autor).

Nesse contexto, ao refletir sobre a importância da História da Educação Física no Brasil e na cidade de Juiz de Fora, objetivou-se, nesta pesquisa, ampliar a compreensão e as informações existentes nesse campo, através da trajetória e da história de vida do professor Ítalo Paschoal Luiz. Para isso, adotamos a abordagem

histórico-biográfica, não com intuito de esgotar as possibilidades de se contar a trajetória de Ítalo, mas sim, de construir uma história tecida por meio de várias memórias e vários indícios documentais, iconográficos e de objetos, tendo a consciência que, de alguma forma, são selecionados e não conseguem representar a vida do sujeito em sua totalidade. A narração histórica, segundo Veyne (1995, p. 12), “situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado ao vivo, como se você estivesse lá”.

Entendendo a pesquisa como um caminho para a produção de conhecimento, focalizada em ampliar informações sobre o tema proposto, fornecendo assim, subsídios para a interpretação da realidade e a construção de uma sociedade mais justa, para a realização do estudo propõe-se uma abordagem qualitativa. Essa perspectiva relaciona-se com a experiência subjetiva, levando em conta as vivências sociais e as teias de relações humanas. Sobre os fenômenos humanos e sociais, entender e interpretar os conteúdos é muito mais interessante do que simplesmente descrevê-los (TIZONI-REIS, 2010). Esse tipo de pesquisa,

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22).

Partindo desses apontamentos e delimitando uma opção teórico-metodológica, para a construção deste trabalho foram levantadas algumas questões a fim de nortear o andamento da pesquisa, como, por exemplo, de que modo selecionar, abordar e analisar as fontes. Para Elias (1994), entender o caminho percorrido por alguém, só é possível se arquitetamos os diversos contextos trançados em seu percurso. Seguindo este traçado para a escrita, evitaremos uma trajetória linear de fatos, na qual há uma sequência cronológica e um relato coerente de acontecimentos. A trajetória individual será mostrada levando em conta as relações e a dimensão social, através do levantamento de diversos tipos de fontes, cabendo ao pesquisador um olhar crítico para organizá-las da melhor forma possível, considerando sua origem e seu contexto, para dimensionar seu grau de relevância (BOURDIEU, 2006).

Para Melo (1999), vários tipos de fontes podem ser utilizadas no estudo da História da Educação Física. Isso possibilita ampliar a compreensão do período, trazendo novos enfoques. Segundo o autor, fonte é tudo que presta a contar a história.

São “todos os vestígios que nos permitam ampliar a compreensão historiográfica dos fatos, seja, documentos ou relatos orais, iconografias, letras de música e tudo mais” (MELO 1999, p. 58). Por se tratar de uma questão que envolve a atuação do professor Ítalo Paschoal Luiz em relação às práticas corporais, visando compreender e ampliar os saberes e conhecimentos sobre a História da Educação Física na cidade, o corpo desta pesquisa envolve um levantamento de fontes ligadas ao caminho percorrido pelo professor, selecionadas por serem consideradas pertinentes ao desenvolvimento deste trabalho.

Para a construção desta pesquisa, foram usadas como fonte três entrevistas feitas com Ítalo Paschoal Luiz. Todas estão transcritas no Anexo C deste trabalho. A primeira foi feita ainda em fita K7, em 2002, pelo Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior. Foram gravadas duas fitas K7, ambas do lado A e B. Essa entrevista está transcrita como áudio um, dois, três e quatro, representando os lados das fitas em sequência. A segunda entrevista, gravada em vídeo, foi realizada pelos alunos da Faculdade de Comunicação da UFJF (FACOM), também como uma ação coordenada pelo Professor Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior. O conteúdo consta como não publicado e foi cedido para esta pesquisa. A terceira entrevista pertence ao trabalho de dissertação de Jackeline Lisboa, orientada também pelo Professor Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em ação de pesquisa no GEPHEFE/FAEFID/UFJF, publicada em 2010, com o título de *Turnerschaft: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979)*.

Para a análise, o conteúdo das entrevistas foi dividido por assuntos, separados por cores, facilitando assim o processo. Após essa sequência didática, a pesquisa⁶ foi sendo desenvolvida relacionando e interceptando, de forma crítica e investigatória, o conteúdo das entrevistas com as outras fontes selecionadas para este estudo: a pesquisa bibliográfica realizada, incluindo autores locais; o livro publicado na década de 1990, *Crônicas - a Vida e a História do Preparador Físico: Ítalo Paschoal Luiz*, de autoria do mesmo; o arquivo contendo fotos, recortes de jornais e documentos pertencentes hoje à família de Ítalo Paschoal Luiz, no qual o professor havia

⁶O acervo de Ítalo Paschoal Luiz e todos os documentos relacionados a esta pesquisa serão de grande contribuição ao GEPHEFE e para a história da Educação Física em Juiz de Fora, uma vez que farão parte do Núcleo de Memória do Esporte, da Educação Física e do Lazer da FAEFID/UFJF.

organizado em pastas, antes de falecer, facilitando assim, o arquivamento desse material.

A escrita desta dissertação está organizada em capítulos, constando como o primeiro deles, a introdução. No segundo capítulo, foram feitas considerações sobre o campo no qual a trajetória de Ítalo se desenrolou, buscando entender quais vivências podem ter contribuído para a constituição do professor Ítalo, relacionando as práticas corporais nas quais ele teve contato na infância e na mocidade, que podem ter influenciado suas subjetividades como professor. Há ainda um espaço destinado à reflexão sobre a formação não institucionalizada de Ítalo. Para tal, abordamos de forma sucinta a história dos cursos de Educação Física em Juiz de Fora e no Brasil. Terminamos com uma reflexão sobre as possíveis tentativas do professor de legitimar sua importância para a Educação Física na cidade.

No terceiro capítulo, foi feito um estudo sobre a trajetória de Ítalo e seu envolvimento com a ginástica, principalmente em dois espaços de Juiz de Fora que o professor transitou, tanto como desbravador de novas possibilidades, quanto como difusor e incentivador da prática: o Clube Ginástico de Juiz de Fora e a Academia Ítalo Paschoal Luiz. Além disso, realizamos algumas considerações sobre a ginástica calistênica vivenciada e ministrada pelo professor, abordando as peculiaridades e possíveis significações e ressignificações de seus métodos.

No quarto capítulo, procuramos analisar a relação de Ítalo e das práticas corporais, pertinentes aos outros espaços em que o professor circulou. Em um primeiro momento, focamos nas performáticas apresentações das pirâmides humanas, realizadas por Ítalo juntamente com outros ginastas. No segundo tópico, demos ênfase na experiência de Ítalo com os circos. Depois, discutimos a trajetória do professor enquanto preparador físico de futebol de três importantes times da cidade - o Tupi, o Tupynambás e o *Sport* -, chegando o primeiro a jogar amistosos contra Seleção Brasileira, e do time juiz-forano que disputou o extinto Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Por fim, abordamos a passagem de Ítalo como professor de Educação Física de algumas instituições escolares e como docente de Moral e Cívica.

Com o intuito de localizar o leitor acerca dos espaços em que Ítalo circulou com as práticas corporais em Juiz de Fora, construímos um mapa personalizado, intitulado de ***Ítalo Paschoal Luiz e os espaços de Juiz de Fora: passado e presente***, mostrando parte dos lugares apresentados nesta pesquisa, com imagens do recorte temporal em que Ítalo viveu e imagens contemporâneas dos mesmos locais. Através

dos números das legendas representativas de cada ponto, é possível ter acesso às referidas fotografias. Como forma de enriquecer a leitura deste estudo, sugerimos o acesso ao link⁷ do mapa.

⁷Link para acesso ao mapa: <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?hl=pt-BR&mid=1XP2qWrwg8pm-uu1hGlzLGL6uSyXDtmE&ll=-21.755510460750635%2C-43.34801990000002&z=14>.

2 “NÓS PASSAMOS, MAS O RASTRO FICA”⁸: SENTIDOS, FORMAÇÕES E LEGITIMAÇÕES

Se as antigas construções de Juiz de Fora falassem, poderiam contar, com orgulho, a história de seus moradores que, em uma teia emaranhada de contextos, entrelaçam vidas e desenham o presente de nossa cidade. Em meio a essas construções e com a curiosidade aguçada pelos fragmentos do passado, os passeios pela cidade de Juiz de Fora tomam uma conotação diferente, conectando o ontem e o hoje de forma instigante. Talvez, passando por ali, perto do Cine-Theatro Central⁹ em tempos de carnaval de rua, seja possível ainda, ver Ítalo Paschoal Luiz chamando a atenção de todos com suas acrobacias de força e equilíbrio. Ou quem sabe, seja imaginável, participar de uma sessão de ginástica calistênica¹⁰ ao som do piano, no Clube Ginástico. Quiçá haja ainda como comemorar junto ao Tupi, a fama de Fantasma do Mineirão¹¹.

Sem anseio de regressar nos anos, mas pretendendo mergulhar nas possíveis reflexões sobre um período, buscamos em cada vestígio, em cada fonte, em cada fotografia, em cada detalhe, uma contribuição para ampliar nosso olhar. Atrevemo-nos aqui, a tomar como inspiração a concepção de História de Walter Benjamin, entendendo que o passado contém e é contido pelo presente. É possível enxergar, junto ao pensador, a possibilidade de ressignificar o passado com o olhar contemporâneo, através de pequenos fragmentos que promovam a coincidência entre tempos diferentes. Talvez, daqui a alguns anos, esses mesmos fragmentos sejam gatilhos para que outras pessoas possam pensar o passado, influenciadas pelos contextos de seu presente, surgindo então, novas releituras deste (BENJAMIN, 2007).

⁸LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico**: Ítalo Paschoal Luiz. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.].

A frase faz parte do título de duas crônicas escritas pelo professor Ítalo Paschoal Luiz no livro de sua autoria, supramencionado.

⁹O Cine-Theatro Central foi inaugurado no ano de 1929, na rua Halfeld, na cidade de Juiz de Fora. O teatro foi tombado em 1994 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e até hoje é palco de grandes apresentações.

¹⁰A calistenia é um sistema ginástico oriundo da ginástica sueca. Essa última, foi usada para a obtenção de indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios, possuindo sua origem no início do século XIX, na Suécia (SOARES, 2001; MARINHO, 1975).

¹¹Termo usado para referenciar o time de futebol juiz-forano Tupy, após este vencer três partidas disputadas contra times da capital Belo Horizonte, em 1966.

Entendendo a história de vida de Ítalo Paschoal Luiz como uma rica forma de pesquisa que, à luz das reflexões e através do cruzamento e da interpretação de diferentes fontes, podem ampliar o olhar sobre a história da Educação Física em Juiz de Fora, dialogaremos, neste capítulo, sobre a constituição de Ítalo como professor, relacionando sua trajetória aos contextos e aos campos em que as práticas corporais se desenvolveram, perpassando pelas vivências que Ítalo teve na infância e na mocidade e que podem ter contribuído para suas subjetividades. Articularemos ainda, sobre a não formação institucionalizada de Ítalo e seu aprendizado pela prática. Por fim, discutiremos as possíveis tentativas de Ítalo para legitimar seu trabalho e se reafirmar como referência na cidade de Juiz de Fora.

2.1 “Como despertei o interesse pela ginástica e esporte”¹²: significações da infância e mocidade

Na área da Educação Física, pesquisas sobre histórias de vida ainda são muito incomuns. Segundo Macedo e Goellner (2013), a maioria dos trabalhos de cunho biográfico encontrados nesse campo, narra, principalmente, sobre o sucesso de atletas famosos e pessoas que conquistaram alguma visibilidade no esporte. Além disso, a maior parte dessas biografias foram feitas por jornalistas e não por pesquisadores da área acadêmica. Em artigo¹³ publicado em 2013, as mesmas autoras fizeram um levantamento de estudos sobre biografia e Educação Física. A pesquisa, na qual foram analisadas diferentes revistas¹⁴ da área, constatou que somente três publicações continham o termo *narrativas biográficas*. O mesmo número de artigos foi encontrado pelas autoras ao mapearem trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte nos anos 2007, 2009 e 2011.

Na tentativa de encontrar trabalhos relacionando biografia e Educação Física, pesquisamos nos campos de busca das mesmas revistas citadas por Macedo e

¹²LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico: Ítalo Paschoal Luiz**. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.].

A frase faz parte do título de duas crônicas escritas pelo professor Ítalo Paschoal Luiz no livro de sua autoria, supramencionado.

¹³MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da educação física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, DF, v. 21, n. 3, p. 157- 165, 2013.

¹⁴Macedo e Goellner (2013) analisaram as seguintes revistas: *Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Motrivivência, Pensar a Prática, Revista de Educação Física e Motriz*.

Goellner (2013), a expressão *narrativas biográficas* e a palavra *biografia*, com o recorte de 2015 a 2019. Os termos não foram encontrados nas revistas: *Motrivivência*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, *Pensar a Prática*, *Motriz*, e na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Na revista *Movimento*, encontramos dois artigos com a palavra *biografia* no título, ambos de 2017. Os dois textos visam pesquisar biografias já produzidas outrora. Um deles, de Lise N. *et al.* (2017), analisa dois trabalhos biográficos sobre a história do jogador de futebol Pelé. O outro, Lise R. *et al.* (2017) analisa a biografia de Carlos Gracie, mestre brasileiro de *Jiu Jitsu*.

Através dessa breve reflexão, reafirmamos que pesquisas sobre histórias de vida na área da Educação Física ainda são escassas. Tendo ciência disso, concordamos com Melo (1999, p. 80), que “as trajetórias individuais podem ser relevantes para ampliar nossa compreensão sobre a Educação Física Brasileira”. Dessa forma, análises dessa natureza são essenciais para a amplificação do olhar sobre a área, representando um campo de possibilidades para a construção de novos trabalhos. Sendo assim, entendemos junto a Tavalier e Costa (2010, p. 316):

A área da Educação Física possui um manancial rico de acontecimentos significativos que poderão nutrir o campo biográfico utilizando-se de outras estâncias do conhecimento, como o jornalismo, o teatro, o cinema, a fotografia, a história e a semiótica. Os referidos códigos permanecem pouco explorados nessa área e podem contribuir sobremaneira não somente com novas e diferentes revelações, mas também com a elaboração de uma nova práxis no ato de entender assim como no ato de fazer a própria prática investigativa, o que poderá ajudar na abertura de trilhas para os futuros andarilhos pedagógico.

Apoiando a ideia de que pesquisas sobre histórias de vida são de total relevância no campo acadêmico da Educação Física e sabendo que tais estudos ainda são raros nesse campo, destacamos a importância da realização desta dissertação, para ampliar as possibilidades de se olhar a História da Educação Física na cidade de Juiz de Fora, através das análises e reflexões sobre uma história de vida: a trajetória do professor Ítalo Paschoal Luiz. Para tal, queremos evitar, desde já, que um leitor desavisado, associe este estudo a uma espécie de *pesquisa quebra-cabeça*, na qual cada peça do jogo (representadas pelos acontecimentos da vida de Ítalo), seja perfeitamente encaixada uma na outra, dando origem a uma história escrita de forma coerente e cronológica. Parece que a metáfora do quebra-cabeça possa

remeter talvez, as biografias do passado. Essas últimas, como bem explica Schmidt (2014), aspiravam servir de exemplos de boa conduta ou almejavam exaltar somente pontos positivos de uma pessoa, revelando uma vida isenta de contradições e mudanças. Sendo assim, encaixavam-se as peças de seus grandes feitos de bravura a outras peças de heroísmo e bons costumes, montando-se então, um quebra-cabeça perfeito, seguindo uma trajetória linear, sem desvios.

Em nosso estudo, entendemos que a vida de uma pessoa não é feita de momentos e fatos que se acomodam perfeitamente uns aos outros. Concordamos com Bourdieu (2006) que seria uma ilusão biográfica tentar encaixar as peças da vida de Ítalo com a preocupação de dar um sentido coeso, reunindo os fatos de forma orientada e lógica, através de acontecimentos que “tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis” (BOURDIEU, 2006, p.184). Dessa forma, sustentamos que o estudo biográfico sobre Ítalo será realizado levando em consideração os deslocamentos e colocações dos diversos acontecimentos no espaço social, assim como a interação de Ítalo com seus pares nesses espaços, pretendendo a partir daí, entender sua atuação em diferentes campos (BOURDIEU, 2006). Sendo assim, compactuamos que

não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de *superfície social*. (BOURDIEU, 2006, p. 190, grifos do autor).

Ítalo Paschoal Luiz circulou por diferentes espaços na cidade de Juiz de Fora. Em pesquisa inicial ao arquivo pessoal de Ítalo, foi possível encontrar um currículo escrito de próprio punho, contendo informações sobre sua trajetória.

Iniciou a prática de ginástica aos 13 anos de idade, por conta própria e em 1947 foi aluno do professor Caetano Evangelista no Clube Ginástico Juiz de Fora. Em 1950, foi assessor do mesmo e passou a dirigir aulas de ginástica olímpica: cavalo de pau, paralelas, barra fixa, argolas e ginástica solo. Em 1956, foi preparador físico do Tupy Futebol Clube onde conquistou os seguintes títulos de campeão: 1956, 1957, 1958, 1959, 1963, 1964, 1966 e 1969; no Tubynambás: 1960, 1961 e 1962; no Sport Clube: 1967, 1968, 1982. Foi preparador físico

da seleção mineira em 1960. Participou como sparing da seleção brasileira de Foot-boll, conquistando o título: 'o Fantasma do Mineirão'. Participou de Trio Brasil, ginástica: pirâmides humanas e dupla de força combinada com o título 'Os maiores paradistas do Brasil' na TV Itacolomi em Belo Horizonte, além de atuar na TV Alterosa, TV Rio e TV Tupy do Rio de Janeiro. Conquistou título de louvor em 30.09.1963 - Prefeitura Municipal de Juiz de Fora; campeonato de ginástica de aparelhos em Belo Horizonte. Honra ao mérito: melhor preparador físico de Juiz de Fora e, 1967 [...] e 1968. Possui diplomas do Ministério e Cultura de Minas Gerais (1966 e 1967), onde deu aulas para todos os professores de Educação Física do Brasil. Possui da Tribuna da Tarde e Rádio Solar: Destaque esportivo em 16.12.1991. Possui título de Cidadão Benemérito em 28.10.1987. (Arquivo pessoal de Ítalo, anexo A)

Interessante observar, em uma matéria feita com Ítalo por um periódico de 2005, o destaque dado às várias funções do professor:

Como uma pessoa consegue fazer tantas coisas? Diz ele que sabe como ajustar o tempo para desempenhar funções diversas, como ginasta, preparador físico, professor de Moral e Cívica, atleta em trio de força combinada, além de trabalhar em apresentações circenses. (Arquivo dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz – sem identificação do jornal)

Pretendendo construir, de acordo com a fala de Bourdieu (2006), os estados sucessivos do campo em que a trajetória de Ítalo se desenrolou, para melhor entendermos seu percurso, falaremos inicialmente sobre a modernidade¹⁵. Isso porque, o contexto do movimento moderno foi o impulsionador inicial das práticas corporais que começaram a circular no final do século XIX e no início do século XX, no Brasil, e mais especificamente, em Juiz de Fora. Podemos dizer que o crescente interesse populacional pelas diferentes práticas corporais tem suas origens no desejo por um país mais moderno e civilizado (CUNHA JUNIOR *et al.* 2011).

O movimento moderno iniciou-se no século XVIII na Europa. Em terras brasileiras, ganhou forças somente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, principalmente nas grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. Enaltecendo o poder científico e tendo a ideologia do progresso como primordiais ao seu desenvolvimento, a modernidade intensificou o interesse pelas novidades tecnológicas e pelo processo de urbanização das cidades, incluindo aqui, as melhorias infraestruturas. Em meio a esse contexto, houve a construção de um novo estilo de

¹⁵Para um debate acerca desse conceito, ler: GIL, Natália; ZICA; Matheus da Cruz (org.). **Moderno, modernidade e modernização**: século XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

vida e de hábitos no país, característicos da modernidade, como, por exemplo, a busca por espaços públicos enquanto local de socialização e convívio. E é nesse momento de efervescência cultural, no qual novos costumes oriundos da Europa são difundidos em terras brasileiras, que as práticas de lazer e a prática de atividades físicas, como, por exemplo, o turfe e o remo, passam a ter maior adesão em nosso país, principalmente em grandes cidades, como o Rio de Janeiro (CUNHA JUNIOR *et al.* 2011; GOIS JÚNIOR, 2013; MELO, 2007). Nesse cenário,

[...] as atividades esportivas tornam-se ainda mais aceitas e populares. Procuradas por pessoas dos mais diferentes extratos sociais, aproveitadas como motivo de festa (uma diversão “saudável”); algo tipicamente moderno. (MELO, 2007, p. 18, grifo do autor).

Com a formação desse novo cenário moderno no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, foi possível observar que “a urbanização, a nova arquitetura, os novos hábitos dos cariocas teriam atravessado a estrada e influenciado diretamente os juiz-foranos” (CUNHA JUNIOR *et al.*, 2011, p. 13). Tal influência deu-se, principalmente, pela proximidade entre a cidade de Juiz de Fora e a cidade do Rio de Janeiro que, aliás, é bem maior do que a proximidade com a própria capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. “O ideal da burguesia emergente de Juiz de Fora era justamente civilizar. Mas para eles, civilizar era se aproximar e se identificar, principalmente, estar nos moldes do Rio de Janeiro” (SOARES; MORORÓ, 2009, p. 6). Essa inspiração nos padrões cariocas, era estimulada por uma elite local, composta por fazendeiros e capitalistas, que pretendiam industrializar a cidade e controlar o espaço urbano e a população.

Em suma, podemos dizer que esses novos hábitos que afloraram em Juiz de Fora, impulsionados pelos novos costumes da cidade do Rio de Janeiro e adquirindo características tipicamente juiz-foranas, impulsionaram diferentes manifestações envolvendo as atividades físicas pelos diversos espaços urbanos. Podemos citar também, como impulsionador das práticas corporais, a vinda de imigrantes europeus para a cidade de Juiz de Fora, que trouxeram consigo, dentre outros costumes, as experiências com as atividades físicas (CUNHA JUNIOR *et al.*, 2011).

Em meio a essa conjuntura, Ítalo Paschoal Luiz, ainda na infância, em meados da década de 1930, respira os ares desse movimento moderno que circulava pelos espaços da cidade. E foi em um desses espaços, conhecido como Clube de Regatas Noronha, que Ítalo teve um de seus primeiros contatos com a ginástica.

Ao refletir sobre as vivências de Ítalo, tentando verificar as possíveis motivações de sua vida pessoal no seu modo de ser docente, concordamos com Nóvoa (2013) que a constituição do professor recebe intervenções de todas as esferas de sua vida, de forma que diversos fatores e acontecimentos ao longo da trajetória são relevantes. Dessa forma, não há como resumir a figura do professor a um conjunto de competências e capacidades, relegando as características e as dimensões de sua vida pessoal. Sendo assim, muitos fatores

influenciam o modo de pensar, se sentir e de atuar dos professores, ao longo do processo de ensino: o que são como pessoas, os seus diferentes contextos biológicos e experiências, isto é, as suas histórias de vida e os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam. (HOLLY, 2013, p. 82)

Tendo isso em mente, o Clube Noronha pode ser evidenciado como um dos locais em que Ítalo vivenciou suas primeiras experiências relacionadas às práticas corporais. Experiências essas que, analisadas em seus contextos, podem contribuir para nossas considerações, em relação à formação de Ítalo como professor. A seguir, dissertaremos sobre o contato de Ítalo com o Clube.

No caminho para casa de sua avó, que residia no Bairro São Bernardo, o menino Ítalo passou pelo extinto Clube de Regatas Noronha e se deparou com ginastas que se apoiavam uns nos outros, formando as chamadas pirâmides humanas. A cena pareceu-lhe tão marcante, que jamais saiu de sua memória.

Eles estavam fazendo umas pirâmides, uma cruz de malta... parada de três... e é exatamente a cruz de malta que eu fiquei encantado. Falei: meu Deus! Aquilo marcou [...]. Eu ainda vou fazer isso com eles... vou mostrar que vou fazer. Tinha cinco anos. (Informação verbal)¹⁶

O Clube ficava às margens do Rio Paraibuna, próximo à ponte Artur Bernardes ou ponte da Rua Halfeld. Sobre o local,

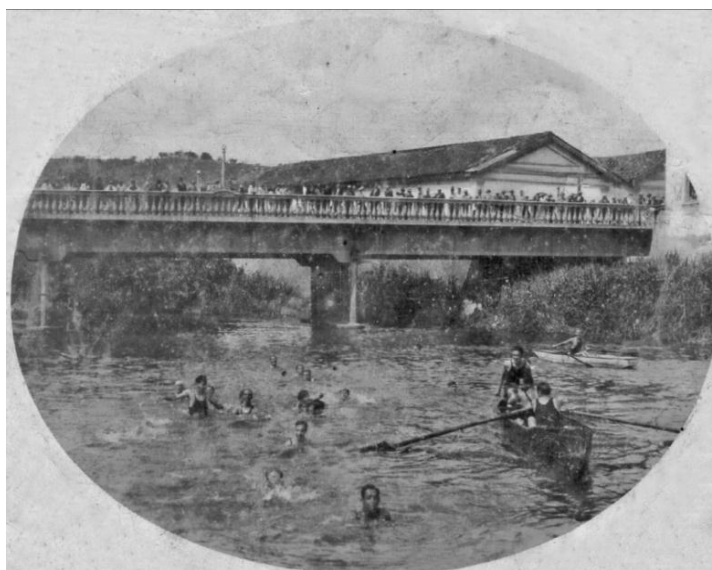
Foi no ano de 1930, no dia 28 de abril, que um grupo de pessoas de marcado destaque nos meios esportivos da cidade resolveu criar um clube náutico, lá mesmo onde até aquela época vinha existindo o balneário particular do senhor João Noronha [...] a instituição, que havia começado sua vida esportiva com os títulos de *Clube de Natação Noronha* e *Clube de Regatas Juiz de Fora*, passou

¹⁶Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha, em Juiz de Fora, 2002.

definitivamente a denominar-se *Clube de Natação e Regatas Juiz de Fora* [...] chegando esse clube a ter mais de 120 associados. (BRAGA, 1977, p.106-107, grifos do autor).

Seus sócios praticavam, além de números de força combinada, a natação, o remo e a ginástica. Ítalo sentiu-se extremamente atraído pelas atividades praticadas no local, principalmente pelos exercícios de acrobacia e força combinada chamados de pirâmides humanas. A Figura 1 mostra a referida ponte, com várias pessoas assistindo às atividades realizadas no rio.

Figura 1 - Atividades do Clube Noronha



Fonte: Blog Maria do Resguardo [s.d.].

Na imagem, podemos perceber alguns atletas dentro da água. Deduz-se que estejam praticando a natação e o remo, no rio que corta a cidade de Juiz de Fora: o Rio Paraibuna. Essa imagem pode causar estranhamento em nosso presente, já que os níveis de poluição do rio nos dias de hoje, tornariam impraticáveis tais realizações. Em relação às atividades esportivas no clube, Braga (1977, p. 105-106) relata:

As águas do Paraibuna dão à mocidade juiz-forana o doce prazer de praticarem a natação e o remo [...]. Aos domingos, sábados, às tardes, nos feriados e mesmo de manhã e à tarde em dias comuns, lá estavam os associados do Clube Noronha nadando e saltando dos trampolins; alguns pulando da ponte ao rio [...].

Sobre as atividades em água realizadas no Clube Noronha, elas surgiram, provavelmente, motivadas por aquelas praticadas no mar do Rio de Janeiro. No Brasil, banhar-se no mar já foi considerada uma atividade de cunho médico e terapêutico. Somente no final do século XIX e mais enfaticamente no século XX, a prática começou

a fazer parte da dimensão do lazer. A partir daí, foi possível perceber a difusão do ensino da natação e o aparecimento do remo. Nessa época, surgem então, os Clubes de Regatas, às margens das praias (MELO, 2007). Juiz de Fora, cidade interiorana, e obviamente desprovida de um mar, adotou o Rio Paraibuna como local para esse tipo de atividade, fundando o Clube de Regatas Noronha, às margens do Rio Paraibuna, no ano de 1930.

No geral, as práticas corporais realizadas nos Clubes Regatas eram atreladas ao conceito de saúde, embasado em preceitos médicos, e educação moral, prevenindo os regatas de vícios e más condutas. Ou seja, os atletas eram associados a sujeitos portadores de boa disposição, robustez e condição física, além de virtuosas qualidades de caráter. Tais associações tiveram origens através da prática do remo, esporte considerado um dos mais importantes do século XX, justamente por ter sido o primeiro a estabelecer essa ligação entre esporte, moral e saúde, inspirando-se no conceito de atividade física já difundido na Europa, que muito influenciou o Brasil. Antes do remo, a prática esportiva em nosso país era muito associada a jogos de azar. Essa herança foi deixada pelo turfe¹⁷, esporte no qual as apostas eram muito comuns (MELO, 2007).

Segundo Melo (2007), os Clubes de Regatas, atrelando então o conceito de prática pautada na dimensão moral, livre de vícios, saudável e embasada em preceitos médicos, começam a oferecer também aulas de ginástica, modalidade que ia ao encontro desse discurso. Se observarmos as falas de Ítalo, podemos entender que no Clube de Regatas Noronha haviam ginastas¹⁸ que praticavam as pirâmides humanas e treinavam ginástica. Ítalo descreve as atividades que eram disponibilizadas pelo clube: “a natação, a canoagem, o trampolim de molas com saltos acrobáticos, barra fixa, além de pesos e alteres” (LUIZ, s.d., p. 8). Comenta ainda que chegou a participar das atividades do Clube quando jovem, nos intervalos das aulas do Clube Ginástico. E foi a partir daí que começaram as primeiras ideias para a formação das pirâmides humanas com as quais Ítalo fez apresentações por várias cidades do Brasil.

¹⁷Corridas de cavalo nas quais há, a partir do final do século XIX, um grande envolvimento com apostas. Os hipódromos eram locais frequentados pelas elites. Em Juiz de Fora, o primeiro hipódromo foi fundado em 1889, com o nome de Alfredo Ferreira Lage (LISBOA, 2017).

¹⁸Ítalo cita nomes de alguns atletas do Clube Noronha: Lino, Lua, Armando Salimena, Maçarico, Ruffulo, Walter, Sócrates, Levindo e Lincoln (LUIZ, s.d.).

Eu fazia demonstrações em carnavais, saía na rua, fazia pirâmide humana eu ia no clube. Acabava a ginástica lá terça, sexta e domingo [...] domingo nós íamos lá pra ponte do Clube Noronha [...]. Eles queriam que eu entrasse para a equipe lá e começamos a treinar o trio... Eu, Paulinho e Edson. (Informação verbal)¹⁹

Ítalo revela que os atletas do Noronha conheceram as pirâmides humanas através de uma apresentação feita em Juiz de Fora, pela Polícia Especial do Rio de Janeiro. Nota-se aqui, a ainda constante atuação carioca nas terras juiz-foranas. Sobre o Clube de Regatas, Braga (1977, p. 105, grifo do autor) comenta que “os seus ginastas faziam proezas e quando a célebre turma da Polícia Especial aqui esteve, isto mais ou menos em 1934, eles já faziam, e com amplo sucesso, a extraordinária *Cruz Humana*”.

Outro fato relevante de se observar ainda na Figura 1, é a quantidade de pessoas observando os atletas que se dispunham no Rio Paraibuna: “Tudo era feito ao ar livre e contava com enorme público que os assistia da ponte localizada na Rua Halfeld” (LUIZ, s.d., p. 8). Um grande número de pessoas se dispunha a observar, além dos exercícios em água, as práticas de ginástica, incluindo as pirâmides humanas, realizadas no local. Nesse cenário, é interessante perceber que, além do hábito da atividade física como prática do mundo moderno, há também, naquele momento, a atividade física atrelada à dimensão do espetáculo. Sobre essas práticas de lazer, segundo Melo (2011), foi na efervescência da *Belle Époque*²⁰, no Brasil, que se começou a valorizar as vivências públicas de divertimento. Nesse contexto, viu-se o crescimento do interesse da população como público, por alguns esportes específicos, como o remo, num momento inicial, e depois o futebol. A ideia da prática corporal como espetáculo foi discutida por Inezil Penna Marinho:

Duas são, em suas características, as formas de recreação; passiva e ativa. Na primeira, desempenhamos o papel de simples espectadores, como acontece quando assistimos a uma partida de futebol, a uma peça teatral ou a um filme cinematográfico. No segundo aspecto, a nossa atividade poderá ser preponderantemente mental, como no xadrez, nas palavras cruzadas e demais jogos intelectuais ou

¹⁹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha, em Juiz de Fora, 2002.

²⁰Período de grande efervescência e euforia cultural (transição dos séculos XIX e XX), bem característico da modernidade, no qual se destacam, entre outras dimensões, a construção de um novo estilo de vida, com costumes mais distendidos, a busca do espaço público enquanto local de vivência social; a valorização das atividades de lazer, luxo e consumo. Tais dimensões, originalmente europeias, tiveram grande influência nas maiores cidades brasileiras da época (MELO, 2007, p. 18).

preponderantemente física, como ocorre nos chamados jogos motores, nos desportos, etc. (MARINHO, 1954, *apud* SILVA; MACEDO; GOELLNER, 2016, p. 236).

Sobre essas dimensões de caráter utilitário e de espetáculo, Cunha Junior *et al.* (2011, p. 15) relatam:

As práticas corporais e as diversões identificaram-se como símbolos da modernidade. E temos aqui dois conjuntos principais de argumentos presentes naquele momento. De um lado, o discurso médico em favor da saúde, que veio favorecer a expansão dos métodos de ginástica. De outro, a dimensão do espetáculo, as vivências lúdicas e divertidas que proporcionavam o esporte, o circo, as danças, as apostas, o teatro, o cinema, os bares e os salões, entre outros.

Em relação às práticas corporais de Ítalo, ao longo de sua trajetória, podemos identificar esse primeiro argumento do autor, pautado em um discurso a favor da saúde, como, por exemplo, na ginástica ensinada por Ítalo no Clube Ginástico e na academia e nas escolas em que lecionou. Em relação ao segundo argumento, entendendo as práticas corporais como parte da dimensão de espetáculo e diversão, podemos dizer que Ítalo participou com veemência nesse processo quando ginasta das pirâmides humanas e nas suas inúmeras apresentações. Também percebemos essa dimensão nas constituições das demonstrações de ginástica realizadas por toda a cidade, em diferentes eventos, com seus grupos de alunos. Cabe ainda colocarmos aqui, o papel de Ítalo como preparador físico de futebol, se discorrermos que as disputas atraíam um grande público, procurando diversão ao assistir as partidas e é claro, o primeiro contato de Ítalo com o Clube Noronha.

Como podemos perceber, essas duas dimensões da atividade física, impulsionadas pela modernidade, continuaram trilhando seus caminhos ao longo dos tempos e espaços e foram achando seu lugar na história das práticas corporais até os dias de hoje. Se pensarmos nas trajetórias dessas atividades na cidade de Juiz de Fora, podemos perceber o Clube Noronha como um desses locais de diversão e exaltação dessas atividades físicas. Fato que se intensifica se entendermos que essas práticas eram realizadas em um local central da cidade, próximo à Rua Halfeld, uma das principais ruas de Juiz de Fora. Ou seja, as atividades chamavam ainda mais atenção, por serem realizadas em um espaço visceral da cidade. E foi exatamente

como público, mergulhado na dimensão de espetáculo das práticas corporais, que Ítalo teve seu primeiro contato com a ginástica, como espectador.

Podemos dizer, que o Clube Noronha inspirou o interesse inicial de Ítalo pelas práticas corporais. Porém, Ítalo teve afinidades com outras práxis em sua trajetória de infância, como, por exemplo, os exercícios feitos pelos soldados recrutas do comando dos sargentos do quartel-general. Outra importante aproximação, foram os trapezistas e os artistas que executavam movimentos acrobáticos nos circos, local muito frequentado por ele quando criança.

Ainda tentando perceber e entender as motivações para a construção das emocionalidades e subjetividades de Ítalo como professor, nos atentamos agora a sua adolescência. Na puberdade, Ítalo rachava lenha para ajudar o pai, mas aproveitava o uso do machado para ganhar força, inspirando-se no desempenho de atletas da época. Era comum que, com o mesmo intuito de desenvolver os músculos, empilhasse e desempilhasse sacos de arroz e feijão. Podemos perceber aqui, como o discurso das práticas corporais circulavam pela cidade, já intensificado pela fama de atletas em voga na época, inspirando pessoas comuns a buscarem o desenvolvimento físico. Percebe-se aqui também, a crescente formação de um padrão corporal atrelado à atividade física.

Outra importante vivência de Ítalo, foi na Casa D'Itália Juiz de Fora²¹, local que Ítalo estudou quando menino. É possível perceber que a escola faz parte do ciclo experiência que interferiu nas particularidades e traços do futuro professor. Dentre as atividades da instituição, Ítalo conta que participou de um time de voleibol e fez parte de duas peças de teatro apresentadas no Cine-Theatro Central. Interessante observar que foi através dessa experiência escolar que Ítalo descobriu seu prazer em apresentar-se em público. No trecho a seguir, ele comenta sobre as apresentações de teatro: “[...], mas o público, eu via os aplausos [...]. Eu precisava de povo, de falar, de mostrar alguma coisa [...]. (Informação verbal).²² Esse espírito exibicionista de Ítalo, nos ajuda a entender o início de seu gosto por apresentações, como as pirâmides humanas e as demonstrações de ginástica, de forma que ele mesmo relata: “Estes acontecimentos foram marcantes para mim, pois enfrentei público numa espécie de

²¹Fundada no ano de 1939, a Casa D'Itália Juiz de Fora é um centro de vivência Ítalo-Brasileira que difunde a cultura Italiana através de cursos, dança, música, culinária, dentre outras atividades.

²²Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha, em Juiz de Fora, 2002.

Avant-première que, em jornadas futuras, iriam se tornar uma realidade. De fato, ocorreram...” (LUIZ, s.d. p. 9).

Ainda no contexto de possíveis influências, cabe aqui lembrar do envolvimento de Ítalo com o futebol, num momento de crescente efervescência desse esporte. Envolvimento que começou já na infância: “E as peladas de rua? Quando não tinha bolas de meia, buchas de laranja, até jilós serviam” (LUIZ, s.d. p. 9). Aos 17 anos, ele foi goleiro titular do Tupi Football Club, conhecido time de Juiz de Fora. Como veremos mais adiante, sua história com futebol ainda renderá frutos. Mas por agora, atentamos na parte de sua juventude em que conheceu o local que faria parte de sua vida por muitos anos: o Clube Ginástico de Juiz de Fora.

Ítalo dedicou muito tempo de sua vida ao Clube Ginástico. Foi através de Paulo Lopes, aluno do professor Caetano Evangelista e parceiro no Trio Brasil, como veremos no capítulo 3, que Ítalo entrou para o *Turnershaft, ou Clube Ginástico de Juiz de Fora*. O futuro professor conheceu Paulo quando este fazia uma parada de mãos em cima de uma mesa de bilhar. Empolgado com a cena e empenhado em alimentar seu instinto exibicionista, Ítalo passou duas semanas em casa, treinando o movimento, até ter condições de, na mesma mesa de bilhar, demonstrá-lo a Paulo. Surpreso com a força do novo colega, Lopes então, convidou Ítalo a conhecer o Ginástico. Na Figura 2, apresentamos Ítalo aos 18 anos de idade, dois anos antes de entrar para o Clube.

Figura 2 - Ítalo Paschoal Luiz



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

No ano de 1947, aos 20 anos, Ítalo entrou para o Clube Ginástico. Lá foi aluno e depois professor. Sobre seu início e sua permanência no Clube, ele comenta:

Entrei lá, o professor lá me viu que eu me destacava dos alunos pelos movimentos de força, mais sabia que eu trabalhava, meu pai tinha um armazém, eu pegava muito peso, sacos de arroz de feijão e rachava lenha etc. e tal... jogava futebol também, era goleiro, mas meu negócio era público. E eu fui me entusiasmando por aquilo, aí comecei. (Informação verbal)²³

Mesmo contrariando a vontade de seu pai, o futuro professor foi se dedicando cada vez mais a ginástica. Em pouco tempo como aluno do Clube, tornou-se monitor de Caetano Evangelista, passando a receber uma pequena contribuição financeira.

Se pensarmos no tempo da trajetória de Ítalo no Clube Ginástico, podemos dizer que o local foi uma das instituições que mais interviu na formação de Ítalo como professor. Pode-se observar que ele encarou o Clube como uma escola de formação em sua vida. Em seu livro, refere-se aos métodos ginásticos que teve contato na instituição como sendo matérias escolares, deixando transparecer o caráter formativo que o espaço exerceu sobre ele:

Durante minha aprendizagem, cursei as seguintes matérias: Ginástica Rítmica, Sueca, Francesa e Calistênica. Trabalhei, também, com garrafas, massas, bastões e halteres. Simultaneamente, fui auxiliar técnico do professor no basquete e vôlei, nas categorias infanto-juvenis. (LUIZ, s.d. p. 10).

Como podemos perceber, várias experiências na infância e na mocidade podem ter estimulado as características do professor Ítalo. Entendemos que os fatos aqui apresentados nos fornecem subsídios para que melhor compreendamos seus desdobramentos. As vivências de Ítalo com as práticas corporais durante sua infância e mocidade, podem ter interferido de forma intensa na composição das peculiaridades de Ítalo e na sua organização profissional, uma vez que compreendemos, juntamente com Nóvoa (2013), que não há como haver uma separação entre o eu pessoal e o eu profissional do professor.

²³Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

2.2 “Meu negócio é educação física, não adianta”²⁴: a formação pela prática

A história de vida dos professores é uma importante linguagem a ser analisada, sendo um rico caminho para que entendamos melhor sobre a teia de influências existente na formação, no caso desse estudo, de Ítalo Paschoal Luiz como professor. Dessa forma, entendemos que

os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a interseção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo. (GOODSON, 2013, p. 75).

Isso se torna ainda mais relevante, se pensarmos que Ítalo tornou-se professor pela prática, não possuindo nenhuma formação institucionalizada na área de Educação Física. Parece-nos então, interessante nesse momento, analisar a trajetória do professor interceptando com o campo em que os acontecimentos se desenrolaram, principalmente em relação ao contexto da Educação Física no Brasil e mais especificamente em Juiz de Fora (BOURDIEU, 2006; NÓVOA, 2013).

Filho de italianos, Ítalo Paschoal Luiz nasceu em Juiz de Fora, no dia 15 de fevereiro de 1927. Porém, só foi registrado no dia 5 de junho do mesmo ano. Seu pai era dono de um armazém na cidade. Para o futuro do filho, desejava uma vida de estudos e longe de atividades como a ginástica. Porém, ainda respirando os ares modernos, Ítalo teve contato com as práticas corporais que circulavam naquela época por Juiz de Fora e contrariando a vontade do pai, fez delas sua profissão.

O futuro professor acabou abandonando a escola e se dedicou a aprender e ensinar ginástica. Naquela época, por volta da década de 1950, em Juiz de Fora, não havia curso destinado a professores de Educação Física. Sendo assim, Ítalo inspirou-se nos ensinamentos de Caetano Evangelista, seu professor no Clube Ginástico. Somente aos 42 anos de idade, na década de 1960, que Ítalo cursou o ensino médio. Segundo ele, precisava do diploma secundário para continuar a lecionar. Parece aqui, haver um movimento para institucionalizar os estudos do profissional de Educação Física na cidade, principalmente na área escolar. Ele frequentou também o curso

²⁴Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

superior de Direito, mas não chegou a concluí-lo. Como veremos a seguir, Ítalo relata que a inspetoria passou a exigir um diploma de curso superior. Curioso notar que a exigência era simplesmente de um diploma, parecendo não importar se esse último seria ou não de Educação Física.

Estudava. Tomei pau de frequência. Fazia Contabilidade depois de 42 anos, pra eu poder lecionar [...] você tem que ter o curso médio... tá, com 42 anos, ó o diploma tá ali. Primeiro, segundo e terceiro ano de contabilidade. [...]. Eu larguei os estudos pra lá, mas por causa de ginástica. [...]. Os caras tão exigindo, a inspetoria, que você tenha, pra ser um professor, pra lecionar, precisa ingressar numa universidade. Aí eu fiz o vestibular em Direito [...]. Fiz primeiro, segundo e terceiro ano de Direito. Não quis formar. [...] meu negócio é Educação Física, não adianta. (Informação verbal)²⁵

Em todo seu trajeto como professor, Ítalo Paschoal Luiz não chegou a fazer nenhum curso superior de Educação Física. O curso de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) iniciou suas atividades somente em agosto de 1973. Ele surgiu num cenário onde o governo militar incentivava a abertura dessas instituições em âmbito nacional. Uma das justificativas para a abertura do curso, protocolada em 1970 pelo diretor da Faculdade de Educação, Murilo de Avellar Hingel, e encaminhada ao Reitor da época, Prof. Gilson Salomão, foi a insuficiência de professores de Educação Física habilitados na cidade e em seu entorno, com número menor que cinco (NASCIMENTO *et al.*, 2003).

No Brasil, a primeira escola de Educação Física para Civis foi instalada em primeiro de agosto de 1934, na cidade de São Paulo, através do decreto n° 4.855 de 27 de janeiro de 1931, tendo parte do seu corpo docente formado por pessoas treinadas em centros militares. Os alunos da Escola Superior de Educação Física de São Paulo, adquiriam o título de instrutor de ginástica em um ano de curso e o título de professor de Educação Física, podendo atuar em escolas e clubes, em dois anos de curso. Na época que corresponde ao Estado Novo, a Educação Física era vista como uma possibilidade de regeneração da raça e o desenvolvimento do espírito cívico e patriótico. Nesse contexto, a Constituição de 1937 tornou a Educação Física obrigatória nas escolas. Houve então a necessidade de uma formação mais específica dos seus profissionais. Por meio do decreto-lei n° 1.212, em 1939 criou-se a Universidade do Brasil e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD),

²⁵Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

na cidade do Rio de Janeiro, estabelecendo as diretrizes para a formação profissional. Nessa Escola, o tempo de formação era o mesmo da Escola de São Paulo (ANDERÁOS, 2005; SOUZA NETO; ALEGRE; HUNGER, 2004). Neste mesmo decreto-lei, o diploma de licenciado em Educação Física passou a ser exigido para que se exercesse a profissão a partir do ano de 1941, sendo válida também para os estabelecimentos particulares a partir de 1943.

Art. 35. A partir de 1 de janeiro de 1941, será exigido, para o exercício das funções de professor de educação física, nos estabelecimentos oficiais (federais, estaduais ou municipais de ensino superior, secundário, normal e profissional), em toda a República, a apresentação de diploma de licenciado em educação física.

Parágrafo único. A mesma exigência se estenderá aos estabelecimentos particulares de ensino superior, secundário, normal e profissional, de todo o país, a partir de 1 janeiro de 1943. (BRASIL, 1939).

Segundo Souza Neto, Alegre e Hunger (2004), até 1957 não era necessário ter o ensino secundário para que se ingressasse na Escola de Educação Física. Exigia-se somente o curso ginásial caracterizando a Educação Física como curso técnico. Com o parecer MEC/CFE nº 118/58 (*apud* SOUZA NETO; ALEGRE; HUNGER, 2004) alterou-se essa situação, necessitando então, para ingresso no Curso Superior de Educação Física, o certificado de conclusão do secundário completo.

Em suma, podemos perceber que o diploma de Educação Física já era obrigatório em todo território nacional, desde 1941 para instituições públicas e 1943 para instituições particulares. Porém, por um bom tempo, não haviam professores formados suficientes para dar conta da demanda exigida, inclusive e especialmente na cidade de Juiz de Fora, que como explanou Nascimento *et al.* (2003), era menor que cinco, até 1973, ano da criação do curso de Educação Física. Sendo assim, até essa data, aqueles que optavam por fazê-lo, precisavam se deslocar para outras cidades. Com todo esse contexto, muitos trabalhavam sem o título, caso de Ítalo Paschoal Luiz. O professor nunca cursou escola de Educação Física e fez parte do grupo de profissionais que conquistava sua aprendizagem pela prática. Porém, pareciam haver algumas exigências vindas do Ministério da Educação, destinadas aos professores de Educação Física que trabalhavam sem diploma. Encontramos um documento datado de 23 de março de 1966, em que o professor, formado em instituição superior e inspetor de Educação Física da Delegacia Regional de Ensino

de Juiz de Fora, Ítalo Dacorso, isenta Ítalo Paschoal Luiz de problemas relacionados a sua atuação como professor escolar.

Declaro que o Sr. Ítalo Paschoal Luiz tem exercido por vários anos o encargo de professor de Educação Física em colégios desta cidade, e sob a minha jurisdição, com real mérito e capacidade, nada havendo que desabone sua conduta profissional. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz)

Sobre sua situação, Ítalo Paschoal Luiz lembra o que era preciso para que ele pudesse lecionar:

Eles começaram a exigir do professor, por exemplo, que tivesse acesso a uma folha de formado. E eu não era, eu já era título precário. Quer dizer, o xará, Ítalo [...], que assinava pra mim. (Informação verbal)²⁶

Anualmente, eram organizados cursos sob a inspeção de Ítalo Dacorso, destinados a professores de Educação Física que atuavam sem diploma. Em arquivo da família foi possível encontrar a carteirinha de Ítalo Paschoal Luiz, apresentada na Figura 3, provavelmente referente a um desses cursos.

Figura 3 - Carteirinha de curso de atualização e aperfeiçoamento



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Reconhecendo que a aprendizagem não é um sistema linear e sim um processo multifacetado, sendo possível que se aprenda de diferentes formas em diferentes espaços, conseguimos entender que o processo de formação das

²⁶Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

subjetividades de Ítalo como professor, foi sendo articulado através de suas vivências e acontecimentos nos espaços sociais. Dessa forma, é possível compreender que Ítalo Paschoal Luiz fez parte de uma época de transição, em que se passava gradativamente, a exigir um diploma do professor de Educação Física. Todas essas articulações inerentes à sua história de vida, se interceptam no contexto da Educação Física naquele momento, nos ajudando a entender melhor o estabelecimento de Ítalo como professor, assim como nos ajudam a esclarecer melhor suas escolhas, de acordo com os desdobramentos sociais e o contexto da época (GOODSON, 2013; NÓVOA, 2013).

2.3 “O professor Ítalo tornou-se destaque na educação física da cidade”²⁷: possibilidades de legitimação do trabalho

Imerso em um cenário que as práticas corporais eram tidas como uma possibilidade também de diversão e espetáculo, Ítalo arranjava espaço para alimentar seu espírito exibicionista através das apresentações de ginástica. Porém, é possível presumir que para além do gosto pelos aplausos, os sentidos de suas demonstrações ginásticas caminhavam também em outras esferas: embrenhando-se em diferentes cenários juiz-foranos e alcançando diversos tipos de pessoas, as apresentações conseguiam reafirmar o professor como uma espécie de autoridade e referência na área da Educação Física em Juiz de Fora, validando assim, sua forma de atuação, além de seus conceitos e de suas ideias.

Apresentar-se em público, talvez fosse uma forma de manter-se em evidência, tendo o próprio corpo e os e os efeitos da prática nele produzidos como propaganda do seu trabalho. Comentando sobre as características de um bom professor, Ítalo relata em seu livro que “o professor de Educação Física deve ser o primeiro a dar exemplo de boa forma física, pois a aparência é um bem visual e soma pontos [...]” (LUIZ, s.d., p. 59). Essa boa forma física que aparece no discurso de Ítalo é atrelada aos efeitos estéticos que as práticas corporais podem produzir. Esse modelo de corpo atlético, começou a ser apreciado no florescer da modernidade. Anterior a esse

²⁷LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico**: Ítalo Paschoal Luiz. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.].
Frase parte do prólogo do livro *Crônicas - a Vida e a História do Preparador Físico: Ítalo Paschoal Luiz*, escrito pelo professor Romeu Vianna.

período, associava-se um corpo musculoso a um intelecto pouco desenvolvido, valorizando-se tipos físicos fracos e magros (MELO, 2007).

A exaltação desse novo tipo físico corporal surge concomitantemente com o aumento da procura pelos banhos de mar e com o crescimento do remo, primeiro esporte a atrelar a relação existente até os dias de hoje, entre esporte e saúde. Deixando seu aspecto de jogo de diversão, como era o caso do turfe, o remo passa a relacionar o esporte a um estilo de vida saudável, valorizando-se então, um novo tipo de forma física. Logo no último quarto do século XIX, no Rio de Janeiro,

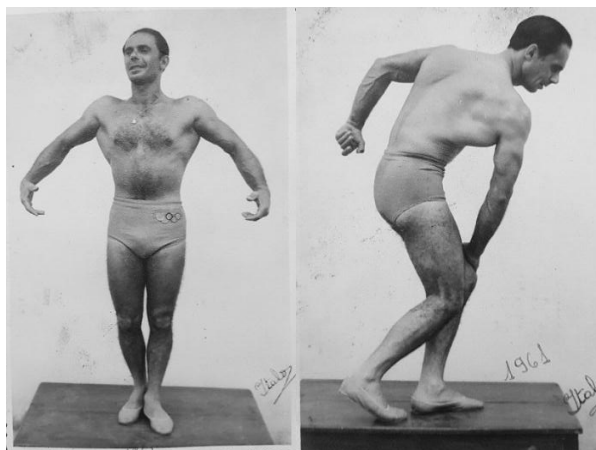
alguns homens já começam a exibir com orgulho seus corpos rijos e bem definidos, a partir do instante em que se cria uma relação linear desses parâmetros com a saúde [...]. Mais ainda, passa-se a estabelecer uma relação entre a forma física e o caráter dos atletas. (MELO, 2007, p. 42).

Em relação à ginástica, já no século XX, percebe-se uma associação entre a sua prática e a forma física, como destaca Melo (2007, p. 79), sobre o Centro de Cultura Física, localizado no Rio de Janeiro e considerado uma das primeiras academias do país:

É bem explícito o significado da ginástica para aquele grupo: exibe-se privilegiadamente os corpos musculosos masculinos e faz-se questão de exibir a parede do estabelecimento onde estava escrito: o homem forte é calmo e sensato. (MELO, 2007, p. 79 apud Revista *FON-FON*, 1910, n. 22, p. 4)

Ainda influenciado por esse contexto, Ítalo parece valorizar a forma física, não somente em sua instância quando ginasta, mas também como professor. Seu corpo é uma espécie de vitrine, que o ajuda a “somar pontos”, como ele mesmo relata, agregando valor às suas qualidades decentes. Não é incomum encontrar, nos arquivos de Ítalo, fotos nas quais ele exibe os efeitos do exercício sob seu corpo. Na Figura 4, ele se expõe para foto, fazendo poses que fazem sobressair seu físico e sua musculatura desenvolvida.

Figura 4 - Poses de exibição Ítalo Paschoal Luiz



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Outra questão curiosa, é a presença constante de Ítalo nas fotografias. Parece que o professor fazia questão de se colocar nas fotos, legitimando sua participação, seu pertencimento ao grupo e sua importância naquilo que se propunha a fazer. Ítalo conseguiu reunir cópias dessas fotos e recortes de jornais no qual aparecia, através de imagem ou relato, e criou pastas, contendo fontes de boa parte de sua trajetória. O professor empenhou-se na construção de um acervo sobre si mesmo e sua caminhada através das práticas corporais pelas quais se envolveu. Além dessas provas sobre sua atuação, reuniu também nessas pastas, documentos pessoais, documentos do Clube Ginástico, documentos comprovando seu trabalho nos times de futebol, nas escolas, dentre outros indícios. Esse esforço para reunir comprovações de sua trajetória, seria mais uma forma de Ítalo validar sua atuação.

Em muitos desses documentos, o professor fazia questão de escrever informações como a data, o local ou um comentário, como, por exemplo, o nome do exercício realizado. Na Figura 5, temos o exemplo de uma descrição das imagens feita por Ítalo. Ele enumera cada foto e cria logo abaixo uma legenda para cada uma delas, contendo a descrição das poses realizadas pela dupla Lô e Rubi (dupla de força combinada). A seguir, a descrição da referida legenda:

Fotografia tirada por ocasião do desfile promovido pelo Sport
 1 pôse Lô e Rubi, vê-se perto duas balises.
 2- Levada ao *sólo*.
 3- Prancha horizontal de barriga.
 Salve 7 setembro/1959.

Figura 5 - Dupla Lô e Rubi



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Podemos pensar que esse esforço em descrever informações, sobre o que ele mesmo viveu, seja um recurso para sua própria memória. Mas é possível ainda, pensar que o objetivo de Ítalo era deixar seu legado registrado para que sua geração e as outras futuras tomassem conhecimento de seus feitos como profissional. Interessante dizer que o conteúdo dessas pastas foi usado como fonte para a construção desse trabalho e as descrições ajudaram para que localizássemos as imagens no tempo e no espaço, além de ampliar possíveis reflexões.

Foi possível perceber que nos arquivos pessoais de Ítalo só há uma fotografia que faz referência à sua atuação como professor nas escolas. Sobre essa instância de sua trajetória encontramos fontes no formato de documentos. A maioria das fotografias da pasta, traz imagens de posições ginásticas, feitas individualmente ou em grupo, fotos no Clube Ginástico e na Academia do Bairu, sozinho ou com seus alunos ou colegas de turma, e fotos das pirâmides humanas, fotos em eventos diversos, fotos de família e fotos com os times no qual foi preparador físico.

Para além de seu arquivo, Ítalo dedicou-se ainda a publicação do livro *Crônicas - a Vida, Histórias do Preparador Físico: Ítalo Paschoal Luiz*, no qual relata suas próprias vivências relacionadas com as práticas corporais. Em seu livro, empenha-se em escrever sobre sua própria trajetória profissional, tentando legitimar, talvez para futuros professores, a sua contribuição e sua ação no campo da Educação Física, colocando-se como participante ativo na construção da história. Para tal, faz relatos que aconteceram no cotidiano de sua prática, tanto no Clube Ginástico como nos seus

outros locais de trabalho, faz homenagens aos Clubes que trabalhou, aos personagens que elegeu importantes para a Educação Física, aos seus antigos alunos. Ainda no livro, coloca-se muitas vezes como ator e produtor de um conhecimento que não deve se perder com o tempo e que deve ser reconhecido tanto pelos seus pares, como pelas futuras gerações. Esse livro também foi usado como fonte neste trabalho, trazendo importantes contribuições.

No próximo capítulo, serão feitas reflexões acerca de dois importantes espaços em que Ítalo esteve, principalmente com a ginástica: o Clube Ginástico de Juiz de Fora e a Academia Ítalo Paschoal Luiz. Dialogaremos ainda, sobre a prática da calistenia e suas significações.

3 “AGORA VOU DIZER, ESSE É MEU FORTE: GINÁSTICA”²⁸: A PRÁTICA PELAS LENTES DE ÍTALO

Rememorando e interpretando os vestígios da trajetória de Ítalo pela cidade, torna-se possível reacender algumas luzes sobre o caminho da Educação Física, no qual muitos sentidos permanecem ainda inexplorados. Dessa forma, passamos a enxergar o professor Ítalo, com todas suas contradições, pluralidades e peculiaridades, como um personagem ativo no percurso das práticas corporais locais.

Neste capítulo, faremos um diálogo entre a trajetória de Ítalo e seu envolvimento com a ginástica, principalmente em dois espaços de Juiz de Fora, que o professor transitou, tanto como desbravador de novas possibilidades, quanto como difusor e incentivador da prática: o Clube Ginástico de Juiz de Fora e a Academia Ítalo Paschoal Luiz. Além disso, faremos algumas considerações sobre a ginástica calistênica vivenciada e ministrada pelo professor, abordando as peculiaridades e possíveis significações e ressignificações de seus métodos.

3.1 “Entrei para o clube ginástico de juiz de fora em 1947 e saí em 1979 em face da sua extinção”²⁹: considerações sobre as vivências de Ítalo no ginástico

Uma foto antiga pode apresentar um cenário muito diferente do atual, podendo revelar trajes, costumes e cenários divergentes do nosso cotidiano. E pelo olhar no presente, seus sentidos e interpretações passam por uma ressignificação. Esse diálogo entre os tempos cria diferentes perspectivas inerentes ao hoje e ao futuro, possibilitando uma percepção de tempo não linear.

²⁸Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

²⁹LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico: Ítalo Paschoal Luiz**. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.]. p. 23.

Figura 6 - Ítalo Paschoal Luiz no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 1975



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Nessa emblemática imagem, Ítalo faz um exercício que exige muita força e consciência corporal: uma prancha com um apoio. Para além do exercício, é interessante refletirmos que a escolha do local da foto não é aleatória. Não é por acaso que Ítalo escolhe como cenário para eternizar a pose, o nome e a data de inauguração do Clube Ginástico. Como se quisesse transmitir a importância e a necessidade do local continuar a fazer parte do cenário juiz-forano, o professor aproveita seu espírito exibicionista para demonstrar os resultados de sua prática em seu próprio corpo, talvez numa tentativa de retardar ou cessar o fechamento do Clube, exaltando a relevância de sua existência para a continuidade das práticas corporais em Juiz de Fora.

Apesar de não ter conseguido manter o Clube em funcionamento, a instituição fecha as portas em 1979. Podemos dizer que Ítalo, através da foto, deixa um gatilho para o nosso presente. Afinal, a imagem e seus detalhes icônicos nos ajuda a refletir sobre a história da ginástica e sobre o legado de Ítalo, mesmo anos após o encerramento do Ginástico. Sobre isso, parafraseando Benjamin (2007), é plausível dizer que através de um pequeno fragmento do passado, podemos conectar de maneira aliciante dois tempos distintos. Pode-se dizer que o passado foi modificado pelo olhar do presente, nos inspirando a pensar sobre como os cristais da história e os pequenos fragmentos da vida cotidiana têm o potencial de ampliar o modo de se contar sobre o passado. Ou seja, nos ajuda a entender sobre quais luzes podemos

acender para iluminar a história das práticas corporais em Juiz de Fora, levando em consideração como o Clube Ginástico afetou e foi afetado por Ítalo.

Entre os espaços do Clube, no decorrer de suas vivências como aluno, depois monitor e por fim professor, Ítalo pôde ter contato com a ginástica de forma sistematizada, principalmente através da ginástica de aparelhos, de solo e da calistenia. Podemos dizer que o Clube Ginástico serviu como uma espécie de escola de formação, tendo uma grande contribuição para a composição e a organização das aulas de Ítalo Paschoal Luiz. Devido à importância do Ginástico na trajetória de Ítalo, entendemos que aprofundar as informações sobre a instituição, pode nos ajudar a compreender melhor a história, os significados e os sentidos da ginástica e das outras práticas realizadas no local, percebendo e interpretando, juntamente com outros pressupostos, as características da prática de Ítalo e sua constituição como professor.

Segundo Melo (2007, p. 78), um “importante fator para o desenvolvimento da ginástica, já na segunda metade do século XIX, foi a criação de clubes específicos, primariamente uma iniciativa de imigrantes europeus (normalmente alemães)”. Dentro desse contexto, podemos citar o nascimento do Clube Ginástico de Juiz de Fora. Localizado na Avenida dos Andradas, o Ginástico ofereceu diferentes práticas corporais em seus espaços. A ginástica era a principal atividade do Clube, sendo realizada desde sua fundação, em 18 de abril de 1909 (LISBOA, 2017), coloca que o basquete e o vôlei começaram a ser praticados no local, no ano de 1920. O atletismo, por algum tempo, também foi desenvolvido dentro do Ginástico, assim como a esgrima, o boxe e o ping-pong (hoje conhecido como tênis de mesa).

O Clube Ginástico de Juiz de Fora foi fundado por imigrantes alemães. Um dos principais motivos que impulsionou a vinda desses imigrantes para a cidade foi a oferta de trabalho desencadeada pela construção da estrada União Indústria³⁰. Já instalados em Juiz de Fora, os germânicos procuravam criar momentos de lazer para suas famílias, que rememorassem seu país de origem em território brasileiro, pretendendo dessa forma, cultivar a cultura, os hábitos e os costumes alemães. Foram surgindo, assim, algumas instituições para esses fins. Dentre elas, podemos citar a criação das

³⁰Ainda na década de 1850, iniciou-se a construção da Estrada União e Indústria, por iniciativa de Mariano Procópio Ferreira Lage. A Estrada foi construída com objetivos de encurtar a viagem entre a Corte e a Província de Minas, destinando-se ao transporte do café. Neste momento, Juiz de Fora recebeu a primeira leva de imigrantes alemães. (Fonte: Site da prefeitura. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/institucional/cidade/historia.php>. Acesso em: 5 nov. 2020.)

cervejarias. Em meio a outras atividades, os pátios cervejeiros eram muito utilizados para a execução de exercícios físicos, sendo a ginástica a prática corporal de maior destaque. A cervejaria *Dois Leões* se realçava nesse cenário. A partir dessa movimentação, nasceu no local o *Turnerschaft Club Gymnastico Juiz de Fora*³¹, em 18 de abril 1909. Nos anos seguintes à fundação, houve um empenho por parte de seus frequentadores para criar um local destinado somente à prática de ginástica. A falta de espaço foi então resolvida, após o Clube se instalar no prédio da Liga Mineira contra Tuberculose³², em 22 de abril de 1912. A mudança foi feita a convite de Eduardo de Menezes³³, diretor do local. No espaço funcionaria a *Escola de Educação Physica D. Maria do Carmo*, instituição organizada pela Liga Mineira, que tinha como objetivo fundamental desenvolver um trabalho profilático contra a tuberculose, através da educação física. O prédio localizava-se na Avenida dos Andradas, área central de Juiz de Fora (LISBOA; CUNHA JUNIOR, 2011; LISBOA, 2017).

A ginástica praticada no recém-inaugurado Clube era fundamentada no método alemão de ginástica. Esse sistema surgiu na Alemanha no século XIX, na mesma época em que outros métodos ginásticos nasciam na Europa, em países como a França, a Inglaterra e a Suécia. Cada um desses métodos representava diferentes formas de se executar a ginástica. Pautadas em discursos médicos, essas escolas ginásticas, de forma geral, serviam a uma sociedade fabril, que viam na prática uma maneira de promover a saúde, em meio a um cenário de inúmeras mortes e doenças. Dessa maneira, os métodos pretendiam regenerar a raça, desenvolver a vontade, a coragem, a força e a energia de viver. Além disso, associadas a uma ordem disciplinar, buscavam o desenvolvimento da moral e homens fortes que pudessem servir à pátria (SOARES, 2001). Nas falas de Ítalo sobre o Clube Ginástico, percebemos a presença

³¹Mudanças importantes aconteceram após a instalação do clube nos terrenos da Liga Mineira. Entre elas, podem ser destacadas, em 1917, a alteração do nome da instituição para Clube Ginástico de Juiz de Fora, como forma de minimizar as hostilidades da Primeira Guerra Mundial (LISBOA, 2017, p. 114).

³²A Liga Mineira, preocupada com o desenvolvimento de uma profilaxia social para prevenção e cura da tuberculose, entendia que, através de uma “educação physica”, os fins higiênicos assim como morais seriam atingidos e a ginástica, que naquele momento se destacava nos discursos médicos como um dos instrumentos e caminhos para tais objetivos, ganhava novos significados e espaços na sociedade, uma possibilidade de elevar a saúde da população. Ela tornar-se-ia uma das principais atividades da *Escola de Educação Physica D. Maria do Carmo*, instituição organizada pela Liga Mineira Contra Tuberculose, que tinha como objetivo fundamental desenvolver um trabalho profilático contra esta doença através da educação física (LISBOA, 2017, p.112, grifos da autora).

³³Médico e sanitarista que via a atividade física como importante meio para a promoção da saúde e prevenção de doenças como a tuberculose (BRAGA, 1977).

constante da ginástica de aparelhos, que como relata Melo (2007), é inspirada no método alemão. Na Figura 7, podemos observar três fotos tiradas no balcão do Clube Ginástico, onde provavelmente era a sala de aparelhos. Identificamos um espaldar, barras paralelas, cavalo, barra fixa. Interessante observar a bandeira na foto da direita acima, provavelmente com o símbolo do Clube, os *quatro efes*. Nessa fotografia, Ítalo encontra-se no centro, em cima, cobrindo o símbolo da bandeira. Na foto da esquerda, Ítalo encontra-se embaixo. Na foto da direita abaixo, ele está com uma das mãos no chão, fazendo uma prancha com um apoio.

Figura 7 - Aparelhos de ginástica em 1961

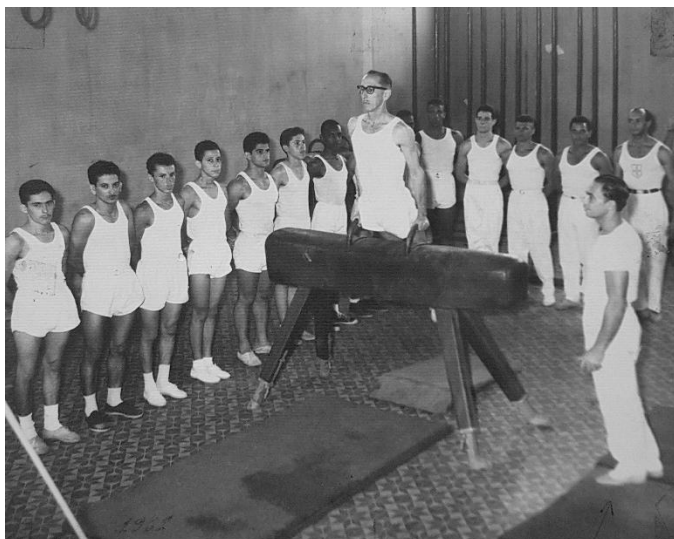


Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

A ginástica de aparelhos foi por muito tempo chamada de ginástica olímpica. Nos dias de hoje é conhecida como ginástica artística. Ítalo comenta que as aulas eram divididas por níveis e relata sobre quando entrou para o Clube, dizendo que seu professor, Caetano Evangelista, fazia as passagens de turma iniciante, média e avançada através de uma avaliação baseada em uma sequência de exercícios executados nos aparelhos. Explicando sobre as aulas quando era aluno do Clube, Ítalo cita alguns dos aparelhos do local: “*Barra fixa, barra baixa [...], barra alta, paralelas, cavalo e salto sobre o cavalo sem alça*” (LISBOA, 2010, p. 208). Quando professor, os mesmos aparelhos eram utilizados nas aulas de Ítalo. Na Figura 8, podemos ver um ginasta praticando exercícios no cavalo com alças, enquanto outros alunos observam e talvez aguardam a vez. No canto direito acima, podemos observar uma parte das argolas. A sessão parece estar a comando de Ítalo. O professor

encontra-se em pé, à direita, próximo ao aparelho. Na figura percebemos que há uma padronização na roupa dos alunos e até mesmo na postura deles.

Figura 8 - Exercícios no cavalo em 1961



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

Em seu livro, Ítalo destaca como a segurança em relação à execução dos exercícios ainda era pouco desenvolvida e descreve alguns dos exercícios e aparelhos que faziam parte das sessões. Mesmo sem os recursos de segurança e proteção existentes nos tempos atuais, a turma mais avançada conseguia realizar exercícios de alta dificuldade, como o “cristo nas argolas, giros-gigantes com câmbios de mão na barra fixa e inúmeras posições como: pranchas, subidas prancheadas com braços esticados, paradas de força olímpica, etc.” (LUIZ, s.d., p. 10). Nos exercícios utilizavam “espaldares suecos verticais e horizontais, cordas, caixão sueco (printo), trampolim de molas [...], burrinho, [...]” (LUIZ, s.d., p. 10).

Ítalo ingressou no Clube Ginástico, como aluno, em 1947, e familiarizou-se com a ginástica de aparelhos. Começou sua prática na turma de iniciantes e já em 1948 estava na turma avançada ou de elite. Em suas falas, não é incomum que destaque seu desempenho, tendo sempre como parâmetro as ponderações e as observações de seu professor Caetano Evangelista: “em 1950, com três anos de frequência, que eu já fazia tudo que ele queria” (Informação verbal)³⁴. Ítalo, nesse mesmo ano, foi promovido a auxiliar e assistente técnico, ganhando sua “primeira turma de Educação

³⁴Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

Física e ginástica Olímpica” (LUIZ, s.d., p. 10). A Figura 9, mostra a carteirinha de Ítalo quando ainda era monitor de ginástica.

Figura 9 - Carteirinha de sócio do Clube Ginástico



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Além da ginástica de aparelhos, outra prática de ginástica realizada no local, que muito atraía Ítalo, era a calistenia³⁵. Inserida no Clube em 1926 (LISBOA, 2017), a modalidade era obrigatória para todos os alunos. Desse modo, uma sessão calistênica era realizada anteriormente a qualquer atividade, ou seja, antes do jogo de basquete, de vôlei ou da ginástica de aparelhos, todos dedicavam-se à aula de calistenia.

Quando Ítalo entrou para o Clube, Caetano Evangelista era o professor do local. Caetano nasceu na Itália, em 1893, e veio para Juiz de Fora com cinco meses de idade. No Clube Ginástico, foi aluno do professor alemão Hans Rappel, ocupando a posição deste a partir de 1917 (LISBOA, 2017). No livro de Ítalo encontramos uma homenagem a Caetano Evangelista, contendo a descrição de uma das aulas de ginástica calistênica:

Revejo o salão do Clube Ginástico de Juiz de Fora com mais de 100 alunos, todos garbosamente perfilados. Numa saleta, próxima ao salão nobre, os seus filhos, Célio e Climene, revezavam-se juntos no piano. O professor dá o sinal e inicia-se a sala de ginástica. O

³⁵A calistenia é um sistema ginástico oriundo da ginástica sueca. Essa última, foi usada para a obtenção de indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios, possuindo sua origem no início do século XIX, na Suécia. A ginástica calistênica é considerada a percussora da ginástica localizada que conhecemos hoje (COSTA, 1996; SOARES, 2001; MARINHO, 1975).

aquecimento com evoluções, marchas e desenhos variados. Seguem-se os exercícios de cabeça, tronco e membro nas mais variadas posições, e todos com acompanhamento musical. O teclado do piano, acionado por mãos hábeis, espalha sons melódiosos que contagiam todo o ambiente. Tudo é festa e entusiasmo. A alegria envolve todos os presentes como num grande amplexo. No centro do salão estava a figura central e responsável por tudo o que acontecia. O insigne mestre, como um uniforme branco e impecável. Com gestos firmes e concisos, um sorriso carismático a conduzir mais uma sessão de educação física. (LUIZ, s.d., p. 11).

É perceptível que a forma de Caetano Evangelista conduzir as aulas, seus métodos e suas características pessoais, exerceram grandes significações na constituição de Ítalo como professor. É notável a grande admiração deste por aquele. Evangelista instigou, a sua maneira, que o então futuro professor trilhasse seu caminho na Educação Física. Podemos dizer que Ítalo teve afeto e foi afetado pelos ensinamentos de Caetano. Além do encantamento de Ítalo, tanto por Caetano como por aqueles significativos momentos, podemos perceber no trecho, algumas características da constituição das aulas. Características essas, que ajudaram a compor as futuras aulas de Ítalo. Podemos observar, por exemplo, a referência à plasticidade da organização dos alunos, que apesar de muitos, são dispostos em uma determinada ordem, demonstrando sintonia e disciplina. A descrição do uniforme do professor, como branco e impecável, também corrobora essa linha de pensamento. Ainda sobre o uniforme, Ítalo relata:

Os homens todos de branco, branco impecável. [...] As mulheres de branco com listras, o short era comprido até o joelho, vermelho laterais. [...] A blusa era toda branca com o símbolo dos “quatro efes”, franco, firme, forte e fiel. (LISBOA, 2010, p. 208, grifo da autora).

Em um primeiro momento, podemos nos ater ao uniforme como um mecanismo disciplinador, favorecendo a ordem e o controle, tentando unificar simbolicamente, através da roupa, comportamentos desviantes que possam surgir. Mas ao mesmo tempo, as falas de Ítalo transmitem uma outra sensação em relação ao uniforme: Ítalo parece orgulhar-se dele. Aquela roupa revive no professor um sentimento de pertencimento a um grupo no qual ele gostava de fazer parte e que era bem acolhido pelos seus pares. Afinal, o uniforme era a objetificação do que ser atleta parecia representar para Ítalo. Conceito este que tem suas origens no surgimento do remo: “pessoas virtuosas, de bom caráter [...] alguém jovem, forte, musculosos, dotado de

‘boa saúde’” (MELO, 2007, p. 11, grifo do autor). É interessante destacar aqui, que os uniformes continham um símbolo: os *quatro efes*. Estes eram importantes para preservar a identidade alemã e representavam o que Jahn, alemão militar considerado o pai da ginástica, propagava. Sobre o símbolo do Clube,

A instituição adotou para suas práticas o lema “Os exercícios fortalecem o corpo” e por escudo “os quatro efes” alemães dispostos a formar uma cruz, que ficava estampado no uniforme dos alunos e na bandeira, onde cada “efe” possuía um significado: Frisch (jovial), Fromm (devotado), Frolich (alegre) e Frei (livre), ou ainda franco, firme, forte e fiel. (LISBOA; CUNHA JUNIOR, 2011, p. 112, grifos dos autores).

Na figura 10 podemos ver a disposição dos *quatro efes* no uniforme do Clube Ginástico. A vestimenta apresentada pertenceu à esposa de Ítalo Paschoal, Maria José de Araújo Cigani, que foi também aluna do local. É possível perceber o nome de Ítalo no uniforme, provavelmente acrescentado na época em que assumiu a instituição.

Figura 10 - Uniforme Clube Ginástico – os “quatro efes”



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Uma questão interessante nas falas de Ítalo, é a constante relação que faz associando a ginástica de Caetano a preceitos morais e disciplinares. O professor parece perceber essas características como pontos positivos. Em entrevista, Ítalo fala de Caetano:

Ele era muito enérgico, ele não permitia o sujeito fazer ginástica com uniforme sujo, tinha que ser todo branco [...] e o detalhe: muita atenção, muita disciplina, muita rigidez. E entre aspas, moral, tinha que ser aluno disciplinadíssimo, e eu procurei preencher todos esses requisitos e tornei-me seu fã direto e na sua falta quem dava aula, era eu. (LISBOA, 2010, p. 208).

Podemos entender no trecho acima, como a associação entre a ginástica e os preceitos morais eram fortemente presentes na constituição das aulas de Caetano. Interessante que, para conseguir a admiração de seu professor, Ítalo procurou se enquadrar no discurso disciplinar pelo qual Caetano conduzia as aulas. Segundo Ítalo, as aulas de Caetano herdaram o sistema de seu antecessor, o alemão Hans Happel.

Para além da constituição das aulas de Caetano, nos atentemos agora para a ginástica do Clube e sua dimensão de espetáculo. No Ginástico, era comum que os alunos, principalmente os da turma de elite, participassem de apresentações e competições na qual eram convidados o público e a imprensa. Uma dessas apresentações é destacada por Ítalo. Talvez um dos motivos que levou Ítalo a dar ênfase, justamente a essa apresentação, seja a presença de um objeto da época, que serviu como um gatilho para a lembrança: a medalha. Objeto este, que possui relevância em nosso estudo, uma vez que é representante da narrativa de Ítalo, como veremos a seguir.

Em 1948, Caetano convidou os sócios do Clube Noronha para que se apresentassem no Ginástico, juntamente aos seus alunos. As apresentações não eram incomuns, tanto dentro do Clube como em eventos fora dele. Podemos perceber como a ginástica e sua dimensão de espetáculo atraía o público e os meios de comunicação. Além disso, as apresentações serviam como chamarisco para que novos alunos se interessassem pela prática. Nesse evento, os ginastas receberam uma medalha pela participação, como uma gratificação e um estímulo. Na Figura 11, podemos observar o nome de Ítalo gravado na parte posterior da medalha, juntamente com a data do evento e o nome do Clube.

Figura 11 - Medalha de apresentação no Clube Ginástico - 1948



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz (1948).

Ainda relacionada ao evento, podemos perceber, na fala de Ítalo, lembranças dos momentos das apresentações e dos ginastas do Clube Noronha.

Alguns lá faziam ginástica, queriam se aperfeiçoar. iam lá pra ponte, [...] no Clube Noronha. Aí então, nós finalizamos com o aparelho, né? E ele nos agraciou com essa medalha aí, quer dizer essa é minha musa, linda, linda. Eu fiz um número, uma pirâmide final [...]. Eles faziam duas paradas de força nos barotes da paralela; era o Paulinho e o Edson. O Elmer fazia um ângulo reto, de um lado, o Vítor de outro e eu no meio do barrote com um ano de Clube. Muita confiança. (Informação verbal)³⁶

Interessante observar o comentário sobre a presença da formação das pirâmides humanas³⁷. Mesmo havendo relatos que Caetano discordava das apresentações feitas por Ítalo e seus parceiros nas formações do Trio Brasil e da dupla Lô e Rubi, foi possível encontrar indícios que confirmam a presença das formações de pirâmides humanas dentro do Clube, nos primórdios de sua fundação, como sendo uma prática também da ginástica alemã. Sobre isso, Lisboa (2017) relata que em 1914, foram realizadas formações de pirâmides alemãs, em comemoração ao 5.º aniversário do Clube. A revista Fon-Fon³⁸ registra algumas imagens sobre esse evento. Em duas delas foi possível observar formações de pirâmides ginásticas, como vemos na Figura 12.

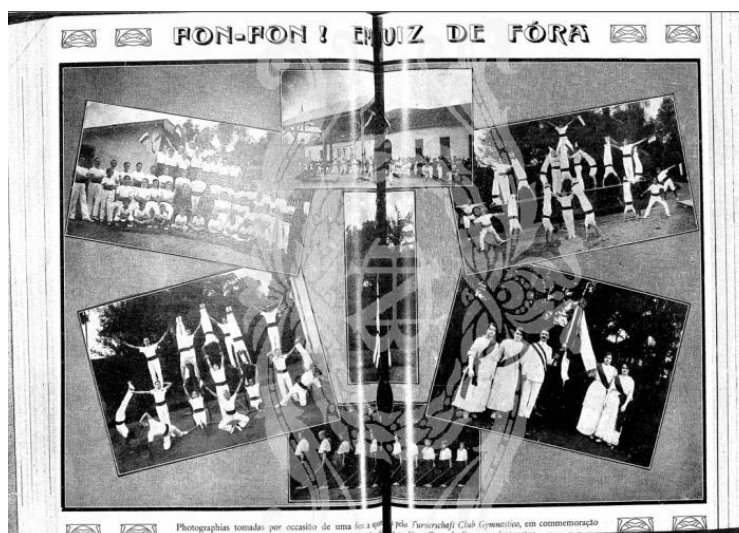
³⁶Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

³⁷Sobre as pirâmides humanas, ver item 4.1.

³⁸Revista Fon-Fon está disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1914/fonfon_1914_022.pdf
Acesso em: 17 out. 2020.

Figura 12 - 5.º aniversário do Clube Ginástico - 1914



Fonte: Revista Fon-Fon (1914).

Podemos perceber na Figura 12, que a pirâmide é realizada por um grande número de participantes. Nessa mesma imagem, para além das pirâmides, não podemos deixar de observar a presença feminina em uma das fotos. A primeira turma de moças no Clube Ginástico, tem início no ano de 1913, como estratégia do local para aumentar o número de sócios, aliado a “discussões em voga sobre a importância da ginástica também para as mulheres, divulgadas, por exemplo, por Fernando de Azevedo e Rui Barbosa” (LISBOA, 2017, p. 123). Em entrevista, Ítalo relata que quando entrou para o Clube, já no ano de 1947, não haviam turmas de ginástica de aparelho para as mulheres: “*Não, não havia feminino não, era só volleyball feminino*”³⁹. Recorda ainda que as aulas dedicadas às mulheres, quando assumiu o Clube como professor, eram vistas com olhares inferiores em relação às aulas masculinas: “*Eu acrescentei muito, reforcei o feminino, que não era olhado assim, com aquele...né?!*”⁴⁰

Desloquemos agora nosso olhar ao progressivo envolvimento de Ítalo com o Clube. Em 1950, Ítalo passou de aluno a auxiliar e de auxiliar a professor de sua primeira turma no Ginástico. Mas foi depois da morte de Caetano Evangelista que ele

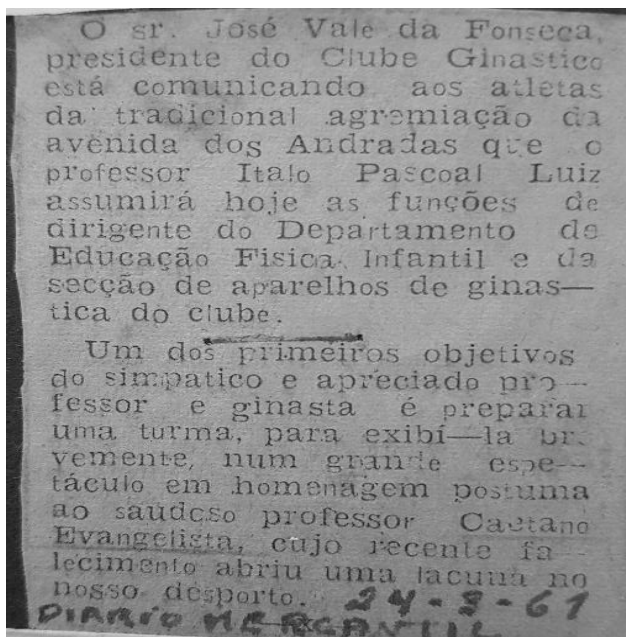
³⁹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁴⁰Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

se declarou professor e diretor do Clube: “assumi o clube ginástico no dia 20 de fevereiro de 1962” [...]. Peguei o Clube Ginástico e fui até 79” (Informação verbal)⁴¹.

Na figura 13, temos um recorte de jornal, datado e nomeado à mão. O periódico fala sobre quando Ítalo assumiu as funções no Ginástico, após a morte de Caetano Evangelista.

Figura 13 - Recorte do jornal *Diário Mercantil* - 1961



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Ao responsabilizar-se pelas turmas, apesar de sempre demonstrar sua admiração por seu antigo professor, Ítalo relata ter acrescentado algumas inovações no sistema de Caetano.

[...] Eles não mudavam o sistema, era aquilo, do início ao fim, entra ano sai ano, aquilo era o suficiente, não tinha faixa etária. Eu procurei alternar isso, obedecendo as faixas etárias, facilitando os iniciantes [...]. Quem cria uma coisa, como o Caetano que, grande professor, sem tirar seus méritos, mas é aquela coisa, precisa renovar. (Informação verbal)⁴²

Podemos entender aqui, que Ítalo enxerga que suas vivências e experiências deram a sua aula características próprias. Interessante perceber que ele relata ter

⁴¹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁴²Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

dividido as turmas por faixa etária, o que caracteriza uma divisão mais sistematizada de sua aula. Quando assumiu, prontificou-se a fazer o que chamou de evolução: *“apesar de ter absorvido tudo do Caetano [...] eu achei que precisava evoluir. Quer dizer, no meu entendimento fui acrescentando, mudando”* (Informação verbal)⁴³. O professor parecia buscar por aprimoramento profissional. Para isso, valia-se de leituras diversas, como, por exemplo, sobre *Yoga*. No trecho abaixo, compara sua aula com a de Caetano:

Ele fazia o aquecimento, por exemplo, alternância de braços e pernas e não exigia a respiratória não. Eu que lendo Yoga, me familiarizando com as coisas, via porque que eles ficavam naquelas posturas [...]. Eles ficavam naquelas posturas horas. Lobsang Rampa, por exemplo, eu li a obra toda dele, Manto Amarelo [...]. (Informação verbal)⁴⁴

O conhecimento sobre a prática parece ampliar o olhar de Ítalo para a importância da respiração nos exercícios, assim como para as diferentes possibilidades de posturas. Talvez também, por influência do *Yoga*, Ítalo tome a prática de ginástica com um olhar mais filosófico. Desse modo, introduz em suas aulas leituras e reflexões sobre pensamentos diversos, como provérbios e falas de autores famosos: *“botava uma frase lá e deixava pro fim da semana comentar sobre a frase... alguém quer dar uma opinião?. Aí era de cada um, sempre havia um ou outro que falava”* (Informação verbal)⁴⁵. Essa prática, porém, não era muito bem aceita pelos alunos, levando Ítalo a retirar o relógio da sala de ginástica na tentativa de ser ouvido.

Ainda com o Clube Ginástico em funcionamento, outras modalidades de ginástica começam a aparecer na cidade. Fato que talvez tenha contribuído para a queda do número de alunos e o posterior fechamento do local. Com o passar dos anos, apesar de ser o primeiro clube de ginástica da cidade, não era mais o único. Corrêa e Zacaron (2003) relatam que na década de 1970 começaram a surgir outras propostas de academias em Juiz de Fora, como a academia *Marsch*, inaugurada em 1978. Localizada na Rua Halfeld, oferecia turmas de ginástica masculina, feminina, *yoga* e dança. Os autores comentam sobre o pioneirismo do Clube:

⁴³Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁴⁴Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁴⁵Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

[...] o Clube Ginástico poderia ser considerado como a primeira academia de ginástica da cidade, pois, naquela época, além dele, só existia uma sala para halterofilismo, localizada na Galeria Constância Valadares, que tinha um instrutor o conhecido e hoje falecido Maçarico. (CORRÊA; ZACARON, 2003, p. 287).

Ao falar de sua aula, Ítalo dá a entender que tem consciência de que novas propostas estavam surgindo, além daquela ginástica praticada no Clube: “*Novas academias foram surgindo, novas propostas, novos aparelhos. Eu ficava com aquele método antigo [...] E aquilo foi indo, foi indo, até a extinção [...]. Passou a ser um público bem concorrido, bem disputado [...]*” (Informação verbal)²³.

No auge do Ginástico, quando em suas mãos, Ítalo conta que chegou a ter mil alunos. Porém, a maioria de ginástica calistênica. A ginástica de aparelhos, segundo ele, teve o máximo de três turmas de 30 a 35 alunos. Apesar da grande quantidade, a maioria não pagava pela prática. Ele mesmo, em suas épocas de aluno, recorda que muitos não pagavam, principalmente aqueles alunos que se destacavam. Era esse o seu caso: Caetano, vendo que o pai de Ítalo não concordava com a prática do filho no Clube e entendendo que Ítalo tinha condições de prosperar na ginástica, a partir do quinto mês, não mais o cobrou.

Nas fotos a seguir, podemos perceber que no ano de 1977, dois anos antes do fechamento do Clube, as aulas ainda estavam com um grande número de alunos. Notamos ainda que, neste momento do Clube, não há uma exigência muito rígida quanto aos uniformes. A Figura 14 exibe a turma das 18h de terça-feira, quinta-feira e domingo. A Figura 15, a turma das 18h de segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira. Nas duas fotos Ítalo encontra-se em pé, à direita.

Figura 14 - Turma masculina de ginástica no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 6 de setembro de 1977



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

Figura 15 - Turma feminina de ginástica no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 6 de setembro de 1977



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

Na Figura 16, podemos ver uma turma infantil de alunos de ambos os sexos. Ítalo recorda que quando professor, havia um espaço, dentro do Clube, para que as crianças da periferia de Juiz de Fora tivessem contato com a ginástica:

Pegava aquela garotada lá e botava 40, 50 alunos, insistindo com a ginástica de aparelhos [...] punha pra ver qual menino, com nariz escorrendo, nesses bairros, São Benedito, arado e entravam. E não cobrava. (Informação verbal)⁴⁶

Figura 16 - Ginástica de solo no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 1977



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

⁴⁶Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

Apesar de sua explícita preferência pela ginástica, Ítalo chegou a dar outras aulas dentro do clube. Na Figura 17, o professor aparece com alunos de basquete. Ele comenta sobre ter ministrado essas aulas:

Pratiquei um pouco de basquete para aprender a dar a aula. Não era o meu forte. Meu forte era a ginástica de aparelhos. Artística, chamada, né. Então, é, o vôlei e basquete ficou uma coisa, né, pelo estatuto do clube só não utilizar os pés, que seria o futebol, né, de salão e etc., que chamava na época. Mas o vôlei e o basquete também acompanharam, tinha, o Clube teve boas referências, participou de vários campeonatos, e eu ajudei muito nas equipes juvenis. Não era o meu forte. Meu forte mesmo era aparelhos. (Informação verbal)⁴⁷

Figura 17 - Campeonato interno de basquete no Clube Ginástico de Juiz de Fora em 1963



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

Como já foi dito, após a morte do professor Caetano, Ítalo assumiu a direção do Clube. Porém, encontrou muitas dificuldades em sua trajetória à frente do mesmo. Assim relata em entrevista ao jornal *Tribuna de Minas*:

Quando assumi, no lugar do professor Caetano, foi para ter apenas 9 anos, de 1961 a 1969 de tranquilidade. Depois, de até 79, foi um inferno. Eles fizeram tudo para acabar com o Clube Ginástico. Foram conseguindo aos poucos. Primeiro foi a rua abeta entre o clube e o Palácio da Saúde, que liga a Avenida dos Andradas à Rio Branco. Perdemos um espaço nosso. Depois em 1975, foi a Guarda Mirim, colocada nas instalações do Ginástico. Em 1979, estava tudo acabado. (Arquivo dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz - *Tribuna de Minas*, 7 abr. 1985)

⁴⁷Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

Em 1971, visando a realização de uma obra pública, o Estado e a Prefeitura de Juiz de Fora moveram uma ação contra o Clube, pedindo a desapropriação de parte de sua área (LISBOA; CUNHA JUNIOR, 2011). Ítalo tentou impedir a diminuição desse espaço: “Quando eles começaram a botar um trator lá para derrubar o Clube eu fui lá na frente do trator. [...] Ó, quer passar esse trator aqui, quer passar por cima de mim” (Informação verbal)⁴⁸. Vendo a possibilidade de um pedaço importante do Clube ser extinto, Ítalo entrou na frente das máquinas que ali estavam, prestes a destruir parte do Ginástico. O impasse entre o professor e as máquinas só foi resolvido, segundo Ítalo, após Itamar Franco⁴⁹ intervir, argumentando que era preciso derrubar parte do Clube para fazer cumprir a lei. Em contrapartida, prometeu arrumar suas dependências. O que não ocorreu.

É perceptível que para Ítalo havia uma grande batalha a ser vencida. Com a justificativa de construção do *progresso*, foi-se abrindo passagem no tradicional Clube de Juiz de Fora. Porém, o progresso nem sempre é carregado de benfeitorias. Em relação às práticas corporais do Clube Ginástico, era o começo do fim:

Cortaram tudo, mas foi uma tragédia. Porque, ali era a sala de aparelhos. Eu tinha que passar os aparelhos pra dentro do salão [...]. A quadra exígua né, diminuiu, mas na medida eu conservei, foi cortando, foi um galpão de ginástica. Botei os aparelhos ali dentro. Mas encostados no canto, que não atrapalhava. Competições, podia fazer treinamento, mas não competições. Aí cortaram a quadra de fora. (Informação verbal)⁵⁰

Parece que a obra de diminuição do Clube destinou-se à ampliação da rua Barão de Cataguases. O local afetado parecia abrigar o galpão onde ficavam os aparelhos vindos da Alemanha, em meados da inauguração do Ginástico, que ainda eram utilizados, e um pedaço da quadra. Na Figura 18, os atletas Ítalo, Paulo e Edson realizam exercícios em frente ao cesto de basquete, possivelmente no local da quadra. Mais ao fundo, ainda podemos ver um galpão coberto, onde provavelmente ficavam alguns aparelhos de ginástica. Pode-se perceber as argolas nesse espaço.

⁴⁸Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁴⁹Itamar Franco foi prefeito de Juiz de Fora em 1966 e 1971. Em 1974, antes de terminar o segundo mandato, elegeu-se para o Senado Federal, por Minas Gerais. O político chegou a ser presidente do Brasil no ano de 1992, após a saída do então presidente Fernando Collor de Melo.

⁵⁰Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

Figura 18 - Pose realizada em escada: Clube Ginástico, 1948



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

O periódico exibido na Figura 19, dá a notícia da diminuição do Clube, com os dizeres: “[...] Sem subvenções oficiais há muitos anos, terá agora a sua sede diminuída, devido ao prolongamento da rua Barão de Cataguases” (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschol Luiz, *Diário da Tarde*, 9 abr. 1970).

Figura 19 - Matéria sobre a diminuição do Clube Ginástico para o prolongamento da rua Barão de Cataguases



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

O jornal *Tribuna de Minas* relata em matéria com o professor Ítalo, como ficou o Clube depois da diminuição do espaço. Ítalo, assim como os outros diretores que dirigiram o Clube, mantinham sua residência no mesmo: “Ítalo Paschoal conviveu então com um Clube Ginástico menor: uma quadra coberta, um salão de 14 x 22 metros, a secretaria, um salão no andar superior, dois vestiários, além da casa onde residiam os diretores” (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Tribuna de Minas*, 7 abr. 1985).

Por apreço ao Clube, Ítalo recusou propostas de trabalho fora da cidade. Sua ideia era manter o Ginástico em funcionamento, mesmo com todos os problemas políticos e financeiros da instituição:

Eu tive proposta pra ir pro Cruzeiro [...]. Falei não. Como eu ia deixar o Clube Ginástico? Eu estava tentando levantar aquele morto-vivo, que aquilo era um morto-vivo [...]. Chegou num ponto que eu tinha que satisfazer a todo mundo. Eu era sozinho em Juiz de Fora. (Informação verbal)⁵¹

Ítalo se lamenta por ter tido ajuda de poucas pessoas na tentativa de reanimar o Ginástico. Fazendo uma analogia aos *quatro efes* presentes no uniforme, significando franco, firme, forte e fiel, afirma, em entrevista a Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, que quatro pessoas tentaram defender local. Os *quatro efes*: Tarcísio Delgado, que advogou na justiça a favor do Clube; Gabriel Gonçalves da Silva, radialista e político, que disserta defendendo o Clube Ginástico em seu livro *Juiz de Fora é o Desafio*; o jornalista Arides Braga, autor do livro que também fala do Clube Ginástico, *Futebol, futebolistas e etc.*; e o vereador Hélio Zanini. Ítalo, em seu livro, faz a esse último uma homenagem:

Dr. Hélio Zanini, ex aluno do Clube Ginástico e vereador na época [...] arregaçou as mangas [...] procurando sensibilizar as autoridades políticas federais e estaduais a não aprovarem o Decreto-lei que extinguiu o patrimônio público, o Clube Ginástico de Juiz de Fora. (LUIZ, s.d., p. 79).

Em 1979, após 70 anos de existência, em meio a resistência e luta de Ítalo Paschoal em prol da continuidade do Clube, Juiz de Fora presenciou o fechamento

⁵¹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

de suas portas. Nos dias de Hoje, o Hemominas⁵², localizado próximo à Avenida dos Andradas, na rua Barão de Cataguases, abrange parte do lugar que antes era ocupado pelo prédio do Clube Ginástico.

Mesmo depois de muitos anos, Ítalo se emocionava em falar do fim e demonstrava muito ressentimento em relação a pessoas que, segundo ele, não se manifestaram em prol da causa: “as autoridades em vez de ajudarem [...] numa hora dessas nada fizeram [...]. E ele morreu na minha mão” (Informação verbal)⁵³. Ainda sobre o fim do Clube, lamenta:

Quem matou? [...] os políticos. Agora se me pedir que aponte quem? O que poderia dizer, são muitos. E sorrindo com você, conversando com você, participando com você e te apunhalando por trás. [...] Tinha os fãs que me aplaudiam, gostavam, ginasticamente falando, mas que na verdade monetariamente não ajudavam e hoje tudo é a mola real. Mas quando cheguei a compreender isso já estava velho, cansado e pouco pude contribuir. (LISBOA, 2010, p. 213, 215-216).

Lutei 10 anos na justiça para provar que, no Clube Ginástico, nós trabalhávamos. A nossa luta foi em vão, e perdemos a causa em duas instâncias judiciais. O projeto de lei foi cumprido, embargam o prédio onde funcionava o Clube Ginástico, abriram uma rua e construíram o Mergulhão. (LUIZ, s.d., p. 24).

Um fato interessante é que depois do fechamento do Clube, parece ter havido alguns movimentos para a reabertura do mesmo, como podemos ver na matéria do *Tribuna de Minas*:

De tempos em tempos, os desportistas voltam suas atenções para o clube e começam a discutir a possibilidade de reativá-lo. Há alguns meses um movimento começou a crescer novamente. Até mesmo algumas autoridades municipais estão envolvidas nesse processo. A própria Secretaria de Educação já colocou junto ao Conselho Municipal de Desportos a discussão em torno do reaproveitamento do espaço para uma área de esportes que através do próprio Clube Ginástico seja como outro tipo de administração desportiva. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Tribuna de Minas*, 7 abr. 1985)

⁵²A Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia de Minas Gerais (Hemominas) tem por finalidade assegurar unidade de comando e direção às políticas estaduais relativas à hematologia e hemoterapia, garantindo à população a oferta de sangue e hemoderivados.

⁵³Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

Figura 20 - Tentativa de reativação do Clube Ginástico em 1985



Fonte: Arquivo pessoal da família de Ítalo Paschoal Luiz.

Apesar das manifestações em prol da reabertura do Clube, o Ginástico não voltou a viver. Ítalo Paschoal Luiz permaneceu por 32 anos no local: de 1947 a 1979, ano de sua extinção. Foi aluno, professor e após a morte de Caetano, responsável pelo Clube. Suas lembranças, nas entrevistas, em seu livro e em seus arquivos pessoais, parecem se entrelaçar com sentimentos de saudosismo por tudo que ali viveu e por tudo que o espaço representa para as práticas corporais da cidade, mas também de decepção, por aquele local, no qual dedicou anos de sua vida, não mais existir.

3.2 “É a nossa ginástica: calistenia”⁵⁴ - primórdios, tendências e transformações na prática de Ítalo

Nos diferentes espaços que Ítalo ministrava a ginástica, a calistenia aparece, na maioria das vezes, como base e inspiração de suas aulas. Podemos perceber tal fato em alguns trechos, como no fragmento a seguir, em que o professor comenta sobre seu método na Educação Física escolar: “*Sempre, todas as aulas, aquecimento, ginástica localizada, num sistema que eu aprendi no Clube Ginástico*⁵⁵”. O sistema que Ítalo menciona, faz referência à ginástica calistênica.

⁵⁴Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

⁵⁵Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

Foi através da Associação Cristã de Moços (ACM)⁵⁶ que a Calistenia passou a ser difundida nas Américas. A instituição aparece como uma das pioneiras na divulgação do método no Brasil (MELO, 2007; MARINHO, 1975). Em Juiz de Fora, o método foi difundido por intermédio de Caetano Evangelista. O professor vivenciou a modalidade na ACM do Rio de Janeiro, levando-a para o Clube Ginástico no ano de 1926. Sobre a calistenia,

[...] é um sistema de ginástica que encontra suas origens na ginástica sueca e que apresenta como características, a predominância de formas analíticas, a divisão dos exercícios em oito grupos, a associação da música ao ritmo dos movimentos, a predominância dos movimentos sobre as posições e exercícios à mão livre como também pequenos aparelhos (halteres, bastões, maçãs e etc.). (MARINHO, 1975 p. 265).

Nesse trecho, podemos perceber que a calistenia surgiu a partir do método sueco. Pautado na anatomia e na fisiologia, o método sueco de ginástica surge no século XIX, proposto por Pehr Henrick Ling. Além dos preceitos científicos, dado ao seu caráter pedagógico e social, a ginástica sueca teve boa aceitação no Brasil, sendo defendida por pensadores como Rui Barbosa⁵⁷ e Fernando de Azevedo⁵⁸ (SOARES, 2001).

Sobre a execução da calistenia, Marinho (1975) descreve algumas das oito divisões de exercícios como sendo partes dos exercícios da ginástica calistênica: “Braços e pernas; região pósterio-superior do tronco; para região pósterio-inferior do tronco; para a região lateral do tronco; de equilíbrio; abdominais; de ombros e espáduas; saltos e corridas” (MARINHO, 1975). É possível identificar algumas características dessas divisões no relato de Ítalo sobre a aula de Caetano Evangelista:

⁵⁶Instituição de origem norte-americana, criada em 1844, com intuito de oferecer atividades saudáveis e motivadoras para jovens que enfrentavam as dificuldades típicas das cidades que rapidamente cresciam. No Brasil, é fundada por Myron Clark, em 1893, na cidade do Rio de Janeiro [...] (MELO, 2007).

⁵⁷Rui Barbosa (1849-1923) foi advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta, orador, além de membro da Academia Brasileira de Letras. Em 1882, promulgou um parecer que instituiu sessões de ginástica nas escolas públicas, equiparando a disciplina de Ginástica as demais disciplinas escolares (CASTELLANI FILHO, 2007).

⁵⁸Fernando de Azevedo (1894-1974) foi professor, educador, crítico, ensaísta, sociólogo, além de membro da Academia Brasileira de Letras. Realizou vários estudos teóricos sobre a Educação Física e teve participação decisiva em reformas escolares envolvendo a disciplina (PILETTI, 1994).

Eram três turmas, e depois você fazia ginástica coletiva. Entrava ginástica entre a chamada sueca, calistênica, acompanhada ao piano, pelo filho dele que foi professor de música durante muito tempo na Rádio Nacional. [...] Célio. Lembrei do nome. E era ginástica ao piano. Então ele fazia calistenia. [...] Aqueles movimentos sempre os mesmos [...] Tinha uma duração de 30/40 minutos [...] fazia aquecimento, aquelas coisas todas, depois ginástica localizada e no final abdominal. (Informação verbal)⁵⁹

Interessante observar que na época de Caetano havia o acompanhamento do piano nas aulas de calistenia. Nas aulas de Ítalo, entendemos que não havia mais o som do piano para o acompanhamento das aulas, uma vez que eram os filhos de Caetano que manuseavam o instrumento musical. Outro fator curioso de se observar é que apesar de Ítalo comentar ter acrescentado algumas inovações nas suas aulas se comparadas as de Caetano, ainda notamos muita familiaridade entre o sistema usado pelos dois professores. No trecho abaixo, Ítalo comenta sobre suas aulas:

[...] o aquecimento, é a primeira parte da ginástica. Você tinha de três a cinco minutos, [...] então começava cabeça, tronco e membros, superiores e inferiores, era o sistema que eu seguia. E depois, entravam braços e joelhos, pernas e finalizava com abdômen. (Informação verbal)⁶⁰

Ítalo comenta sobre a calistenia em matéria ao jornal *Diário da Tarde*:

*Os exercícios calistênicos, também chamados de isotônicos são os mais conhecidos e podem ser ampliados tanto para homem como para a mulher. Eles dão agilidade, coordenação e força muscular, particularmente reflexas. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Diário da Tarde*, 15 out. 1978; *Diário da Tarde*, 16 out. 1978)*

Ainda refletindo sobre as aulas de Ítalo, em seus diferentes espaços de atuação, um fato curioso que podemos observar é que o professor conta com várias definições para dar nome a sua prática, como se fossem sinônimos de ginástica calistênica, como podemos observar nos trechos abaixo:

Eu fui em Belo Horizonte. Assisti num curso que eles deram, paralelo quando eu estava dando curso pros professores. Tinha lá: método

⁵⁹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁶⁰Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

*desportivo generalizado [...] eu mantive e me sustentei com a ginástica rítmica, calistênica, localizada. (Informação verbal)*⁶¹

*[...] eu fui colocado como um dos docentes a dar aula, ministrar a ginástica, a sueca, que eles falavam, né, é a nossa ginástica: calistenia [...]. E nessa ginástica normal, natural, calistênica, que chamava-se, ginástica calistênica ou sueca. Falavam-se assim! (Informação verbal)*⁶²

Podemos perceber que, apesar do predomínio do nome calistenia, Ítalo dá outros sinônimos à ginástica ministrada por ele, definindo-a como *localizada, natural, rítmica e sueca*. Entendemos que essas definições têm origem nas várias concepções de ginástica que circulavam pela cidade e que se incorporaram de alguma forma na prática de Ítalo. Tentaremos aqui, entender as possíveis origens dessas denominações.

É provável que Ítalo tenha usado o termo *ginástico localizada*, por essa última ter suas origens na *ginástica calistênica*. Talvez essa denominação só tenha aparecido, pelo fato de as entrevistas terem sido realizadas depois do *boom* dessa modalidade no Brasil. Em relação à definição *ginástica natural*, encontramos origens do nome em dois sistemas de métodos distintos: no Francês e no Austríaco. Talvez o termo *ginástica natural* faça referência a uma ginástica realizada sem aparelhos. Sobre a denominação de sua prática como sendo *ginástica rítmica*, pensamos que Ítalo se aproxima do que diz Marinho (1975). O autor relata que toda a ginástica é rítmica. Sendo assim, a calistenia seria uma delas. Mas além dessa colocação, há uma forte possibilidade de o uso do termo *ginástica rítmica* ter sido feito pela associação dos movimentos de calistenia com a música e o ritmo. A calistenia associada à música e ao ritmo foi difundida inicialmente nos Estados Unidos e muito influenciou o Brasil. Sobre a calistenia e o ritmo, Ítalo lembra da existência do piano no Clube Ginástico, como comentado acima. O objetivo da música era ritmar os movimentos ginásticos. Segundo Lisboa (2017, p. 132), “este instrumento musical viria a ser utilizado tanto nas marchas dos atletas quanto para atividades de calistenia”. Já a definição da ginástica como sendo sueca, explica-se pelo fato da calistenia ser oriunda do método sueco de ginástica (MARINHO, 1975).

⁶¹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁶²Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

É interessante observar que a ginástica de Ítalo mantém um diálogo com os discursos sobre atividades físicas difundidos pelos estudiosos de sua época. Podemos perceber que a calistenia ministrada por Ítalo foi sofrendo influências, tanto pela busca do professor por novos saberes que foram sendo incorporados à prática, quanto pelos conceitos de outros métodos ginásticos que circulavam pelo país. Curioso perceber essa diversidade de métodos citados na matéria a seguir, como constituintes da ginástica de Ítalo:

[...] o professor Ítalo, *auto-didata* em exercícios físicos, aplica aos seus alunos a sua coletânea de ginástica que é o agrupamento dos métodos francês e dinamarquês, da calistenia, da ginástica rítmica e da Yoga. Esta coletânea elaborada por ele mesmo, possibilita aos seus alunos saírem da inércia total em que eles vivem, causada pelo conforto que o progresso trouxe. [...] Segundo Ítalo Paschoal Luiz, “as técnicas para exercitar o físico vão desde a tranquilidade do Yoga até a violência do Halterofilismo, passando pela ginástica com aparelhos”. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Diário da Tarde*, 15 out. 1978; *Diário da Tarde*, 16 out. 1978)

O termo *autodidata* é usado como adjetivo para Ítalo, provavelmente porque o professor não possui formação institucionalizada em Educação Física, ou seja, se instruiu por esforço próprio. Outro fator a ser observado é a menção do método ser de criação do próprio professor, através da influência de vários métodos, tanto mais antigos, como os mais recentes. É relevante destacar a referência ao halterofilismo, que segundo Marinho (1975), se propõe a desenvolver os músculos pela repetição da contração muscular com a utilização de aparelhos como os halteres e que surge em nosso país através de academias de cultura física e de clube de regatas (lembrando aqui, do Clube de Regatas Noronha, em nossa cidade). Parece que essa modalidade foi de algum modo incorporada na prática de Ítalo, culminando nos primórdios da ginástica localizada. Na Figura 21, retirada do mesmo recorte de jornal citado acima, podemos ver uma turma feminina sob o comando de Ítalo no Clube Ginástico.

Figura 21 - Ginástica turma feminina em 1978 - Clube Ginástico de Juiz de Fora



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Segundo Costa (1996), com o avançar dos anos, a ginástica calistênica foi se modificando através da influência de novas modalidades e novos exercícios oriundos dos treinamentos com sobrecarga. Esse novo formato de ginástica ficou então conhecido como ginástica localizada. Corrêa e Zacaron (2003) comentam sobre a ginástica do Clube, destacando Ítalo como um dos pioneiros da ginástica localizada praticada até hoje nas academias de Juiz de Fora.

No Clube Ginástico, além da ginástica calistênica ou suíça, havia uma quadra para basquete, aparelhos de ginástica olímpica e algumas barras e anilhas para musculação. As sessões de ginástica consistiam de uma corrida inicial em volta da quadra, cerca de 30 a 40 voltas. Logo após, os guias, que eram os melhores ginastas, posicionavam-se à frente dos demais para demonstrarem os exercícios indicados pelo inigualável Professor Ítalo Paschoal Luiz, um dos percussores da ginástica localizada [...]. (CORRÊA; ZACARON, 2003, p. 287-288).

Sendo assim, pode-se dizer que o professor começou a abrir um caminho para a ginástica localizada em Juiz de Fora, através de suas aulas. A modalidade foi muito difundida na década de 1980 e até os dias de hoje é procurada nas academias, principalmente pelo público feminino. E foi em meio a esse processo, que com o fim do Clube Ginástico, surgiu a Academia Ítalo Paschoal Luiz. Assunto este, que veremos a seguir.

3.3 “A primeira academia de ginástica de Juiz de Fora foi a minha”⁶³: a academia Ítalo Paschoal Luiz

Com o fim do Clube Ginástico, 120 alunos ficaram sem local para a prática da ginástica. Pretendendo dar continuidade às suas aulas, Ítalo fez um acordo com o Clube Atlético Caiçaras⁶⁴, localizado no centro de Juiz de Fora, e montou ali novas turmas compostas pelos antigos alunos do Ginástico. Porém, não demorou muito para que o professor anunciasse aos alunos que estava montando uma academia. “Sem ter onde dar aulas, por um ano alugou uma quadra no Caiçaras, enquanto construía sua própria academia de ginástica, no bairro Bairu” (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Tribuna da Tarde*, 7 dez. 1991).

Após ficar por volta de um ano e meio ministrando sessões de ginástica no Caiçaras, foi inaugurada, no dia 11 de agosto de 1980, a *Academia Ítalo Paschoal Luiz*. Localizada no Bairu, bairro de Juiz de Fora, o espaço era bem menor e mais modesto se comparado ao Clube Ginástico e localizava-se em sua residência. Mas, segundo o professor, a “primeira academia de ginástica de Juiz de Fora” (Informação verbal).⁶⁵ A academia de Ítalo nasce exatamente no momento do *boom* das academias de ginásticas no Brasil. Desse modo, parece ser importante, nesse momento, voltar nosso olhar para o desenvolvimento desse processo em nosso país, assim como entender como essas ideias circularam por Juiz de Fora.

A marcha da modernização das cidades brasileiras no final do século XIX e início do século XX, impulsionou o surgimento de novos costumes e novos hábitos entre a população, incluindo o gosto pelas práticas corporais. Esse movimento se intensifica em meados da segunda metade do século XX, em um momento em que o movimento da industrialização já era consolidado e tido como o setor mais significativo do desenvolvimento. Nesse cenário, há ainda um crescimento populacional nas cidades, devido ao grande contingente de pessoas vindas do meio rural. As cidades então, principalmente as metrópoles, passam por uma reconfiguração. Nesse contexto, impulsionados pela máquina urbana, há a incorporação de novos hábitos e estilos de vida, como a ampliação da possibilidade de consumo, imbricados por novos

⁶³Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, 2002.

⁶⁴O Clube Atlético Caiçaras foi inaugurado em 1969, na rua Caiçaras, bairro Centro. O espaço foi vendido e demolido recentemente, em 2020, por uma empresa imobiliária.

desejos e necessidades, consolidando-se assim, determinadas práticas de lazer, como viajar e ir a *Shopping Centers*. Ainda relacionado ao lazer e ao tempo livre, há um aumento da procura por locais que ofereciam a prática de exercícios físicos. Esse último, está intimamente ligado a tentativa de se fugir dos efeitos maléficos da industrialização, como poluição, ambientes insalubres e multidões, criando momentos de prazer e de promoção da saúde. Com o corpo e a mente que tanto se debilitavam sob os efeitos da nova selva de pedra urbana, a procura por práticas ligadas a natureza e práticas que beneficiassem o corpo e a mente eram notáveis. Dentre essas, está a prática de ginástica. Desencadeou-se assim, uma proliferação de academias desse gênero (GONÇALVES; MELO, 2009).

Segundo Toledo (2010), o *boom* das academias de ginástica no Brasil aconteceu em 1980, ajudando a formar o que seria o novo homem dos centros urbanos. Esse aumento do número de praticantes de ginástica, segundo a autora, foi impulsionado por alguns indícios, como: a busca pela saúde (movimento iniciado no século XIX); o cenário político da época, já que a atividade física foi relacionada à liberdade corporal e de expressão de um corpo que foi altamente controlado nos anos de ditadura; o avanço das tecnologias de comunicação que faziam circular as novas ideias e conceitos sobre o corpo; o avanço da ciência médica, com um sujeito que, nutrido de informação, também é responsável pela sua saúde, numa espécie de vigilância compartilhada (entre indivíduo e médico); o avanço da medicina estética; a mudança do papel da mulher na sociedade e a alteração no padrão corporal de beleza feminino; a valorização da boa forma, associada a um padrão corporal magro e com definição muscular acentuado, muito difundido em revistas femininas; a influência das atividades físicas vindas dos Estados Unidos, como o método *Cooper*, e de modelos de academias que associavam a prática a rendimento corporal e *status* social.

A cidade de Juiz de Fora, seguindo essa tendência nacional, também presenciou um crescimento das academias de ginástica na década de 1980, incorporando em seu imaginário as ideias que circulavam nacionalmente sobre o assunto, provavelmente tendo como importante influência a cidade do Rio de Janeiro. Segundo Correa e Zacaron (2003), em Juiz de Fora, entre 1978 e 1988, haviam “as academias ‘Bio-Sport, Corpe, Reumatoclínica, Marsch, Perfom e Acaseg’” (CORREA; ZACARON, 2003, p. 287, grifo dos autores). Para os autores, anterior a esse período, existiam somente uma sala de halterofilismo e o Clube Ginástico de Juiz de Fora, considerado por eles, a primeira academia da cidade. Curioso observar que, apesar

do destaque dado ao espaço do Clube Ginástico, Correa e Zacaron (2003) não citam a Academia Ítalo Paschoal Luiz, inaugurada no ano de 1980, após o Ginástico encerrar suas atividades.

Dentre as academias mencionadas, os autores destacam as modalidades oferecidas por elas: ginástica masculina, ginástica feminina, dança moderna, *yoga*, ginástica corretiva, ginástica estética, *circuit-training*, ginástica para gestantes, musculação e a ginástica aeróbica, além do famoso teste do *Cooper*. Podemos perceber que Juiz de Fora, apesar do número inicialmente reduzido de academias, acompanhava a tendência nacional, ofertando o que havia de mais atual no contexto da ginástica. Ítalo Paschoal Luiz relata em sua fala sobre a extinção do Clube Ginástico que aconteceu em 1979. Sua percepção acerca desse momento:

Novas academias foram surgindo, novas propostas, novos aparelhos. Eu ficava com aquele método antigo [...]. Passou a ser um comércio [...]. Mas foi assim e foi muito bom para a ginástica, para todos, porque a pessoa fica com aquela... liberdade de escolha. O que ele quer fazer, ele procura as academias [...]. Então a ginástica passou a não ser tão procurada como era antes. [...] Nunca deixou de ser a ginástica calistênica. (Informação verbal)⁶⁶

Importante perceber que Ítalo, quando fala da pouca procura pela ginástica, refere-se à ginástica feita no Clube. O professor entende que um dos motivos para a diminuição dos alunos do Clube Ginástico, e seu posterior encerramento, foi o surgimento de novas modalidades de ginástica. Ao se referir aos outros métodos, ele prefere chamá-los de novas propostas, colocando-os como uma forma de gerar lucros ou um novo tipo de comércio. Ideia essa que se encaixa no perfil da sociedade que se afluía naquele momento: a indústria estimulava a criação de um desejo (no caso o desejo da boa forma), que seria teoricamente resolvido pelas academias de ginástica, através de seus métodos inovadores.

Ítalo fez parte de uma transição, em que a ginástica do Clube, carregando ainda raízes de uma prática mais tradicional, começa a dar lugar a métodos que melhor fazem relação com o novo tipo de sociedade vigente. O professor carrega essas raízes para a sua academia, mas parece ampliar a visão de sua prática. A matéria de jornal na década de 1990, cita Ítalo para falar sobre sua aula na academia:

⁶⁶Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

O ginasta oferece a ginástica tradicional, também conhecida por sueca ou francesa, “na qual incluo algumas séries de exercícios de minha criação”. Os trabalhos são dirigidos especialmente a pessoas com problemas de coluna (ele fez um curso a respeito), obesos e também a pessoas magras que desejam ganhar corpo. (Arquivo dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Tribuna da Tarde*, 7 dez. 1991)

Podemos notar, mais uma vez, Ítalo mencionando vários métodos para dar nome a sua prática. É possível notar também, a busca por conhecimento e novos saberes do professor, quando é relatado um curso destinado a problemas de coluna. O folder de anúncio da academia vai ao encontro dos objetivos da ginástica encontrados nessa matéria. Há informações sobre a modalidade como *ginástica para ambos os sexos e idades; acrobacias para iniciantes; obeso, coluna e desenvolvimento*.

As fotos do dia da inauguração da academia que tivemos acesso através do arquivo pessoal de Ítalo, são de turmas exclusivamente femininas, como vemos na Figura 22. Porém, a academia oferecia ginástica para homens e mulheres. É possível perceber que algumas alunas ainda usam o uniforme do Clube Ginástico, com os *quatro efes*. Parece que ainda há a intenção de manter um padrão de roupa durante a prática da atividade, porém há uma maleabilidade maior no uso destas, se compararmos as fotos do Clube Ginástico, principalmente nas décadas anteriores.

Figura 22 - Academia Ítalo Paschoal Luiz em 11 ago.1980 - A



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Podemos destacar aqui, a grande participação feminina nas aulas de Ítalo, em sua Academia. Interessante identificar então, o cenário de transformação que as

mulheres estavam vivenciando em nosso país, naquele momento. De forma geral, a participação feminina tornava-se mais ativa em vários setores da sociedade, incluindo os que envolviam atividades corporais. Cenário bem dessemelhante, por exemplo, do início da era moderna.

Segundo Mello (2007), a inserção das mulheres no contexto das práticas corporais no Brasil foi bem diferente da masculina. No advento da modernidade, poucos indícios relatam mulheres praticando tais atividades, casos esses encarados como esporádicos. O comum e natural, era a participação feminina como parte do público. Aliás, para a manutenção de um caráter familiar do local e para uma espécie de embelezamento da plateia, a presença da mulher como parte do público era muito valorizada pelos clubes esportivos de elite. “As mulheres serviam para enfeitar o espetáculo” (MELLO, 2007, p. 119). Nesse momento, a sociedade brasileira ainda não via como sendo positiva a participação feminina em atividades corporais. Porém, alguns estudiosos, como Fernando de Azevedo, passam a apoiar, em seus trabalhos, determinadas práticas corporais como sendo benéficas ao corpo feminino. Para as mulheres, o autor defende alguns exercícios de cunho eugênico, possibilitando um desenvolvimento do corpo de forma harmônica e delicada, tornando-o assim, mais apto à maternidade. Para tal, apoia modalidades como a dança, os esportes menos violentos, a natação e a ginástica (SOARES, 2001). Em relação às atividades femininas nos primórdios do Clube Ginástico, por meio da influência desses autores, podendo-se destacar além de Fernando de Azevedo as contribuições de Rui Barbosa, associada à tentativa de aumentar o número de alunos, que o Clube Ginástico de Juiz de Fora, a partir de 1913, passa a ter turmas femininas de ginástica (LISBOA, 2017)⁶⁷. Quando Ítalo entra para o Clube, na década de 1940, a participação de mulheres ainda era pequena. Na fala de Ítalo sobre o Ginástico, podemos perceber como as aulas femininas eram relegadas em comparação às masculinas. Porém, é possível também notar, como o espaço na sociedade, pertencente à mulher, vai se alterando, mesmo que em passos lentos:

Eu acrescentei muito, reforcei o feminino, que não era olhado assim, com aquele...né?! Era uma turma muito reservada. Mas o modernismo foi aceitando, as mulheres participando. Foi crescendo. Então, ficaram as mulheres nos demais dias que sobravam. De terça, sexta e

⁶⁷Alguns anos depois do início da ginástica feminina, haviam também mulheres praticando ginástica de aparelhos, basquete e vôlei. Sobre o basquete, há ainda indícios de sua prática por mulheres escolares em 1910 no Colégio Americano-Mineiro (LISBOA, 2017).

domingo, as mulheres ficaram o contrário: segunda, quarta e sábados.
(Informação verbal)⁶⁸

Parece que o lugar destinado às mulheres no Clube era visto com uma menor importância. Concordamos com Lisboa (2017, p. 124-125) que “este processo de participação da mulher nas atividades físicas e, posteriormente, nas práticas esportivas não produziu um perigo para a hegemonia masculina, ocorrendo de forma lenta e progressiva”. Na fala de Ítalo, atentamo-nos ainda para a palavra *reservada*. Entende-se aqui, que inicialmente a participação feminina deveria ser atrelada à discricção, devendo ser comedida. Além disso, era pouco valorizada. No entanto, outro ponto interessante que podemos notar em suas palavras, é a percepção da mudança do papel da mulher na sociedade: “o *modernismo foi aceitando, as mulheres participando*”. Ítalo refere-se aqui, ao maior engajamento feminino às práticas corporais. Todavia, esse cenário relatado pelo professor era parte de um latente movimento de emancipação feminina, que aconteceu em meados das décadas de 1970 e 1980. A partir daí, nota-se que a mulher passa a ocupar um novo espaço social.

Regadas pela segunda onda do feminismo⁶⁹, iniciado no Brasil na década de 1970, as mulheres passam a reivindicar a ocupação de locais de domínio totalmente masculino, como o mundo do trabalho, a esfera pública e a esfera política. E para isso era preciso o engajamento de lutas nas esferas intelectual e física. Nesse contexto, a prática de atividade física vai se popularizando entre as mulheres, mesmo isso não significando o fim do domínio masculino sobre tais práticas. As academias aparecem, então, como um novo lugar a ser ocupado pelo sexo feminino. Em um momento em que a ginástica passa a ser vista como uma possibilidade de um lazer saudável dos centros urbanos, a academia é mais um espaço possível ao corpo feminino, possibilitando-o ganho estético, saúde e convívio social (TOLEDO, 2010). Embrenhado nesse contexto de mudanças, Ítalo passa a dar uma atenção diferenciada a esse público, como relata em sua fala destacada acima. Podemos

⁶⁸Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

⁶⁹A segunda onda do feminismo foi um movimento que teve seu início em meados da década de 1970, e marcou a volta do feminismo no Brasil. O feminismo da segunda onda centrava-se nas lutas das mulheres pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado, enquanto a primeira onda esteve principalmente voltada para a reivindicação de direitos políticos - como o de votar e ser eleita (PEDRO, 2006).

notar, tanto nas fotografias tanto do Clube Ginástico (na época que Ítalo estava à frente deste) como nas fotos de sua academia inaugurada em 1980, uma grande presença feminina nas aulas.

Figura 23 - Academia Ítalo Paschoal Luiz em 11 ago. 1980 - B



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

A Academia Ítalo Paschoal Luiz contribuiu de forma ativa para o movimento de participação feminina nas práticas corporais da cidade. Para além do público feminino, o espaço foi um importante local para a difusão da ginástica, sendo um dos pioneiros na área, após o fechamento do Clube Ginástico. Encontramos nos recortes de jornal de Ítalo, algumas menções sobre a academia, como a destacada a seguir: “O professor de ginástica Ítalo Paschoal fazendo sucesso em sua Academia, no Bairro. Muitos colunáveis mantendo a performance com seu método [...]” (Arquivo dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Tribuna de Minas*, 13 ago. 1982).

Por meio de suas aulas, podemos dizer que Ítalo ajudou a disseminar na cidade ideias e conceitos relacionados à ginástica que circulavam pelo Brasil naquele momento, ao mesmo tempo que perpetuou as raízes oriundas de seus aprendizados no Clube. Além disso, o professor serviu como exemplo e referência para que algumas pessoas que frequentaram suas aulas, seguissem o caminho da Educação Física. Segundo Cunha Junior (2003), vários alunos de Ítalo, talvez por sua influência, tornaram-se atuantes na área da Educação Física na cidade. Em matéria do jornal *Tribuna de Minas*, alguns desses nomes são citados:

[...] Romel Jaenick, Hamlet Pernisa, Roberto Bassoli, Dalmo Jaenich (hoje professores na Universidade Federal de Juiz de Fora), Augusto Gotardelo Junior (diretor do departamento de esportes do Granbery), e Suzana Knorr. (Arquivo dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Tribuna de Minas*, 7 abr. 1985)

Observando o extenso tempo em que o professor trabalhou, pode-se dizer que sua figura serviu de inspiração para várias gerações, já que Ítalo iniciou suas

atividades no Clube Ginástico em sua juventude e circulou por vários espaços de Juiz de Fora com sua prática. Para além disso, Ítalo deu aulas na academia por décadas, estando ainda na ativa já com a idade avançada. Na Figura 24, podemos ver o professor nas barras paralelas (as mesmas do Clube Ginástico), exibindo-se para as fotos. A da direita em 7 de dezembro de 1991, no *Tribuna de Minas* e a da esquerda em 15 de fevereiro de 2008, no periódico *JF Hoje*. Nessa última data, Ítalo ainda ministrava aulas na academia, aos 81 anos.

Figura 24 - Academia Ítalo Paschoal Luiz



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Em matéria sobre o professor com então 81 anos, o jornal destaca o ainda latente entusiasmo de Ítalo pela prática da ginástica:

O tempo deixou marcas no definido corpo do atleta, mas não foi capaz de diminuir a paixão pelo esporte. Ainda hoje, ele dá aulas na academia que tem em sua casa, no Bairu. São mais de 30 alunos sob a orientação do veterano professor. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *JF Hoje*, 15 fev. 2008)

Neste capítulo, dois espaços em que Ítalo circulou na cidade foram objeto de análise: o Clube Ginástico de Juiz de Fora e a Academia Ítalo Paschoal Luiz. No sentido de compreender as peculiaridades adquiridas por meio da prática de Ítalo, a Calistenia também se fez presente.

No próximo capítulo, dialogaremos sobre os outros espaços em que Ítalo esteve com as práticas corporais, principalmente a ginástica. Para tal, falaremos sobre as pirâmides humanas e as performáticas apresentações por Juiz de Fora. Abordaremos ainda a passagem de Ítalo pelos circos. Logo após, discorreremos sobre o trabalho de Ítalo como preparador físico de futebol e, por fim, dissertaremos sobre a passagem do professor por algumas instituições escolares da cidade.

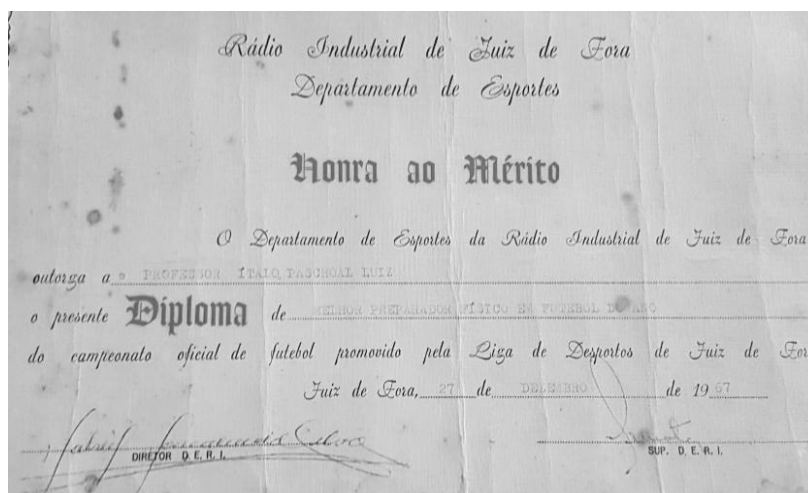
4 “NÃO FIQUE AÍ PARADO. MEXA-SE”⁷⁰: A CIRCULAÇÃO DE ÍTALO PELOS DIFERENTES ESPAÇOS DA CIDADE

Neste momento da pesquisa, já é perceptível que o caminho profissional percorrido por Ítalo Paschoal Luiz foi extenso e variado. Interessante ressaltar que esse constante trânsito de Ítalo pela cidade, inerente às práticas corporais, contribuiu para que a comunidade juiz-forana assentisse o professor como referência na área. Como consequência, Ítalo recebeu títulos e condecorações das quais tivemos acesso em seu arquivo pessoal. Tais documentos nos permitiram observar alguns dos locais pelos quais o professor deixou sua contribuição, tornando-se pertinente mencioná-los neste instante: no ano de 1968, Ítalo Paschoal Luiz recebeu da Rádio Industrial de Juiz de Fora uma condecoração de honra ao mérito, sendo considerado o melhor preparador físico da cidade naquele ano. Em 1987, foi pleiteado pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, com o título de cidadão benemérito, pela dedicação a várias práticas corporais da cidade. Foi nomeado destaque esportivo do ano de 1991, pela Tribuna da tarde e Rádio Solar AM. Em 26 de abril de 2003, os times de futebol de Juiz de Fora *Tupi Football Club*, *Sport Club Juiz de Fora* e *Tupynambás Futebol Clube* prestaram agradecimento ao professor em um jogo simbólico no estádio municipal Mario Helênio, pela sua dedicação ao futebol profissional da cidade.

Na Figura 25, temos a representação de uma dessas condecorações, com o diploma de honra ao mérito concedido pela antiga Rádio Industrial.

⁷⁰LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico**: Ítalo Paschoal Luiz. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.]. p. 62.

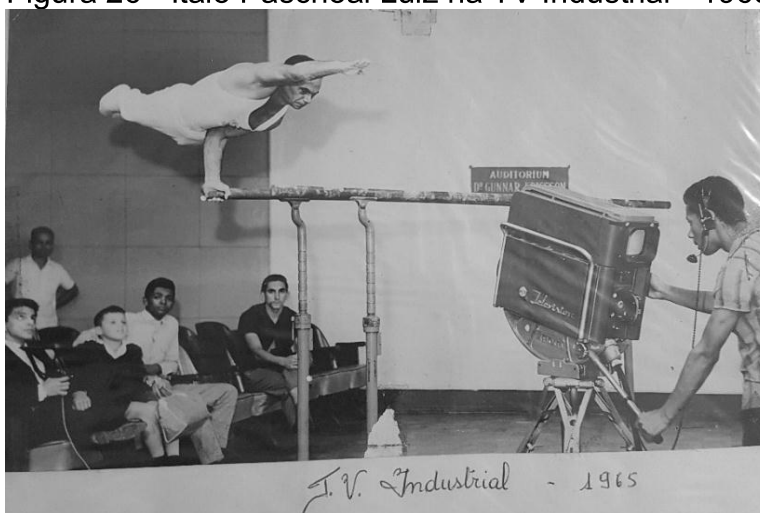
Figura 25 - Título de melhor preparador físico da cidade concedido à Ítalo Paschoal Luiz - 1967



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Ainda para ajudar a compor a caminhada de Ítalo por importantes espaços da cidade, destacamos a fotografia do ginasta, na Figura 26, exibindo-se na programação da antiga TV Industrial de Juiz de Fora⁷¹. Esta última, junto a Rádio Industrial, pertenceu ao antigo Grupo de comunicação Sérgio Mendes. Na figura, é interessante observar que as paralelas que Ítalo se exercita são as mesmas que o professor usava no Clube Ginástico.

Figura 26 - Ítalo Paschoal Luiz na TV Industrial - 1965



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

⁷¹Fundadas por Sérgio Mendes, a TV e a Rádio Industrial foram importantes e pioneiras redes de transmissão de áudio e imagem na cidade de Juiz de Fora (ambas já extintas). A Organização Sérgio Mendes destaca-se por ser uma das primeiras a instalar-se fora de uma capital, gerando programação.

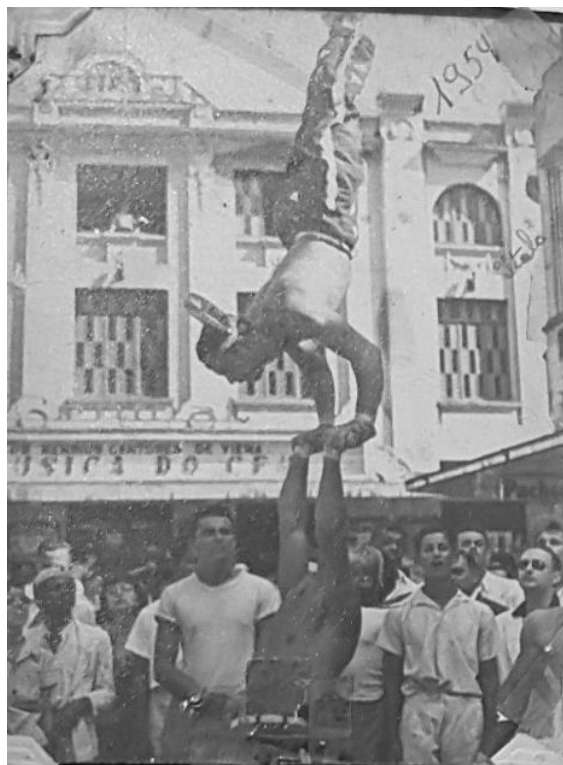
Podemos perceber que Ítalo foi reconhecido por diferentes instituições de Juiz de Fora, incluindo os meios de comunicação, os clubes em que trabalhou e a própria prefeitura, impulsionando assim, a difusão de suas práticas pela cidade. Durante as análises deste estudo, nos deparamos com vários espaços em que o professor circulou com a ginástica em Juiz de Fora. Tendo isso em mente, pretendemos a seguir, analisar a relação de Ítalo e das práticas corporais, pertinentes aos outros locais em que o professor transitou. Em um primeiro momento, focaremos nas performáticas apresentações das pirâmides humanas, realizadas por Ítalo com outros ginastas. No segundo tópico, daremos ênfase na experiência de Ítalo com os circos. Depois, discutiremos a trajetória do professor enquanto preparador físico de futebol de três importantes times da cidade (o Tupi, o Tupynambás e o Sport, chegando o primeiro a jogar amistosos contra Seleção Brasileira) e do time juiz-forano que disputou o extinto Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Por fim, abordaremos a passagem de Ítalo como professor de Educação Física de algumas instituições escolares e até como docente de Moral e Cívica.

4.1 “O público aplaudiu de pé e com entusiasmo o nosso número”⁷²: as pirâmides humanas

Ao se depararem com a Figura 27, é provável que, pelo menos por alguns instantes, os habitantes de Juiz de Fora entreguem-se aos curiosos encantos da fotografia. Afinal, ela foi eternizada no coração da cidade: o calçadão da rua Halfeld. Nos dias atuais, quem passa por ali, na correria de seus afazeres, provavelmente não imagina quantas vivências e quantas histórias já se desenharam em seu entorno. Histórias essas que ainda se mantêm vivas naquele espaço e que podem ser lembradas e ressignificadas através de alguns importantes gatilhos, como é o caso da Figura 27.

⁷²LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico**: Ítalo Paschoal Luiz. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.]. p. 40.

Figura 27 - Apresentação de força combinada no carnaval - 1954



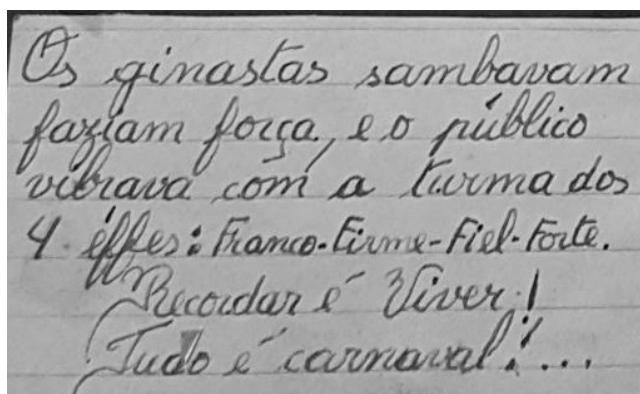
Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Na imagem, era carnaval em 1954. Nesse ano, em meio a essa famosa festa popular, Ítalo realizava com seu amigo ginasta, uma interessante apresentação acrobática, chamando a atenção dos foliões e dos passantes que observavam aquela inusitada pose de equilíbrio e força. Os acrobatas, sempre vestidos de Índio (para entrar no clima carnavalesco), pareciam transmitir segurança ao se exibirem em meio ao povo. E mais do que isso, aparentavam não se intimidarem com o imponente Cine-Theatro Central⁷³ ao fundo, que dessa vez, deixa de ser palco, para virar plateia de uma apresentação realizada fora de suas dependências. O encontro de Ítalo e do teatro traz uma certa magia para a foto: ambos se acham com olhares de ângulos diferentes dos corriqueiros: o teatro, curiosamente, vê uma apresentação acontecer fora de suas paredes. Já Ítalo, propositalmente, vê as paredes do teatro, tão únicas e majestosas, de ponta-cabeça. E tudo isso acontecendo em meio aos olhares atentos daqueles que passavam por ali e provavelmente já esperavam assistir às apresentações, que já eram tradição no carnaval.

⁷³Ver nota de rodapé número 9.

Já temporalmente distante daquela época, as recordações de Ítalo ainda parecem ternas. Em sua pasta de fotos, encontramos uma legenda sobre a Figura 27, escrita à mão, onde o professor rememora os ginastas do Clube Ginástico e os tempos dos carnavais rua, como vemos na Figura 28:

Figura 28 - Comentário de Ítalo sobre os carnavais



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

As apresentações das pirâmides humanas já eram tradição nos carnavais de Juiz de Fora daquela época. Por dez anos, de 1948 a 1958, quem fosse ao calçadão da rua Halfeld aproveitar a folia, provavelmente presenciaria Ítalo e seus companheiros do Clube Ginástico, se equilibrando dentre saltos acrobáticos e as poses de equilíbrio e força. Em um recorte de 1956, provavelmente da *Revista Flagrantes*, podemos perceber a repercussão das apresentações nos carnavais:

Ítalo, Paulinho, Ervilha e os demais atléticos rapazes farão falta ao carnaval, se deixarem de se apresentar em nossas ruas montando figuras de estupendo efeito. Mas isso não ocorrerá, pois o número de entusiastas cresce sempre. O Clube Ginástico [...] é o centro de exercícios e ensaios dêsses apreciados ginastas, cujo sucesso tem se estendido inclusive a salões de clubes e auditórios de emissoras. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Revista Flagrantes*, 1956)

Face a tantos anos em meio aos foliões, Ítalo se recorda de um caso que ocorreu em 1957, quando a escada usada pelos ginastas foi empurrada pelo público, causando uma briga entre as pessoas que ali estavam (LUIZ, s.d.). Na Figura 29, podemos ver os ginastas utilizando a referida escada, em uma apresentação pelas ruas de Juiz de Fora.

Figura 29 - Apresentação com escada em 1952



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Segundo Ítalo, a tradicional apresentação dos carnavais deixou de existir quando os ginastas passaram a cobrar pelos espetáculos. “Fechamos assim, como chave de ouro a nossa carreira de foliões, que durou uma década. Sempre fantasiados de índios e fazendo ginástica” (LUIZ, s.d., p. 53).

Sobre a prática das pirâmides humanas, foi ainda na infância que Ítalo se encantou pelos exercícios que exigiam equilíbrio e força combinada, praticados pelos sócios do Clube de Regatas Noronha, localizado às margens do Rio Paraibuna. Segundo Ítalo, os atletas do Clube Noronha tiveram contato pela primeira vez com as pirâmides através de uma apresentação do exército do Rio de Janeiro:

Eles aprenderam na Polícia Especial do Rio de Janeiro [...]. A polícia especial veio fazer uma demonstração aqui em Juiz de Fora na fábrica de pólvora para explosivos [...]. Parece que foi extinta essa fábrica de pólvora, lá pro lado de Benfica. (Informação verbal)⁷⁴

Quando adulto e já frequentador do Clube Ginástico, o professor começou a fazer a prática com os ginastas que tanto admirava quando criança.

[...] passados muitos anos, tive a oportunidade de treinar Força Combinada com todos eles [...]. Tornei-me profissional na modalidade. Outrossim, formei quarteto, trio e dupla de Força Combinada, viajando por esse Brasil afora, levando o nome de Juiz de Fora por todos os rincões por onde passei. (LUIZ, s.d., p. 8).

⁷⁴Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, em 2002.

Segundo Lisboa e Cunha Junior (2011), as pirâmides humanas são características da ginástica alemã e já eram praticadas nos primórdios do Clube Ginástico. Já Marinho (1975) aloca as pirâmides como sendo um tipo de ginástica acrobática com a ginástica em aparelhos (exercícios executados na barra fixa, barras paralelas, no cavalo e na escada horizontal) e a ginástica de chão (exercícios como saltos, parada de mãos, rolamentos, pranchas, todos executados no chão, sem aparelhos, ou com aparelhos simples como trampolim e traves). O autor explica que os movimentos elementares das acrobacias são encontrados no método francês de ginástica. Sobre a constituição das pirâmides humanas,

[...] são formadas por ginastas que recebem um nome de acordo com as funções específicas que executam. A base é o ginasta que suporta e projeta seus companheiros. O intermediário é o ginasta que ajuda a suportar e projetar ou que executa posições intermediárias. O volante ou top é o ginasta que é suportado e projetado pelos demais e frequentemente está no topo das pirâmides. Cada pirâmide pode conter um ou mais ginastas de cada função, de acordo com o número de participantes e com o desenho que pretendem formar no espaço. (MERIDA F.; NISTA-PICCOLO; MERIDA M., 2008).

O exército e a aeronáutica foram os pioneiros da prática sistematizada das pirâmides humanas em nosso país. Segundo Marinho (1975), inicialmente a prática ganhou forte espaço nos Estados Unidos, local que se empenhou na produção e confecção de manuais de ginástica acrobática, sendo muito aceitos em países como o Brasil.

A Escola de Aeronáutica foi a verdadeira introdutora da ginástica acrobática sistematizada, tendo o seu Departamento de Educação Física, publicado em 1945, um opúsculo sob o título *Norma para Instrução de Saltos e Acrobacias Elementares* [...]. Posteriormente, a ginástica acrobática teve grande aceitação na Escola Nacional de Educação Física do Exército, devendo-se a esta última o *Manual de Ginástica Acrobática*. (MARINHO, 1975, p. 312, grifo do autor).

Interessante observar que os referidos manuais citados pelo autor datam da década de 1940 e que as pirâmides humanas do Clube Noronha possuem referência nas entrevistas de Ítalo na década de 1930. Dessa forma, é possível perceber que não são pelos manuais que a ginástica acrobática surge em nosso país, especialmente quando falamos das pirâmides. O que parece haver aqui, com a utilização dos manuais, é uma tentativa de criar um cunho utilitarista para as pirâmides, que fuja da dimensão de espetáculo e divertimento. Marinho parece estar

ciente dessa ideia quando explica que “as pirâmides são exercícios mundialmente conhecidos e sua execução tem o caráter mais funambulesco que utilitário” (MARINHO, 1975, p. 321). Sendo assim, parece haver uma tentativa, nesses manuais, de justificar a sua utilização, principalmente pelos militares: as pirâmides “desenvolvem as qualidades físicas, força, equilíbrio, destreza, a par das qualidades morais, coragem e confiança recíproca” (MARINHO, 1975, p. 323).

Foi na época em que era aluno do Clube Ginástico que Ítalo, com seus companheiros da turma de elite, passou a se apresentar nas pirâmides humanas, executando exercícios de força combinada e equilíbrio. As apresentações tinham um caráter de entretenimento, diversão e exibicionismo, diferentemente da ginástica ministrada por ele no Clube e nas escolas, por exemplo. Além das apresentações nos carnavais, no decorrer de sua trajetória, Ítalo foi componente de diferentes grupos de ginastas que se empenhavam para realizar as acrobacias pela cidade e fora dela. O periódico a seguir, encontrado no arquivo pessoal de Ítalo, destaca as formações nas quais Ítalo fez parte:

Primeiro integrou um quarteto, depois veio o Trio Brasil em parceria com Paulo Lopez e Hervilha (Geraldo Fernandes Hervilha). Veio a dupla “Billy-Cardon (Ítalo e Hervilha) e, finalmente, a dupla “Lô-Rubi” (Ítalo e Paulo Lopes). (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, *Tribuna da Tarde*, 7 dez. 1991)

Parece que os grupos de ginastas que mais ganharam destaque foram o Trio Brasil e a dupla Lô e Rubi. Chegamos a essa conclusão, pelo maior número de relatos destas, feitos por Ítalo nas entrevistas. São também as com maior número de fotos e que mais aparecem nos recortes de jornais analisados.

A primeira dentre as duas formações a surgir foi o Trio Brasil. Era composto, inicialmente, por Ítalo, Paulo Lopes e Edson Peterman. Porém, esse último mudou-se para o Rio de Janeiro e foi substituído por Hervilha. Apesar do Trio ter se inspirado nos atletas do Clube Noronha, Ítalo destaca que conseguiu, junto aos seus colegas, aprimorar a execução de movimentos. Em vez de uma posição de cada vez, passavam de uma posição para outra, criando o que ele chamou de *sequencial*:

Eles montavam um número e desarmavam. Acabou. Então nós tivemos a ideia de montar um número e dar sequência. Com menos pessoas, que éramos em três, eu, Paulinho e Ervilha [...] base Ervilha,

médio era o Paulo, e eu o volante. É aquele que sobe, o paradista.
(Informação verbal)⁷⁵

O Trio Brasil fazia apresentações em festas e clubes da cidade e fora dela. Na Figura 30 vemos um panfleto no qual aparece o nome do trio como sendo uma das atrações em uma festa no bairro Bonfim.

Figura 30 - Panfleto de 1957 contendo como atração o Trio Brasil



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Foi possível encontrar também, matérias de jornais locais falando sobre o Trio Brasil, como vemos abaixo em um periódico de 4 de abril de 1954, como parte de uma apresentação no Clube Bom Pastor.

[...] Como “show” (e muito aplaudido) vimos o Trio Brasil, composto pelos atletas Ítalo, Paulo e Ervilha. Eles apresentaram a ginástica de força combinada, formando com perfeitíssima harmonia as mais variadas “pirâmides”, sendo que a última, somente eles no Brasil, conseguem fazê-la. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal)

Interessante perceber nesse trecho, o comentário referente a uma pose de alta dificuldade, na qual somente o Trio era capaz de executar. Nos arquivos de Ítalo, podemos identificar a pose, como sendo a da foto central, identificada como n.º 4.

⁷⁵Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s. d.

Figura 31 - Trio Brasil em 1957 com Hervilha, Paulo e Ítalo



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

O Trio Brasil findou-se em 1959. Foi então que Ítalo e Paulo Lopes se juntaram para formar a dupla Lô e Rubi. Os ginastas se apresentavam em diferentes espaços, como festas, escolas, clubes, intervalos de jogos de futebol, dentre outros. Em pesquisa aos arquivos, encontramos apresentações da dupla em diversos locais e eventos: *Sport Clube de Juiz de Fora*, *Tupy Futebol Clube*, *Olímpico Atlético Clube*, *Expofeira Agropecuária de Juiz de Fora*, desfile da *Copa Arizona*⁷⁶, festa comemorativa dos *Diários Associados*⁷⁷, *Associação Atlética Banco de Crédito Real*. O periódico abaixo, do arquivo pessoal de Ítalo, demonstra a repercussão das apresentações:

Uma dupla de fama nacional – Ítalo e Paulinho (clichê) formam uma dupla de ginastas que obteve sucesso nas maiores ‘boites’ e na televisão brasileira, tendo empolgado nosso público quando se exibiam nos intervalos dos jogos de futebol. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschol Luiz, *Diário Mercantil*, 27 nov. 1959)

Os ginastas eram também presença confirmada nas paradas de Sete de Setembro. Na Figura 32, podemos ver a dupla próxima ao prédio da antiga prefeitura, localizado na Avenida Rio Branco, esquina com a Rua Halfeld, na cidade de Juiz de Fora.

⁷⁶Competição de futebol amador, de caráter nacional, realizada entre 1974 e 1980.

⁷⁷Conglomerado de mídia fundado em 1924, por Assis Chateaubriand.

Figura 32 - Desfile Sete de Setembro de 1971



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Em seu livro, Ítalo lembra de alguns locais em que a dupla se apresentou: “fomos atrações em inúmeros espetáculos realizados em clubes, auditórios, praças de esporte ao ar livre ou cobertas, televisão, teatro e circos [...]” (LUIZ, s.d., p. 40). Lô e Rubi se exibiram ainda em programas de TV, como a extinta TV Itacolomi, em Belo Horizonte. Ítalo relata que a dupla recebeu dessa emissora o título de Maiores Paradistas do Brasil. Apresentaram-se também no programa *Circo do Arrelia*⁷⁸, na *TV Record*, na *TV Rio*, na *TV Tupi* e na *TV Alterosa*. Segundo o periódico *JF Hoje* (15 fev. 2008), localizado em arquivo pessoal da família, a última apresentação de Lô e Rubi aconteceu em 1984, em comemoração aos quatro anos da *Academia Ítalo Paschoal Luiz*.

Podemos perceber que muitos locais como festas, jogos de futebol, eventos esportivos, clubes, carnavais, programas de TV, circos, dentre outros, serviram de palco para as apresentações das pirâmides humanas. Ítalo, com outros ginastas de sua época, fizeram circular de forma ativa a ginástica em Juiz de Fora, em especial a ginástica acrobática, difundindo assim, a prática tanto para a população local como fora dos limites do município.

⁷⁸Programa de TV estrelado pelo palhaço Arrelia, um dos primeiros palhaços da TV brasileira. Iniciou sua transmissão na TV Paulista, em 1951 e foi para a TV Record em 1953, até 1974, ano de seu término.

4.2 “Eu gostava de ir a circos”⁷⁹: as significações na trajetória de Ítalo

Apresentar-se em circos também fez parte da vida profissional de Ítalo. O professor comenta que era comum, quando pequeno, assistir a espetáculos no picadeiro e relata que seu encantamento por exercícios acrobáticos veio também dos Circos:

[...] eu gostava de ir a circos. Então via aquelas acrobacias, os trapezistas, enfim, a parte que mais me tocava era a parte acrobática. E depois tentava em casa aquilo que eu havia visto. E assim começou o gosto pela ginástica. (Informação verbal)⁸⁰

Desde o século XIX, muitos praticantes de ginástica exibiam-se em circos e teatros. Visto como uma forma de diversão das camadas populares, eram comuns nos circos, além das tradicionais atrações, apresentações que remetiam a ginástica: malabarismo, acrobacias, números de equilíbrio, saltos. Em estudo sobre as práticas corporais de Juiz de Fora (1876 a 1886) presentes no jornal *O Pharol*, Soares e Cunha Junior (2009) ressaltam a interessante relação entre os exercícios corporais circenses e os praticados mais tarde pela população, nas sessões de ginástica. Os autores relatam ter encontrado, no período considerado, muitos anúncios de circos na cidade.

As companhias circenses que passaram por Juiz de Fora tinham em seus espetáculos números com trapezistas e ginastas. Eles eram elogiados por sua coragem e habilidade em executar exercícios de difícil execução e de perigo. As atividades ginásticas, “gymnásticas”, como citam as matérias do jornal analisado, aparecem quase sempre relacionadas às práticas corporais circenses. (SOARES; CUNHA JUNIOR, 2009, p. 6, grifo dos autores)

Com o advento do discurso médico atrelando a ginástica a uma execução racional e científica, as práticas corporais ligadas aos costumes populares, como as realizadas nos circos, e em apresentações conectadas ao divertimento, como, por exemplo, as pirâmide humanas, passam a ser criticadas, renegadas e consideradas perigosas à saúde, pelo exagero de seus movimentos (CUNHA JUNIOR, 2011; MELO, 2007).

⁷⁹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

⁸⁰Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

Parece que esse discurso que censurava tais práticas, ainda circulava no período em que Ítalo viveu. Podemos observar isso no momento em que ele comenta a opinião de Caetano Evangelista, seu professor no Clube Ginástico, sobre as pirâmides humanas: “Gostava porque valorizava o Clube ginástico. Mas ele não aprovava muito as pirâmides não - isso aí, já é *profissionalismo*” (Informação verbal)⁸¹. É possível perceber que Caetano via as pirâmides como uma ginástica que deveria ser relegada ou evitada, em detrimento da ginástica do Clube, que era sistematizada, metódica e utilitária. Além disso, Caetano considerava a prática das pirâmides humanas e as apresentações em circos como *profissionalismo*. E para ele, os atletas deveriam ser *amadores*.

Esses significados de *amadorismo* e *profissionalismo* parecem um pouco diferentes das atribuições que damos nos dias de hoje a essas palavras. Dessa forma, nos aprofundamos para entender suas significações naquela época. Em nossos estudos, foi possível entender que esses conceitos encontrados nas falas têm sua origem nos primórdios da prática do remo.

Quando surgiram as primeiras competições de remo na cidade do Rio de Janeiro, os pescadores e os catraieiros, já acostumados com o mar, eram os principais competidores, mesmo estes não podendo participar como membros dos clubes (que só aceitavam cidadãos da elite). Com o passar do tempo, esses competidores foram sendo proibidos de participar das competições, por estarem sendo efetivamente contratados e pagos pelas suas habilidades, sendo chamados de *profissionais*. A partir daí, o código das regatas instituiu que somente os *amadores*, ou seja, os sócios dos clubes, poderiam participar das competições (MELO, 2007).

Esses significados de *amadorismo* e *profissionalismo* parecem ter extrapolado os muros dos clubes de remo, circulando em entorno de outras práticas corporais. Tal fato, afeta diretamente a vida de Ítalo, já que o envolvimento do atleta com o circo e com as pirâmides humanas, fez com que ele fosse visto como *profissional*. Os ditos *profissionais*, recebiam pelas apresentações, o que não era visto com bons olhos. Por conta disso, foi vetada a participação de Ítalo em competições de ginástica:

Eu queria ter participado de um campeonato brasileiro [...]. Sabiam que tínhamos trabalhado em circo [...]. Achavam que trabalhar em

⁸¹Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, em 2002.

*circo era profissional. Pra provar, pra não, não deixaram a gente entrar. (Informação verbal)*⁸²

Eu tentei participar no Rio de Janeiro no Ginástico Português. Então escreveram meu nome e tal e quando fui lá eles barraram a minha apresentação [...] porque antes eu havia trabalhado num circo [...] com o Geraldo Fernandes Hervilha. Tinha feito um número com pinga fogo, porque tinha um aparelho no nariz e acendia e apagava [...]. Eles falaram que eu era profissional. Nem sei o que era profissional na época, nem sabia e não permitiram eu participar. Se eu tivesse participado, pelo que eu assisti no treino deles [...] eu teria ganho em todos os aparelhos. (LISBOA, 2010, p. 212).

Interessante perceber que o conceito de *amadorismo e profissionalismo* era obscuro para Ítalo. Ele ouvia dos dirigentes que era profissional, mas não sabia direito o que isso significava. Pode-se arriscar dizer que, se Ítalo tomasse conhecimento, desde o início, que para competir, ele teria que abdicar de suas apresentações nos circos e nos locais em que se exibiu com as pirâmides humanas, ele não o faria. Ou seja, refletindo sobre as falas de Ítalo, é possível presumir que o prazer e o orgulho que sentia em se apresentar em público (além da questão financeira), não seriam abandonados em detrimento competições.

Podemos entender que o circo foi mais um local no qual Ítalo esteve presente. No periódico abaixo (não foi possível identificar a data nem o nome), o professor intitula-se como um divulgador do nome da cidade de Juiz de Fora, através de suas apresentações:

No circo, a função do professor Ítalo ineria-se, perfeitamente, com suas funções atuais. Ele fazia números de *fôrça* combinada, em dupla ou em trio. Na televisão e no rádio, como ele próprio gosta de dizer, foi um propagador de Juiz de Fora, tornando a cidade, sempre que possível, cada vez mais conhecida. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal)

Vários motivos levaram Ítalo ao espaço circense, dentre eles, a significação que o picadeiro teve em sua infância e a satisfação de apresentar-se em público exibindo suas habilidades com a ginástica. Porém, para além disso, as exhibições representavam também uma possibilidade de conseguir aumentar seu ordenado, em meio a seus baixos ganhos (como ele mesmo relata). Podemos dizer, em suma, que

⁸²Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, em 2002.

o circo foi mais um dos espaços em que o professor Ítalo circulou com a ginástica pela cidade de Juiz de Fora.

4.3 “Como preparador físico fiz a minha parte consciente”⁸³: os percursos pelos times de futebol juiz-foranos

O envolvimento de Ítalo com futebol começa na adolescência: “*eu tinha uma paixão louca pelo futebol. Goleiro do Tupi Juvenil. Fiz o tiro de guerra, goleiro e fui juvenil com 17 anos e meio. Mal podia sonhar que seria preparador físico*” (LISBOA, 2010, p. 205). Na Figura 33, Ítalo aparece segurando a bola, provavelmente era o goleiro. É possível ver um comentário feito à caneta, registrando o nome de Santa Terezinha F. C.

Figura 33 - Time de futebol - 1944



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Anos mais tarde, Ítalo volta ao futebol, dessa vez como preparador físico. Com sua experiência na ginástica, desenvolve treinos baseados na calistenia⁸⁴ oriunda do Clube Ginástico, se firmando em diferentes times da cidade. Um deles foi formado para disputar o *Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais*. Nesse extinto torneio, cada estado formava uma equipe local para disputar a competição. Geralmente, eram times formados na capital Belo Horizonte que entravam no campeonato. Em coluna escrita para um jornal encontrado nos arquivos da família de Ítalo, Adail de Oliveira,

⁸³LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico**: Ítalo Paschoal Luiz. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.]. p. 26.

⁸⁴Ver nota de rodapé 35 no item 3.1.

jornalista da época, conta sobre como a cidade de Juiz de Fora foi escolhida para representar o estado de Minas Gerais no *Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais*, causando grande entusiasmo nos torcedores que acompanhavam o futebol. O recorte de jornal encontra-se sem nome e sem data, mas é provavelmente do ano de 1960, mesmo ano em que foi realizada parte do referido campeonato (iniciou-se em 1959) e ano em que Minas Gerais realizou seu primeiro jogo.

Tudo leva a crer que Belo Horizonte desta vez ficou de fora do Campeonato Brasileiro de Futebol, defendendo Minas Gerais, por duas razões: 1º- o campeonato belorizontino ainda não terminou; 2.º - agastada com a CBD⁸⁵ por não ter escolhido nosso estado para defender o Brasil no torneio de Guaiacuil (coube a Pernambuco), a Federação Mineira de Futebol para desprestigiar o Campeonato Brasileiro, indicou uma seleção do interior. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal)

Com Belo Horizonte fora da disputa, Juiz de Fora foi escolhida para montar o time que representaria o estado de Minas Gerais no campeonato. Além dos jogadores da cidade, esportistas de Barbacena também fizeram parte da equipe. No arquivo pessoal de Ítalo foi possível encontrar um recorte de jornal da cidade de Florianópolis, com data de 16 de janeiro de 1960. Um dia antes do jogo disputado entre Minas Gerais (com o time de Juiz de Fora) e Santa Catarina:

Não *substímemos* nossos contendores. A seleção visitante não é a expressão maior do futebol mineiro. Mas Juiz de Fora é cidade maior que Florianópolis e Barbacena anda por ali. Cuidado com os mineiros. Gente boa, boníssima. Mas muito fácil de fazer o nosso combinado laçar um *tôco*. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal)

Nessa Disputa, Minas Gerais venceu por 1 a 0. Curioso que nesse mesmo jornal, há uma paródia com o hino de Minas Gerais, mandando os jogadores de volta para casa.

Ai Minas Gerais
 Ai Minas Gerais
 Os outros foram
 Porque tu não vais
 Ai Minas Gerais
 (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz)

⁸⁵A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é o antigo nome dado a atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A alteração dos nomes foi feita em 1979.

Na tabela 1, é possível conferir o resultado desse jogo, além dos placares dos outros jogos em que o time de Minas Gerais participou. Os dados da tabela foram retirados de Gerheim (1978).

Tabela 1 - Jogos Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais - 1960⁸⁶

DATAS	PARTIDAS	LOCAIS	GOLS
17 jan. 1960	Minas Gerais 1 x Santa Catarina 0	Florianópolis	Jorge Guimarães - 1
24 jan. 1960	Minas Gerais 2 x Santa Catarina 2	Juiz de Fora	Ipojucam - 2
27 jan. 1960	Minas Gerais 3 x São Paulo 4	Juiz de Fora	Ipojucam - 2 Toledo - 1
31 jan. 1960	Minas Gerais 0 x Distrito Federal 6	Rio de Janeiro	—
03 fev. 1960	Minas Gerais 1 x Pernambuco 2	Juiz de Fora	Célio - 1
07 fev. 1960	Minas Gerais 1 x São Paulo 6	São Paulo	Isaías - 1
10 fev. 1960	Minas Gerais 1 x Distrito Federal 8	Juiz de Fora	Ipojucam - 1
14 fev. 1960	Minas Gerais 1 x Pernambuco 4	Recife	Ipojucam - 1

Fonte: Gerheim (1978) / tabela organizada pela autora.

Ter participado de uma competição de representatividade nacional, com uma equipe local, foi motivo de orgulho para os juiz-foranos. Experimentou-se, por exemplo,

⁸⁶Na fonte de onde foram retirados os dados, ou seja, em Gerheim (1978), o autor não coloca o sobrenome dos jogadores.

disputar com nomes como o do ex jogador Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, membro do time de São Paulo. Time este que foi o vencedor do campeonato. E foi a lembrança do jogo que os paulistas venceram de 4 a 3 que Ítalo chama em seu livro de um fato marcante:

Pelé e Coutinho reviveram a mais famosa tabelinha de craques conhecidos do tapete do futebol brasileiro. [...] além deles, o público presente no estádio Procópio Teixeira. [...] ao encerrar o primeiro tempo, perdíamos de 4 a 0 [...] tomei a palavra [...] levantem a cabeça, confiamos em todos vocês [...]. No segundo tempo, não sofremos nenhum gol e fizemos três [...]. Foi uma derrota com sabor de vitória. (LUIZ, s.d., p. 33).

Ítalo recorda ainda, como o time recém-chegado de Florianópolis foi recebido pelos torcedores da cidade, depois de vencer a equipe de Santa Catarina por 1 a 0:

Assim que nossa delegação chegou a Benfica, tivemos uma incrível surpresa. Uma enorme caravana formada por ônibus, carros, caminhões repletos de pessoas com bandeiras, fogos de artifício, escolas de samba, um delírio indescritível. [...]. O povo fez o ônibus parar próximo à rua Marechal Deodoro e fez questão de nos carregar no colo e subir as escadarias do Fórum, até o gabinete do prefeito, Sr. Olavo Costa. (LUIZ, s.d., p. 32).

Dentre os jogadores da seleção Mineira, Gerheim (1978) cita os que tiveram em campo: Hélio, Danton, Adherbal, Djalma, Faninho, Mauro, Francinha, Klebis, Odir, Oiamá, Luiz, Ipojucam, Célio, Jorge, Toledo, Bico, Tetralto, Isaías, Herculano, Martinelli, Mosquito. Além disso, destaca que até o jogo de 27 de janeiro de 1960, o time tinha como técnico José Paiz Soares, sendo substituído, a partir do próximo jogo por Geraldo Magela Tavares. A seguir temos o trecho de um recorte de jornal, de nome não identificado, datado de 22 de janeiro de 1960, relatando sobre o time recém-chegado de Florianópolis, ainda em frente ao ônibus de transporte que os trouxe do aeroporto de Belo Horizonte. Parece haver o patrocínio da Util S.A.:

A UTIL S. A. Sempre presente nos esportes – Acompanhando de perto os grandes acontecimentos esportivos, à UTIL S.A. coube a tarefa de trazer a Juiz de Fora, logo após a chegada da delegação mineira de Belo Horizonte, precedente de Florianópolis (via aérea), os dirigentes e rapazes que elevaram bem alto o renome esportivo de Minas Gerais, magnificamente representado pelos jogadores de Juiz de Fora e Barbacena [...]. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal).

Na Figura 34, há a imagem dessa mesma matéria, mostrando os jogadores em frente ao ônibus. Ítalo encontra-se destacado por uma seta feita à mão.

Figura 34 - Retorno da Seleção Mineira - 22 jan. 1960



Fonte: Arquivo dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Sobre a participação de Ítalo como treinador da Seleção Mineira, encontramos um documento que comprova sua atuação como preparador físico do time:

Declaramos para todos os efeitos que o Senhor Ítalo Paschoal Luiz exerceu durante todo o período de treinamento e jogos do Seleccionado Mineiro a função de preparador físico dos atletas que estiveram empenhados na disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol, do ano de 1959, mister que foi pelo referido senhor desempenhado com raro brilho e invulgar eficiência. A referida declaração corresponde integralmente à verdade, podendo o seu portador fazer da mesma o uso que lhe convir.

Juiz de Fora, 19 de fevereiro de 1960.

Elias José Féres – Presidente da Liga de Desportos de Juiz de Fora.
(Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz)

Encontramos também um registro dos jogadores em campo, posando para foto, com Ítalo Paschoal Luiz (de branco, em pé, à esquerda).

Figura 35 - Campeonato brasileiro de seleções estaduais – time de Minas Gerais – 1960



Fonte: Blog Maurício resgatando o passado (2015).

Além da Seleção Mineira, Ítalo foi preparador físico de diversos clubes de futebol da cidade de Juiz de Fora: o *Tupi Football Club*, o *Sport Club Juiz de Fora* e o *Tupynambás*.

Fundado em 26 de maio de 1912, o Tupi teve Ítalo como preparador físico de 1956 até 1959, de 1963 até 1966 e em 1969. Com Ítalo no clube, o time foi campeão juiz-forano (Campeonato Citadino de Juiz de Fora) nos anos de 1958, 1963, 1965 e 1969. Esses campeonatos aconteciam desde o ano de 1918. Em seu livro, Ítalo relembra sua passagem pelo clube:

Tive a honra de ajudá-lo a conquistar numerosos títulos de campeonatos oficiais, torneios relâmpagos, torneios inícios, torneios regionais, torneios extras e copas, além de inúmeras vitórias contra [...] por exemplo: Fluminense, Vasco da Gama, Botafogo, América e Bangu, bem como Atlético, Cruzeiro e América. Fomos “sparing” por duas vezes da Seleção Brasileira. Em 1963, tivemos a campanha de 40 jogos sem perder a invencibilidade. Em 1956, vice-campeão; em 1957, vice-campeão; em 1958, campeão; em 1959, 3.º lugar; em 1963, campeão; em 1964, 3.º lugar; 1965, campeão; 1966, 3.º lugar, em 1969, campeão e finalista do campeonato mineiro de futebol. Foram nove anos de trabalhos intercalados. (LUIZ, s.d., p. 25).

Encontramos em meio aos arquivos, uma declaração do Tupi, de 1979, explanando os títulos que Ítalo conquistou junto ao time, assim como seu tempo de atuação no mesmo, conforme transcrição do documento a seguir.

Declaro que para os devidos fins, que o Sr. Prof. Ítalo Paschoal Luiz foi PREPARADOR FÍSICO dos jogadores profissionais do Tupi F. C., da cidade de Juiz de Fora, tendo iniciado sua carreira nesta agremiação esportiva no ano de 1956.

Colaborou com o clube e tem títulos conquistados; além de vários Torneios-Início, Torneios Relâmpago, Copas e Torneios Extras e inúmeras vitórias sobre clubes de mais alto nível de desporto nacional. Exemplo: Fluminense, Vasco da Gama, Bota Fogo, Bangu, América, todos do Rio de Janeiro. Atlético, América e Cruzeiro de Belo Horizonte, como também, o de ter sido “sparing” da Seleção Brasileira.

1956 - Vice-Campeão.

1957 - Vice-Campeão.

1958 - Campeão.

1959 – 3.º lugar.

1963 - Campeão.

1964 – 3.º lugar.

1965 - Campeão.

1966 – 3.º lugar.

1969- Um dos finalistas do Campeonato Mineiro de Foot-Boo.

(Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz).

Além das vitórias locais, o Tupi destacou-se por um feito inédito em Juiz de Fora: a equipe tornou-se conhecida e foi convidada a disputar dois amistosos contra a Seleção Brasileira, como destacaremos a seguir.

Na década de 1960, Juiz de Fora passava por um processo de decadência econômica que acabou afetando os clubes de futebol, ficando estes aquém dos times de Belo Horizonte, a capital mineira. Após a vitória do campeonato local, em 1965, a diretoria do clube, coordenada por Carlos Magnavacca, trouxe como uma gratificação aos jogadores do Tupi, o time Cruzeiro de Belo Horizonte, para que disputassem uma partida com o time juiz-forano. A equipe do Cruzeiro, que havia acabado de ganhar o campeonato belorizontino, ajudaria a dar visibilidade ao futebol de Juiz de Fora, que sonhava com um torneio com os renomados times da capital. Os campeonatos na cidade, naquele momento, eram realizados somente com times de menor notoriedade, pertencentes a cidades da região. O esperado jogo entre Tupi e Cruzeiro aconteceu no dia 6 de março de 1966 terminando com o placar de 3 a 2 para o Tupi. Após a vitória, o time de Juiz de Fora pôde comemorar: foi convidado a disputar uma partida com o Atlético-MG, no Mineirão, estádio recém-inaugurado em Belo Horizonte, no dia 16 de março de 1966, vencendo por 2 a 1. Finalmente, o Tupi estava em evidência no estado mineiro. Foi então, convidado a enfrentar mais um time da capital: o América-MG. No dia 10 de abril de 1966, consegue ganhar a disputa contra o América por 2 a 1. (BRAGA, 1977; BRUM, 2019; GERHEIM, 1978; TESTA, 2007). Segundo Gerheim (1978, p. 33), estiveram presentes nos quatro jogos os seguintes jogadores do Tupi:

“Waldir, Manoel, Murilo, Dario, Valter, Mauro, Francinha, João Pires, Toledo, Vicente, Eurico, além dos suplentes Hélio, Joel, Paulino, Jorge Guimarães, Amarílio, Eli Flores, Sabino”.

Depois de vencer três times de Belo Horizonte, o Tupi ganhou visibilidade nacional. Foi então, convidado a disputar um pentagonal na capital mineira, contra Cruzeiro, América-MG, Botafogo-RJ e Palmeiras. Porém, esse último desistiu de participar, ficando somente os quatro restantes. O time de Juiz de Fora, composto nos dois primeiros jogos pelos jogadores *“Waldir, Manoel, Murilo, Dario, Walter, Mauro, Francinha, João Pires, Toledo, Vicente (Joel) e Eurico”* (GERHEIM, 1978, p. 34) e no último jogo com Joel e depois Jorge no lugar de Vicente, conseguiu vencer mais uma vez o Cruzeiro por 2 a 1 e empatou com o Botafogo-RJ com o jogo terminando em 0 a 0. Porém, contra o América, o Tupi acabou perdendo de 4 x 1. Mas a fama do time de Juiz de Fora já estava disseminada. Após quatro vitórias contra times da capital, a equipe do técnico Geraldo Magela e do preparador físico Ítalo Paschoal Luiz, ganhou um apelido que foi motivo de orgulho para todos os envolvidos, e que é até hoje lembrado pelos torcedores: o *“Fantasma do Mineirão”* (BRAGA, 1977; BRUM, 2019; MATTA, M.; MATTA, R., 2003; GERHEIM, 1978; TESTA, 2007).

Na Figura 36 temos o time que ficou conhecido como Fantasma do Mineirão. Da esquerda para direita temos, em pé, Geraldo Magela (técnico), Manoel, Mauro, Valter, Valdir, Murilo, Dario e Ítalo Paschoal Luiz. Agachados da esquerda para a direita estão João Pires, Toledo, Joel, França e Eurico.

Figura 36 - O Fantasma do Mineirão - 1966



Fonte: Arquivo pessoal do professor Leonardo de Souza Lima.

Todos esses acontecimentos colocaram o Tupi em posição de destaque no futebol, levando o Carijó (mais um apelido do clube) a receber um convite para jogar amistosos contra a Seleção Brasileira. Com Vicente Feola como técnico, a equipe do Brasil se preparava para a Copa do Mundo que seria realizada na Inglaterra ainda em 1966. A equipe era composta por jogadores de renome da época, como “Pelé, Garrincha, Gilmar, Beline, Newton Santos” (LUIZ, s.d., p. 29).

A primeira disputa foi realizada na cidade de Caxambu, Minas Gerais, no dia 27 de abril de 1966. Na Figura 37 podemos ver a Seleção Brasileira e o time do Tupi nesse jogo. Ítalo encontra-se em pé, à esquerda.

Figura 37 - Amistoso Tupi e Seleção Brasileira em Caxambu - 27 abr. 1966



Fonte: Arquivo pessoal do professor Leonardo de Souza Lima.

A Seleção Brasileira possuía várias formações de equipes, jogando com cada uma delas em um tempo de jogo. O Tupi terminou perdendo por 3 a 1. O Carijó jogou mais uma vez contra a Seleção Brasileira, na cidade de Três Rios, no estado do Rio de Janeiro. O jogo terminou em 3 a 2 para o time da Seleção. Apesar das derrotas, o fato de ter disputado com a Seleção Brasileira era motivo de grande orgulho para o Tupi. Na Figura 38, podemos ver durante um dos amistosos, Pelé, jogando pela Seleção e Toledo, disputando a favor do Tupi.

Figura 38 - Amistoso Tupi e Seleção Brasileira em Caxambu - Pelé e Toledo



Fonte: Blog Recordar o Tupi é viver.

Além do Tupi, Ítalo foi preparador físico do Tupynambás, de apelido Baeta, em 1960, 1961 e 1962, conquistando o título de vencedor do Campeonato Citadino de Juiz de Fora no ano de 1961 e vice-campeão em 1960 e 1962. O time foi fundado em 15 de agosto de 1911, sendo o clube desportivo mais antigo da cidade. Em um recorte de jornal de nome não identificado, datado de 1960, encontramos uma nota sobre o trabalho do preparador físico no clube:

O professor Ítalo, que tem método excelente de trabalho, foi contratado pelo Tupinambás que ganhou, sem dúvida, um ótimo elemento. *Tôdas* as terças e quintas-feiras o plantel rubro vai fazer ginástica e se preparar fisicamente sob o comando do professor Ítalo, que provou no selecionado de Minas a sua capacidade. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal)

Podemos perceber no trecho do jornal, que a participação no time da Seleção Mineira deu destaque ao trabalho de Ítalo em meio ao mundo do futebol de Juiz de Fora. Na Figura 39 temos a formação do time do Tupynambás de 1961. Ítalo é o segundo, em pé, da direita para a esquerda.

Figura 39 - Tupynambás – campeão juiz-forano em 1961



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Ítalo também atuou como preparador físico do time do *Sport Club* Juiz de Fora, nos anos de 1967, 1968 e 1982, conquistando o título de campeão do Campeonato Citadino de Juiz de Fora em 1967 e 1968. O clube de futebol foi fundado em 24 de setembro de 1916. Na Figura 40 podemos ver o time campeão no ano de 1967. É possível visualizar na imagem uma faixa com os dizeres: “*a torcida periquita saúda os seus campeões de 1967*”.

Figura 40 - Sport - campeão juiz-forano em 1967



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

O trabalho de Ítalo parecia ser bem requisitado entre as equipes da cidade. Em recorte de um jornal de Belo Horizonte (nome e data não identificados), há um destaque sobre o preparo a preparação física dos jogadores. Além disso, Ítalo conta como realizava os treinos:

Um homem dá ao time do Tupi um preparo físico impressionante que demonstra em seus jogos – o preparador Ítalo Paschoal [...].

- Uso uma coletânea de calistenia e método esportivo generalizado [...]. De vez em quando, uso também uma série de ginástica criada por mim. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal)

Em sua fala, Ítalo relata o uso da calistenia (que aprendeu no Clube Ginástico) como um de seus métodos. Porém, é interessante perceber que o professor implementa outras estratégias, uma vez que o objetivo da ginástica é a preparação para os jogos de futebol. Mais uma vez, podemos perceber Ítalo buscando incrementar sua prática, revelando métodos próprios e até planejamentos diferentes do que aprendeu no Clube Ginástico. Na Figura 41 podemos ver os jogadores realizando uma sessão de ginástica no campo do América em Belo Horizonte. O momento da ginástica costumava ser chamado de treino individual.

Figura 41 - Treino no campo do América - 1966



Fonte: Arquivo pessoal do professor Leonardo de Souza Lima.

Em arquivo pessoal da família, foi possível encontrar o plano de treino para quatro semanas feito pelo professor Ítalo Paschoal Luiz, destinado aos jogadores do Selecionado Mineiro. O referido plano foi transcrito e analisado logo a seguir.

PREPARAÇÃO FÍSICA DO SELECIONADO MINEIRO

OBJETIVO: aumentar a velocidade, melhorar a elasticidade, conservar a resistência.

Teoria: ligeira explanação a respeito que é Educação Física, efeitos e causas. Suprimir quantidade excessiva realçando qualidade. Importância do exercício respiratório. Alimentação e repouso. Disciplina, ordem unida.

1.^a semana: sessão de ginástica geral: movimentos visando mais os músculos das pernas.

- A) Corrida até 2.000 metros.
- B) Sprints de 50 metros.
- C) Saltitamentos, passadas largas na ponta dos pés, marcha do sapo, canguru, pato acelerado forçado. Incluindo-se também pequenas séries com movimentação de braços, tórax, abdômen e lombar.

2.^a semana: sessão preparatória (flexibilidade).

- A) Corridas alternadas (lentos Sprints) combinados saltos e mudança de direção.
- B) Aulas recreativas: saltos, passadas russas, salto peixe, cambalhotas e quedas.
- C) Pulos com auxílio de cordas.

3.^a semana:

- A) Sessão preparatória (forte).
- B) Competição de corridas e saltos.
- C) Sprints com bola.
- D) Subidas e descidas de degraus.
- E) Corrida 3.000 metros intercalados de piques e pulos simulados em extensão e em todas as direções.

4.^a semana:

- A) Sessão preparatória (flexibilidade).
- B) Exercícios com bola – voleibol só usando a cabeça.
- C) Sprints curtos, corridas lentas, saltos gerais.
- D) Intensos exercícios abdominais para maior elasticidade.
- E) Corridas com marchas forçadas frente e atrás, acelerados (zig-zag).
- F) Exercícios especiais educativos e de controle de sistema nervoso.
- G) Intensificar os exercícios nas pontas dos pés para fortalecimento dos artelhos, correções de posturas no acelerado não permitir que o atleta corra de cabeça baixa para melhor visão das jogadas.

Juiz de Fora, 19 de dezembro de 1959. ÍTALO PASCHOAL LUIZ.

(Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz)

Interessante perceber que Ítalo deixa claro os objetivos que pretende alcançar com seu planejamento, que possui duração de quatro semanas. O preparador físico parece usar da sua experiência para modificar e criar exercícios que vão além da ginástica calistênica, pretendendo uma espécie de especificidade para a prática a qual se destinam: o futebol. Tanto que propõe alguns exercícios com bola e recreação. No que chamou de teoria, estava a prioridade na qualidade dos exercícios em detrimento da quantidade. Mesmo sem formação sistematizada, Ítalo consegue fazer adaptações aos treinos, respaldadas em suas experiências práticas, baseadas no Clube Ginástico e em suas outras vivências profissionais. Outro ponto curioso a se perceber é que

Ítalo coloca como teoria a ser passada para os jogadores o entendimento do que é Educação Física e os efeitos da prática, realçando ainda a importância da alimentação e da disciplina.

É possível perceber que Ítalo foi protagonista com as equipes dos Clubes, de uma ocasião áurea do futebol de Juiz de Fora. O professor conseguiu transportar a ginástica realizada em outro ambiente para ser treino de outra prática corporal, o futebol, firmando seu nome como preparador físico de futebol da época.

Além de sua atuação em diversos times de futebol da cidade, sua participação como professor de Educação Física nas escolas também foi notória, como veremos no próximo item.

4.4 “Um professor cuja vocação é nata, ele sempre ajudará o aluno a despertar-se”⁸⁷: os caminhos de Ítalo pelas escolas de Juiz de Fora

Ítalo atuou por vários anos como docente de Educação Física em algumas escolas de Juiz de Fora. Nessa época, em meados da década de 1960 e 1970, a cidade contava com um pequeno número de professores de Educação Física formados (NASCIMENTO *et al*, 2003). Dessa forma, Ítalo atuava mesmo sem possuir um diploma na área. Valia-se de sua experiência prática. Em seu livro, o professor relata alguns espaços em que atuou ao longo de sua trajetória, inclusive as escolas:

Clube Ginástico de Juiz de Fora, Colégio São José, Instituto Vianna Júnior, Ginásio Mariano Procópio, Colégio Estadual, Associação dos Sargentos de Juiz de Fora, Cia. Cervejaria José Weiss, Caiçaras Atlético Clube, Tupi Futebol Clube, Tupinambás Futebol Clube, Sport Club Juiz de Fora e academia de ginástica Ítalo Paschoal Luiz [...]. (LUIZ, s.d., p. 19).

É possível perceber que o professor trabalhou simultaneamente em vários locais. Para além de circular pelos espaços da cidade com a ginástica, em suas falas, notamos que, apesar de seu gosto pelas práticas corporais, estar em vários empregos

⁸⁷LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico: Ítalo Paschoal Luiz**. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.]. p. 57.

foi consequência também de uma necessidade financeira. No trecho abaixo, Ítalo descreve sobre sua pesada rotina e sua dificuldade de remuneração como professor:

Eu sei que eu trabalhava de manhã à noite. O dia era curto pra nós [...]. Era uma hora atrás da outra. Chegava a trabalhar 10 horas ou mais. Eu achava que o dia era curto, 24 horas não dava. [...] e num tempo que praticamente a gente pagava pra trabalhar. (Informação verbal)⁸⁸

E assim são os professores, principalmente de Educação Física. Agrada, tinha que trabalhar em vários colégios pra fazer um salário. (LISBOA, 2010, p. 216).

Parece que, na fala de Ítalo, existem muitas questões que até hoje cercam os profissionais da educação, como a alta carga de trabalho e os baixos salários. Braga (2011), ao relembrar a história dos movimentos da classe dos professores de Juiz de Fora, em prol de melhorias para a classe, disserta sobre essa remuneração deficitária. A autora relata que, a primeira greve dos professores na cidade, foi feita em 1959, por profissionais que integravam o Sindicato dos Professores de Juiz de Fora, criado em 1934. Nesse tempo, o Sindicato era composto somente por docentes da rede particular. Ainda não havia um sindicato destinado à rede pública. Dentre as pautas da greve, estava a exigência de carteira de trabalho, férias, pagamento em dia, bolsa integral para os filhos e melhores condições salariais. Em relação à remuneração, os professores questionavam a falta de repasse em suas horas-aulas, mesmo quando havia reajuste na mensalidade dos alunos. Ainda segundo a autora, a maioria do professorado dava aulas como segundo ofício. Os que optavam por serem somente professores, passavam por dificuldades financeiras, necessitando de uma grande carga de trabalho para melhorar sua remuneração. Nesse cenário, Ítalo também sofria com a baixa remuneração destinada aos professores escolares. Além disso, seguia uma profissão que era historicamente mal remunerada, tanto nas instituições escolares, quanto fora delas: a de professor de Educação Física.

Dentre os espaços que Ítalo Paschoal Luiz circulou, estão algumas escolas de Juiz de Fora:

⁸⁸Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

Dava aula, trabalhava em 5 colégios. [...] Comecei a trabalhar em 60 no Bicalho⁸⁹. Aí fui pro Vianna Júnior⁹⁰ em 63 [...]. Aí, no mesmo ano peguei o Estadual [...]. Mariano Procópio⁹¹! E dava aulas no Clube Ginástico. (Informação verbal)⁹²

Das escolas em que Ítalo trabalhou, encontramos um documento da Delegacia Regional de Ensino, confirmando seus anos de atuação no colégio Ginásio Bicalho.

DECLARAÇÃO

Miguel Jannuzzi, diretor da 10ª Delegacia Regional de Ensino – Juiz de Fora- MG, no uso de suas atribuições e em pleno exercício de seu cargo e na forma da lei...declara, que Ítalo Paschoal Luiz exerceu o cargo de Professor de Educação Física no extinto Ginásio Bicalho, de Juiz de Fora, nos anos de 1960, 1961, 1962, 1963, conforme registram os livros de ponto do referido estabelecimento, dos anos de 1960, 1961, 1962, 1963, relatórios de educação física de 1960 e relação de corpo docente de 1961, assinada por Marselha Mendes Sallée – Diretora da escola e Professor Jeferson Cunha, Inspetor Federal. É o que cumpre a declarar.
Juiz de Fora, 4 de maio de 1979.
(Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz)

Outro local em que Ítalo exerceu a função de professor de Educação Física foi no Instituto Vianna Júnior. Na transcrição da declaração feita pela escola na década de 1990, é possível conferir as datas de exercício profissional de Ítalo.

Juiz de Fora, 5 de março de 2002

DECLARAÇÃO

DECLARO que ÍTALO PASCHOAL LUIZ, CTPS nº 82.290 série 136^a, trabalhou neste estabelecimento no período de 10/03/1963 a 01/04/1991 na função de professor.
Instituto Vianna Junior Ltda.
(Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz)

Nos arquivos de Ítalo encontramos uma imagem com a seguinte legenda no verso: *novembro de 1979 – Instituto Vianna Júnior*. Interessante perceber que os

⁸⁹O Ginásio Bicalho foi fundado em 1911, pelo capitão Torquato Bicalho e Aúrea Gregonina Bicalho (primeira diretora da instituição). O colégio localizava-se na Rua São Mateus, no bairro de mesmo nome, em Juiz de Fora. A construção foi demolida. Hoje no local funciona o Colégio Equipe. (Fonte: Site do IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=445402&view=detalhes>. Acesso em: 15 dez. 2020.

⁹⁰O Instituto Vianna Júnior localiza-se na Avenida dos Andradas, n.º 415, Centro de Juiz de Fora. O local possui escola de nível fundamental e médio (antigo Colégio São José, atual Colégio Vianna Júnior) e cursos de graduação.

⁹¹O Ginásio Mariano Procópio ficava na Rua Dr. Duarte de Abreu, n.º 44, no bairro Mariano Procópio, em Juiz de Fora. O prédio foi demolido.

⁹²Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, em 2002.

alunos estão com o uniforme do Clube Ginástico. Por ser o mesmo ano da extinção do Clube, talvez alguns alunos do ginástico estivessem realizando atividades nas dependências do Vianna Júnior. Contudo, sabe-se que os alunos do Vianna também frequentavam o Clube Ginástico.

Figura 42 - Alunos do professor Ítalo – Instituto Vianna Júnior - 1979



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

O Instituto Vianna Júnior (Colégio São José), foi o local em que Ítalo ficou mais tempo como professor escolar. Em seu livro, Ítalo faz uma homenagem ao colégio e descreve sua trajetória como aluno do ginásio e do curso de Direito, no qual não chegou a concluir, como professor de Educação Física e de Moral e Cívica:

Foi no antigo Colégio São José de Juiz de Fora que concluí meu curso ginásial em 1943 [...]. No Colégio Vianna Junior recebi o diploma de Técnico em contabilidade. Em seguida, fiz o vestibular para direito, fazendo o curso [...] até a 3ª série. De 1963 a 1990 fui professor de Educação Física e Educação Moral e Cívica. (LUIZ, s.d., p. 81).

Podemos perceber que, além de professor de Educação Física, Ítalo foi também docente da disciplina de Moral e Cívica. “[...] durante 8 anos lectionei essa matéria em vários colégios. Até no Estadual, também. Associação dos Sargentos, no extinto Colégio Bicalho, no São José” (Informação verbal)⁹³. A referida disciplina foi instituída como obrigatória em todos os níveis e modalidades da Educação Brasileira, em meados da ditadura militar, no dia 12 de setembro de 1969, pelo Decreto-Lei 869.

⁹³Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha, em Juiz de Fora, em 2002.

Alguns dos objetivos da Moral e Cívica, segundo o documento, eram: o preparo do cidadão para o exercício das atividades cívicas com fundamento na moral, no patriotismo, o culto da obediência à Lei, a culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições e aos grandes vultos de sua história (BRASIL, 1969). Para Cunha (2002, p. 71, grifo do autor):

O papel da nova disciplina seria preencher o *vácuo ideológico* deixado na mente dos jovens, para que não fosse preenchido pelas *insinuações materialistas e esquerdistas*, suprimindo uma deficiência da educação militar.

Sobre seu ingresso como professor de Moral e Cívica, Ítalo relata que foi por acaso:

Encontrava-me dando aulas de ginástica num pátio anexo às salas de aula de um dado Colégio de Juiz de Fora. Em plena sessão, ouvimos [...] uma confusão [...]. Acabei por ficar estarelecido, ao saber que se tratava de um protesto dos alunos que expulsaram o professor de Moral e Cívica da sala de aula. [...] O diretor retornou à sala, entregando-me um livro com o título Moral e Cívica. Sem que fosse consultado, ele disse para a turma: “Eis aqui o professor de Moral e Cívica”, e retirou-se. Chegando à porta, ele voltou e disse: “Provisório”. Este termo “provisório” durou 8 anos. (LUIZ, s.d., p. 39, grifos do autor).

Ainda segundo o Decreto-Lei 869, a formação do professor de Moral e Cívica seria feita na universidade. Porém, as escolas não poderiam, de forma alguma, deixar de oferecer a disciplina: “enquanto não houver, em número bastante, *professôres* e orientadores de Educação Moral e Cívica, a habilitação de candidatos será feita por meio de exame de suficiência, na forma da legislação em vigor” (BRASIL, 1969).

Não há relato de que Ítalo tenha feito algum exame de suficiência. Mas o fato de ser professor de Educação Física, pode ter impulsionado sua aceitação como docente de Moral e Cívica, devido a pensamentos oriundos do final do século XIX e início do século XX, que associavam a Educação Física a preceitos militares. Essa ligação teve seu início quando a ginástica passou a fazer parte do sistema escolar brasileiro, tendo os militares como principais instrutores (estes já possuíam uma relação com as atividades físicas sistematizadas praticadas nas escolas militares). Dessa forma, é importante salientar que além do discurso médico, o discurso militarista também influenciou as práticas corporais da época, uma vez que os

exercícios eram parte do treinamento militar, impulsionando, inclusive, as primeiras escolas de Educação Física do país. Nesse contexto, disseminou-se então, como objetivos das práticas corporais, o desenvolvimento de qualidades físicas e valores morais intrínsecos aos soldados, como disciplina e coragem e noção de hierarquia (BERCITO, 1996; MELO, 2007). Dessa forma, podemos dizer:

Os militares tiveram grande influência na organização e no desenvolvimento inicial da educação física nas escolas e na sociedade como um todo. Junto aos imigrantes, que chegavam ao país e traziam conhecimentos adquiridos em seus países, fundamentalmente foram os primeiros “professores” da disciplina no país. Mais ainda, desde aquele momento ficava delineada a ação fundamental dos militares na difusão de doutrinas de educação física (métodos ginásticos) e a ligação entre a prática de atividades físicas e visões ligadas ao civismo, patriotismo e “corpo” saudável. (MELO, 2007, p. 115, grifos do autor).

Interessante perceber como Ítalo faz essa associação entre atividades físicas e preceitos militares em uma de suas falas:

A disciplina, o que se dava, o que ensinava. E não estava [...] escrito. É porque tinha que ser assim [...] nós tivemos uma formação moral muito grande, porque o excesso de disciplina é valiosíssimo. Os primórdios ali vêm ensinar desde como você ser um homem, você ser um adulto [...] até fui professor de Moral e Cívica por causa disso. (Informação verbal)⁹⁴

Ainda sobre essa ligação, Ítalo conta que ministrava uma aula de ginástica no *Sport Club* de Juiz de Fora, quando um aluno perguntou: “*mas esse professor é militar? Não tinha nada de militar, eram coisas militares válidas, né?!*” (Informação verbal)⁹⁵.

Apesar desse cenário, em nenhuma fala das fontes consultadas, Ítalo demonstra intenções políticas. Parece que a conexão que ainda se perpetuava entre atividade física e preceitos militares, que talvez tenha ajudado Ítalo a se sentir apto para a função, com a necessidade de aumentar sua renda como professor, contribuíram para que Ítalo aceitasse ministrar as aulas de Moral e Cívica.

⁹⁴Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

⁹⁵Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

Focando agora no trabalho de Ítalo com as aulas de Educação Física escolar, tentaremos nos atentar em como eram realizadas. No trecho abaixo, o professor comenta sobre como eram estruturadas as suas aulas nas escolas:

Sempre, todas as aulas: aquecimento, ginástica localizada, num sistema que eu aprendi no Clube Ginástico. Professor dá esporte, bola? E olha que eu era louco por futebol, fui preparador físico, né?! Não! [...] eu mantive e me sustentei com a ginástica rítmica, calistênica, localizada, só. Em 52 anos de profissão, assim. (Informação verbal)⁹⁶

Apesar do trabalho de Ítalo ser prioritariamente com a ginástica, parecia haver, já naquela época, uma inclinação dos teóricos da área para que se trabalhasse com o esporte da escola. É possível perceber essa tendência em um artigo de 1954 de Inezil Penna Marinho, que segundo o autor foi escrito para:

Chamar a atenção das autoridades competentes para a imperiosa necessidade que existe de serem revistos os atuais programas de Educação Física, dando-se aos desportos o lugar e o papel que lhe cabem como agente de rico teor educativo. (MARINHO, 1954 apud SILVA; MACEDO; GOELLNER, 2016, p. 200).

Ainda segundo o texto de Marinho (1954 apud SILVA; MACEDO; GOELLNER, 2016, p.199):

A maior parte dos *professôres* de Educação Física ainda insiste na sua árida e insípida ginástica, torturando as crianças e adolescentes com séries de movimentos que não lhes interessam. Os desportos já conseguiram, no entanto, ingressar na escola e a estão conquistando dia a dia, paulatinamente, malgrado a oposição que lhe seja feita por *aquêles* que ainda não penetraram convenientemente no seu conteúdo, e não compreenderam o importante papel que lhe cabe desempenhar na vida, sobretudo, do adolescente.

Apesar dessas novas falas sobre o método desportivo, a ginástica continuava a ser o principal conteúdo das aulas de Ítalo. Em seus relatos, o professor comenta sobre ter tido contato com um curso sobre o método desportivo generalizado, em Belo Horizonte, quando ministrava um curso sobre ginástica, dando a entender que essa tendência já era de seu conhecimento: “*Eu fui em Belo Horizonte assisti num curso*

⁹⁶Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, em 2002.

que eles deram paralelo, quando eu estava dando curso para os professores. Tinha lá: método desportivo generalizado” (Informação verbal)⁹⁷.

Apesar da declaração de Ítalo sobre apresentar somente o conteúdo ginástica para seus alunos das escolas, há nos recortes de jornais de seu arquivo pessoal uma notícia do ano de 1960 (data escrita à mão), relatando disputas de futebol entre o Ginásio Bicalho, colégio que Ítalo era professor e o Instituto Granbery, outra escola particular da cidade:

Esporte no Colégio Bicalho: As atividades esportivas no Colégio Bicalho estão tendo grande incremento, graças ao esforço do professor Ítalo Paschoal Luiz, que está orientando com muito acerto e eficiência os alunos do tradicional educandário da rua São Mateus. Sábado, por exemplo, na cancha do Instituto Granbery, houve uma partida de futebol entre as seleções Diurna e Noturna e no domingo cedo prosseguiu o campeonato interno de futebol de salão, com a realização de mais três partidas. (Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz, sem identificação do jornal)

Ainda em relação às aulas de Educação Física escolar, outro interessante fato a ser considerado é o sistema de avaliação da época. Sobre esse tema, Ítalo faz referência a uma espécie de tabela de exercícios. Interessante perceber que a avaliação era baseada no desempenho dos alunos:

Era o exame que faziam nos colégios. Era obrigatório uma vez por ano fazer uma avaliação do aluno e botar na ficha quantas vezes. Tinha uma tabelinha, devia ter guardado isso né? Que especificava os valores daquele exercício. Por exemplo, uma barra valia 19 pontos. Então a gente já fazia duas barras já caía pra 25 e assim progressivamente. (Informação verbal)⁹⁸

Em pesquisa sobre os decretos que regiam as condutas dos professores de Educação Física da época, encontramos o Decreto nº 58.130, de 31 de março de 1966 que vai ao encontro da execução desse sistema de avaliação realizado por Ítalo. Segundo o documento,

Os efeitos dos exercícios serão apreciados anualmente e os resultados consignados em livro ou em fichas biométricas, de *acôrdo* com o *modelo* fornecido pela Divisão de Educação Física.

⁹⁷Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz aos alunos da FACOM-UFJF, em Juiz de Fora, s.d.

⁹⁸Entrevista concedida por Ítalo Paschoal Luiz ao Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior, em Juiz de Fora, em 2002.

Ficam os estabelecimentos de ensino obrigados ainda a inserir no respectivo regimento a *frequência* mínima de 75%, em Educação Física, necessária à prestação do exame final das outras disciplinas. (BRASIL, 1966).

Podemos observar que o esquema de fichas com anotações do desempenho dos alunos nas aulas era obrigatório. Além disso, é interessante perceber que a frequência nas aulas de Educação Física era requisito para a prova final das outras disciplinas.

Para além das escolas, nos anos de 1966 e 1967 Ítalo recebeu convites da Divisão da Educação Física da Inspeção de Belo Horizonte, para atuar no corpo de professores do Reencontro de Aperfeiçoamento e Difusão da Educação Física e Desportos. Ítalo recorda que deu aula sobre ginástica para vários professores de Educação Física que frequentaram o curso na capital mineira: “Quinhentos e três professores frequentaram este curso, onde dei 23 aulas e apesar dos professores estrangeiros, fui o mais solicitado” (LUIZ, s.d., p. 70).

Encontramos em seu arquivo pessoal, um documento disposto no Anexo B deste trabalho e aqui analisado, que parece ser uma apostila do curso idealizada pelo professor. No início da apostila, aparece o título *Cadeira de Ginástica*, identificando a prática corporal pela qual Ítalo ficou responsável. Logo depois, há um resumo do currículo, constando locais onde ele já se apresentou junto ao Trio Brasil e a dupla Lô e Rubi, quando ginasta de força combinada. Interessante perceber que, ao descrever sua trajetória, Ítalo prefere dar destaque as apresentações das pirâmides humanas em vez de referenciar no currículo seu trabalho como docente. Comprovar força e aptidão física pareceu ser mais relevante para justificar sua posição de professor no curso do que destacar, por exemplo, sua história no Clube Ginástico ou sua passagem por instituições escolares.

Ainda na apostila, parece haver uma tentativa em explicar os motivos pelos quais determinados grupos de exercícios estão presentes em detrimento de outros:

Do aquecimento – em qualquer sessão de ginástica o primeiro trabalho físico é o aquecimento; que além de ativar as funções gerais dos órgãos e células, exerce papel preponderante na ativação dos *aparêlhos* respiratório e circulatório.

Dos exercícios assimétricos – a escolha dessa família de exercícios no presente plano de aula justifica-se por estimular o sistema *neuromuscular*, responsável principal a um bom *contrôle* e reflexo do mesmo. (LUIZ, 1966, p. 1).

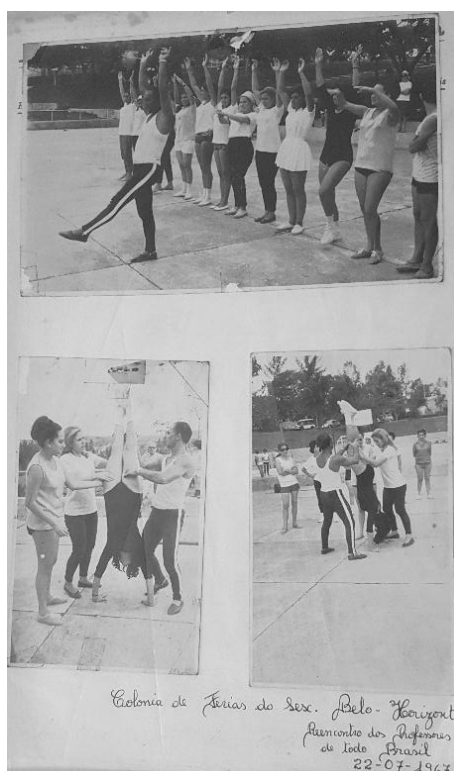
A apostila é dividida em ginástica de solo e ginástica olímpica (de aparelhos). Na primeira, Ítalo apresenta três aulas de 50 minutos e na segunda, duas aulas de 50 minutos. Os exercícios são apresentados, algumas vezes, com expressões usadas na fala, como *'firme'*, *'encaixa'* e a descrição se aproxima muito da forma oral, como se houvesse uma transcrição de tudo que se fala no momento de aula. Há uma preocupação com a evolução dos exercícios, partindo de movimentos educativos, até que se chegue na execução completa:

Exercícios básicos destinados ao estudo das cambalhotas [...]

- a) Oscilação: sentado, agrupar as pernas com pressão dos cotovelos, observar os dedos separados e pulso firme, projetar-se de costas arredondadas, manter os joelhos próximo dos músculos peitorais, tocar com as pontas dos dedos dos pés ao solo, também com as pontas dos dedos das mãos e retornar ao ponto de partida [...]
- f) girar completando o movimento. (LUIZ, 1966, p. 3).

Na Figura 43, podemos ver imagens do professor no referido evento, provavelmente ministrando uma de suas aulas.

Figura 43 - Reencontro de Aperfeiçoamento e Difusão da Educação Física e Desportos em Belo Horizonte - 1967



Fonte: Arquivo pessoal dos familiares de Ítalo Paschoal Luiz.

Mesmo não tendo diploma do curso de Educação Física, Ítalo foi convidado, por dois anos consecutivos, para ministrar um curso para professores. Vale-se dizer que a experiência e a validação de Ítalo como referência na área fizeram com que ele fosse indicado a essa função.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar e refletir sobre o caminho percorrido por Ítalo Paschoal Luiz, em seu tempo de vida, pesquisando sobre seus feitos e suas contribuições relacionados às práticas corporais, talvez tenha sido uma das maneiras mais vivas de se contar sobre um outro presente. Ainda mais se entendermos que em uma trajetória há uma ebulição constante de fatos, que são influenciados por outros e que se tornarão referência dos próximos. Uma vida é feita de contradições, de dúvidas, de relações que se embrenham umas nas outras, de diferentes contextos, de muitas faces e muitas fases, de laços afetivos, de política, de social, de individual. É sempre efervescente. Sua latência se mantém cheia de possibilidades, histórias e revelações.

Dialogando com a trajetória de Ítalo nos espaços de Juiz de Fora, foi possível iluminar a história de parte dos movimentos da população juiz-forana em prol das práticas corporais, refletindo sobre importantes locais que possibilitaram o desenvolvimento dessas práticas na cidade. Pelas lentes de Ítalo, lembramos, com a luz de nosso presente, locais que já não existem em nossa contemporaneidade, como, por exemplo, o Clube Noronha, o Clube Ginástico, a Academia Ítalo Paschoal Luiz, o Colégio Ginásio Bicalho, o Colégio Mariano Procópio, a TV Industrial, o Clube Caiçarás, dentre outras importantes instituições.

Desde criança, Ítalo envolveu-se de alguma forma com as práticas corporais que na época, já se manifestavam na cidade. Tais vivências foram significativas para sua constituição como professor. Dessas influências, podemos citar as pirâmides humanas praticadas no Clube Noronha, as apresentações dos trapezistas nos circos, sua passagem pela Casa D'Itália Juiz de Fora, passando pelas peladas de rua e pelo jovem Ítalo e suas experiências iniciais como aluno no Clube Ginástico. O professor nunca cursou escola de Educação Física e fez parte do grupo de profissionais que conquistava sua aprendizagem pela prática, em um momento em que mesmo com o curso de Educação Física já sendo obrigatório (1941 para instituições públicas e 1943 para instituições particulares), não havia professores formados suficientes para dar conta da demanda exigida, inclusive e, especialmente, na cidade de Juiz de Fora. Ítalo serviu ainda, como exemplo e referência para que algumas pessoas que frequentaram suas aulas, seguissem o caminho da Educação Física. Dentre eles, estão *Rommel Jaenicke*, Hamlet Pernisa e Roberto Bassoli, antigos docentes da FAEFID-UFJF.

Como aluno e depois professor do Clube Ginástico, Ítalo dedicou-se intensamente à ginástica de aparelhos e a calistenia. Através de sua motivação pessoal pela busca de conhecimento e por influência de novos métodos, levou sua prática adiante, mesmo depois do fechamento do Ginástico, em 1979, passando a ministrar aulas em sua academia, a partir de 1980, sendo considerado precursor da ginástica localizada em Juiz de Fora e um dos pioneiros na criação de uma academia de ginástica na cidade. Além disso, a Academia Ítalo Paschoal Luiz contribuiu de forma ativa para o movimento de participação feminina nas práticas corporais em Juiz de Fora.

Por meio das suas apresentações, Ítalo circulou por diversos espaços de Juiz de Fora, abarcando a dimensão de espetáculo da atividade física, exibindo-se em diversos locais, tanto com as pirâmides humanas, quanto com seus grupos de alunos e ainda como profissional, nos picadeiros dos circos. O professor levou ainda seu método ginástico para os clubes de futebol de Juiz de Fora, realizando adaptações nos treinos e conquistando vários títulos com as equipes, destacando-se como preparador físico. Como professor de Educação Física nas escolas, a ginástica era seu principal conteúdo. Nas instituições escolares, dedicou-se ainda a ministrar aulas de Moral e Cívica.

Ítalo representou, em determinado recorte temporal, um meio de perpetuação das práticas corporais juiz-foranas. Pode-se dizer que o professor se enxergava como uma importante figura na geração, sustentação e difusão da Educação Física e da ginástica. Dessa forma, usou vários artifícios para legitimar seu trabalho em âmbito municipal, tentando garantir seu prestígio e reconhecimento na cidade, visando consolidar-se como uma autoridade na área, tanto para seus contemporâneos, como para a posterioridade.

A análise histórico-biográfica da trajetória de Ítalo Paschoal Luiz permitiu ampliar nossas compreensões sobre o desenvolvimento das práticas corporais em Juiz de Fora, relacionadas ao caminho percorrido pelo professor. Para finalizar essa reflexão, é preciso deixar claro que, apesar das nossas colocações, não há aqui o intuito de esgotar as possibilidades de investigação e muito menos, compactuando com Bourdieu (2006) a ilusão de reconstituir a totalidade da vida de Ítalo, encaixando os episódios de seu caminho em uma relação de causa e consequência. A partir daqui, é possível que outros cristais de acontecimentos reacendam novas luzes, em cada futuro presente, possibilitando que outras pesquisas destinem novos questionamentos

às práticas corporais da cidade de Juiz de Fora, permitindo que demais significações à trajetória de Ítalo Paschoal Luiz sejam incorporadas.

REFERÊNCIAS

- ANDERÁOS, Margareth. **A reorganização da formação profissional em educação física no Brasil**: aspectos históricos significativos. 2005. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BERCITO, Sônia de Deus Rodrigues. Educação Física e construção nacional (1932-1945). *In*: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). **Pesquisa histórica na Educação Física**. Vitória: UFES, 1996. p. 145-234.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.
- BRAGA, Arides. **Futebol, futebolistas e etc**. Juiz de Fora: Esdeva Empresa gráfica S.A., 1977.
- BRAGA, Virna Ligia Fernandes. *In*: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de (org.). **Vivendo a história**: novas pesquisas. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 1.212, de 2 de maio de 1939**. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/De1212.html. Acesso em: 10 mar. de 2021.
- BRASIL. Decreto nº 58.130, de 31 de março de 1966. Regulamenta o art. 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 5 abr. 1966.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no país, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 15 set. 1969.
- BRUM, Matheus. **Tupi “fantasma do mineirão” e Sport “campeão do centenário de JF”**. São Paulo: *Lisbon International Press*, 2019.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. *In*: PETER, BURKE (org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p.7-37.
- BURKE, Peter. **A escola dos Analles (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. **A educação física no Brasil: a história que não se conta**. 14. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

CORRÊA, Cláudia Xavier; ZACARON, Ricardo Campos. A Explosão das academias de ginástica em Juiz de Fora. *In*: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos (org.) **Educação Física: memórias e narrativas em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 2003. p. 369-374.

CUNHA, Luiz Antônio. **O golpe na educação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Ítalo Paschoal Luiz: uma vida dedicada à ginástica em Juiz de Fora. *In*: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos (org.) **Educação Física: memórias e narrativas em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 2003. p. 369-374.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MORORÓ, Anderson; JAKELINE, Duque de Moraes Lisboa; SOARES, Priscila Gonçalves. Esporte e práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). *In*: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da (org.). **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 11-30.

COSTA, Marcelo Gomes da. **Ginástica localizada**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GERHEIM, Geraldo. **Retrospectiva do futebol em Juiz de Fora: 1918-1978**. Secretaria de Educação, Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, 1978.

GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95-117, out./dez. 2013. ISSN 1982-8918. DOI 10.22456/1982-8918.37530. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/37530>. Acesso em: 25 ago. 2020.

GONÇALVES, Cleber Augusto; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 249-271, jul. 2009. ISSN 1982-8918. DOI 10.22456/1982-8918.4557. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/4557/5836>. Acesso em: 24 ago. 2020.

GOODSON, Ivor Frederick. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, Antônio (org.). **Vida de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 2013. p. 63-78.

GRAZINOLI, Paula Jenevain. **Feio, belo, complexo cotidiano**. Juiz de Fora: Editar Editora, 2012.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: diários biográficos. *In*: NÓVOA, António (org.). **Vida de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 2013. p. 79-110.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 133-161.

LIMA, Henrique Espada. Micro-história. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 206-223.

LIMA, Maurício. **Blog Maurício resgatando o passado**. Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/>. Acesso em: 10 maio 2020.

LISBOA, Jackeline Duque de Moraes. *In*: LISBOA, Jackeline Duque de Moraes. **Turnerschaft**: Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909-1979). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

LISBOA, Jackeline Duque de Moraes; CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **Turnerschaft**: Clube Gymnastico Juiz de Fora (1909-1979). Juiz de Fora: UFJF, 2011.

LISBOA, Jackeline Duque de Moraes. **O divertimento nos espaços associativos de imigrantes alemães e teuto-brasileiros em Juiz de Fora - MG**: do último quartel do séc. XIX ao fim da II Guerra Mundial. 2017. Tese (Doutorado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LISE, Natasha Santos *et al.* Viajando em torno de Pelé: construções literárias do “rei” – biografia, autobiografia e roteiro cinematográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 363-378, jan./mar. 2017. ISSN 1982-8918. DOI 10.22456/1982-8918.63088. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/63088/41038>. Acesso em: 5 abr. 2020.

LISE, Riqueldi Straub *et al.* A biografia escrita por Reila Graice e as fontes jornalísticas: revisando a história hegemônica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1149-1160, out. /dez. 2017. ISSN 1982-8918. DOI 10.22456/1982-8918.65100. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/65100/46214>. Acesso em: 5 abr. 2020.

LUIZ, Ítalo Paschoal. **Crônicas – a vida, histórias do preparador físico**: Ítalo Paschoal Luiz. Juiz de Fora: Editora B.M.W. [s.d.].

LUIZ, Ítalo Paschoal. **Entrevista concedida a Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior**. Juiz de Fora, 2002.

LUIZ, Ítalo Paschoal. **Entrevista concedida aos alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora**. Juiz de Fora, [s.d.].

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da educação física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, DF, v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013. ISSN 0103-1716. Disponível em:

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/4303/2763>. Acesso em: 5 abr. 2020.

MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e métodos de Educação Física**. 5. ed. São Paulo: Cia Brasil Editora, 1975.

MATTA, Marcelo de Oliveira; MATTA, Regina Campos. Futebol de Juiz de Fora: a procura de uma identidade. *In*: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos. (org.). **Educação Física: memórias e Narrativas em Juiz de Fora**: UFJF, 2003. p. 273-286.

MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte do Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MERIDA, Fernanda; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MERIDA, Marcos. Redescobrimo a ginástica acrobática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 155-180, maio/ago. 2008. ISSN 1982-8918. DOI 10.22456/1982-8918.5755. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/5755>. Acesso em: 5 abr. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Carlos Alberto Camilo *et al.* Um pouco da história do curso de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora. *In*: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos (org.) **Educação Física: memórias e narrativas em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 2003. p. 21-47.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. *In*: NÓVOA, Antônio (org). **Vida de professores**. 2. ed. Portugal: Porto, 2013. p. 11-30.

OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcântara de; OLIVEIRA, Alexandre Luis de. Sedução e desafios da biografia na história. **Faces de Clio**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, 2015. ISSN 2359-4489. Disponível em:

<https://periodicos.ufff.br/index.php/facesdeclio/article/view/26427>. Acesso em: 5 abr. 2020.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 249-272, dez. 2006. ISSN 0102-0188. DOI 10.1590/S0102-01882006000200011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n52/a11v2652.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PILETT, Nelson. Fernando de Azevedo: da Educação Física às Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 37, p. 81-98, 1994. ISSN 2316-901X. DOI 10.11606/issn.2316-901X.v0i37p81-98. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/71118/74085>. Acesso em: 6 maio 2020.

RESGUARDO, Maria do. **Blog Maria do Resguardo**. Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <https://www.mariadoresguardo.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SÃO PAULO. **Decreto nº 4.855, de 27 de janeiro de 1931**. Cria o Departamento de Educação Physica, subordinado à Secretaria do Interior. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1931/decreto-4855-27.01.1931.html>. Acesso em: 10 de dez. 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-20.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. *In*: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloisio de Oliveira (org.). **Narrar o passado, repensar a história**. 2. ed. Campinas, SP: IFCH, 2014. p. 191-202.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

SILVA, André Luiz dos Santos; MACEDO, Christiane Garcia; Goellner, Silvana Vilodre (org.). **Inezil Penna Marinho**: artigos publicados no Jornal dos Sports. Porto Alegre: Grecco, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física**: raízes europeias no Brasil. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOARES, Priscila Gonçalves; CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira. Índícios das práticas corporais em juiz de fora\ mg (1876-1886) através do jornal “pharol”. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2009, Salvador, Bahia, Brasil. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador, 2009. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/view/1650/843>. Acesso em: 18 jan. 2021.

SOARES, Priscila Gonçalves; MORORÓ, ANDERSON. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/MG. **Record**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-17, dez. 2011. ISSN 1982-8985. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/101059_recordeV4N2_2011_17.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

SOUZA NETO, Samuel de; ALEGRE, Atilio de Nardi; HUNGER, Dagmar. A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan. 2004. ISSN 0101-3289. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/230>. Acesso em: 10 mar. 2020.

TAVALER, Salo; COSTA, Vera Lúcia de Menezes. Biografia em Educação Física: sua problemática e abrangência. **Revista de Educação Física**, UEM, Maringá, v. 21, n. 2, p. 313-320, 2010. DOI 10.4025/reveducfis.v21i2.6780. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/6780/6063>. Acesso em: 10 mar. 2020.

TESTA, Roney Augusto. **Blog Recordar o Tupi é viver**. Juiz de Fora, 2003. Disponível em: <https://recordartupi.blogspot.com/p/o-fantasma-do-mineirao.html>. Acesso em: 20 mai. 2020.

TESTA, Roney Augusto. **Tupi Foot Ball Club - A repentina explosão dos carijós: uma história de luta, paixão e raça**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Salgado Filho, Juiz de Fora, 2007.

TOLEDO, Eliana. **A legitimação da ginástica de academia na modernidade: um estudo da década de 80**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TIZONI-REIS, Marília Freitas Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Brasília: UNB, 1995.

ANEXO A – Currículo escrito por Ítalo Paschoal Luiz

Doravante
Academia de Ginástica
ÍTALO PASCHOAL LUIZ
Desenvolvimento - Coluna - Obesos - Homens - Mulheres - Crianças
Rua Prof. José Spinelli, 106 - Fone 215-1114 - Bairr - 38.100 - Juiz de Fora - Minas Gerais

Ítalo Paschoal Luiz - Nasceu 15 de fevereiro de 1927,
juiz de Fora - M. Gerais.
Filho de Paschoal Luiz, italiano (compante, comerciante e
Av. Maria do Carmo Xavier Luiz.

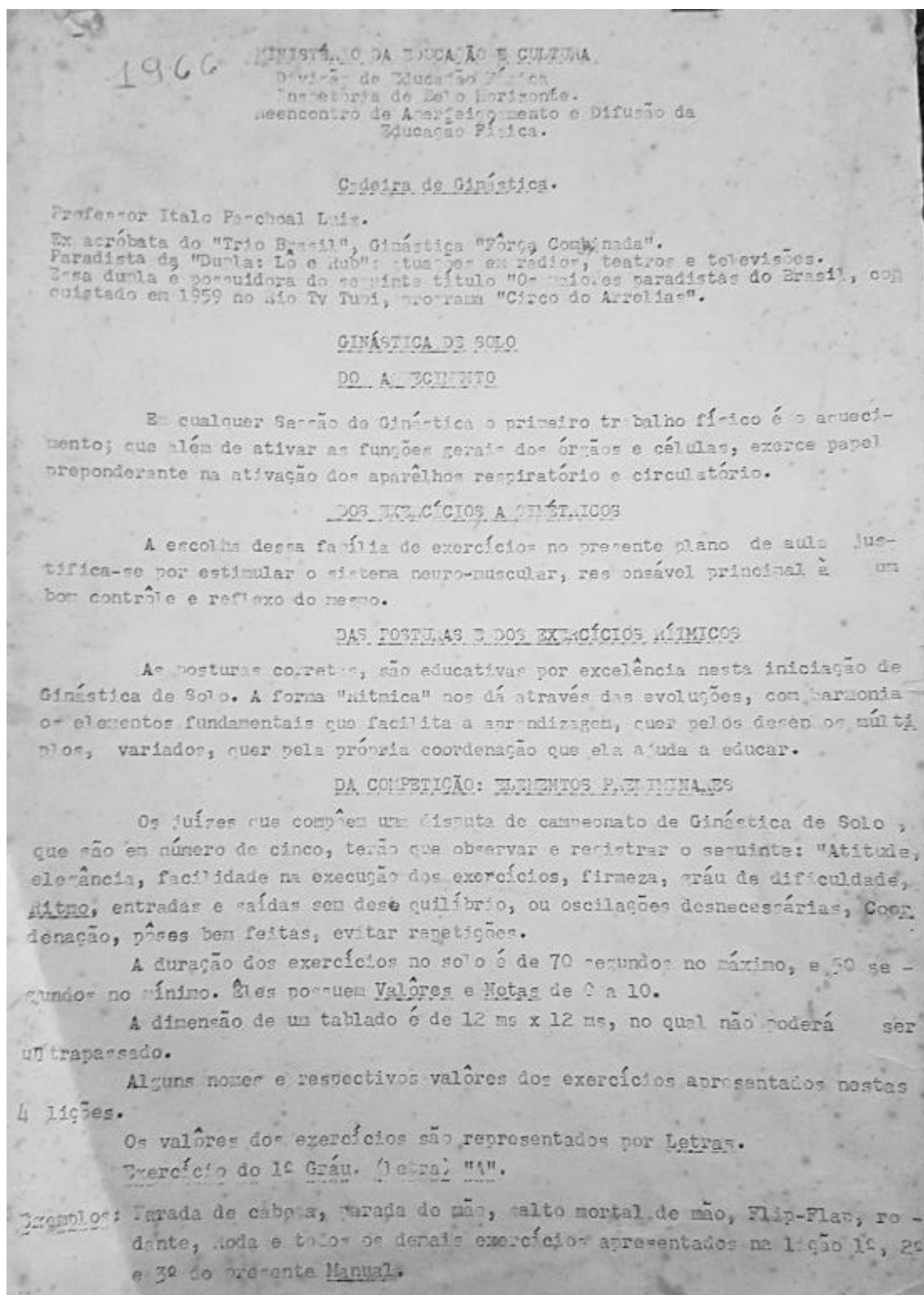
1º Curso Primário: Casa D'África
2º " " Básico: Machado Sobrinho
3º " " Técnico em Contabilidade Instituto Vienna junior.
4º " " Faculdade de Ciências jurídicas e Sociais Vienna junior - 2ª série Direito.
Histórico:
Iniciou a prática ginástica aos 13 anos de idade por conta própria,
e em 1947 foi aluno do Prof. Luciano Evangelista no Clube Ginástico
juiz de Fora. Em 1950 foi aluno do mesmo e passou a dirigir
aulas de Ginástica Olímpica: cano de pau, paralelos, barra - fixa
e aparelhos ginástico de solo.
Em 1956 foi Preparador Físico do Jupy & Clube onde conquistou
os seguintes Títulos de Campeão: 1956-1957-1958 e 1959,
1963-1964-1965-1966-1969.
No Supramonta: 1960-61 e 1962. No Sport Clube: 1967, 1968 e
1982.
Foi Preparador Físico da Seleção Mineira em 1960 e 1982.
Participou como sparring da Seleção Brasileira de Foot. Ball,
conquistando o título: O fantasma de Neimeiro.
Participou do Juro - Brasil, Ginástica e Aeromidas - humanas,
e dupla de Juro - combinada com o título: Os maiores
paradistas do Brasil na TV Itacolmi em Belo - Horizonte.
Além de atuar na TV Alterosa, TV Rio e TV Juy do Rio
de janeiro.
Conquistou Título de Louver em 30-3-63 - Prefeitura Municipal
de Juiz de Fora. Campeão de Ginástica de aparelhos, em Belo
Horizonte. Outro Título de Louver com apresentações públicas
nos salões de Santa Dumont, Parabeiras, Pádo - Horizonte
Rio de janeiro em 20/3/1964.
Melhor no Nêrito, melhor Preparador Físico de Juiz de Fora em
1967, Pádo Industrial de Juiz de Fora.
Melhor no Nêrito, melhor Preparador Físico - 1968

Educação

Recebi dois Diplomas do Ministério de Cultura de M. Gerais
1966 e 1967, onde dei aulas para todos os Professores
de Educação Física do Brasil.
Possui da Tribuna da Tarde e Radio Solar: Destaque
Esporivo em 16-12-1991.
Recebi: Título: Cidadão Benemerito em 28-10-1987
" Honra ao Mérito da Academia de Letras e
Preparador de Nêritos Gerais - maio de 1994.
Publicou os seguintes livros de sua autoria.
1º Crônicas: " A vida, histórias do Preparador Físico
Ítalo Paschoal Luiz; em 23/10/1994
2º Crônicas: " O último, espiritualismo e fenômeno,
3º " " " Quebra - cabeça com palavras e histórias - 5-11-95
4º " " " Ginástica Rítmica para ambos os sexos e
idades; foi revizor e livro será lançado.
5º Livro: " Frases, Provérbios e Provérbios de autores famosos.
Co - autor, será lançado. → Hoje: 14 de fevereiro - 2011. Este
foi lançado no site site do Instituto Vienna junior

1º biografia
2º pesquisa
3º poema
4º a literatura
5º história

ANEXO B – Apostila idealizada por Ítalo no Reencontro de Aperfeiçoamento e Difusão da Educação Física em 1966



Exercícios de 2º Grau. (letra) "B".

Exemplos: Desce da parada de mão para os cotovelos e retornar à parada de mão. Se o ginasta apenas descer da parada de mão e não retornar, considera-se letra "A". Vários encontrar outro exemplo de letra "B", na 1ª Lição: Mata-borrão com elevação das pernas "Parada".

Exercícios de 3º Grau. (letra) "C".

Exemplos: Parada Pranchada, Prancha, Livre, Parada num só braço vertical.

1ª SESSÃO DE GINÁSTICA DE SOLO

Duração: 50 minutos.

1. Aquecimento: Acelerado moderado, linhas sinuosas, ao sinal do comando flexionar as pernas com impulsão eruer os braços na vertical e horizontal sucessivamente.

2. Formação coluna por 1: Numerar 1-2-3-4, ou semi círculo de coluna por 2.

3. Exercício assimétrico de oscilações de braços e impulsões de pernas.

Execução: - Saltitar no mesmo lugar com as pernas juntas, braço esquerdo frente, direito à vertical. Vira e versa. 10 Movimentos.

4. Estudo elementar dos braços em afastamento lateral, flexões das pernas, costa reta.

Execução:- Firme. Afastamento lateral e flexão da perna esquerda com os braços na horizontal 1º, extensão da perna esquerda e braços na vertical 2º, flexão da perna esquerda com braços na horizontal 3º, voltar os braços e unir as pernas para o firme 4º, pular com novo afastamento lateral com tronco na costa reta 5º, com impulsão das pernas retornar ao firme 6º, flexionar o tronco sem dobrar o tronco, sem dobrar as pernas colocando as mãos ao solo 7º, regressar o tronco ao firme 8º.

Observações: Realizar do mesmo modo à direita, 2 repetições.

5. Grãos no Solo. Pequena série educativa.

Execução:- Firme. Deitar de costas sem o uso das mãos levando os braços e pernas atrás 1º, erguer o tronco e retornar as pernas à frente e estabelecer equilíbrio sobre as nádegas mantendo as pernas juntas em pequena elevação e braços abertos 2º, apoiar a cabeça nos joelhos 3º, vela com tripé de cotovelos 4º, desfazer a vela com rodízio de todo corpo com eixo na cintura ao apoio ventral "livre" 5º, desfazer esta posição girando as costas no solo 6º, formar uma "tesoura" com as pernas ao alto 7º, unir as mesmas dobrá-las e num só tempo levantar-se em pé 8º.

apóio facial: -

Execução: -a) Impulsão dos pés com elevação dos quadris trazer as pernas esticadas e afastadas, próximas das mãos 1º, retorná-las com repouso dos ombros e quadris para o apoio facial. 10 movimentos.

- b) O passo do anterior com diferença das pernas juntas e esticadas.
 c) De apoio facial passar as pernas dobradas entre as mãos e sentar, retornar as pernas do mesmo modo para o apoio facial.

7. De apoio dorsal:

Execução: - Sentado. Agrupado lançar as pernas esticadas ao apoio dorsal 1º, girar o corpo pelo lado esquerdo para o apoio facial 2º, mais só giro a tempo passar para o lado direito facial 3º, retornar com apoio lateral em equilíbrio no braço esquerdo mantendo o braço direito livre 4º, retornar com o corpo sustentado pelo braço direito 5º, voltar ao apoio dorsal 6º, agrupar as pernas 7º, sentar 8º.

8. Exercícios básicos destinados ao estudo das cambalhotas para trás e para frente.

Execução, para trás: -

- Oscilação: Sentado, agrupar as pernas com pressão dos cotovelos, observar os dedos separados e pulso firme, projetar-se de costas arredondadas, manter os joelhos próximo dos músculos peitorais, tocar com as pontas dos dedos dos pés ao solo, também com as pontas dos dedos das mãos e retornar ao ponto de partida.
- Girar de costas completando o movimento.
- Oscilação idêntica ao da letra "a", apenas com as pernas separadas.
- Girar de costas completando o movimento.
- Oscilação idêntica ao das letras "a" e "c", porém, com as pernas juntas.
- Girar completando o movimento.

9. Quedas: a) Cair de costas e completar a cambalhota, em pé, pernas dobradas.
 b) " " " " " " " " " " " " " afastadas.
 c) " " " " " " " " " " " " " juntas.

10. Salto de Peixe.

11. Rolamento à frente: -

Execução: -a) pernas dobradas (mãos ao solo).
 b) " abertas (" " ").
 c) " fechadas (" " ").
 d) girar com as mãos aos tornozelos.
 e) " sem o apoio das mãos.

2ª SESSÃO DE GINÁSTICA DE SOLO

- Aquecimento: Acelerado moderado, caracol, ao sinal de comando pular dobrando os joelhos à altura dos ombros tocando as mãos aos pés.
- Formação coluna por 1. Numerar de 1-2-3-4, ou semi círculo coluna por 2.
- Exercício assimétrico com oscilações de braços e impulsão das pernas: horizontal e vertical.
- Exercício Suplementar dos braços em afastamento lateral, flexão do tronco à frente.

Execução: - a) Pular em grande afastamento lateral braços no plano horizontal.

-4-

tal 1º, tocar de cotovelos com braços cruzados ao solo com in-
clinação do tronco 2º, girar o tronco para o lado esquerdo -
com as mãos no mesmo pé e tocar a cabeça sem dobrar a referên-
da perna 3º, girar o tronco para o lado direito idêntico ao
número 3, 4º, voltar à frente com inclinação do tronco e mãos
ao solo 5º, voltar do afastamento lateral numa repulsão conjun-
ta de braços, tronco e pernas 6º:.

5. Do apoio facial.

- Execução: - a) Cal. com o corpo teso ao solo 1º, passar as pernas dobradas -
ao apoio dorsal 2º, retornar as pernas entre as mãos para o -
apoió facial 3º.
- b) Proteção rívida do corpo ao solo flexionando em forma de anof-
tecimento, regressar com impulsão dos braços e repulsão das
pernas esticadas.
- c) Do apoio facial passar com as duas pernas esticadas em flanco
lateral pela esquerda e direita respectivamente, ao dorsal.
- d) Do mesmo apoio passar em "Gratch" para apoio dorsal.

6. Quarto grau de solo: - Equilíbrio sobre a cabeça. Parada de três apoios.

- Execução: - a) Estudo: Da posição de cócoras apoiar as mãos no solo (tripé)
com a cabeça, aproximar os calcanhares na zona glútea,
e elevar os quadris com as pernas agrupadas, manter equi-
librado nesta posição, voltar de cócoras.
- b) Da posição de cócoras apoiar as mãos ao solo agrupar com subi-
da a tempo ou força.
- c) De cócoras, uma perna esticada ao longo do corpo e a outra -
procurar seguir a da vertical (a tempo ou lento).
- d) Subir com as pernas abertas e esticadas.
- e) " " " " fechadas e esticadas.
- f) Parada de cabeça com rolamento à frente.
- g) " " " " " atrás.
- h) " " " " ângulo reto e voltar a parada.
- i) " " " " " (saltar de cabeça).

7. Parada de mão, dois apoios "a tempo". -

Observações:

- 1) - Distanciar de um palmo de dedos polegares, de cada mão.
- 2) - Dedos separados e ligeiramente para fora.
- 3) - Cabeça sempre erguida (Long).
- 4) - Contração de pernas, dos músculos: dorsais, lombares e re-
nais.
- 5) - Colocar o melhor possível os braços próximos da cabeça con-
traindo os músculos do trapézio; isto é dizer: "Encaixa".
- 6) - Treinamento aconselhável na parede com revezamento dos pés
encostados, depois de conseguir manter-se "Plantado de ban-
neira".

8. Da parada de mão a tempo:

Execução: - a) Treinamento das passadas com oscilações de braços.

- b) Braços na vertical perna esquerda à frente, inclinação do tronco, mãos ao solo arremesso da perna direita para o alto "vertical", seguido da esquerda que servia de apoio. Defesa dos dois lados.
- c) Idem, com os braços na linha horizontal, ou à frente.
- d) Posição do "corredor", levantamento dos quadris, lançamentos simultâneos da perna para a vertical e, descida pelo mesmo processo, após ter tentado o equilíbrio.
- e) Parada de lado, com ou sem tesouras.
- f) " com rolamento à frente (em pé).
- g) " " ponte de braços.

3ª SESSÃO DE GINÁSTICA DE SOLO

Duração: 50 minutos

1. Aquecimento: Acelerado moderado, elevação alternada de joelhos e braços na vertical com impulsão de pernas.
2. Formação coluna por 1: Numerar 1-2-3-4, ou semi-círculo coluna por 2.
3. Estudo de exercícios elementares utilizando impulsões de pernas cruzamento de braços em torno do tronco e afastamento lat. e p. polichinelo.
 Execução: - Saltitar com os pés (2 pulsos cada vez) simultaneamente - cruzar os braços à frente, separar as pernas com braços na horizontal no tempo 3, tornar ao firme no tempo 4, polichinelo 5, regressar no tempo 6 ao firme.
4. Estudo das oscilações do tronco com apoio facial.
 Execução: - Flexão do tronco pernas esticadas e mãos ao solo 1º, impulsão do tronco para o apoio facial 2º, retornar com repulsão dos quadris e impulsão dos braços mãos aos pés 3º, levantar o tronco 4º.
5. Do apoio facial.
 Execução: - a) Do apoio facial rolamento à frente agrupado em pé.
 b) " " " " " " " pernas esticadas.
6. Pecueira série educativa.
 Execução: - Do apoio facial rolamento à frente pernas esticadas ficar de costas ao solo 1º, vira nos ombros mãos livres 2º, agrupar e ajoelhar atrás com mãos ao solo e, em seguida erguer os braços 3º, salto de joelhos 4º.
7. Roda ou Estrêla Quarto Grau:
 Execução: - a) Estudo em câmara lenta de M.E- M.D- P.D- P.E. Vico e verea.
 b) " utilizando-se de um círculo.
 c) " " " uma corda.
8. Prancha facial ou Avião Quinto Grau.
 Execução: - a) Mãos ao solo, perna esquerda semi-esticada, erguer o tronco subindo simultaneamente a perna direita valendo-se dos braços como auxiliar de equilíbrio ao longo do tronco: -

e) Idem, como o anterior, porém, saindo com o pé esquerdo ; direito e impulsionar com os dois. Observar os braços na elevação vertical.

EXERCÍCIOS PARA SEREM DISPUTADOS ENTRE FILEIRAS.

- 1º - Queda de costas com rolamentos atrás e pernas separadas, o manter-se na costa reta 1º, parada de cabeça com pernas abertas e esticadas 2º, rolamento à frente em pé 3º.
- 2º - Queda de Oitava com pernas ^{juntas} e esticadas para o avião 1º, parada de cabeça pernas fechadas 2º, rolamento à frente em pé 3º.
- 3º - Queda à frente esticado com ligeira flexão dos braços como amortecimento da queda 1º, impulsão de braços com repulsão das pernas passando-se por entre os braços (pernas dobradas) 2º, conduzir as pernas para trás e executar o "Salto de Molas".
- 4º - Roda com meia virada 1º, salto de peixe com rolamento à frente 2º.

1ª SESSÃO DE GINÁSTICA DE APARELHOS

"OLÍMPICA"

Cavalo de pau (Alças)

Duração: 50 minutos.

Salto.

1. Oscilações de passadas: Do firme o ginásta sai com a perna esquerda à frente, direita, no terceiro impulsiona as duas.
 2. Salto "hoche": Agrupado, depois das passadas "correndo", o ginásta afirma as mãos nas alças e passa as duas pernas por entre as mãos, flexiona a seguir as pernas mantendo o tronco erécto, com os braços no sentido horizontal, ou vertical. Firme.
- Observação: - Todos os demais saltos: as saídas obdecerá esta "Atitude", descrita acima.
3. Salto "Gratch": Pernas separadas sôbre o corpo do cavalo, levantar o tronco com os braços abertos desenquilha-se ao solo.
 4. Salto Flanco pranchado esquerdo: basta "Distribuir" o pêso do corpo, - para o braço que apóia.
 5. Salto "Gratch". Passar direito.
 6. Salto Flanco pranchado direito.
 7. Salto Flanco esquadro esquerdo: distribuição de pêso e giro de tronco.
 8. Salto Flanco esquadro direito: " " " " " " "
 9. Salto Flanco dos joelhos.
 10. Salto Rolamento ventral à frente.
 11. Salto de peixe.
 12. Salto "Stich Hoche" pranchado.
 13. Salto Balanço ventral e passar em Hocke.
 14. Salto Balanço ventral e ficar com as pernas abertas sôbre o cavalo.
 15. Salto Balanço ventral Gratch passando.
 16. Salto Mortal agrupado e ajoelhado sôbre o cavalo.
 17. Salto Mortal esquadro.
 18. Parada de mão saída de "Uberchlag".

EXERCÍCIOS SERIADOS (parado)

1. segurar as alças "stuts"; Firme. Passar as duas pernas por entre as mãos firme à frente, voltar novamente, distribuir o pêso do corpo para o braço direito, passar a perna esquerda à frente, retorná-la; executar o mesmo com a perna direita e retorná-la, esquerda à frente, direita também: - saída.
2. Exercício: - Entrar por fora com a perna esquerda à frente, meio giro de tronco para a direita, balançar as duas pernas três vêzes, no quarto tempo regressar a perna esquerda no corpo do cavalo; Idem com a perna direita ;

- saída de "Hocke", isto é, pernas dobradas por entre as alças.
3. Exercício: - Idem, como o de cima, apenas, balançar uma vez para cada lado, com quatro balanços, "Montada" sobre a alça esquerda com saída flanco com esquadro.
4. Exercício: - Passar as duas pernas pelo lado esquerdo, voltar a perna direita a seguir a esquerda, passar as duas pela direita, voltar a esquerda a seguir a direita; saída flanco pranchado.

2ª SESSÃO DE GINÁSTICA DE APARELHOS

"OLÍMPICA"

Barras e Paralelas

Duração: 50 minutos.

1. Passadas de braços e corpo esticado (Educativo corretivo).
2. Balanços de axilas (3), sentar no quarto balanço com pôse num só banzo, saída de frente para o mesmo banzo.
3. Entrada pelo meio das barras com elevação dos quadris separando as pernas esticadas sobre o mesmo, com saída de meio giro de tronco pela direita, perna direita flexionada, mão direita virada, mão esquerda livre, pular do aparelho.
4. Ângulo reto no meio do aparelho por baixo, vela, completar o giro para trás.
5. Entrada correndo acima pelo meio com balanço de axilas, subida atrás por puchada de braços e impulsão de pernas "Schwungstemme", balançar à frente com apôio nos braços estendidos, saída atrás em flanco.
6. Subida Oitava a tempo com descida de esquadro lento.
7. Subida com reversão do tronco e cruzada de pernas pelo lado de fora das barras, ou melhor pelo banzo da paralelas: "Stuts": Firme, 2 flexões de braços, passar o pôso do corpo para o braço direito, descidas em ângulo reto de dentro das barras.
8. Subida de rins por fora, com descida.
9. Subida na ponta da paralela separando as pernas sobre os banzos, postura com braços abertos, colocar os ombros sobre os mesmos com elevação dos quadris executar a parada denominada de "ombros", descida à frente com a cintura dobrada. Firme.
10. Estudo da parada de ombro a tempo com descida pranchada atrás. Firme.
11. Entrar correndo pulo ao meio de axilas, dobrar a cintura, tronco ao nível das barras, pernas esticadas com os próximos da cabeça, impulsar as pernas para cima numa linha inclinada realizar uma puchada rápida de braços, formando o "Kipper" apôio ou subida de "Bico", parando nos ombros caída dos ombros pranchada, nova subida do bico, com saída atrás com batida da perna direita no banzo pelo lado de fora, girar o tronco para dentro do aparelho completando a saída.

ANEXO C – Entrevistas

Entrevista 1: ÍTALO PASCHOAL LUIZ – feita em 2002 pelo Prof. Dr.
Carlos Fernando F. Cunha – conteúdo não publicado

Áudio 1:

I – Agora eu sou um artista? Você tá gravando...

(INAUDÍVEL)

E – Bom então, eu queria o senhor começasse falando um pouco... sei que o senhor nasceu em 1927, né? E... queria saber primeiro o que faziam os seus pais, qual era a origem deles? Eles eram, tinha família italiana? Se eram daqui... Queria que o senhor falasse um pouco sobre isso.

I – Não, meu pai era italiano, né? Veio da Itália e era comerciante, e tive ...é... nessa experiência de comércio, ele queria que eu fosse um comerciante, um contador, e a vontade dele era vencer na vida como todo mundo, né? E... de maneira que ele me incentivava muito pra estudar. É, e... fazia aquelas coisas lá, antigamente você sabe... era problema de... não tinha gás, era lenha. Eu vinha rachar a lenha, peguei um machado e comecei a “pá” fazer força, achava que... E em uma reportagem do (NOME EM INGLÊS), campeão mundial de (INAUDÍVEL).

E – Certo

I – Então ele disse que o segredo da força dele era o machado, era o treinamento básico dele. Ai eu inspirado naquilo... Eu queria ganhar força, pra que eu não sabia...

E – Isso com quantos anos?

I – Isso com doze anos. Doze treze anos. Mas antes eu tive uma ... e gostava de público, engraçado, gostava de radinho, de apresentações. Interessado, muito envolvido por isso. E apresentei duas peças no teatro central. Fiz um papel de (NOME INGLÊS), depois de Napolitan, italiano, né? Estudava naquela época... era o seguinte, eram duas horas de português, duas horas de italiano... treinando. Comecei com seis anos... E tinha facilidade para línguas.

FALANDO JUNTOS

E – O senhor estava onde essa época?

I – Casa de Itália. Era na na na avenida... na rua quinze de novembro. Passou depois, posteriormente para Avenida Getúlio Vargas, e de lá nós fomos para a Avenida Rio Branco. Então, ainda na na Quinze de Novembro eu fiz um papel no palco da escola e depois nós fomos fazer já com onze anos, dez/onze anos papel de (INAUDÍVEL) que eu me referi a pouco, no cinema Central. Tinha uma entrada, Mas o público eu...via os aplausos, porque, que que eu fiz? Aí eu fui ligando, que eu precisava de povo, de falar, de mostrar alguma coisa e como? Como? Então, foi assim, sem saber o que era, estudando, estudando... fiz admissão, ginásio e quanto atingi... pra me formar em contador eu.. estou contando como entrei para o Clube, né?

Interessante. No dia 23 de outubro de 1947. Se eu não me engano é no dia do nascimento do Pelé, né? Eu não tenho certeza. Entrei lá, o professor lá me viu que eu me destacava dos alunos pela pelos movimentos de força, mal sabia que eu trabalhava, meu pai tinha um armazém, pegava muito peso, sacos de arroz de feijão e rachava lenha etc. e tal... jogava futebol também, era goleiro, mas meu negócio era público. E eu fui me entusiasmando por aquilo, aí comecei. Tinha, havia 3 turmas, primeira segunda e terceira, entrei na terceira turma e com poucas semanas passei para segunda. E olha que a ginástica olímpica naquela época não era brincadeira não. Fazia preparação ... calistenia...

E – Era o professor Caetano?

I – Caetano. Isso em 1947, em 1948 eu já estava na primeira turma, em menos de um ano. Comecei a me destacar como fiquei com os melhores. Paulão era o mais antigo, Paulinho. Esse rapaz, um espetáculo. Meu companheiro de posteriormente, depois (INAUDÍVEL)... Paulo Lopes, Edson (INAUDÍVEL) que Deus o tenha, um tal de Suíço, Vitor que veio da Suíça participou de campeonatos na Suíça este cidadão. Não me lembro como chama não, é algum nome complicado... Vitor. E começou a ter uma transformação nos movimentos nossos na Ginástica Olímpica, o professor sempre (INAUDÍVEL) se não aprender o giro gigante. Era feito um giro gigante com uma espécie de uma algema de uma corrente, e não havia o chão o tapete era esses capacho de chão que botava um em cima do outro ali e caia ali. Então você sempre tenta o giro... o mais indicado é com as mãos assim para o lado... e você cai, lança a parada e puxa a barra. Eu vou ver essas algemas onde tá ai que você já tá preparado pra isso. De todos os colegas, era eu que tava mais preparado pra o treinamento de forças.... por causa do meu biótipo, menor né? Um metro e sessenta e um... os outros eram maiores e mais carregados, e os exercícios de braço que eu tinha... eu supunha assim: tendo um bom punho um braço, puxa o gigante era fácil. Eu surpreendi por ele demonstrou assim por sinais, ele falava muito por sinais, né? “faz isso assim ao ponto da cabeça, olha o pé tal...”

E – Ele demonstrava?

I – Não. Ele ali ficava. Eu só via fazer uma parada de ombro assim, fazia muito bem... e uma saída de perna que ele partia, mas eu já estava com 53 anos... e obeso, aumentou muito de peso. Eu mantenho esse meu peso de 61 kg com 1,61m, há 50 anos. Então eu falo sempre um provérbio popular, eu pergunto e indago as vezes a pessoa: você, você reflete bem sobre essa (INAUDÍVEL): “Nós somos o que comemos... você come pra viver ou vive pra comer? Não existe...fala, responde rápido!” (INAUDÍVEL) comendo com os olhos... Então pense bem nisso porque isso é a base. E não sei... corpo mantive, eu sou mais vegetariano, não...desprezo um pouco a carne vermelha, tem isso também comigo, não quero dizer que não dá, mas procuro... qualitativamente... nunca jantei. Nunca. Eu acho que a janta é desnecessária. Bom, cada caso é um caso, né?

E – E ele achou as algemas?

I – Ele foi procurar algemas, achou uma. Usa uma só, agora você vê. Uma pergunta muito interessante, né? Porque a algema, você ficava preso com a corrente

ligada a barra ali, a barra ao pulso. Tinha uma almofada por dentro, mas ele ficou surpreso porque eu comecei a fazer o movimento que ele explicava, chamava “cistuti” assim... de parar em cima da barra... você lançava dava um gale com as pernas e lançava mas sem parar, caia olhando pra barra puxa a barra, fazia com o corpo flexionado, e assim ia emendando até esticar os braços. Daí a alguns dois ou três meses, não chegou nem a três meses, eu já estava fazendo 3, 4 voltas do giro gigantes (INAUDÍVEL). E outra mais ainda: não só o de frente, mas como o de costas; e logo em seguir chamei para fazer três de frente, trocada de mão e saída mortal. (RISADA DO ENTREVISTADOR). O dia que eu fiz isso pra ele, chamei, chamei: Caetano, vou fazer isso pra você... tá me ouvindo? Aí ele disse... [pausa] o homem desfigurou-se. Ele ficou assim debaixo da barra... incrível. E com a algema na mão... e lamentando que havia perdido. Não tinha o par ... como é que ia fazer com uma mão? Então existia essa algema. Coisa interessante, né? Quem vai falar sobre a algema agora?

E – Me diga uma coisa, vocês entravam... O senhor entrou no clube por quê? Ficou sabendo do clube como?

I – Olha, eu fiquei assim um dia (INAUDÍVEL) Paulo Lopes, ele fazendo uma parada num bilhar... subiu assim... (INAUDÍVEL)...

E – Num Bilhar?

I – Mesa de bilhar... Ele fazia uma parada. Eu falei: “gente, por incrível que pareça... vou aprender”... (INAUDÍVEL) poxa vida... muito lindo, quanto controle... Em casa cheguei lá, no quarto assim... e notei que eu subia... o braço, a mão, entrava e coisa. E dali, foi lá na mesa e depois chamei lá umas duas semanas fui lá no bilhar e fiz também! Isso é coisa aqui, pra fazer uma parada assim de força você leva tempo e não sei o que... e tem paradas a tempos ai que eu (INAUDÍVEL).

E – E o clube ele era pago, como é que era?

I – Pagava-se dois mil réis, três mil réis... (INAUDÍVEL).

E – Era barato, na época?

I – Era barato, eu lembro na época né... era 2 mil réis depois eu não tinha 2 mil réis pra pagar... o cobrador foi lá uma vez... (INAUDÍVEL)...: “2 mil réis ali”. E foi prestar conta lá no Caetano assim ó: “não encontrei o Ítalo não”. É bom você me falar isso. A partir de 5 meses, vendo meu desenvolvimento lá nomeio da turma, ele me “não me falte as aulas não, quero ver como é que seu procedimento... com meu jeito... clássicos de forma e você é indicado pra isso, o biótipo”. Falando em biótipo... Então, eu nunca mais paguei.

E – E seu pai aprovava sua frequência lá?

I – Meu pai era comerciante, para ele tudo se resumia a trabalho, ele achava que era... sabatana, (INAUDÍVEL) teatro, essas coisas, ele não aprovava não. Mas ele começou a ver e falar depois... eu fazia demonstrações em carnavais, saía na rua, fazia pirâmide humana eu ia no clube Noronha. Acabava lá a ginástica lá terça sexta e domingo. Acabava a aula lá e domingo nós íamos lá pra ponte Fernando de Noronha

onde tava lá os (INAUDÍVEL) (INAUDÍVEL) (INAUDÍVEL)... me mostrou o exercício da maca... (INAUDÍVEL)... uma subida rapaz, olha só que você está fazendo eu lembrar...dos braços, e sobre com o braço e sobe por traz e girando o corpo, e falava que era aranha. E ele ficou admirado que ele falando e foi tentar fazer e fez com uma certa dificuldade e fiz até melhor do que ele.

E – (RISADA)

I – “Mas que que é isso?” Eles queriam que entrasse pra equipe lá e começamos a treinar o trio... Eu, Paulinho e Edson... nós fazíamos ginástica olímpica, cavalo com alça e sem alça, paralelas, barras e argolas.

E- E vocês faziam essa exibição no carnaval por conta própria, só pra se exhibir?

I – Pra exhibir, porque a turma desses antigos que era o Lino, Armando Salimena, Maçarico, (INAUDÍVEL), Rufo, (INAUDÍVEL) que eu falei, Sócrates (INAUDÍVEL)... Então eles ficavam loucos comigo, mais comigo do que o próprio (INAUDÍVEL), porque era a pessoa que eles precisavam para complementar: o paradista. O que fechava o número, o que sobe. E eu tinha uma facilidade tremenda e foi assim que me consagrei. E eu falei assim: “meu deus, (INAUDÍVEL), sempre (INAUDÍVEL)... o Número da pirâmide é quando um volante que era chamado Umberto paradista sobe e desmancha o movimento... mas nós criamos nesse trio que nós formamos chamado Brasil, era formado por Paulinho, Eu e o Edson, nós dávamos prosseguimento... nós armávamos um número tudo em câmera lenta, seguia os movimentos, desfazia passando para outra posição, ininterrupta. Quando descansava um, dois tavam trabalhando, sempre mais os três trabalhando. Quer dizer, o máximo que podia fazer era uma pausa uma pose, e sequencial. Nós criamos a sequencial e fizemos uma homenagem para os que nos incentivaram a fazer na ponte, os nomes que eu falei aqui: Maçarico, o Ruffel, o Lino, o Sócrates, o Armando, Maçarico? já falei, né? Uma demonstração numa boate, uma boate que tinha, agora não sei como é que chama lá: Dancing. Uma hora da madrugada, em um salão escorregadiço... e fizemos umas pirâmides diferentes das que eles faziam, algumas iguais, mas mostramos esse outro lado, do sequencial... a sequência do exercício, quer dizer que passava as dupla, ficava um sozinho fazendo...e não entrava a dupla entrava o trio e o sequencial fazia aquelas pirâmides assim. E começamos... na época nós fomos em Ipatinga, não me lembro o ano... Nós fomos na abertura do campeonato brasileiro em Ipatinga...

E – Já como convidado?

I – Convidado. Foi na...México de 69 pra 70. O Brasil ia mandar uma equipe lá no México, então o João Avelange era presidente de futebol da liga de desporto do Brasil, por isso que ele foi da FIFA, né? Só ele autorizaria um passaporte pra nós ir pro México. Na hora de fazer a apresentação aconteceu (INAUDÍVEL). Então pra não perder eu e Paulinho fizemos um de dupla... (INAUDÍVEL) “Mas é de trio, como é que eu não vou tá pra contar história?” Nós ficamos sem graça, nós procuramos os interessados. (INAUDÍVEL) ficou nervoso de perder... quando ele viu aquela multidão assim... e depois posteriormente ele conseguiu, muito nervoso, ele era forte, pegava uma barra de ferro, eu não sei a medida que fala (INAUDÍVEL)... Tinha uma força bruta, então nós estávamos tentando (INAUDÍVEL) teve um dia que ele deu um abraço

num cidadão, abraço de urso que eles falam. (INAUDÍVEL). Quem procurava nós dávamos apoio... (INAUDÍVEL). Tinha um recorde de 127, vamos bater esse número? Pra que? 127 apoio em câmara lenta, depois de 4 horas de treino, né? Então nos competimos e eu fiz 127, quer dizer, o que parou por último, ele fez 80 e eu apresentei 47 a mais. Parei porque eu achei que... tava cansado sim, mas eu senti que aquilo ali tava entrando no modo contínuo. Por isso que eu digo para as pessoas: você pode sim se quiser! Ser determinado, tem que ser determinado você consegue fazer.

E – Nessa época de 1947 quando o senhor entrou no clube ginástico, quem fazia aula? Havia mulheres também?

I – Não, não havia feminino não, era só volleyball feminino. Nós tentamos com uma moça chamada Tereza lá, passar porque ela tinha um jeitinho para acrobacia, fazia estrela, salto mortal e tal e nós como fazíamos por nossa conta não ensinava acrobacia não, viu?! Só ensinava especificamente o trabalho de repetir o cavalo com alça sem alça, paralela, barras e argolas. Então ele tinha aquela pedagogia dele lá e nós podíamos superar as coisas estão assim, se apresentando coisas novas né, e fomos por nossa conta. Nós tínhamos a ginástica do português no rio então tinha uma equipe lá treinando, então fomos lá fazer um movimento lá, eles ficaram encantados. Eu queria ter participado de um campeonato brasileiro e nós não. Sabiam que tínhamos trabalhado em circo como amadores e não podia, achava que trabalhar em circo era profissional. Pra provar, pra não, não deixarem a gente entrar.

E – Mas o Caetano aprovava essas demonstrações que vocês faziam? Porque eram demonstrações acrobáticas...

I – Ele tinha uma pontinha de...ficava assim né? Gostava porque valorizava o Clube Ginástico. Mas ele não aprovava muito as pirâmides não: “isso aí, já é profissionalismo (INAUDÍVEL). Eu quero um professor e o professor é o Ítalo, e ele falou isso... o menor, o mais novo dos três, né? (INAUDÍVEL) “Eu quero um continuador aqui...”

E – E vocês nunca fizeram, então, pirâmide dentro do clube?

I – A, não. Ele não deixava. Tinha que ser aparelhos. Então (INAUDÍVEL)... Ele ficou sabendo, ficou sabendo e me chamou. “nããã, mas eu (INAUDÍVEL)”; “eles não tem escola, não tem a nossa escola”... “Não, pois é, mas a gente não quer fazer...” ficar comovido porque querem, mas já tão idosos não conseguem, mas as vezes ficam mais vendo assistindo do que...

E – E esses outros aprenderam onde?

I – Eles aprenderam na polícia especial do Rio de Janeiro. A polícia especial do Rio de Janeiro... veio uma trupe de fora, não sei se da Alemanha... (INAUDÍVEL)... e fizeram lá um armaram lá, umas pirâmides humanas que eles falaram, né? Fizeram a cruz de malta... (INAUDÍVEL) e eles começaram a treinar e fizeram uma demonstração. Revolucionaram e saíram... Belo Horizonte, por aí... e nós quando vimos, nós aprimoramos os movimentos como eu falei... deu sequência na nas pirâmides porque eles armavam e desarmavam paravam.

E – Vocês criaram um movimento sequencial?

I – O sequencial como eu te expliquei ali, foi a primeira coisa que eu te falei ali, e como fazendo coisa...

E – E a polícia oferecer esse curso aqui?

I – A Polícia especial veio fazer uma demonstração aqui em juiz de Fora, na fábrica... na (INAUDÍVEL) fábrica de pólvora para explosivos. Eles fizeram uma demonstração aqui. Parece que foi extinta essa fábrica de pólvora, lá pro lado de Benfica. Quando eles fizeram aqui eu lembro que a imprensa publicou se a gente podia verificar isso (INAUDÍVEL) eu tinha acesso (INAUDÍVEL)... Eles publicaram isso, sabe, a pirâmide humana deles. Bom, aí nós demos sequência, até fizemos essa homenagem a eles lá, aí eles ficaram assim: “Meu pai, mas como é que vocês tiveram essa ideia? Né? Da sequência?”

E – O senhor lembra mais ou menos o ano dessa...?

I – Olha... essa pirâmide eu lembro, deixa eu ver, isso deve ter sido mais ou menos em 1939, por aí.

E – Aí sim, aí o senhor entrou no clube... como é que funcionava? Você entrava...? Tinha nivelação por turma? Como é que era isso?

I – Eram 3 turmas, e depois você fazia ginástica coletiva, entrava ginástica entre a chamada sueca, calistênica, acompanhada ao piano, pelo filho dele que foi professor de música durante muito tempo na Rádio Nacional. Eu falei com a filha dele hoje. Célio. Lembrei do nome. E era ginástica ao piano. Então ele fazia calistenia né? Norítmo (INAUDÍVEL). Aqueles movimentos sempre os mesmos, né E eu depois fui, com o tempo foi modificando isso, fui criando, fui vendo... não sei. Fui desenvolvendo mais. Mais voltando a sua pergunta, nós fazemos então a Educação física tinha uma duração de 30/40 minutos. Encerrava, fazia aquecimento, aquelas coisas todas, depois ginástica localizada e tal e no final abdominal.

E – O aquecimento como é que era, era marcha?

I – Era marcha com evoluções alternâncias de braços, várias posições, compreendeu? Sempre prestando atenção na postura e a respiratória, falava muito. Porque nós somos o que respiramos... isso inclusive ele queria dizer isso, não falava mas era isso, é verdade... (INAUDÍVEL) e é verdade.

E – Aí passava pros exercícios localizados?

I – Aí ele ele... dispensava a turma. Uma turma ia pro basquete. Tinha uma quadra lá fora... e outra turma ficava dentro. Então ele fez um galpão pra nós fazermos os aparelhos.

E – Vocês que fizeram os aparelhos?

I – É... NÃO! Nós fizemos lá um movimento pra fazer um galpão pra fazer os aparelhos separados. Então era a quadra interna de Educação Física, duas de basquete e fizemos um galpão ali mesmo no ginásio... Onde cortaram ali a rua barão de Cataguases. E lá estavam os aparelhos que vieram lá da Alemanha que antes era só aparelho numa preparaçõzinha dessa ginástica que ele dava... era em outros

tempos. Mas como na guerra (INAUDÍVEL) ... eles perseguiam a Alemanha, aquele negócio com a Alemanha e era italiano né, nasceu na Itália veio aqui e naturalizou brasileiro parece. Então, o que que ele fazia? Tô te falando como foi que ele fazia pra nós... ele continuou no mesmo sistema, mas viu que não tinha turma, que o pessoal fala daquele movimento da guerra e tal, pesou muito. E ele começou devagarzinho com Paulinho, esse menino que eu falei que levou nós, ai fomos fazer uma primeira, segunda e terceira turma. Mas tinha que ser no galpão, tem que fazer um galpão pra nós fazer. E ele ia lá apitar o jogo de Basquete.

E – Essas turmas eram divididas por nível de dificuldade, alguma coisa?

I – Aí tinha... tinha que passar... por uma...

E – Porque você entrava na primeira turma?

I – Eu entrei na terceira turma, era a última turma. A turma iniciante, a segunda eram os reservas, a primeira turma era a elite. Então eu comecei na terceira turma em poucas semanas já fui pra segunda, tinha uns 12 alunos mais ou menos na terceira turma. Na segunda turma tinha uns 20. Aí na primeira só a elite, era uns 7 ou 8.

E – E como é que passava de uma pra outra?

I – Era ele que ia fazer a avaliação. Ele falava assim: “então os exercícios são esses, vamo ao cavalo, você vai saltar, parar nos quadros 1, 2, 3 abrir as pernas e ‘thum’, e resistência. Mas, quando ele fez esse teste eu passei de cara.

E – E tinha uma época do ano que ele fazia isso, ou a qualquer momento ele podia chegar ...?

I – Assim de 3, 4 meses em cada a gente, ele fazia uma avaliação... Então ia na paralela, você tinha que pá, subir, andar com os braços esticados de frente, voltar de costa, flexionar os braços de frente e voltar de costas. E fazer esse desenvolvimento, né? (INAUDÍVEL) Por isso que eu rapidamente fui pra primeira turma... Eu fui pra elite por causa do negócio do machado ai, depois eu levei... aí começou na ginástica mais especializada. Então ele fazia: vamos tentar um sequencial. Você duas paradas, subia no cavalo e você fazia uns três pra esquerda, passa a direita, bota a esquerda na de direita, passa as duas voltas a direita, volta a esquerda e vice-versa, lança tesoura, (INAUDÍVEL), balanços e (INAUDÍVEL) na ponta na alça do cavalo e sai aí... ele dava muito cavalo. Cavalo era a base. Primeiro salto sem alça com trampolim, depois com trampolim de volta, depois com a alça... ele tinha um organograma perfeito. Aí você fazia cavalo, depois fazia alça... aí que começava na paralela. Essa paralela pequena que você fazia posturas e etc. para ganhar força e resistência... ter contato com o aparelho. Isso eu peguei dele. Eu de 47 quando foi em 1948 eu fui assim: “Ó você dar aula pra terceira turma”. Depois me passou pra segunda turma, passei a dar aula pra primeira. Em 1950 com 3 anos de frequência, que eu já fazia tudo que ele queria, ele chegou perto de mim e falou assim, o negócio que eu te contei do giro: “o Ítalo, não tenho mais nada pra te ensinar. (INAUDÍVEL)”. Eu falei: “que isso professor? O senhor, como é que eu?! “Você tá inventando trazendo coisas novas pra mim...”. Ele não gostava de (INAUDÍVEL). Qual o segredo dessa ginástica? Vou te contar isso, um dia você vai confirmar isso. É você lutar contra você mesmo.

VOZ DE MULHER AO FUNDO - (INAUDÍVEL)

I – Tá bom... É isso.

E – Aí o senhor tava falando que essa primeira na aula né. A primeira sessão só na hora de educação física ela durava e 30 a 40 minutos e depois vocês iam pra sessão de ginástica nos aparelhos?

I – Dos aparelhos...

E – Que vocês ficavam mais quantos minutos?

I – Ai nós ficávamos lá... a gente tinha que correr lá... tinha que tocar a gente. Além dos exercícios que ele havia pré-estabelecido... vinha com um papel assim ó: é isso assim assim assim.

E – E todo dia vocês... iam fazer as aulas?

I – Bom, se paralela tava lá escrito. Compreendeu? A argolas que foi o último... né barra, depois argola, o último aparelho. E ele falou assim: “Agora, além de desses exercícios que botei aqui vocês podem acrescentar por conta própria. E me mostrem que eu quero ver.”

E – E ele ia pro jogo de barquete?

I – Ele apitava. Aí ia lá examinar, fiscalizar como é que foi. Aí como eu já era guia da primeira turma, ele falou assim: “como é que foi, você acrescentou alguma coisa nova além do que eu dei?”.

E – Ele trabalhava sozinho?

I – Sozinho.

E – Eram mais ou menos quantas pessoas juntando basquete e ginástica?

I – Juntando o Basquete eram mais ou menos 120 pessoas mais ou menos.

E – Era só basquete e ginástica?

I – Basquete e ginástica. E a ginástica olímpica. Aquilo ficou, mas com o tempo... com o tempo vamos dizer assim, como passei pra primeira turma, eu fiquei chefiando... então fizemos uma apresentação em 48. Essa minha medalha que eu tô te falando ali ó, ela é de 48 mesmo. Pra confirmar... (INAUDÍVEL).

E – Essa medalha o senhor ganhou como? Ele fazia determinadas apresentações?

I – A turma da elite que fizesse apresentação ganharia medalha. Então eu tava na elite. Era com Paulinho, Edson, Ervilha, Elmer, Vitor e eu. 6 alunos.

E – E vinham outras pessoas também de fora, ou...?

I – Ah, ele fazia uma exibição, pra ser uma exibição...

E – Ele chamava as pessoas pro... (INAUDÍVEL)?

I – Chamava pela imprensa, convidava pro que nos vamos fazer. E nessa de 48 apresentou a turma do Noronha. Eles fizeram primeiro a pirâmide humana.

E – Aqueles que eram...?

I – Que era... e que eram alunos dele também. Alguns lá faziam ginástica, queriam se aperfeiçoar ia lá pra ponte, faziam lá, no Clube Noronha. Aí então, nós finalizamos com o aparelho, né? E ele nos agraciou com essa medalha aí, quer dizer essa é minha musa, linda, linda. Eu fiz um número, uma pirâmide final... eu fazia, nós fazíamos. Eles faziam duas paradas de força nos barrotes da paralela; era o Paulinho e o Edson. O Elmer fazia um ângulo reto, de um lado, o Vitor de outro e eu no meio do barroto com um ano de Clube. Muita confiança. Então num barroto só eu saía na força assim de perna aberta e parava. Ficava lá um tempo e desmanchava tudo igual. Nós já estávamos começando a pegar sequencial em pé. Começava entre eu e Paulinho e o Edson, tá? Continuava o trabalho do pessoal da ponte que eles faziam e desarmavam e...

E – Quem dava aula pra eles lá no clube Noronha?

I – Olha, é... por vontade, ali era o Lino que era o mais forte. O Rulfo que era a base, o lino, o volante. E depois eles arranjaram um outro volante o Armando. Talvez seja o único que ainda esteja vivo.

Áudio 2

I – E o... a parte que nos toca mesmo que nos vimos isso era como fazer um liame, quer dizer, ligar essa coisa de não, não desmanchar o movimento com sequencial. Isso que foi... depois nos homenageamos ele. Rafas Club, lembrei agora, Rafas Club. Boate aqui.

E – Aquela boate?

I – Então, teve um movimento lá que ao final do nosso número... essa já foi por Eu, Paulinho e Ervilha. Que tem dois treinos: eu, Paulinho e (INAUDÍVEL), que Deus o tenha, aí nós encaixamos o Ervilha no lugar dele. Eu, Paulinho e Ervilha. Então nosso número final é o seguinte: eu parava aqui, no centro de (INAUDÍVEL). Dando as mãos assim para eles, esticado... (INAUDÍVEL) é a minha perfeição... (INAUDÍVEL)... Eles ficavam aqui e eu ficava lá. Isso tudo era novidade para eles. Eles não podiam imaginar. Não podia imaginar né... (INAUDÍVEL) Eu vinha assim igual um foguete de cabeça no chão THUM THUM... (INAUDÍVEL). Estrela e (INAUDÍVEL). Aí eu desfazia a parada (INAUDÍVEL) e eles me jogavam lá na frente assim... THUM! Ai a pranchada (INAUDÍVEL) tudo combinado (INAUDÍVEL) tomar uma distância mais ou menos (INAUDÍVEL)... (INAUDÍVEL). Eles levantavam... (INAUDÍVEL) E era no movimento final. Nós inventamos isso, e depois com o tempo (INAUDÍVEL). Todo dia lá... (INAUDÍVEL) Ele se entregava a eles. Não tinha como pensar na minha parte (INAUDÍVEL) no tríceps, né? (INAUDÍVEL)...

E – E como é que vocês se apresentaram nessa boate? Como é que foi o convite?

I – Foi uma homenagem, uma homenagem a eles, né? E nós queríamos pelo que eles nos passaram, então fizemos os números deles e mais com esse acrescento. Aquele salpique de novidade, né? Aí eles ficaram surpresos (INAUDÍVEL)... Aí nós fazíamos no carnaval.

E – E era na ponte, na ponte no clube, né?

I – Chama clube Noronha. Tinha lá um galpão, eles faziam regatas, tinham canoagem, natação.

E – Eles também faziam? A natação era no rio?

I – Era no rio. Mas o Rio você podia beber água dele.

E – Tinha muita atividade física no rio esta época?

I – Que eu me lembre... olha, você fica me fazendo lembrar uma coisa, não sei se eu contei no vídeo. Acho que não. Eu tinha uns cinco anos de idade, minha mãe ia me levar na minha avó lá na rua São Bernardo, então eu vi aqueles caras fazendo, 5 anos, tava com 5 anos. Quem ia praquelas praças (INAUDÍVEL)... fiquei louco. Meu primeiro estalo foi aí.

E- Eles tavam fazendo o que lá?

I – Eles estavam fazendo umas pirâmides, uma cruz de malta... parada de três... e é exatamente a cruz de malta que eu fiquei encantado falei: Meu deus! Aquilo marcou na minha (INAUDÍVEL). Eu ainda vou fazer isso com eles... vou mostrar que vou fazer. Tinha 5 anos.

E – Aí no rio nessa época tinha o que? Natação...?

I – Era natação, canoagem, faziam competição entre eles... tinha de rio abaixo e rio acima. Difícil era o de rio acima, né?... Então tinha de um, de dupla. Eles faziam competições ali. Então, ali tinha uma barra, aí quando chegavam lá na barra, eles disparavam. E tinha a escola, né? A equipe era lá na barra, balanço, esticadinho.

E – E a população aderiu a essa prática da atividade física na época. Ou pouquíssima gente?

I – Não, ficava cheio.

E – De gente assistindo?

I – Assistindo. Falar nisso, tinha um bonde que passava ali, né? Quando parava o bonde aí aumentava... Os bondes era até um problema.

E – Mas eu digo de praticantes...

I – De praticantes chegou a ter mais ou menos... de praticante... porque não uns trinta e poucas pessoas. A equipe deles era formada de 8 a 10, tinha o reserva. Chegou a ter uns vinte e poucos mais ou menos que começaram a querer, mas aquela coisa...

E – E essa natação era natação aula, ou as pessoas nadavam pra se divertir? O senhor lembra?

I – Olha, era uma natação que eles tentavam dar um nível de aula, pro sujeito aprender, né. E até chegaram a fazer competição de rio a cima ou rio abaixo; mas era mais fácil. Eles iam lá, delimitavam uma distância e viam que chegasse primeiro. Então, ali era aplausos, era só aplausos par ao vencedor. Todo mundo queria participar. Mas ficou naquela coisa. Não havia muito o movimento (INAUDÍVEL). Tanto é que nós viemos a certa... a sequência no trabalho pesado, e pra fazer aquele (INAUDÍVEL) assim... (INAUDÍVEL). Era só futebol, basquete teve uma epocazinha boa, vôlei.

E – (INAUDÍVEL) inclusive ele foi o introdutor do basquete em...

I – Em Juiz de Fora foi ele quem introduziu o Basquete. E o próprio Volleyball, eu tenho a impressão que ele tem o dedo dele ali.

E – E onde ele aprendeu isso?

I – Olha, boa pergunta. Ele pra mim ele deve ter... ele ia muito a ginástica do Rio, né. Associação Cristã de Moços

E – ACM.

I – É, ACM. E (INAUDÍVEL) portuguesa. Até onde eu fui lá, conheci lá o ACM, e um dos meus colegas. Os dois, Paulo Alves e o Edson. (INAUDÍVEL) Eles foram lá e abafaram lá e quiseram que dessem aula. (INAUDÍVEL) Por isso que eu formei a dupla com Ervilha... E depois quando eles dois se desentenderam lá... porque o rapaz entrou pra polícia especial. Olha que interessante, né? Consciência... como é que o rapaz entrou pra polícia especial... Edson. Né? E deixou o Paulo que já estava fazendo uma dupla Edi e Lô e ai nós fizemos o trio Brasil, depois fizemos o LO e Rubi, eu e ele. E tivemos trabalhando aí, participando de várias apresentações e tal... foi o auge, no auge nós tivemos um convite do, da trapesia... “irmãos Temperani”. E eles nos viram trabalhar em Belo Horizonte, de dupla, nós fomos no circo lá trabalhamos lá.

E – Á, vocês faziam, vocês faziam apresentações em circo também?

I – Fizemos no circo e então um dos irmão Temperani que eram 3 irmão né. E ele falou assim: “Vocês tão aqui... vocês tem que tá no Metropolitanano... vocês tem que ta... não é em circo de segunda não, é circo...” Já tava começando aquela ideia de circo de três picadeiras. “Trabalhar no circo três picadeiras, nos centrais”. Águias humanas. E ali naquela coisa surgiu a oportunidade de um irmão falar assim: “Vamos fazer o seguinte, eu quero que vocês vão pra Argentina com a gente”... Apresentou os outros dois irmãos, eles falavam em espanhol, né, não entendia nada. Vamos topar. Vamos comprar aqueles carros, que puxavam assim...

E – Vagão? Trailler?

I – Trailler! Aí ele falou assim: “A, mas o rapaz aqui é casado.” (INAUDÍVEL) “Mas isso não tem importância... põe a família dentro e coisa e tal!” Aí foi o professor faleceu né, 61, e a filha dele falou: “você era os olhos da menina do papai. E você vai dirigir,

continuar aaquele trabalho dele lá.” Ficou muito desgostoso né, perdeu a mulher dele... 66 anos.

E – Novo.

I – Mas ele (INAUDÍVEL)... A esposa dele era pequenininha igual a patroa. Mas nós temos algumas coisas em comum, né? As patroas... e fidelidade aos 52 anos de casado. E 51 de profissão...

E – E vem cá, vamo amenizar aqui... É, então quando o senhor entrou no clube, o senhor fazia aula quantas vezes na semana?

I – No clube de ginástica eram 3 vezes: Terça, Sexta e Domingo. Agora, nós treinávamos segunda, quarta e sábado por nossa conta. Nós a noite reuníamos, compreendeu? Estudava. Tomei pau de frequência, né? Fazia Contabilidade depois de 42 anos, pra mim poder lecionar... (INAUDÍVEL) Você tem que ter o curso médio... “ta com 42 anos, ó o diploma ta ali”, primeiro, segundo e terceiro ano de contabilidade, o melhor aluno da turma. O futuro dos professores, e todos passavam por mim e eu ficava escalonado... “é que nada... eu larguei os estudos pra lá mas por causa de ginástica...” (INAUDÍVEL) Os caras tão exigindo, a inspetoria, que você tenha... pra ser um professor pra lecionar precisa ingressar numa universidade. Aí eu fiz o vestibular em Direito, fui o segundo colocado em português. E fiz primeiro, segundo e terceiro ano de Direito. Não quis formar. Aí comecei a construir essa casa aqui. Não quis me formar pelo seguinte: meu irmão é formado em direito... Chegavam perto de mim e falavam assim: “oi, eu tenho um caso ai, me dê a sua jurisprudência. Então esse caso...” Como é que é o caso? Eu olhava pra ele... não, meu caso é a Educação Física. Não adianta.

E – Antes do senhor começar a trabalhar, quer dizer, nessa época o senhor foi fazer o ensino médio, o senhor falou, com 42 anos.

I – 42 anos.

E – O senhor chegou a se manter com ginástica?

I - Dava aula, trabalhava em 5 colégios. É, no Ginásio Bicalho, olha bem, isso foi em 60. Comecei a trabalhar em 60 no Bicalho. Aí fui pro Vianna Júnior em 63, e depois entrei pelo Vianna. Ai, ao mesmo ano peguei o Estadual, um (INAUDÍVEL) me chamou pra lá. (INAUDÍVEL) então, Ai eu fui lá pro Estadual, do Estadual fui pra uma... trabalhei simultaneamente em 5 colégios... Mariano Procópio, dava aulas no Clube Ginástico (INAUDÍVEL) assumi o clube ginástico no dia 20 de fevereiro de 1962. Peguei, tinha 5 dias que eu havia feito aniversário, me lembro perfeitamente. Peguei o Clube Ginástico e fui até 79, daí a data que você viu a baixa que eu dei em julho de 79 né. Mas, eu trabalhava simultaneamente como preparador físico. Eu era no Tupi, tupinambás. Eu era no Esporte. Pegava a seleção mineira. E meu nome foi cogitado pra ser preparador da seleção brasileira, aquela de 66, Paulo Amaral, ele veio assistir, falou: “esse cara é um acróbata” e João Saldanha, com um depoimento assim (INAUDÍVEL) jogar com a seleção brasileira. Tupi com a seleção brasileira. Eles puseram a equipe A e a equipe B, né? Eles puseram equipe A, nós perdemos de 2x0 e a equipe B nós empatamos, 1x1. Os caras impressionado com o preparo físico.

Beline, era o capitão foi lá, queria saber: “quem é o preparador físico?” Quando eu levantei olhei assim que vi que era o Beline, ele passou, olhou pra baixo: “parabéns”. Isso eu não esqueço. Esse que levantou a taça. (INAUDÍVEL) Dali num hotel eles foram lá e Caxambu, não foi por acaso, um movimento assim... Um cafezinho. Vamos tomar um cafezinho agora? (INAUDÍVEL) tava lá João Saldanha: “Vamos requisitar esse preparador físico ai, do Tupi, você viu aquele baixinho, troncozinho, shhhh... Amaral ali, olha o Amaral.” Ele tem, só de olhar... dando aquecimento. A turma da seleção brasileira fazendo aquecimento. Agora vou dizer, esse é meu forte. Ginástica rítmica. Todo mundo... Esse negócio de liberdade é relativa. A liberdade é tudo, mas, calma, acalme-se, tem que ter experiência. É como eu digo assim: aquela frase ontológica, “ah se o velhos pudessem, se os jovens soubessem.” Porque não unir essa sua jovialidade, seu vigor com a minha experiência? Enquanto um dorme o outro vigia. E vamos em frente. É isso que eu bato com essa turma. Porque você tem que ir como esse tempo que você ta aqui conversando comigo, amistosamente, fazendo eu voltar ao passado, um filme aqui trazendo o passado... essa da ponte do Noronha aos 5 anos eu ainda não, eu não contei isso no livro, me escapou isso. Eu senti que um dia estaria ali. Sendo útil pra tantas pessoas, como for hoje... (INAUDÍVEL) Que ia ser legal. Fazendo com ela ali o 100 exercícios... tive que fazer o 100 com ela. Eu havia treinado. Tinha que treinar depois. Eu dou aula depois dou treino. Mas porque a satisfação de ver ela movimentar. Estava morrendo. Paralisada. Peixe morre por onde, minha filha? “Pela boca”. E ela me responde. “Comadre, mas você ta, foi buscar essa resposta, mas que maravilha, né?” deu um abraço nela, suave. Então, eu quero ver, eu quero motivar você pra você sentir (INAUDÍVEL). Um idoso, tem experiência, né? Acontece.

E – É...a tá. Então, o senhor falou que deu aula em muitos colégios...?

I – Muitos colégios... tudo simultaneamente. Havia dias que eu dava acho que isso foi, vamos dizer assim, eu não sei, não me ocorre a palavra... difícil. Pra pessoa conseguir dar 10 aulas por dia. Eu conciliava.

E – E o que que o senhor dava?

I – Sempre, todas as aulas: aquecimento, ginástica localizada, num sistema que eu aprendi no Clube Ginástico. Professor dá esporte, bola, e olha que eu era louco por futebol, fui preparador físico, né?! Não. Eu fui em Belo Horizonte assisti num curso que eles deram lá paralelo quando eu tava dando curso pros professores, tinha lá: método desportivo generalizado... não sei que não sei o que... eu mantive e me sustentei com a ginástica rítmica, calistênica, localizada só. Em 52 anos de profissão, assim. NÃO. O Ítalo ficava assim: Oh Deus... (INAUDÍVEL). Pode dar aula, você tem que dar o movimento desse era meu. (INAUDÍVEL). Ele tinha uma raça... “você mexe comigo, você mexe comigo”... (INAUDÍVEL). ...você vai me ajudar no meu exame aí? Ele queria ver como é que eu fazia para dar as provas finais. Tinha um gabarito de provas finais que aquilo era.. tinha um gabarito, você tinha que fazer: dobrar esticar, dobrar levantar. Um minuto. O exercício como é que falava era salto do....

E – Canguru?

I – Canguru! O canguru, que foi abolido porque viram que tinha muito impacto no joelho. Eu sempre fui contra esse exercício. Experiência própria. Tem que fazer alguma coisa que substituía isso. Tinha flexão na barra, abdominal e apoio de frente.

E – Isso pra que?

I – Era o exame que e fazia nos colégios, era obrigatório uma vez por ano fazer uma avaliação do aluno e botar na ficha quantas vezes. Tinha uma tabelinha, devia ter guardado isso né? Que especificava os valores daquele exercício. Por exemplo, uma barra valia 19 pontos. Então a gente já fazia duas barras já caía pra 25 e assim progressivamente. Então, os meus alunos... ele foi um dia lá ver um boletim que eu fazia em particular. “os seus alunos fazem tudo 10 barras” Eu quero apoio primeiro (INAUDÍVEL) pra trabalhar o bi e depois o tri Ai eu pego lá bi e o tri e pego aqui, o trapézio. Isso tem que ser sempre, isso não desgasta. Porque que porta range? Enferruja... Passa óleo. O óleo é a sequência, é o que você faz, é a repetição... e aprimorar. Você só pega um diamante só depois de bem polido nas mãos de um bom ourives que é pra se tornar um grande professor. Então a ginástica tem que ser assim... Quanto mais, você pega uns alunos ai... você vê essa turma, cifose, lordose, manda eles esticar, força força... se você dá isso 3 vezes por semana; que era obrigatório 3 aulas por semana. Você imagine o rendimento... (INAUDÍVEL) e quando os pais viram que eu só dava isso, chegava fim de ano eu reprovava o aluno, a diretora chegava em mim: “a eu vou fechar o colégio” (INAUDÍVEL). 10 uma média de 10 alunos por aula. Eu falei assim: “então a senhora me manda embora”. O colégio fechou por isso... Bicalho. Porque o dinheiro naquela época já era isso. E eu falei: “não”. Alguma escola era, era assim... (INAUDÍVEL). A lógica (INAUDÍVEL) entusiasmar as pessoas, você tem dentro dele... porque procura fora se tudo tá dentro de você? O que é a palavra emoção? O que é emoção? Da onde ela vem? (INAUDÍVEL) Tem que contribuir... a gente fala assim: (INAUDÍVEL) Então não só... a pergunta foi boa. Oportuna.

E – Quem exigia esse exame que os alunos faziam? Era o Estado?

I – Era o Estado. Nós tínhamos que prestar uma coisa... pago pela loteria mineira. O Caetano a primeira contribuição que ele me deu foi assim. “Eu vou arranjar um negócio pra você na loteria pra você não deixar a ginástica, não me abandonar aqui...” Que ele viu que eu já tava começando a fazer exposições por ai. “uma hora você vai prum circo daí.” Ele sabia que eu já tinha trabalhado em circo. “não me deixa, pelo amor de Deus. A ginástica vai morrer”. Fiquei com essa bandeira na mão até hoje. E agora eu vejo que surgiram coisas novas... porque você sabe é a evolução. A evolução ninguém segura. Mas parte dessa premissa, não abandone... pode evoluir, faça outras coisas, mas mantenha aquela sua... aquele é meu forte, é esse que era meu forte.

E – Nessa época o senhor trabalhou em vários colégios... não era exigida a formação em educação física para dar aula?

I – Já... exigiam, a eles começaram a exigir do professor, por exemplo, que tivesse acesso a uma folha de formado, né? E eu não era, eu já era título precário. Quer dizer, o chará Ítalo da coisa que assinava pra mim. Porque ele sabia que... ele não fazia o que eu fazia, porque eu tinha capacidade de não só de fazer, como de explicar e de

ensinar, ministrar os ensinamentos. Então ele falou: “poxa, uma pessoa indicada pra isso”. Então... foi assim que a minha vida toda ficou nisso. Não fazia, sendo, mas fazendo. Porque ele (INAUDÍVEL)... a eu contei... teve um pedaço aí que você vai vendo, precisa me ajudar ver esse exame essa avaliação. Tinha uma tabelinha, fazia tanto... um minuto dobra estica dobra volta. Aí eu comecei a falar... ele falou assim: “eu fico a de cá”. Na mesma sala, e ele me olhando. Sala grande, né? “ó, esse aqui é pra você.” E esperou eu começar. “a qualquer hora...”. Vai, aquecimento... (INAUDÍVEL). Aí eu fazia com ele... (INAUDÍVEL) Foi levando, 3 minutos de relógio com eles. Ele pegava direto. Aí nós fomos conforme os resultados.

E – O senhor pode descrever pra mim... com um detalhe, pode ser uma aula que o senhor dava nessa época, na escola.

I – Você começa uma aula assim. Eu sempre tive essa coisa de, por mim, agradecer aos mentores alguém de (INAUDÍVEL). Porque não há um princípio sem uma causa, nem uma causa sem princípio... Nós somos um fator determinante de estarmos aqui. Algo que existiu antes de nós. Então motivado por esse ideal, eu idealizo, eu convoco a todos presentes. Todos os que estão aqui são... mas eu quero os que estão aqui e os que sejam. Vejam a aula, sintam a aula, sintam que você está vivo. Primeiro, você tá respirando e não sabe. Agora nós vamos respirar sabendo. Como? Corpo esticadinho. Cresça, cresça, olhando pra frente, tira essa mochila das costas, bota essa barriga pra dentro. Atenção, encher os pulmões de ar pelo nariz no passo esquerdo a frente, soltar pela boca no direito [barulho de respiração]. Sintam a respiratória”. Precisa falar assim, firme. (INAUDÍVEL) entre aspas, pra falar isso com todo mundo. Cara quando (INAUDÍVEL)... tô batendo o olho em todo mundo. Fazia assim no futebol. Então essa postura de esticar de esticar você tá tirando o que tava encolhido, e fazendo a circulação se tornar melhor, oxigenando e [barulho de respiração] 10 passadas, é 10... Deus é 10, né?! Então, dez movimento assim, depois para, sobe. Frente em cima abrindo embaixo (INAUDÍVEL) respiratória. Como você faz? Coisa simples: Você olha sua postura. O pessoal lá em cima tem espelho... (INAUDÍVEL). Então você ponta de pés [barulho de respiração].

E – Três tempos.

I – Vou fazer assim uma prova para nós dois agora. Fazer uma ligeira demonstraçãozinha. Quem que me ensinou... você vê que você tá sendo pego de surpresa, né? Vou fechar a boca e fazer assim ó: [INSPIRANDO] 15, meu normal é 25. Fecha a boca, eu quero escutar você respirar pra dentro. Vamo vê, começa.

E – I, eu ainda tenho rinite.

I – Vamos ver, vamo lá, fecha a boca, um teste. Vai:

E – [Inspirando]

I – Parabéns! Como é seu nome mesmo? É Luiz?

E – Carlos.

I – Carlos. Você fez natação? Você prendeu a respiratória. Você fuma?

E – Não

I – Você foi o primeiro pessoa que me fez 8 perto de mim. Porque eu fiz uma demonstraçõzinha aqui porque eu tô, te falei que eu tô afônico. Então, eu procurei encurtar um pouquinho, né? E fui, só pra não... o normal. Vou te fazer uma revelação aqui. Tenho cinquenta e tantos anos de profissão. Hoje (INAUDÍVEL) eu cismeique nós somos o que respiramos. (INAUDÍVEL). Então... você se consegue avançar dentro dos seus (INAUDÍVEL) das suas câmaras pulmonares numa quantidade de ar. Apesar da poluição que existe por ai, né? Chuva, etc. e etc. Mas você fala assim, o comum das pessoas. Então eu bato nessa pessoa durante um mês se ele tiver frequentando aqui. Digamos que ele fez duas aulas por semana... porque agora são duas mesmo, não consegue três, né? Então, duas, quatro, seis, oito. Fez oito aulas. Eu durante essas oito aulas, ele chega aqui. A hora que ele chegar, ou antes ou depois, eu tomo essa lição dele. Enche! Então, quando esporadicamente apresenta um que faz assim: [INSPIRANDO] quatro. Ai eu: “tá indo bem, está treinando em casa!” Então, é um incentivo que a gente dá, né? Tô brincando, mas então nós somos o que respiramos. Cansamos. Isso é educativo, tem que treinar isso. Se não treina você enferruja mesmo. Enferruja mesmo.

E – Então todos os exercícios que o senhor dava tinham relação com a respiração?

I – Com a respiração.

E - Nessa primeira parte da aula?

I – Isso, o aquecimento. Então com base no movimento... assimétrico de braço esquerdo pra frente, direito em cima, o movimento acompanhado de pescoço...

E – Isso o senhor aprendeu com Caetano?

I – Não. Ele fazia o aquecimento, por exemplo, alternância de braços e pernas e não exigia a respiratória não. Eu que lendo Yoga, me familiarizando com as coisas... via porque que eles ficavam naquelas posturas, compreendeu? (INAUDÍVEL) por exemplo, né? Eles ficavam naquelas posturas horas. Lobsang Rampa, por exemplo. Eu li a obra toda dele, Manto Amarelo por exemplo, ele ficou assim, (INAUDÍVEL) estático como o Buda, né? Com as 4 pequenas verdades. A primeira tudo é dor, a segunda a dor nasce de um desejo, a terceira estirpe esse desejo, ou mate esse desejo, quarto, somente assim você (INAUDÍVEL) ou o espírito (INAUDÍVEL). É sine qua non. Então, com esse preceito eu comecei a ler yoga e introduzindo. Porque ele falava assim: (INAUDÍVEL)... uns exercícios localizados braços e pernas. Por exemplo, você faz isso: (INSPIRA) (INAUDÍVEL), tá, separem as pernas, abaixem-se todos, ai relaxa relaxa... agora atenção vou encher pelo nariz, vamo vamo! (INAUDÍVEL) Solta! (INAUDÍVEL) porque é necessário, cansa. Então dominar a respiratória, nós vamos fazer isso iniciando já o movimento (INAUDÍVEL). E comecei. Ai que eu introduzi. A partir dessa decisão (INAUDÍVEL)... que é aquela coisa que ninguém cria, né? Cópia, né? Nós copiamos.

E – Cópia e cria em cima, né? Aí depois dessa parte do aquecimento o senhor fazia o que?

I – Aí os movimentos localizados. Cabeça, troco e membros. Então tem nesse livro aqui eu escrevi nossas posições todinhas, compreendeu? (INAUDÍVEL). Nesse livro aqui... agora você me pegou, porque 48, já tem 4 anos...

Áudio 3

I – O ar tá ali. Ele tá aguentando o peso de toneladas mesmo. O ar preso nos pneus. Ar segura (INAUDÍVEL) bom, então, abdominal... E o mínimo de 200 abdominais em qualquer aula.

E – Por aula?

I – Por aula. Só assim que o aluno assim, quer ver: “olha, meu método é 200; vão aqui. O primeiro exercício nós vamos fazer sentados... corrigir aqui a postura; deita, pra levantar é difícil, né? Então, deitado. Abre a esquerda, prende o joelho assim no peito, enche os pulmões de ar... (INSPIRA), segura. Agora solta.”. Agora, é uma aula viva, eu tô assistindo a todos, tô jogando energia (INAUDÍVEL). Não sabem que eu sou (INAUDÍVEL)... Isso é uma outra parte, precisa de um outro dia especial pra falar sobre isso. Passou a lua. Cê ta com quantos anos?

E – 32.

VOZ DE UMA MULHER PERGUNTA ALGO...)

E – Eu sou... agora sou.

I – Consegui prender uma pessoa pela primeira vez na vida. Difícil, né?

(MULHER DA RISADA)

I – São 200 abdominais. Você fará 3 vezes pelo menos. 3 (INAUDÍVEL). Aqui...

(MULHER CONVERSA SIMULTANEAMENTE COM O ENTREVISTADOR – INAUDÍVEL)

E – Trabalho na Universidade. Vim aprender muito aqui com o Ítalo.

I – Nada, meu filho. Olha, tem um pensamento de (INAUDÍVEL), registra isso aí. Não, primeiro eu vou dizer de Abrão Lincon. Ou falo de (INAUDÍVEL). Qual dos dois? Ambos tão (INAUDÍVEL). Olha, vocês tão sendo chamados aqui, me ajuda. A cabeça as vezes dá um... (INAUDÍVEL) “o homem nada sabe, mas é chamado a todo conhecer”.

E – Tem no seu livro.

I – Cadê o meu livro? Agora, tá no meu livro também de Abraam Lincon: “todo homem que eu encontro é superior a mim em alguma coisa, neste particular eu aprendo dele.”. Se vai me dizer assim, um dia eu conversei com uma pessoa e me falou assim: “você tem muitas frases fabricadas.”. Falei: sim. Antes não fosse a sério o exercício... (INAUDÍVEL) do exemplo do adiantamento das indústrias no cais

(INAUDÍVEL) ... e é necessário. Agora, você pode criar... você só passa a criar por você mesmo ... as vezes independente da sua vontade... mas estou falando aqui... eu corro atrás do que eu falei (INAUDÍVEL) que eu já disse... Que é só você apertar o gatilho que a bala vai na direção dependendo do momento da estratégia que você usou. Então, é preciso que a pessoa passe... toda aula eu tenho que falar no mínimo 3 minutos assim... põe a turma toda em círculo ou a vontade... porque hoje o povo tá recebendo mais, e eu preciso um pouquinho de (INAUDÍVEL).

E – O senhor trabalha com quantos alunos, hoje, aqui?

I – Hoje? Por incrível que pareça, como toda essa... fui convidado pra ir lá embaixo nas academias lá porque eles querem que eu vá pra ensinar... lá, afastado. Tô com uns 30 40 alunos...

E – E cada turma o senhor trabalha como? Tem um número máximo, um número mínimo?

I – Olha, a turma aqui é turma de 20 alunos mais ou menos. 15, 20 alunos. Então, aqui amanhã tem ensaio, é uma coisa tremenda, eles vêm pela fama que ... E acham que é difícil, muito embora eu sempre explico, falo: “você tem que ser devagar”. Então eu faço esse comentário aqui...

E – Aí depois dos abdominais...? A gente parou nos abdominais.

I – Quando eu te (INAUDÍVEL) daquilo que pensas que poderá ser aquilo que viverás. Então você tem que reorganizar os seus pensamentos. Pensamentos, palavras e atos. Palavras bíblicas, né? Então se você policiar seus pensamentos, é um bom começo. Agora, a palavra contida você é o senhor dela... (INAUDÍVEL) você é escravo dela. Eu gosto muito de fazer isso numa turma quando eles (INAUDÍVEL) fazer esse retrospecto assim final pra levar isso pra casa... Leva pra casa, e aprenda que hoje você fez um gesto bonito, você soube o gosto de alguma coisa. Eu gosto de fazer, eu gosto de preocupar, eu quero pensar isso, pelo menos. Ai vem passando, venho de encontro com uma pessoa na rua: “professor, o senhor falou uma coisa que me marcou...”. Eu tenho um quadro negro ali... há muito tempo que eu deixei as frases para lá... botava uma frase lá e deixava pro fim da semana comentar sobre a frase... “alguém quer dar uma opinião?”. Aí era de cada um, sempre havia um ou outro que falava, ou quando eu vejo que ninguém ia falar, eu me pronunciava a respeito... fazer uma higiene mental. O sujeito sai daqui e todo mundo com o relógio... não deixo ninguém subir com relógio lá pra cima, e nem lá em cima tem relógio. Relógio fica aqui embaixo... agora tá lá em cima o relógio que é pra marcar o meu treinamento. E você que tá aqui olhando pra hora... bom... então, a pessoa fica assim: “CORRE, CORRE, CORRE...”. Já perdi muito aluno por causa de frase. Principalmente professores aí da Universidade Federal e tal... (INAUDÍVEL) não não, eu não quero perder viagem de ninguém. Eu acho que nós somos livres no pensar, eu posso dar minha opinião, aceito a sua... vamos fazer aqui, vamos nos interar, desintegrar integrando. Então, fala o que você acha. Pode ser dual, se não fizer sentido eu procuro. Nós tamos aprendendo sempre. A pessoa põe isso na cabeça. Então: fala, fala. Sempre tem algo pra falar. Então todas as aulas. E todas essas aulas aqui de ginástica eu comento sobre isso... falo de improviso as vezes, que não era preparado, né? Eu tenho um aluno ai que vira

um gesto dele lá que é assim... A vontade, né? Fale qualquer coisa, diga pra mim... o que você acha, por exemplo... alguma coisa que você gosta. Tô brincando. Eu tenho sempre algo pra comentar. Feliz da pessoa que tem algo para dizer. O cara aprender.

E – O professor Caetano, ele.. quando falava do método que ele utilizava, ele dizia que ele utilizava que método?

I – Ele diz que aprendeu do Happel assim, e do jeito que aprendeu ele queria que continuasse. Ele não acrescentou nada.

E – O Happel era alemão?

I – Era alemão.

E – Então o Caetano não acrescentou nada do...

I – Não.

E - diferente do método do Happel?

I – Eu, apesar de ter absorvido tudo do Caetano, compreendeu? Eu achei que precisava evoluir. Quer dizer... no meu entendimento fui acrescentando, mudando. Porque todo mundo conheceu o Caetano falava assim: “ah, você é convidado do presidente do clube...” (INAUDÍVEL) O presidente do clube falou assim: “Ah... (INAUDÍVEL) 56, já sei, você é daquela (INAUDÍVEL)”. (INAUDÍVEL). 1, 2, 3, 4... (INAUDÍVEL) Eu tava assim perto do Geraldo Magela que foi técnico da seleção, e tava o irmão do Zezé, Airtom Moreira, irmão do Zezé Moreira da seleção brasileira, ele perto, e eu falando assim... que queria... E ele fez uma coisa chocosa comigo eu apresentando pra trabalhar, em janeiro de 1957 (INAUDÍVEL), eu queria trabalhar lá... “eu sei que você faz umas coisas no carnaval aí... mas o método, é do Caetano?”. “É, uai!” (INAUDÍVEL). “Agora eu já to com outras coisas. E pro futebol eu tenho mais outras coisas que ele!” Não sei, ele andou trabalhando no Tupi aí... coisas para o futebol muitos anos antes... Mas era aquele mesmo sistema, então eu procurei acrescentar. Então aquele negócio que eu te falei... quem conta um conto acrescenta um ponto.

E – E ele falava alguma coisa do Happel?

I – O que ele dizia é que o Happel era uma pessoa assim um pouco obesa. Né? E que aquela obesidade dele era a ponto de gostar muito de cerveja. (INAUDÍVEL) E aquilo... ele contava uma passagem lá que eu até no trampolim ele foi salta, foi fazer um salto Launge que eles falavam...

E – O Caetano isso?

I – O Happel. Ele falava: “vai lá, bate no plinto, no coisa de (INAUDÍVEL), e abre um anjo assim, abre um anjo. “O anjo de braços abertos... “Mas eu tenho que impulsionar rapaz. Trampolim é pra isso, é pra bater, pra subir!”. E a turma não fazia, e ele inclusive, aí (INAUDÍVEL) a turma lá falou assim: “Mas eu vou fazer um salto pra traz?”. Mas ele era pesado, ele só dava aula com gestos. E aquilo eu achava... Eu procuro fazer a algo, manter... por exemplo agora com 75 anos, eu aqui... 7 5. É uma sequência de treino, agora, eu creio muito na expressão (INAUDÍVEL)... Será que a

minha mente cria ou eu estou me traindo? Não tenho que provar mais, existe... (INAUDÍVEL) Porque nós temos diversos corpos descartáveis... (INAUDÍVEL). Eu tinha acesso aos meus espinhos, e lá fui ver alguém... viajei, mas quando... (INAUDÍVEL). Tive que sussurrar as vozes porque fui chamado atenção aqui, que tivesse cautela em falar.

E – É, e o que mais você sabe do Happel?

I – Ah, bom, eu tava contando uma história. Então ele botou uma turma lá: “Você tem que dar impulsão, como que você quer que salto, a mola ela amolece, você tem que impulsiona-la. Você tem que ter firme, e eles não conseguiam absorver o que ele queria pra fazer um anjo perfeito, pranchado... abrir assim. Dava uma cela no corpo, era uma linha na escola antiga que fazia isso... agora você me fez recordar, tirar da maleta umas coisas antigas... depois você vai entender. Então, cela. A parada bonita antigamente tinha cela. Passou um aperfeiçoamento pra chamar parada palito, aquela que você está vendo aí no trio. Eu uso as duas. Porque de certas movimentações estáticas vou passar pro movimento, eu vou me deslocar, eu tenho que selar, puxar, pra aí fazer a compensação de peso, distribuição de peso. Então essas coisas são assim... Então ele partia muito pela escola antiga; que era aquela... (INAUDÍVEL). Quer dizer, eu quis acrescentar e fui, mas a base é (INAUDÍVEL). Então voltando a história do “coisa” ele explicando lá o anjo.... ninguém saltava. Ele foi lá, eu acho que empolgado, né? Porque ele esqueceu que tinha mais de um ano que ele não fazia ou mais. Correu e bateu mas bateu com impulsão, tremendo ele fez um anjo, um anjão né?! Mas, mandou a turma, se ele passasse do local, pra eles tentassem, ir né? Não deixassem... segurassem. Passou por cima da cabeça de todo mundo e bateu na parede, desmanchou lá, derrubou a parede. Deixou a marca dele assim... o anjo marcado. Coitado. (INAUDÍVEL). (RISADAS). Ele fazia a gente ri, né?

E – E o Caetano falava alguma coisa de quem fazia ginástica nessa época em 1909?

I – Falava. Ele comentava dos melhores, falava assim...Isso em particular, ele ia lá visitar (INAUDÍVEL). Aí, ele, ele... o que você perguntou? Repete outra vez que eu me perdi em outro pensamento.

E – Quem frequentava a ginástica na época do Turner Chark em 1909?

I – Eu não sou o melhor ginasta, pra mim o melhor é o Crip. Na cabeça é alemão. Ele competia comigo, eu ganhava pela minha simplicidade, pela postura que olhava mais, o estilo. Ele fazia coisas de graus de dificuldade... e com isso falhava. Em querer fazer o mais difícil. Airbibs parece, parece esse. É possível haver qualquer correção. Então ele falava assim, que também é outro muito bom a preço deles...

E – Alemão também, não?

I – Não. É.. alemão, isso mesmo.

E – Então na época da fundação do clube era basicamente os alemães?

I – Eram os alemães. Todos alemães... você vê que os nomes ali na diretoria, né? São alemães. Então tinha Airbibs, tinha outro que chamava Carxa, Cacarxa, também

era bom. Mas ele ganhava. Sempre... foi num ginástica português no rio, na Associação Cristã de Moços, tirou primeiro lugar. Representou o Brasil, foi vice-campeão, depois Argentina. Mas ele fazia só aquelas coisas com perfeição, né? E por aí ele achou que tinha que enquadrar essa coisa, e aí ficou bitolado mesmo... então eu, apesar de aceitar o habitual, mas sigo apresentando a aula, sigo (INAUDÍVEL). Agora, tem coisas que você não pode tirar, por exemplo a respiratória.

E – E ele tem parentes? Tem a filha, né?

I – É sim. Ele tem 4 filhas. Eu conversei com a filha dele a mais nova... Climena. Climena. Eu telefonei pra ela que tinha um rapaz que quer fazer uma pesquisa, usar microfilmagem aí... eu falei se ela tinha esse livro, esse arquivo. E ela tem o livro. Compreendeu? Então, você me avise depois dessa conversa... você me fala pra eles vir aqui que se pode coincidir que eu esteja em casa. Então ele foi lá e achou o livro... tava nas minhas mãos... (INAUDÍVEL). Eu que completei o livro. Ele parou em mim, ele... Sou da fundação 1908, da cervejaria *Stieber*, dos alemães. Então, que tá o nome deles aí dessa diretoria, então tá Hapel também... Então eles fundaram o Clube Ginástico dia 18 de abriu de 1909. Mas começou em 1908... eles mandaram vir da Alemanha, as barras e as paralelas. Eu tenho as paralelas nos colégios aí. Tão sob minha responsabilidade, mas eu tenho a assinatura, pra... eu tenho que entregar isso. E eu tô querendo parar mesmo, ou seja falo toda vez que eu vou parar... não sei.

E – O senhor tem material onde?

I – Eu tenho material aí em cima.

E – Que é o material remanescente do clube?

I – Do clube! E tão sob a minha responsabilidade porque eu tenho que entregar isso a uma associação chamada São Vicente de Paula. O que que eles vão fazer com esse negócio de ferro? Não sei! É uma obra prima! É um troço da história! Não é? Tem, tem valor... o valor de.. né? Incontável... e... não tem palavra, não tem preço. Então eu tenho uma paralela que eu fiz uma demonstração no Globo Esporte... queria falar no Japão, Estados Unidos, alguns foram meus alunos. O meu ouvido doeu de tanto telefonema depois da demonstração. Ai me pegaram dando uma aula pros alunos aqui, me levaram pro museu lá pra minha (INAUDÍVEL). Me levaram na academia me apresentaram uns brasileiros saltando lá... (INAUDÍVEL); dá pra afirmar né...

E – E esse material tá onde?

I – As coisas tão espalhadas lá... tem na Vianna, o colégio. No Vianna, na Academia de Comércio, Vianna Júnior. Tem o trampolim de molas, ta lá... não sei se tá lá ou na academia, não sei. Quero recolher esse material, entregar...

E – E o senhor tem que entregar lá por que?

I – Porque diz aqui nesse estatuto, que eu não sei precisamente onde tá, mas ele tá aqui... que devido a sociedade extinguir-se, que aqueles aparelhos que foram doados pelos alemães lá em 1908 que foi lá pro clube ginástico, que não tendo uso que dessem para ajudar uma associação que é a São Vicente de Paula.

E – O que eu fico com medo é que eles não utilizem isso...

I – É... Mas o que que eles vão fazer lá? Aí que eu fico pensando... Eu pensei em conversar com a Climene sobre isso.

E – O senhor poderia doar para o nosso Museu, que isso iria ficar as peças permanentes no museu pra exposição.

I – Poxa, tem museu aqui de Juiz de Fora?

E - Nós estamos montando o nosso núcleo.

I - Olha! Meu filho. Aí ficaria para o público ver.

E – Exatamente

I – Isso, um museu. Olha que ideia magnífica. Eu tô mais aliviado. Porque eu tô preocupado com isso, porque eu sei, né que, quando eu fui fazer essa demonstração lá eu tenho até uma cena que eles filmaram eu falando. Eu me emocionei porquê...eu fiz sabe quantas apresentações? Eu tenho um diploma ali da Prefeitura Municipal, eu fiz 21 apresentações públicas, era duas por mês. Eu ia, levava a paralela lá no Santa Catarina...o povo aderiu a esse movimento, queria levantar o público, levantei o público (INAUDÍVEL). Então fazia duas apresentações por mês, então tava contando, quando eu vi a paralela lá, você conhece aquele aparelho? Eu vi, era a paralela do clube. Eu sabia trabalhar nela (INAUDÍVEL). Teve lá desde 1908. Ah, aquilo lá eles me pegaram...eu chorei, chorei emocionado. Tá lá. Pelo menos acabaram com o Clube Ginástico, isso é uma covardia. Eu vi uma reportagem esses dias aí, uma hora eu vou te mostrar esse pedacinho que eles falam (INAUDÍVEL) vem cá professor, vem aqui (INAUDÍVEL) vamos chorar, chorar, quando ia acabar o Clube. Um lugar que tinha assistência dos enfermos das drogas (INAUDÍVEL). Pra mim, todas as religiões são pontas enfiadas num mesmo fio que formam um colar (INAUDÍVEL). a vontade de ser útil ao seu...nunca diga eu, diga nós. (INAUDÍVEL) Lembre-se que você é parte de um todo. E todos é que fazem o Pai. Somos filhos do mesmo pai. Então declaro o que tá lá amar a Deus sob todas as coisas e o próximo como a si mesmo, você vê que além, ela diz pra você, amar a Deus sobre todas as coisas, ao mesmo tempo ao próximo. Eu tenho que amar o próximo, eu tenho que gostar de você, eu tenho que fazer algo por você. Meu filho, não faça isso. Somos irmãos se você não quer ser meu filho. É isto. É tão simples. E é isso é que eu encerro, o que eu aprendi. Perder o egoísmo e ser altruísta. (INAUDÍVEL). Você entendeu, verdadeiramente, se você não está falando com demagogia, se você não tá falando pra ganhar dinheiro, você não tá provando nada. Tá provando Deus. Ele quer isso. Como esse mundo tá conturbado, a começar pelos pensamentos que não são vigiados como deveriam. (INAUDÍVEL). Quantos paraplégicos, você tá vendo? (INAUDÍVEL)

E – Quando o Clube fechou, ele tinha cerca de quantos alunos?

I - Na época tinha, eu levei lá para o Caiçaras, quando ele fechou, antes de construir aqui eu fui lá pro Caiçaras, fiquei no Caiçaras 1 ano e meio, fazendo aqui esse prédio que você vai ver lá em cima. Eu até parei.... você trabalha em cinco colégios, de futebol, dá aula particular. A primeira academia de ginástica de Juiz de Fora foi a minha. De uma firma só. Eu ia expandir isso aqui, mas eu não encontrava,

nunca encontrei apoio. Acho que é porque eu dou isso, eu exijo isso da pessoa. Quero você a modificar-se. Eu quero demais. No futebol fazia o mesmo (INAUDÍVEL) fui colecionador de campeonatos. Eu tive proposta pra ir pro Cruzeiro. Professor Lúcio do Espírito Santo. Falou “seu lugar não é aqui, Ítalo, no cenário mundial você não pode...o que você tem bagagem, você sabe”. Falei “não”. Como eu ia deixar o Clube Ginástico? Eu tava tentando levantar aquele morto-vivo, que aquilo era um morto-vivo, né?! Até eles chamaram o Clube Ginástico de morto-vivo. (INAUDÍVEL) E VOCÊ NÃO PODE PARAR. Chegou num ponto que eu tinha que satisfazer a todo mundo. Eu era sozinho em Juiz de Fora.

E- O Clube ele manteve aqueles espaços desde a sua origem, quando o senhor entrou, quer dizer, o espaço da ginástica, as quadras lá fora ou mudou?

I – Mudou. Tinha uma lei que eu não sabia, que tinha....que o Clube Ginástico era do estado. Mas esses alemães que organizaram, fundaram lá, né...antiga Liga dos Tuberculosos (INAUDÍVEL) Então, eles foram para lá para oferecer um trabalho (INAUDÍVEL). Fazer um trabalho, com Hans Happel.

E – Com os tuberculosos?

I – Com os tuberculosos. Começou assim. Aí ele pôs um aparelho lá. Os que já iam se reabilitando iam tentar no aparelho fazer uma educaçãozinha, um movimento ali, aí foram os mais espertos formando turma. “deixa eu trabalhar”. E o Caetano começou a ir. Ele era marceneiro o Caetano. Marceneiro. E foi, e seguiu, e pegou aquela coisa do Happel e ficou no Clube Ginástico, e viu que só a ginástica de aparelho não dava. Tinha poucos associados. Então tinha o esporte aí ele fundou o basquete. O basquete e o vôlei. Aí ele...o basquete eu tenho certeza absoluta. O vôlei parece que tem uma associação com alguém. Mas ele é o cabeça.

E – O vôlei lá no Clube Ginástico também tinha?

I – No Clube Ginástico. Tinha lá no Clube. Então aí criou. Criou outros times que(INAUDÍVEL) Círculo Militar, Sport, Tupy

E – Aí depois quais outras atividades o Clube chegou a oferecer?

I – Aí, só oferecia isso. Mas aí teve o tempo que o basquete também caiu. Caiu junto, quase no desprendimento dele e eu levantei a ginástica. Eu levantei a ginástica, né, isso aqui que o pessoal não gosta de aparelho não. Eles acham bonito mas muito difícil. E o brasileiro é jeitoso pra isso. É persistência, tinha que ter essa disciplina. Então o futebol veio (INAUDÍVEL) e eles começaram a desconfiar...o moço lá que dá a preparação que dá o gás para a turma. E em todo o campo de futebol eu implantava uma barra fixa. Eu punha os caras dependurados. O peso das suas mãos, dependurar o corpo é preciso. Hoje o que eu dou para as senhoras aqui (INAUDÍVEL) dependura aqui, vem cá, (INAUDÍVEL) Fica com os dois pés no chão, agora tenta tirar o pé esquerdo, força a coluna, pensa, joga o seu pensamento lá, vai, tira o pé, tira o outro (INAUDÍVEL). “Ítalo, tô melhorando, que que é esse negócio aí ?” É a Barra! (INAUDÍVEL)

E – Aí chegou um momento na sua gestão que ficou só com a ginástica ou chegou a oferecer mais coisas?

I – Não. Eu ainda dei uma ajuda ao basquetebol. Que vinha aqueles antigos lá, viu que eu tava, levantei a ginástica, né, e o pessoal com o negócio do futebol, ganhando o título do Tupy e etc., eles falavam: “ah aquele baixinho lá ele é rigoroso ele é igual o Caetano. Aí eu comecei a aceitar os velhos, os antigos do basquete, e mantinha a quadra externa lá, ainda apitava pra eles o jogo, que eu tive que aprender regra de basquete, porque eles se engalfinhavam lá, né, mas mantive a ginástica. Ginástica era o forte. E tentei o aparelho, mas o aparelho você tira o que, 10, 12, e fazia essas exhibições para difundir. Aquilo trazia mais associados pra ginástica.

E – O senhor chegou a ter quantos associados lá no Clube?

I – 1000. Você vai assuntar.1000 alunos.

E – 1000 alunos fazendo ginástica?

I – Ginástica! Agora ginástica olímpica, o máximo que eu tive foi 3 turmas de 30, 35 alunos mais ou menos. Consegui. Eu cheguei a ter 1000. (INAUDÍVEL) Vão chamar uns meninos. Menino! pra fazer uma aula lá e punha pra ver qual menino, com nariz escorrendo, nesse bairros, São Benedito, Arado, e entravam. E não cobrava.

E – No final, quando o Clube foi fechado, né, o senhor tinha quantos alunos mais ou menos?

I – Quando o Clube fechou, vou ter ser preciso e honesto, nós somos 4f: franco, forte, firme e fiel. Nós tínhamos aproximadamente 120 alunos. E levei os 120 lá para o Caiçaras. Mas, somando tudo, no início, depois que eu tava lá uns 3 ou 4 anos, cheguei a ter quase 1000 alunos. Mas assim, igual eu te falei, tudo de graça, né, pegava aquela garotada lá e botava 40, 50 alunos, insistindo com a ginástica de aparelhos...

E – E houve algum movimento quando o Clube foi fechado, para tentar pressionar para manter?

I – Essa que foi a grande pergunta. Dizia Napoleão Bonaparte, das coisas erradas que ele fez na vida. De conquista e de poder, ele disse assim, uma frase pelo menos que ficou na história gravada: queres conhecer um amigo (INAUDÍVEL) Quer dizer, subindo daquele jeito, o Clube tava com gente frequentando, mas n tinha né, o pessoal sempre tava apertado,eu dando aquele movimento muito bom, mas tinha essa lei por trás. Eu comuniquei o pessoal: “olha, eles tão querendo cortar o Clube Ginástico. Mas você vai fazer sua passagem vai registrar isso aí porque isso foi verdade e ele tá vivo. O que eu vou dizer aqui eu assumo perante a ele. Quando eles começaram a botar um trator lá para derrubar o Clube eu fui lá na frente do trator. (INAUDÍVEL) “Ó, quer passar esse trator aqui, quer passar por cima de mim. O senhor pensa que tão vendo o que o senhor vai querer, eu vou em cima de vocês. (INAUDÍVEL) eu te arrebento”. Mandaram falar que eu recebi telefonema, “não, eu não aceito ninguém”. Fui olhar os cara lá com marreta eu “sai”. Aí eles não queriam me enfrentar porque tinham medo. Mesmo com marreta na mão sabia que 2,3 homens pra mim não era, tinha que ser um pouco mais. (INAUDÍVEL) E...chamaram O Itamar Franco lá. Prefeito. (INAUDÍVEL) Eu saí de lá em 79, então foi em 78, parece.

Áudio 4

I – “O Ítalo, dá licença, dá licença. Eu vim te cumprimentar. Tô sabendo que você tá defendendo um patrimônio aqui. E isto é bonito. Eu pensei que eu tinha conseguido um amigo, olha, (INAUDÍVEL) isso é lei, aqui tá o papel, você sabe disso, eles vão ter que derrubar isso mesmo, tá aí a máquina, (INAUDÍVEL) Deixe! Mas eu prometo uma coisa: eu vou arrumar esse Clube pra você. Dou minha palavra de honra. Tá aqui escutando?” E a resposta: “eu não tenho um gravador aqui, doutor. Mas eu vou acreditar na sua palavra. E um dia quem sabe nós vamos nos confrontar?” Tá registrado isso aí. (INAUDÍVEL) “Conte comigo!” Topetudo como falam que ele era, vai manda, tira uma família lá, tinha uma família lá do zelador que eu botei lá pra dentro, derrubar, pra fazer, tinha abrir a rua ali da. realmente congestionava, né. Que foi no início uma... Nossa Senhora, quanta morte, existia muita morte ali. Batida de carro. Tinha sinal, tinha tudo mais o cara não conhecia né, sabe como é que é, né. Cortaram tudo, mas foi uma tragédia. Porque, ali era a sala de aparelhos. Eu tinha que passar os aparelhos pra dentro do salão. A turma de basquete (INAUDÍVEL) que viram que eu ia manter a ginástica, começaram a voltar. Aí aquela coisa. Eu consegui fazer aquela adaptação que eu tô fazendo ali, ó, nessas barras aí, ó, furei o peso e botei uma coisa bem trabalhada assim no chão e dava basquete pra eles. A quadra exígua né, diminuiu, mas na medida eu conservei, foi cortando, foi um galpão de ginástica. Botei os aparelhos ali dentro. Mas encostados no canto, que não atrapalhava. Competições, podia fazer treinamento, mas não competições. Aí cortaram a quadra de fora. Aí não reduziu as medidas não, porque dava um jeito lá, aí ainda comecei a incentivar o pessoal do basquete. Dando apoio a eles. Mas na hora que eu precisava do apoio (INAUDÍVEL). Negócio é o seguinte, o estado está reivindicando posses do terreno. Vamos acabar com isso? Eu fui na (INAUDÍVEL) TV Tiradentes, levei esse livro que eu tô falando com você, esse arquivo, como foi fundado o Clube, levei lá botei assim sobre um mármore, todo brilhando. Essa gravação não tenho não, viu. (INAUDÍVEL) Mostrei, falei, falei. (INAUDÍVEL) Resultado: quais são os amigos que eu tive? Eu posso dizer, foi, me defendeu o jornalista Arides Braga, ele fez uma crônica num livro que ele lançou, o deputado federal Gabriel Gonçalves da Silva, o Tarcísio Delgado. Fui num advogado que eu contratei para defender o Clube. Isso não vou entrar em detalhes porque é particular, né. Foram os 3 que levantaram...ah, esqueci do Zanine. Ah porque tinha que ser o quarto, o 4f. Foram os 4: o Zanine deputado, e que na época ele até arranjou aquele título ali ó. Aquele título: “vamos dar o título de cidadão benemérito”. Aqui, 1987. Quer dizer, eu saí do Clube Ginástico, em que ano que eu falei?

E – 79

I – 79. E depois que eles reconheceram, viram a minha luta toda. Você tem que fazer, tem que morrer primeiro para depois...[emoção](INAUDÍVEL)Aí foi uma festa. Eu nem te conta essa festa. Eu comecei a falar escrito lá, eu peguei e larguei o papel, porque eu tenho (INAUDÍVEL) eu já não tô preparado para isso, viu. (INAUDÍVEL) E eu, mas foi uma choradeira até. Chuvarada também. Chuva chorando comigo, com nós todos. Olha foi a coisa mais linda (INAUDÍVEL). E eu escrevi o discurso assim, depois o que eu falei de improviso foi muito mais além, né, ele pediu que ficasse lá,

você pode referenciar isso, tirar uma cópia, do que eu escrevi falando sobre o Clube Ginástico.

E – Aonde? Na Prefeitura?

I – Na Prefeitura Municipal. Tem um discurso meu, né, o meu discurso, aí do recebimento do título de cidadão benemérito, eu falando sobre isso.

E – Então o prefeito na época não honrou o seu compromisso?

I – Não. O Itamar Franco. Pode dizer a ele, eu quero (INAUDÍVEL) aquele topetudo. Gosto dele. Mas faltou comigo a hora que eu mais precisava. Você fez a pergunta, vou voltar nela. Desapareceu os amigos. Eu falei com a turma, quem de vocês aqui (INAUDÍVEL). Eu cheguei a ter lá uma equipe, (INAUDÍVEL) “o Ítalo”, aquela fotografia tem vários deles ali. “Vamos reunir pra defender”. Ótimo, vamos defender! Na hora do vamos, pra pegar, cadê? Quando eu falei assim, olha...tem um advogado (INAUDÍVEL). Eu tenho o recibo dele aí. (INAUDÍVEL) Os bens que eu tenho dos meus pais eu dei tudo para meus irmãos. Eu não gosto de fazer drama não. Aí eu vou fazer lá porque eles aqui me traíram. Ah meu filho. Ninguém foi só esses 4, que eu considero. É o Zanine, o jornalista Arides Braga, o deputado federal Gabriel Gonçalves da Silva e o Tarcísio. 4f. Ele me defendeu aqui (INAUDÍVEL). Aí eu fui lá em Belo Horizonte pra... perdemos em Juiz de Fora. Aí em Belo Horizonte, outros advogados, tem tudo separado aí, viu. Ah, num cantinho fiz uma reforma na casa e botei lá, ninguém, ninguém se ofereceu para me ajudar. Ninguém, nenhuma voz. E na época eu trabalhava com a família Sarmiento, aqueles advogados, médicos, a elite de Juiz de Fora. Tudo fazia ginástica lá. (INAUDÍVEL) Mas na hora do vamos ver ninguém apareceu. Eu sozinho com esse recibo, esse arquivo, parece até brincadeira, né. Eu falei com a dona, tava lá no porão né, vamos fazer uma microfilmagem desse negócio aí que isso é bonito toda vida, isso vai ficar para a história, vai ficar para o tempo aí. Nós passamos, mas o rastro fica. Bom, resultado, perdemos (INAUDÍVEL), os advogados lá eram 3. Vamos apelar para trazer isso na justiça. A defesa que (INAUDÍVEL). Tem a acrescentar alguma coisa? Você quer que acrescente alguma coisa? Eu falei, não! Eu fui fazer direito para ver se eu aprendia mais alguma coisa, fiz 3 anos de direito, vi que a matéria era muito bonita, meu tudo na verdade, meu irmão é advogado, e eu não ia impedir mesmo (INAUDÍVEL). a gente aprende vivendo, participando, o homem é o lobo do próprio homem. Teve alguém que disse: quanto mais eu conheço os homens mais admiro os cães.

[CONVERSA COM PESSOAS DO LOCAL]

I – Bom, eu queria ter um gravador e não tive, repetindo. Essa passagem, tô vendo ela aqui agora. E também, seu for procura-lo, ele sabe que o Clube Ginástico acabou, né. Metiraram de lá, eu fui lá para o Caiçaras com 120 alunos, como você anotou ali, Carlos Zacaron professor de Educação Física, menino que eu criei, ficou 15 anos comigo, tem uma academia.

E – Ele falou de você. O Zacaron. Eu conheci ele a pouco tempo.

I – Esse menino o pai dele.(INAUDÍVEL) Quando eu tive lá no Caiçaras, eu falei assim, “ó, eu tenho uma notícia para vocês. Vocês estão convidados (INAUDÍVEL) eu

montei minha academia própria. É lá no Bairu, um pouquinho longe, pequenininho, é modesta, mas tem um vestiariozinho”. Isso aqui que você tá vendo lá. Não mudei nada. Desde a fundação tá isso aí.

E – Que ano você fundou? 80?

I – Aqui tá ali a data. 80. (INAUDÍVEL). Eu queria 08/08, mas foi 11/08, que eu inaugurei. E aqui já engatamos, com 150 alunos. (INAUDÍVEL). Quer um atleta lindo por fora e mais a inda por dentro. (INAUDÍVEL) comecei a perder aluno. “ah professor hoje eu tenho que sair mais cedo” porque, para não ouvir a palestra. Que as vezes machucava. Que eu mexo muito com as pessoas. Eu sei que mexo. Então, uns dias eu marquei as pessoas, quando eu botei a frase no fim da semana e ia comentar, ou eles comentarem, aí eu falei “ó, hoje não há desculpa de sair 5 minutos antes, porque eu tô parando cinco minutos antes a aula para não prejudicar os seus afazeres após a aula. “ah, sinto muito mas vou ao médico. Sinto muito, mas mesmo assim preciso sair.” Nem por cinco minutos? Talvez a gente aprende uma coisa e não escuta. Isso é um alimento da alma. (INAUDÍVEL) E assim fui perdendo aluno, mas eu vou até o fim. Aí o pessoal fica aí “pai, pai”, tô com uns 28 a 30 alunos. (INAUDÍVEL). Bom, dos que pagam, né. [risos] eu falei os que pagam 28, 30. O resto é...eu não aguento! Gente fala que quer fazer ginástica, “vamos começar agora, qual o horário” (INAUDÍVEL). Então é assim. Mas o que que nós estávamos falando também? Que você perguntou?

E – Senhor Ítalo eu queria encerrar por aqui hoje.

I – Ah....

E – Mas é a primeira conversa só. Vai ter mais pela frente.

I – Ah bom, tá ótimo.

E – Queria então encerrar, pelo pouco que o senhor contou da sua história, né, percebi que o senhor foi um homem com muito sucesso, um garoto que gostava de se exibir desde criança, gostava de aplausos, né, eu dei uma fugida de olho no seu caderno vi que a última parte da sua aula é uma saudação de palmas pela aula dada. Então eu queria encerrar a entrevista com

[BARULHO DE PALMAS]

E – O que que resta de material ainda que o senhor tem?

I – Olha, eu tenho ainda emprestado, no Vianna, um trampolim de mola e um (INAUDÍVEL). E na Academia uma paralela. E uma barra fixa comigo. Só. Além dos (INAUDÍVEL) que são esses pesos, alteres, a paralela pequena e a minha balança. Só. Mais...nada!

Entrevista 2: ÍTALO PASCHOAL LUIZ – realizada pelos alunos da FACOM - UFJF
EM ????? – conteúdo não publicado

E: Bom, estou aqui com o professor Ítalo, nascido na cidade de Juiz de Fora, em 1927. Não é isso, Professor Ítalo?

I: Exatamente.

E: Como foi sua infância na cidade de Juiz de Fora? Como era a cidade naquela época?

I: Obviamente, muito menos pessoas, a pare que nos toca tecnologia não se ouvia falar. Eu ainda sou do tempo em que havia ruas em certos locais, que era lampião. E conhecia um deles que subia as escadas, velho Matheus, para dar à luz, ou apaga-las. Infelizmente é a chamada evolução. E quem há pode conter? O homem se agita e se espalha. Todavia, Deus o conduz. E que possa nos conduzir. Há pragas, há conversações proveitosas, como é a comunicação. Sem a qual, não poderíamos falar. Tínhamos que um ouvir o outro falando. Sua vez agora. Pergunta.

E: Em quais colégios o senhor estudou aqui na cidade?

I: Casa de Itália, primeiro, estudava simultaneamente a língua italiana e parlava bene” (fala alguma frase em italiano) e simultaneamente o português. Era duas horas de italiano e duas horas de português. Tirou o primário tanto sabendo uma língua, como a pátria. A nossa bela língua pátria.

E: E quando jovem, o senhor fez alguma atividade física? Participou em algum clube? Jogou é....bola? Alguma outra atividade esportiva?

I: Gostava muitíssimo de futebol. E por isso fui goleiro do Tupy, no juvenil do Tupy, por 3 anos. A primeira temporada fui reserva do Manhavaca. Se é vivo, se não que Deus o tenha. E depois, o outro morreu, sim, Dalpra, coincidência, né? Já que estamos falando em vivos e mortos. Mas, aí fui goleiro oficial. Tempo (inaudível), disputa além do Esporte, Typynambás, Duque de Caxias, Fea, Fábrica de explosivos, né?! Então era uma disputa renhida, realmente.

E: Professor Ítalo, durante grande parte de sua vida o senhor praticou ginástica. Como foi esse início pelo gosto da prática de ginástica? Alguém te incentivou? Onde o senhor participou praticando ginástica?

I: Inicialmente, como a maior parte da garotada, que tem uma animação muito grande, é ímpeto para ver um circo...

Pausa por pedido dos entrevistadores

E: Professor Ítalo, durante grande parte de sua vida o senhor praticou ginástica. Como se deu esse início pelo gosto da prática da ginástica? Alguém o levou? O senhor assistiu alguém? Como que foi esse início?

I: Penso eu, todo garoto, na sua infância, numa cidade como Juiz de Fora, é muito solicitada para circos, né?! Ele implantam, vem os artistas, e eu gostava de ir a circos.

Então via aquelas acrobacias, os trapezistas, enfim, a parte que mais me tocava era a parte acrobática. E depois tentava em casa aquilo que eu havia visto. E assim começou o gosto pela ginástica. Quartéis gerais, ia, e via lá os soldados fazerem aqueles movimentos, e depois de tanto ver, os próprios soldados, comecei a criar os meus movimentos. Sem sabe que mais tarde, esse mais tarde, se deu em 1947, no dia do nascimento, do, do aniversário do Pelé, 23 de, de outubro, se não me falha a memória. Mas, esta data de 1947 que eu iniciei no clube ginástico, eu sabia que então, praticavam lá aparelhagens, hoje chama de ginástica artística, que era cavalo, paralelas, barras e argolas, tínhamos ainda o trampolim com mola, sem molas, mas n...saltos em distância, com caixão, nome dado na época a esse aparelho, o plinto, a gente fazia saltos e aprendia aquilo, o professor nos passava, que era o professor Caetano Evangelista, eeee, assim iniciei o meu gosto e a minha prática pela ginástica.

E: Durante quanto tempo o senhor ficou no Clube Ginástico?

I: De 1947 até sua extinção.

E: que foi em 1979?!

I: 79, exatamente, já já residia lá, o professor havia falecido e eu fui o continuador, durante 17 anos no comando do clube e sem com isso deixar de trabalhar nos times de futebol e nas escolas onde lecionava. Entre elas destaco muito o Vianna Júnior, né?! A todos membros que Deus o tenha, que já partiram, mas, foi meu início, né?! Nessa parte profissional. Colégio Vianna Júnior, principalmente, foi meu início na parte profissional. (inaudível) os sargentos mandam vamos alunos lá, com os sargentos, por causa da fama que tinha o professor aqui, para aprender ginástica comigo. E nessa ginástica normal, natural, calistênica, que chamava-se, ginástica calistênica ou sueca. Falavam-se assim! Né? Muito bem. E de maneira que assim, nasceu esse gosto pela ginástica, depois fomos para a parte além do aparelhos, compreendeu?! Fazemos essa outra parte artística que com os companheiros, chamava ginástica é...é...vários nomes, combinada, ginástica, força combinada! Era o nome inicial. Depois passa por muitos nomes, né?! De dupla e de trio e eu cheguei a fazer quarteto, e com dupla conseguimos trabalhar em vários circos, tanto de um picadeiro como de 3 picadeiros. Águias humanas, 3 picadeiros e eu trabalhava no centro junto com meus "colega", que Deus o tenha também partiu, foi sim um fortíssimo ginasta, Paulo Lopes, (emoção) Presta nesse momento, solene, tudo de bom, para ele, sua alma, porque com ele nós fizemos grandes coisas, e também Geraldo Fernandes Ervilha. Esse ainda é vivo. De maneira que continuei, assim a lecionar, futebol, Tupy várias vezes ia, quando o time tava bem eles achavam de mudar porque...né...iniciei em 1956, 57,58,59, sempre como campeão, mas aos mal acostumados, eles já não(inaudível) se interessavam eu ia pra quem me oferecia a maior parte (risos) dos honorários. Então fiz, se for no Tupynambás, há 20 e tantos anos que eles não viam o título, logo lá chegando, fomos vice campeões em 59, campeão, vice em 60, campeão em 61, 62, ele venderam o plantel todinho, ficamos com o juvenil, e ainda fomos vice. Voltei ao Tupy, campeão em 63, 64, 65 campeão. 66 e 67 fui bicampeão pelo Esporte. Aí eu já escolhia os times a quem devia trabalhar, e era muito solicitado pelos times de fora, perdi muitas oportunidades, mas, a vida, para quem gosta verdadeiramente, é isto.

E: E já que o senhor falou um pouco do futebol na sua passagem né, como preparador físico, conta pra mim um pouco aquela relação com o João Saldanha, você enquanto preparador físico da seleção mineira...

I: O João, o João Saldanha, que Deus o tenha também, ele era muito arisco, ele era botafoguense e ele como supervisor da seleção brasileira, ele corria o Brasil inteiro e veio em Juiz de Fora sabedor dos meus conhecimentos. Porque tinha uma coisa: eu, eu, eu, de criar os exercícios, eu tinha essa facilidade, pra criar o movimento. Compreendeu? Gostava demais. De um jeito, você faz um outro moimento, que corresponde aquele, e assim, ele viu muita criatividade, que ele entendia de Educação Física, e me apontou, ao Ítalo Vicente Feola, né?! (inaudível) tinha Ítalo no nome dele também. E então que....aproveitar-se, da minha pessoa para preparador físico da seleção brasileira. Por várias vezes meu nome foi indicado. Mas fica assim, naquele tempo, ainda meio amadorismo, depois, o negócio começou a melhorar, né?1 tudo se fala se fala em dinheiro, e assim foi e continuei até pouco tempo. Lecionei depois entrei pelo Vianna Júnior. Colégio.

E: Senhor Ítalo, dentro, saindo um pouco do futebol, indo um pouco para a ginástica, seu professor dentro do Clube foi o professor Caetano Evangelista...

I: Evangelista, exatamente.

E: quais atividades ele ensinava dentro do Clube?

I: é, a educação física, é aquela ginástica calistênica, que eles falavam, né?! E eles não mudavam o sistema, era aquilo, do início ao fim, entra ano sai ano, aquilo era o suficiente, não tinha faixa etária. Eu procurei alternar isso, obedecendo as faixas etárias, facilitando os iniciantes, aquela coisa....quem cria uma coisa, como o Caetano que, grande professor, sem tirar seus méritos, mas é aquela coisa, precisa renovar, e as coisas, assim passou, né?! E eu fui criando, fui criando, e quando você pensa que cria, tem outros na sua frente, né?! Lembre-se disso. (risos)

E: E o senhor depois chegou, como o falecimento né, do professor Caetano, o senhor assumiu...

I: Sim, assumi o comando total do Clube Ginástico e fui até sua extinção, né?! O prefeito Melo Reis, ainda me recordo que fiz uma apresentação, é, com a turma, né, e hoje são professores. Lecionam pra todo esse Brasil a fora, a maior parte deles, e de maneira que é assim: ninguém cria para si, nós fazemos as coisas, mas, sem saber, estamos fazendo para os outros. Isso que é importante.

E: Essa aula, né, quando o senhor assumiu o Clube né, enquanto professor de ginástica, como eram as suas aulas? Como se, como se iniciava a aula, como que era a sua aula?

I: Ó, naturalmente, o aquecimento, é a primeira parte da ginástica, né?! Você tinha de 3 a 5 minutos, aqueles exercícios, e, determinados exercícios, então começava cabeça, tronco e membros, superiores e inferiores, era o sistema que eu seguia. E depois, entrava braços e joelhos, pernas e finalizava com abdômen. E este foi o meu método. Mas começou a surgir coisas novas, que o mundo é surpreendido a cada momento, né?! Você vê hoje que a facilidade da tecnologia né, dos, desses

fores, como fala? Hum...esses...telefones, né, manuais, compreendeu? E que brincam nas mãos das crianças, né, como é que...o formato, já se carrega na mão, no bolso, todo mundo você tá vendo. E assim, é a comparação que estou fazendo. De maneira que...prosegue mais nas perguntas, tá interessante.

E: Como eram as aulas? Os dias, eram todos os dias? Qual período, manhã tarde e noite?

I: É, o professor tinha o hábito lá de dar aula 3 vezes no mínimo por semana. Mesmas turmas. Terça, sexta e domingo. Eu acrescentei muito, reforcei o feminino, que não era olhado assim, com aquele...né?! Era uma turma muito reservada, mas o modernismo foi aceitando, as mulheres participando, foi crescendo, então, ficou as mulheres nos demais dias que sobravam, né, de terça, sexta e domingo, as mulheres ficaram o contrário: segunda, quarta e sábados. E era assim, em vários horários, né, de manhã, à tarde, à noite. Eu me lembro que tinha época lá que eu cheguei a ter astronomicamente 1000 alunos. Os concorrentes que viam nisso, na...passou a ser um comércio, né, o sujeito, poxa, e começaram a criar esses aparelhos, novos, né, ele utilizava os pés, as mãos e etc, né, e eu ficava com aquele método antigo. E com aquele método antigo, quer dizer, evoluindo também, mas sem precisar de aparelhos, na ginástica propriamente dita de mãos livres, né?! Porque é aceito também a ginástica com demais aparelhos. Mas, foi assim e foi muito bom para a ginástica, para todos, porque a pessoa fica com aquele...liberdade de escolha. O que ele quer fazer, ele procura as academias que já... Então a ginástica passou a não ser tão procurada como era antes. E assim foi crescendo mais. Nunca deixou de ser a ginástica calistênica.

E: E dentro do clube o senhor só participou, o senhor deu aulas de ginástica ou alguma outra atividade esportiva também?

I: Eu fazia muitas demonstrações, né, com os aparelhos, principalmente a paralela que era fácil de removê-la, né, paralela, barras e paralela que isso é o nome, e cavalo com alças. Então levava para esses colégios e fazia. Eu me lembro que um ano eu fiz aí cento e tantas demonstrações, ia nos colégios, em todo lugar eu me apresentava, e aquilo, ajudei a difundir muito a ginástica, né. E depois, por si, ela criou asas e voou livre.

E: Vendo né, o seu álbum de fotografia, eu vejo algumas fotos de basquete, por exemplo.

I: Basquete.

E: Tinha uma adesão grande, por essa atividade dentro do clube?

I: Exatamente. Era, dos esportes era, o vôlei e o basquete, igual eu também tive início. Pratiquei um pouco de basquete para aprender a dar a aula. Não era o meu forte. Meu forte era a ginástica de aparelhos. Artística, chamada, né. Então, é, o vôlei e basquete ficou uma coisa, né, pelo estatuto do clube só não utilizar os pés, que seria o futebol, né, de salão e etc., que chamava na época. Mas o vôlei e o basquete também acompanharam, tinha, o Clube teve boas referências, participou de vários

campeonatos, e eu ajudei muito nas equipes juvenis. Não era o meu forte. Meu forte mesmo era aparelhos. E...e assim fomos.

E: Enquanto professor o senhor se recorda de alguns nomes de alunos que passaram pelo clube?

I: É quem eu incluo nas minhas orações, diárias (emocionado). Pudessem eu lembrar de todos. Mas é muito difícil um professor lembrar o nome dos alunos. Então eu peço que Deus me forneça esse poder de lembrar aquele que forma meu aluno. Lembrar do tempo que fazíamos ginástica, que era gostoso, né?! Era, coisa que você gosta, que participa, é sua vida, e de maneira que quem tá na profissão quer, pode medir, né, é...o equivaler e outra palavra que, sentir o que eu estou querendo dizer, né. Quando você gosta de uma coisa, mas gosta, esse G maiúsculo (emocionado), e se dedica, se integra, entregando-se, isso é muito mais bonito. E foi assim que eu difundi a ginástica e parti, fiz várias demonstrações no Brasil inteiro, e sempre falava, etc., e, e assim, fiquei muito conhecido, né.

E: Me recordo uma vez, que o senhor falou de um episódio que aconteceu, me parece que foi com o Paulo Lopes, uma briga, alguma coisa, que o professor Ítalo, o professor Caetano teve que intervir...não sei se você recorda... tava 1X0, aí de repente...como foi essa história?

I: Ah...o que que ela, será que eu falei isso com ela? Poxa foi talvez uma das poucas pessoas, raríssimas. O Senhor Ivan (sobrenome) era o presidente do clube. Foi presidente. Ele era fã de nós dois: eu e Paulo. Então ele falou assim: eu queria ver vocês dois medirem força. É... pegar e...mas, dominou o adversário ele bate e pronto. Então vão fazer isso. Vou dar oportunidade para um e para outro. Só vale dois, duas vezes. O Paulo me pega numa chave de pernas, e eu sabia sair, mas não...parecia que, esqueci! E ele pegou muito bem. Tive que bater pra ele, a chave que ele me deu. Aí, vamos pro empate ou pra vitória dele. E dei-lhe uma chave de braço, pescoço e joguei ele no chão, imobilizei e ele (barulho de tapinhas na perna) bateu. Aí eu falei: vamos agora desempatar e o seu Ivan falou assim: não! Vcs dois não podem um vencer o outro.

E: E como que foi essa ideia de criar esse Trio Brasil?

I: É, porque, fica um número mais alto, terceira pessoa, é claro, de forma que já existia no Brasil, na turma Noronha, no tempo do rio Paraibuna que era muito movimentado, uma equipe de ginastas que...e nós começamos lá também praticar, né. Lino, Lima, me lembro de alguns, Passarico, tinha outros lá. Então, nós fomos aprendendo aquilo e fizemos um trio. Porque eles montavam um número e desarmavam. Acabou. Então nós tivemos a ideia de montar um número e dar sequência. Com menos pessoas, que éramos em 3, eu, Paulinho e Ervilha, quer dizer, é, base Ervilha, médio era o Paulo, e eu o volante. É aquele que sobe, o paradista, né?! E assim nós íamos criando várias posições. As vezes eu trabalhava tanto no alto que não punha os pés no chão, por causa da sequência dos movimentos. Quer dizer, aí ficou dando uma amplitude...eu acho que foi um dos únicos, na época, né, pelo menos eu.... dessa ideia tivemos de fazer continuidade num número, não parar. Fazer, desarmar, não. Isso era coisa antiga. E assim é a evolução, né.

E: Por que primeiro começou com o Trio Brasil, né?

I: Trio Brasil

E: Depois, ficou você e o Paulinho?

I: É, depois ficamos só a dupla e nessa fizemos os maiores, grandes televisões no Brasil inteiro e trabalhei com, com aqueles artistas na época do Walter Pinto, né, famosos, Piolin, palhaço, e então conseguimos um nome, uma coisa tremenda e nós onde éramos solicitados e conhecidos por causa disso.

E: Como chamava a dupla?

I: É Lô e Rubi. Lô ele e Rubi, Rubi uma pedra preciosa, Lô de Lopes, né, que chamava-se Paulo Lopes.

E: Como era a presença da dupla em Juiz de Fora?

I: Ah, aqui nós fazíamos nos campos de futebol, nós ia para tudo quanto era lado. A gente pedia para fazer apresentação. Pedia, agora você imagina. Oferecia. E era muito bem recebido, era nos colégios, nas quadras de times, enfim, em todo lugar, nós íamos.

E: E os carnavais?

I: E os carnavais, né. 10 anos de carnavais, fazíamos aquelas coisas, pirâmides, e era uma brincadeira que valia a pena. Fazendo força, divertindo, né, e nos divertindo também. É isso.

E: Você recorda as TVs, é, onde o senhor fez apresentação?

I: ah, várias. Nós fazíamos, coisas, nós brincávamos até...

E: Quais os nomes? Você lembra das TVs?

I: De que?

E: As TVs onde o senhor fez as apresentações.

I: Aqui em Juiz de Fora, TV, é, dava cobertura, a TV, TV Globo, né? TV Globo, TV Tupi, TV Rio dava Também, aqui em Juiz de Fora. Dava. E trabalhamos no auditório da TV Tupi e da TV Rio, compreendeu? Da TV Alterosa, auditório, com públicos, né, Alterosa em Belo Horizonte, tinha uma outra emissora, Inconfidentes, Compreendeu? Em São Paulo, Record, enfim, (inaudível) para sair fora do país, né. E naquela coisa, naquela luta, sai não sai, e acabamos ficando. Mas era para termos saído. Mas aqui dava-se muito dinheiro já, tá, o valor ao que a gente fazia.

E: Essa atividade que o senhor fez junto com o Paulinho Lopes, né, foi paralelo ao, ao seu trabalho junto com o Clube, né, enquanto diretor.

I: Exatamente.

E: Enquanto diretor do Clube, né, como a gente já comentou sobre o fechamento em 1979.

I: 79.

E: Quais foram as dificuldades que o senhor foi encontrando com o tempo, pra permanência dele em Juiz de Fora? Para a continuidade?

I: É... você fez uma boa pergunta, né. Quer dizer, começaram a abrir muitas academias, aí a concorrência. Aí ficou sobrando um cado para cada um. E aquilo foi indo, foi indo, até a extinção, né, por que é natural né. Passou a ser um público bem concorrido, bem disputado, né. Aí os particulares começaram a abrir essas academias com, com alteres, compreendeu? E desenvolvimento de físico, fisicultura, etc., etc., etc., foi indo até...as autoridades em vez de ajudarem, né, numa hora dessa nada fizeram e, e ficamos. E ele morreu na minha mão. (risos)

E: É...como foi essa questão dos, das máquinas que foram até o Clube, é, fechar o Clube, destruir, né, a estrutura do Clube, que o senhor chegou, entrou na frente das máquinas...

I: Não, como é que você sabe disso? Mas isso aí foi uma coisa, foi comentada assim meu Deus?! Ah eu dei uma daquela de chinesa ou de japonesa, não sei o... no Vietnã, não sei aonde foi, parece uma menina, é...nua né, com toda...ou queimada, assim, dá a impressão, e um tanque de guerra né, ela ia para um lado a menina, e o tanque, mas não passou pela menina. E foi o mesmo que eu fiz lá quando eles puseram um trator daquele lá, eu fiquei vai, então você passa em cima de mim e derruba. E foi o Itamar Franco, que veio, compreendeu, telefonar pra falar: ó, eles vão matar o professor aqui. Ele não quer deixar eles derrubarem aqui não. Isso eu fiz. Não sei se é da época, ímpeto, loucura e entusiasmo, não sei, tudo misturado junto, eu fiz esse coisa, mas, ele me levou na conversa: ó, vou abrir um clube pra vocês. Bom isso aí eu tô falando, hem, vou cobrá-lo. Ele agora se for eleito, né, e deve se, não sei nem, nem como é que tá a posição dele. São só um, dois senadores. Não sei se ele fez o... ou ele está eleito?

E: Ele está eleito.

I: Então, ele podia fazer alguma coisa, né.

E: Depois que o clube fechou, o senhor percebeu alguma é, manifestação, alguma movimentação, pra que tivesse o retorno das atividades, levando o nome do Clube Ginástico?

E: Houve, muitíssima. Isso, batia, pois um clube como aquele, tinha uma, como já tradição, né, é... tudo uniformizado, tudo uma beleza, uma coisa de, uma, os 4 efes, franco, forte, firme e fiel, o significado dos 4 efes, de maneira que isso, é viva até hoje essa imagem em nossa mente. Uma coisa louca. O Clube Ginástico deixou aquela...eu sou um dos remanescentes. Mas ainda tem vários, aí. Muitos. Que naturalmente, com mais idade até do que eu, que podem falar o que era o Clube Ginástico. A disciplina, o que se dava, o que ensinava. E não tava no, como se fala, escrito. É porque tinha que ser assim. Disciplina em primeiro lugar. E isso eu levava pros times de futebol, que eles ficavam assim, meio...eu dava, passava pra eles os princípios morais, né. Até fui professor de Moral e Cívica por causa disso. Durante 8 anos lecionei essa matéria em vários colégios. Até no Estadual, também, né.

Associação dos Sargentos, no extinto Colégio Bicalho, no São José. Eu sei que foram 8 anos, não sei como, eu sei que eu trabalhava de manhã à noite. O dia era curto pra nós, compreendeu? Era uma hora arás da outra. Chegava a trabalhar 10 horas ou mais. Eu achava que o dia era curto, 24 horas não dava. Nós era muito solicitados, e num tempo que praticamente a gente pagava pra trabalhar. (risos)

E: Qual é a lembrança que o senhor tem da época enquanto professor, enquanto diretor, do Clube Ginástico? E do Clube, o que o senhor lembra de interessante e importante que o senhor traz até hoje com o senhor?

I: Ali teve, nós tivemos uma formação moral muito grande, porque o excesso de disciplina é valiosíssimo. Os primórdios ali vêm ensinar desde como você ser um homem, você ser um adulto. Crianças, né. Ensiná-los (inaudível) o respeito. Era uma coisa que tinha que você tinha que falar. E hoje parece que tá em desuso. Ou quando o professor quer usar essa parte, ééé gozado é, eu passaria muito mal, se fosse lidar com esse tipo de gente, porque é preciso que, não porque a gente sabe, mas o respeito ao idoso, compreendeu, tinha que ser um ou outro por aí e vê, né, isso aí é coisa do passado. Enfim, é difícil. Até quando eu me lembro que eu depois de ter sido bicampeão pelo esporte, 67,68, após não sei, 12 anos, eu fui chamado pelo Queiroz Caputo (ele foi centenário, viveu cento e poucos anos): aquilo que é professor! Cada lugar que eu ia, eu implantava uma barra fixa. Como tem no Tupynambás, tem no Sport, no Tupy teve mas tiraram, não sei, né. É...então pra ensinar de maneira que era assim era lembrado. Perdi o fio na meada da pergunta que me foi formulada que você fez, eu não sei.

E: Da lembrança, coisas boas que o Clube trouxe para sua vida...

I: Pois é, imagine né, o respeito, né, como é bonito como é digno você respeitar, ser respeitado, enfim, isso tudo era uma coisa que a gente interrompia uma aula pra falar. Nem que fosse uns 2,3 minutos. E a gente ver esses professor aí. Eu me lembro que eu fui pro Sport, pelo Caputo. Fui lá e eles começaram a ver a minha rigidez, a disciplina. Falou: mas esse professor é militar? Não tinha nada de militar, era coisas militares válidas, né?! Agora você vai fazer tudo errado? Tem que ter uma orientação, uma coisa, enfim, e eu era muito exigente, sabe?! Me lembro que eu dei aula para o...em Belo Horizonte, eu coloquei fora de forma na primeira aula. Foram 2 anos seguidos, 67 e 68. Eu queria era ter uma filmagem, na paralela, que eu fiz não sei da onde, até a igreja São José, em Belo Horizonte, em cima de um Scania Vabis. Eu fazendo paralela. Cada número, coisa, auspicioso. E foi filmado e eu sei que alguém tem esse filme. Agora, um dia vai aparecer, compreendeu? E de maneira que era assim.

E: Aproveitando que está falando sobre Belo Horizonte, o senhor chegou a dar um curso lá, não foi? Enquanto professor.

I: É, é, em Belo Horizonte eu fui em dois reencontros de professores. Escolhido a dedo pra dar, dois anos seguidos, 67 e 68, compreendeu? É 67 e 68. Então, escolheram uns quinhentos e tantos professores, os melhores, tidos como os melhores de cada colégio das principais cidades do país, e onde iam ter aula com a gente. Um grupo de docentes, e eu fui colocado como um dos docentes, né, a dar

aula, ministrar a ginástica, a Sueca, que eles falavam, né, é a nossa ginástica. Calistenia. E eu escrevi, tem até anotado as aulas que eu dei lá, e eles ficaram muito encantados porque já havia uma novidade na sequência, tudo diferente, é a evolução, né. Mas, nós conservávamos aquilo. Que bom que é você conservar o antigo, e introduzir o moderno, né?! Aí junta os dois e fica uma salada muito gostosa.

E: E além dessa orientação com outros professores, o senhor chegou a orientar a Guarda Mirim, não foi?

I: Dei, dei aula pra Guarda Mirim.

S: Onde que ficava? Onde era essa atividade?

I: ah eles colocaram anexo ao Clube Ginástico, num... começaram a exterminar o clube assim, devagarinho, né, puseram a Guarda Mirim mas aí não exterminava aí ajudava até, né. Eu dava aula então pros meninos da Guarda Mirim, e ele ficavam admiradíssimos, eu dava umas aulas por exemplo de cavalo e paralela. Onde eles viriam isso? Juiz de Fora não... ficou só o Clube Ginástico, né. Não tinha...

E: E o senhor chegou a escrever alguns livros, não foi, sobre ginástica?

I: É. Tenho 4 livros escritos, publicados.

E: Você tem os livros aí, Seu Ítalo?

I: Eu tenho, um ainda falta publicar um. Interessante que para ser, esse para ser publicado, é sobre Educação Física. Isso aí eu tenho que procurar, a menina tá me ajudando aí.

E: Não tá naquela primeira gavetinha não?

I: Tá deve tá ali na...deve tá ali.

Momento de procura do livro. Ítalo fala com pessoas da casa.

I: Eu tenho sim. Eu sei que o último livro não foi publicado. O primeiro foi best seller em Juiz de fora. Foi lá na livraria Península.

Momento da câmera ligada sem entrevista.

E: Esse daqui foi o último, Ítalo.

I: Frases e pensamentos, provérbios de escritores famosos. Esse aqui foi lançado lá no Vianna Júnior. Lá no Colégio Vianna Júnior. A mulher do Romeu, e aí ela me abraçava e chorava.

Momento da câmera ligada sem entrevista

I: Eu sou uma pessoa que eu não dormia sem ler um livro. (Inaudível) Às vezes eu falo uma frase, a pessoa fala assim, me pede pra repetir não é por educação não, ela pede porque gostou (inaudível) aí eu já dou outra conotação, recursos, né. Tem um cara que queria me enfiar na política aí pra falar: o Ítalo você dá pra falar. Falei não, não faz isso não. Eu gosto é de ginástica (risos). Mas o fato é esse: eu gostava de ler. Ler demais. Eu não passava uma noite. Eu tenho até, tem dois livros que eu

assinei aí, eu adoro. Eu ia sempre anotando, né, os bons pensamentos. Tem até uns dois cadernos, mas grosso, quase no fim o último, com frases de autores famosos. Então é isso. Ninguém cria, a gente copia. A gente vai falando um do outro. Até porque é gostoso, né, você falar duma coisa que alguém já falou, assim, cita uns bons exemplos, né, tem q ser é... seguidos, observados, não é mesmo, e assim, então, isso é que eu crescia como professor. Os professores e atletas ficavam admirados. Falavam assim: mas o Ítalo fala bem, não sei o que. (Inaudível). Mas depois ele mesmo chega na conclusão, que o professor é vitória. (Inaudível). O professor de história sabe tudo que diz em relação a história. Mas você tem que ser versátil. (inaudível) Então foi assim, minha vida. Eu acho que eu me tornei professor até por isso.

Entrevista 3: ÍTALO PASCHOAL LUIZ - em LISBOA (2010, p. 205)

J: Bom, eu estou aqui com o Professor Ítalo. Professor Ítalo, por favor, fale seu nome completo.

I: Ítalo Paschoal Luiz, mas na cidade seria Louvisi, porque sou filho de italianos, mas meus documentos estão Luiz, e que assim seja.

J: Qual a data de nascimento do senhor? I: Outro erro. Eu nasci no dia 15 de fevereiro, aquariano de 1927. Porém meus pais ficaram encantados com meu nascimento, se esqueceram e me registraram no dia 05 de junho de 1927.

J: Onde foi feito esse registro?

I: Em Juiz de Fora mesmo.

J: Quais foram as atividades, professos Ítalo, que o senhor desenvolveu ao longo de sua vida. Dentro da ginástica e também em outras áreas?

I: Dentro do esporte, vamos assim dizer, eu tinha uma paixão louca pelo futebol. Goleiro do Tupi Juvenil. Fiz o tiro de guerra, goleiro e fui juvenil com 17 anos e meio. Mal podia sonhar que seria preparador físico. Gostava de ginástica, mas não tinha mestre. Um dia passando pelo Riachuelo e vi o prof. Caetano, um senhor de idade, e perguntei pra ele o que era aquilo, ele falou é ginástica e rudilmente mal sabia que eu seria mais tarde seu melhor auxiliar, mas dedicado ao ponto dele afirmar a um vizinho que é vivo até hoje que eu um dia seria seu substituto.

J: Você lembra quem era?

I: No momento não to lembrando. O apelido era dona Noca, ela morava próxima do clube e ele particularmente ele disse: esse menino vai ser meu substituto. Além de forte corajoso, eu fui com ele e realmente isto aconteceu.

J: Além do clube, e preparador físico, o senhor fez alguma outra atividade?

I: O meu pai tinha uma casa de comércio, vivia pegando peso sem necessidade. Mudava uma fileira de arroz, por exemplo, pra outro lugar pra poder se exercitar.

Naquele tempo tinha fogão a lenha, rachava muita lenha não só para a casa mas também pros vizinhos pra ganhar uns trocados e com isso manter um braço grosso, e tinha muita força.

J: O senhor comentou que estudou psicologia, como foi isso?

I: Isso já foi com, após o término do primário, que eu estudava ali no italiano, 2 horas de italiano e 2 horas de português. Era na Casa D'Itália, ainda no prédio antigo, da Getúlio Vargas. Mas eu tinha uma influência por alemães, mas eu via falar, mas não sabia como até que conheci posteriormente o professor Caetano da maneira que eu já descrevi. E nos afeiçoamentos um pelo outro e foi, foi assim que nasceu meu entusiasmo pela Ginástica.

J: Qual o período que o senhor participou do clube? Quando entrou e finalização das atividades.

I: Eu entrei muito tarde. Eu tava com 20 anos, no dia que o Pelé comemorava aniversário se eu não me engano, 23 de outubro de 1947, tava com 20 anos. Mas eu fazia coisas extraordinárias, que eu via fazer no cinema, no circo 206 queria, mas não sabia o local próprio para isso. Não tinha quem me informasse. Mas brigador, gostava de uma briga. Mas não era por nada não, mas por pouca coisa, eu levava sempre vantagem nas brigas. Tinha mesmo mais força e só certificava-me disso, mais confiança eu fiquei em praticar, mas na era só força, ginástica aprender com o tempo, porque precisa de equilíbrio, de jeitos, de maneiras e treinamentos e foi assim que eu iniciei.

J: Qual significado o clube teve pra sua vida, qual a importância dele para você?

I: São os 4 efes : franco, forte, firme e fiel é tudo. São quatro palavras cujo símbolo é muito marcante e tem uma história interessante nele, corrida entre os 2 melhores da época, entre eu e Paulinho que acabou de falecer. O presidente do clube ginástico o senhor Ivan Vidal fez com que eu e o Paulinho fizéssemos uma luta livre, do jeito que pudesse. O Paulo me pega numa chave de pernas e me deu um laço e eu não soube sair da chave. Então ele mesmo me ensinou, então ficou 1 x 0 pro Paulo. Mas eu havia jogado ele no chão, mas não soube aproveitar. Daí o Ivan deu ordens que nós continuássemos e aí fui eu que novamente joguei ele no chão e dei-lhe uma chave de braço e ele bateu. Então pra não ficar, pra não houver desempate ficou 1 x 1 quer dizer ele venceu uma e eu venci outra. Quer dizer, era uma rivalidade muito grande, nós dois, tudo queria um pegar mais peso outro fazia isso e mais aquilo enfim essa foi construtiva, essa brincadeira, e nós crescemos amigos e juntos de premeio o Edson Peterman que é, foi o primeiro trio Brasil, é o Paulinho e o Edson. Depois entrou o Geraldo Fernandes Ervilha que substituiu o Edson que havia ido embora para o Rio. Então ficamos até que épocas se desentenderam o Edson e o Ervilha e ficou a dupla denominada Lô e Rub e fomos campeões brasileiros. Mas é história pra contar e é longa.

J: Vocês foram campeões brasileiros de que? Com sua dupla?

I: Nós fomos campeões brasileiros de ginástica de força combinada.

J: E onde foi o evento?

I: Este evento começou a ocorrer na TV Rio, do RJ. Teve Rio, depois TV Tupi, depois fomos para Belo Horizonte na TV Alterosa, TV Excelsior e uma vez com a Turma do Clube Ginástico do Belo Horizonte me lembro de um grande efeito, vendo meus alunos tentarem em cima de um caminhão Scania, eles tentaram fazer cavalo de pau e não paravam e eles iram devagarzinho e aniversário em Belo Horizonte e tinha uma paralela, uma paralela nova, não havia pego na paralela. Sei que eu peguei a paralela nova, não havia pego na paralela. Sei que eu peguei a paralela e fiz 4 números: 3 a tempo e 1 a força. Mais por fim sucesso tamanho que na frente uma turma de acrobatas de salto, de salto de lona. Tinha um outro nome também que eles davam também, o trampolim. Eles ficavam, o povo todo eles viviam me aplaudindo-me sozinho e eles largaram lá o número deles pra mim assistir eu fazer o número em Belo Horizonte. Isso foi na época em que fui dar aulas para os professores de todo o Brasil em Belo Horizonte e a minha fama percorreu Brasil inteiro. Mas não tinha a divulgação que tem hoje. Outra pergunta.

J: Em 47, o senhor disse que entrou no Clube Ginástico. Quem era seu instrutor neste período?

I: Professor Caetano. 207 J: Como era a relação dele com a turma e com as pessoas do clube? I: Ele era muito enérgico, ele não permitia o sujeito fazer ginástica c/ uniforme sujo, tinha que ser todo branco a ala masculina né, e o detalhe: muita atenção, muita disciplina, muita rigidez. E entre aspas “Moral”, tinha que ser aluno disciplinadíssimo, e eu procurei preencher todos esses requisitos e tornei-me seu fã direto e na sua falta que dava aula, era eu”.

J: O senhor se recorda de alguns exercícios, como era a aula, o início, aulas em aparelhos, no solo? I: Aula acompanhada de piano, tinha um piano, os movimentos eram feitos com o piano. Ora o Célio, que não sei se está vivo. Está? J: Não, já morreu. Dos filhos somente a Climene.

I: E a Climene que tocava também. Eu fiz uma homenagem a ele, no livro você pode ler. J: Vou ler com prazer depois, obrigada. I: Onde paramos?

J: Estávamos falando como eram as aulas como elas começam, era um aquecimento, era direto aos aparelhos?

I: Aquecimento com marchas de piano, ou Célio ou a Climene. De maneira que começávamos manchando, fazendo já evoluções, dali ia surgindo os exercícios tudo andado, movimento. Saíam todos e formavam desenhos, eram vários desenhos. Depois nós passávamos para o estático né, o Caetano parava e socorriamos ele. Até eu conto a história no livro desta aula, mas eu não lembro a página.

J: Podemos ver isso se quiser.

I: Homenagem póstuma ao Caetano.

J: Que bom. Depois vou ler com calma. Aqui o senhor falou um pouco sobre ele, sobre sua aula.

I: Deixa eu ver se é nesse que eu falo. Vou fazer um teste pra minha leitura, pode?

J: Claro!

I: Nossa menina, nunca vi gente igual a você pra gostar disso!

J: Faço com prazer

I: Homenagem Póstuma sobre o professor Caetano Evangelista: Revejo o salão do Clube Ginástico de Juiz de Fora com mais de 100 alunos, todos garbosamente perfilados. Numa saleta, próxima ao salão nobre, os seus filhos, Célio e Climene, revezavam-se juntos no piano. O professor dá um sinal e inicia-se a aula de ginástica. O aquecimento com evoluções, marchas e desenhos variados. Seguem-se os exercícios de cabeça, tronco e membros nas mais variadas posições, e todos com acompanhamento musical. No centro do salão, estava a figura central e responsável por tudo que acontecia. Sim, o professor Caetano Evangelista era o regente da orquestra. O insigne mestre, com um uniforme branco impecável. Com gestos firmes e concisos, um sorriso carismático a conduzir mais uma sessão de educação física. Já tinham feito um corte na Avenida Rio Branco, diminuindo, diminuindo o numero de alunos, talvez poderia até ter sido triplicado, covardia, né. Tanto lugar para fazer, porque eles foram acabar com aquilo! Até começar a querer 208 brincar para eu entrar para a escola de, de, professor, sei lá, criadores. Mas não sei se era isso que eu queria falar.

J: Estávamos falando sobre os exercícios, o senhor descreveu um pouco sobre como era a aula do seu livro. O senhor se recorda se havia exigência de alguma roupa para fazer as aulas, tanto as mulheres quanto aos homens? Quando o senhor era aluno, como era?

I: Os homens todos de branco, branco impecável. As mulheres de branco com listras, o short era comprido até o joelho, vermelho laterais.

J: Então o short era branco e listas vermelhas ao lado. A blusa era branca e tinha o símbolo dos 4 efes?

I: A blusa era toda branca com o símbolo dos 4 efes, franco, firme, forte e fiel.

J: E como era o símbolo? Qual era sua cor?

I: O uniforme era vermelho e branco. J: Tem algumas fotos onde os alunos usam uma faixa na cintura. O senhor sabe me dizer qual a cor destas faixas?

I: Eram usadas anteriormente às que o professor criou J: O senhor lembra da cor? I: Agora você me apertou. Eram cores listradas, mas sempre a predominância do branco com vermelho.

J: Você já falou alguma coisa sobre isso. Mas quantas pessoas frequentavam sua turma?

I: A minha turma era mais ou menos de uns 50 alunos. Ele dava a aula e até as vezes iniciava no meio da aula, parava p/ mim continuar ou eu dava a aula todinha. Dava confiança e ele ficava de fora, ele era muito emotivo e às vezes chorando ver eu dar aula, imitando né, nos gestos dele e depois quem criou um gesto, cria dois, cria três né. Me lembrei esqueci. Queria ser cópia fiel, como falou mesmo?

J: Xerox.

I: Xerox. Até meu andar ele imitava o Gilson queria.

J: Ele fazia aula junto com você? I: Éramos alunos do professor. Depois o professor largava e deixava eu dando aula de aparelhos. Todos sobre o meu comando.

J: Quais eram os aparelhos que o clube tinha?

I: Nós praticávamos muito era todos eles. Barra fixa, barra baixa como esta ali, barra alta, paralelas, cavalo e salto sobre o cavalo sem alça. Todo dia a gente fazia isso.

J: Quando o senhor foi professor dentro do clube ginástico, quantos alunos tinham nas suas turmas? Você enquanto professor?

I: Eu cheguei a ter aproximadamente uns 180 alunos ao todo.

J: E numa turma? Quantos alunos o senhor aceitava em cada aula?

I: Esses 180 da ginástica tradicional, eu tinha apenas 30 aparelhistas, faziam só aparelhos.

J: Era um bom número então.

I: Seguiam entre eles, olha, o Rominho e eu era muito exigente. Me lembro do Pai do Roninho, primeiro dia que ele foi lá falou assim: vim entregar o meu filho a você. Olha o que fui lembrar. Tinham 2 irmãos: Aníbal, Otávio, Otávio Aníbal. São médicos e distinguia eles pela falha dos dentes. Sabe o que que é, um era Aníbal e me levou uma melancia enorme e disse que era só para lembrar aí de castigar meus filhos pois eu não quero que eles fumam e siga a moral, os preceitos. Tudo o que um professor ensina a ele e como eu era enérgico demais, quer dizer e hoje vejo que eu era demais né. Mas meus pais também era muito enérgico, era tudo certinho, duto direitinho, tudo na maior coisa. Hoje eu vejo coisas e faço de conta que não vejo e não acredito que as crianças façam.

J: Quem participava da sua turma? O senhor se lembra de alguns nomes? Da sua turma com o Caetano? I: Inicialmente, por muitos anos ficou sendo Paulinho, mais antigo, ele arrastou o Edson, o Edson quando o Paulinho já tinha uns 3 anos de turma, ele ficava dividido entre o basquete que a turma chamava ele p/ completar o time e o Caetano que queria ensina-lo a ele a fazer aparelho porque o pai já tinha se distinto. Não se sabe como, tinha uma turma grande e de repente o professor os alunos perderam o interesse não sei porque, houve lá uma diferença qualquer, uma luta não sei explicar, não tenho elementos pra ti explicar. Então o Caetano falou assim: ah, eu acho que uma oportunidade boa pra mim, começar a ensinar em cima deste menino que tem, tem vontade, que viu o Paulinho pular daqui, pular pra dali e começar a ensinar o Paulinho. O Paulinho chamou o Edson em menos de 1 ano o Edson me chama, eu chamo o Ervilha e ficou só nós quatro.

J: Qual era o nome do Ervilha? I: Geraldo Fernandes Ervilha, era o nome todo, compreende?

J: Além de vocês, tinham mais outras pessoas?

I: Ai ficou só nós quatro. Aí o Caetano tava sentindo que ele gostava de beber escondido e não tava aguentando mais. Aí ele: Ítalo me ajuda aí, empurra a turma. E eu comecei a empurrar e cheguei a ter uns 30 alunos. Aí ele ficava satisfeito porque a turma tava pronta e ele vinha e que sê ta querendo dar? Cavalô? Não, uma exibição, vamos a marcar uma exibição aí. Era assim ele confiava em mim e ficava por minha conta.

J: Seus alunos, o senhor lembra de alguns deles? I: Meus alunos. Pinheiro que perdeu o braço num desastre, dois irmãos Maltoni e Sérgio, Sérgio Maltoni, esses foram meus alunos mesmos. Agora eles chamaram o pessoal do Granbery, Marcio Cleiton, que foi campeão brasileiro de vara, salto com vara. A família de três irmãos Seixas, Nilson, um deles, Aldebaram, um fez campeonato brasileiro, eu realizei, comecei a criar campeonatos internos. Em vários campeonatos, eu sei que um, este ficou muito marcado com 4 ginastas bons, houve uma votação, foi filmado compreendeu, mas você interessa por essas coisas, meninas? 210

J: Interesse! Claro!

J: Mais alguns alunos?

I: Esses foram destaques né! Antonio Marangon no Campeonato, até Antonio Marangon que tirou em primeiro lugar. É o único aluno que me visita, ele vem de São Paulo para me visitar e está na época dele vir a JF.

J: Quando ele vir, vou deixar meu contato, se for possível, pede a ele para me ligar .

I: Pode deixar, quem conta acrescenta um ponto não é mesmo? Isso é bom!

J: Você lembra de outros alunos que não eram da sua turma e que jogavam basquete ou vôlei, ou outra atividade?

I: Não. No basquete dentro do próprio clube tinham muitos: os Zanzoni que depois foram para o Olímpico, o Tortoriel, mas não tem jeito.

J: É muita gente, não é mesmo?

I: É mesmo, passa um filme.

J: Na sua época como aluno, como eram divididas as turmas? O horário, o dia, quanto tempo de aula?

I: Enquanto aluno era, deixa eu ver quantas turmas. Era terças e sextas os dias. Terça e sexta-feira. A aula do Caetano durava pelo menos uma hora. Quando ele resolvia dar aparelho ele lotava lá, o aparelho que achava que agente devia fazer e dava as explicações e depois passava aquilo pro Paulinho ficou com uma turma e outro mais adiantado ficou com outra, eu com outra. /assim até que ficou isolado, eu sozinho dado, porque eles não tinham interesse mais. Quando o Caetano me chamou e, o primeiro dinheiro que ganhei foi do Caetano. Ele tirou do bolso dele e falou assim: Você tem mais interesse, você, ele, me fez entender que eu era muito dedicado,

esforçado diferente e seguia as normas dele, foi isso. Tô te sendo franco como se tivesse num confessionário.

J: Que aulas o senhor dava no Clube?

I: Que aula era?

J: Isso, o senhor dava ginástica...

I: Eu dava ginástica natural, mais livres, costumava dar de bastão, muito raro mas livres e aparelhos. Eu escolhia um aparelho por dia. Às vezes fazíamos os dois.

J: Todos tinham que fazer todos os aparelhos?

I: Ah, aí tinha que fazer, tinha que aprender todos os aparelhos. Cavalo com 2 alças, que era o cavalete né e barra fixa baixa, barra fixa alta, paralelas e argolas que era o mais difícil.

J: O senhor chegou a ensinar o basquete?ou vôlei?

I: Não, não. Eu nunca, interessante, nunca. Me lembro que fui visitar o Tupi, joguei voleibol, mas eu era pequeno, tinha tendência a uma estatura menor, não me interessei e já se olhava altura naquela época pra praticar e o basquete era o mesmo um certo rigor. Agora a ginástica não tinha limites não e talvez uma das razões, pq eu gostava mesmo de ginástica e me acrescentava isso né. Não tinha problema na altura.

J: Na sua época, enquanto aluno, quais eram os espaços que o clube tinha para fazer aula? Lá nos anos 40, 50?

I: Depois que ele dava a aula.

J: Onde era a aula?

I: Dentro do salão fechado. Ele terminava a aula e escolhia um aparelho qualquer. E nessa escolha desse aparelho qualquer, nós tínhamos os chamados números obrigatórios. Às vezes ele ia ensinar um número novo, ele chamava todo mundo, reunia ali, explicava o número mas já subia com dificuldade né, de demonstrar e então aproveitava a gente mais adiantado pra fazer. Entregava na nossa mão os aparelhos quer dizer, chegou a ter 2 professores, 2 instrutores de aparelho né, cada um mostrando uma coisa, muita escola, muita perfeição, exigia-se muito isso.

J: Além desse espaço do salão havia algum outro espaço que o clube tinha prática?

I: Não, só tinha mesmo o salão.

J: Tinha quadra aberta em algum outro espaço?

I: A quadra não Ele simultaneamente largava a gente ia lá pro clube dos Alemães joga Boti.

I: Era o Kegel Clube? Um boliche? I: Um clube alemão. Ele participava daquilo lá e foi até campeão lá. As vezes ele vinha de fogo, escondia, mas não tinha jeito não, ele gostava de beber.

J: Esses alunos que participavam do clube, você acha a que classe social eles pertenciam? I: Nas mais diversificadas. O que predominava era a classe alta, os filhos do Pantaleoni Arcuri, famílias tradicionais de Juiz de fora, muitos alemães, alguns italianos, Hargreaves, famílias mais, tinham muitos alemães. Aquilo ficou misturado, foi misturando, misturando aí era só quem gostasse mesmo né, quem ficava na pratica daquilo e eu fui um desses.

J: Como funcionava a questão das mensalidades, qual valor?

I: Era dois mil réis.

J: Na sua época enquanto aluno?

I: A mim, esses dois mil reis ele me perdoa, porque ele sabia que meu pai tinha condições né, era comerciante, e ele sabia mas, ele sabia que papai não gostava de ginástica, então ele ... o primeiro dinheiro que eu ganhei foi dele, auxiliar dele.

J: Os melhores alunos então não pagavam? I: Não. Eram poucos, muito poucos.

J: No seu período o senhor lembra como era?

I: No meu período era 2 mil réis. Aí então o clube o que ele fez. Ele me inscreveu como Liga de Desportos de MG'. E dava um tanto a ele para 212 incentivar essa parte. Olha o que você ta me fazendo lembrar. Era uma verba, uma coisa relacionada a Loteria Mineira.

J: Quer dizer, dava dinheiro ao clube para ele incentivar a prática.

I: Então a Liga, quando fecha essa transação, ele tirou do bolso dele para me pagar. Então o dinheiro foi ganho com suor do bolso dele, ele me deu chorando e que isso sirva de lição pra você. Que você continue com esse entusiasmo e siga em frente porque nós precisamos de gente assim. São os ensinamentos.

J: O senhor já comentou alguma coisa, mas o senhor se recorda de alguma festa realizada no clube, seja para arrecadar fundos, demonstrar, competir?

I: Festa Junina, eu participei de uma.

J: E como era esta festa, na forma como conhecemos hoje, com danças, comes e bebes?

I: Era essas coisas.

J: Tinha algum baile?

I: Tinha um baile sim.

J: E competições. O Senhor disse já fez foi no clube?

I: Eu fiz uma demonstração pro Turunas do Riachuelo, era uma escola de samba, mas aí o Caetano já tinha morrido. Mas a presidente do clube ginástico e eu era o tomador de conta, nem sei o termo que usavam. Quase me lembrei tava na minha cabeça, o nome do Presidente que já tinha vencido o mandato dele.

J: João Munam?

I: Esse já foi. Foi antes desse.

J: Antes foi o Ivan.

I: Ivan! Seu Ivan eu tenho uma recordação boa não sei se cabe contar, tenho comigo.

J: O Ivan ficou um bom tempo no clube

I: Estimulava demais. Ele que estimulava essa briga entre eu e o Paulinho que eu já contei antes, empatamos 1 a 1. Eu Joguei ele no chão mas ele me deixou lá numa tesoura de perna e a saída era tão simples, era só deslocar um pé do outro mas eu não soube sair. Então aí ele falou assim: agora vamos a uma segunda vez confirmar ou não. Aí, eu joguei ele no chão, dei-lhe uma gravata e ganhei. Aí então eu falei assim: vamos pra terceira pra ver o vencedor e ele falou assim: entre vocês dois não pode haver isso. Vocês são ginásticos. Aí passou uma na gente, que...

J: Guardou pra vida inteira, viu!

I: Guardei mesmo. Fica o empate porque vocês dois merecem. O Paulinho era muito dedicado.

J: Ítalo, você participou de alguma competição?

I: Interessante. Eu tentei participar no Rio de Janeiro no Ginástico Português. Então escreveram meu nome e tal e quando fui lá eles barraram a minha apresentação.

J: Senhor lembra o porquê, o motivo?

I: Porque antes eu havia trabalhado num circo, tinha um feito com o Geraldo Fernandes Ervilha, tinha feito um número com pinga fogo, porque tinha um aparelho no nariz e acendia e apagava esse carvão é nosso. Então havia feito com ele então eles falaram que eu era profissional. Nem sei o que era profissional na época, nem sabia e não permitiram eu participar. Se eu tivesse participado pelo que eu assisti no treino deles lá, não permitiram eu treinar, eu teria ganho em todos os aparelhos.

J: Como era as competições? Só amadores?

I: Eram os exercícios obrigatórios, né. Cavalo, paralelas, barra e argolas. E eu fazia com muita facilidade e isso me garantia.

J: Quais era os outros clubes que participavam? I: Tinha o extinto Clube Força e Coragem que era de minha colônia e do meu pai, a italiana, né. Eu não sei porque eu fui lá pro clube ginástico. Sei que eu tive quando menor na Cervejaria Stiebler, cerveja, que eles treinavam bebendo o Chopp né. Então eles treinavam assim e eu não podia imaginar que eu ia participar um dia, a gente não sabe explicar como e quando vê já tá lá dentro.

J: Ítalo o clube foi fechado em 79.

I: Morreu nas minhas mãos! A última aula foi com o prefeito Melo Viana que falou que ia fazer alguma coisa para o clube não se extinguir e eu caí na conversa dele.

J: Durante um tempo, a Prefeitura e o Estado tentou fechar o clube. E vejo que foram várias lutas de vocês. Então, quais foram na sua opinião, os reais motivos do fechamento do clube? O que o senhor me diz?

I: Digo nas palavras do Gabriel que defendeu o clube, Gabriel Gonçalves assim, como jornalista. Que essas crianças, que esses homens parecem que não tiveram infância, não tiveram infância e que frequentavam o clube ginástico, passou a frequentar? Nós com uma brincadeira, fazíamos as coisas sérias. Mas a palavra que ficou e eu não tive como compreender isso, fui compreendendo com o tempo, foi que achei também uma covardia. Fecharam o clube. Fecharam na minha mão, morreu na minha mão o clube ginástico!

J: Vocês tiveram reunião, audiência, alguma coisa assim?

I: Isso foi política. Foi política do Melo Reis, antes com a palavra. E vou falar isto pela primeira vez. Nunca disse isso pra ninguém. Você vai ter o prazer e o privilégio. Tinha um pedacinho que sobrou lá nos fundos que eu aproveitei esse canto que era de telha de folha de zinco, que eles passavam a rua ali, né. O progresso era sempre a desculpa né, que iam cortar então e tinha que passar ali. Cortaram a rua e o zelador do clube, seu zé com a família, eu com eles, eu dava o que podia para eles não pagarem a luz, etc., etc., ele ajudava, fazia limpeza lá no clube né e eu contribuía com a turma do clube ginástico. A arrecadação era mínima, uma coisa irrisória, vinha no meu bolso, ele era tarado, a palavra era essa. se é tarado! Fazia por gostar mesmo.

J: Por que não tinha muito lucro, não é?

I: Não tinha lucro nenhum. Tinha uns que assinavam lá uns antigos, mas eu tinha um cobrador e ele trazia lá uns dinheiros até. Eu que acabei quando vi ele, ficou doente, falou: Ó sei Heitor não vou aguentar mais não.

J: Heitor?

I: Era nome José. Coitado né?

J: Ele cobrava as pessoas?

I: Ele cobrava, arrecadava e tirava a comissão e dava. Mas as despesas tinham e eram grandes, não era brincadeira não e eu assumi, tive que assumir sem saber, casa que não havia isso, mas eu não entendia bem o negócio. O fato que fui entendendo, comecei entender. Tinha que ter presidente, então elegeram os Vianna.

J: Joaquim ou Antonio?

I: Joaquim. O Antonio já indicação minha. O Joaquim me viu e gostava muito disso, gostava a família toda. Onde eu fiz 3 anos de direito lá, nunca paguei nada também, tem esse lado. Muito bacana, e eu to contando pra você e ninguém sabe disso então o Joaquim ele começou a querer, que ele fez pra aparecer, ele mexia com política então ele me incentivou é falou assim ó: você sabe que você fala bem de improviso? Porque o professor habitua ele adquiriu o hábito de falar com os alunos, disciplina, né. Então era bom. Voz alta, punha voz, falava, mas o coração era mole, mole. Então eu, ele me pagava lá uns trocados pra mim ficar, pra mim tanto faz, gostava do negócio e como se diz até pago pra fazer. Então eu pagava pra trabalhar!

Pergunta foi forte. J: Então o clube teve dificuldades financeiras? I: Nossa Senhora! Aí você perguntou um negócio que eu tava falando?

J: Separar um cantinho...

I: Ah! Porque eles abriram a rua né e então no abrir ia cortar um pedaço do Clube Ginástico. Coce lembra de uma cena no cinema em que uma menina não sei se na Índia ou na Coréia, onde foi? Acho que China, não sei. O caminhão, não sei que instrumento era aquele. Ele vinha assim por um lado e o menino ia pro outro lado. Tinha que passar em cima dele, a máquina né. Mas era um tanque de Guerra. O Itamar Franco manda dois caminhões para derrubar os fundos lá que era frágil fundo pra fazer a passagem da rua e eu fiz a mesma coisa que aquela menina fez, ou menino ou menina não sei. Eu fui lá e fiquei na frente e disse assim: Então passa por cima de mim! Falou: então pode sair que eu vou passar! Falei então.... mas passa, eu vou segurar isso aí. Porque você fez isso? Pra não acabar com isso. Já ninguém Ajuda e o que eu tenho aqui serve. Quanto ta muito cheio eu vou pro outro lado, espalho o pessoal, não deixo ir embora, fica preso aqui. Eu fiz isso. Segurei ali na frente, eles puseram. É. Então eles queriam derrubar aquilo lá porque a casa tava ruim mesmo. Foi assim: porque vocês não fazem uma reforma aí?

J: Mas o clube era do Estado quando começou com a Liga Mineira. Acabou mais ou menos no final da década de 30. Como ficou esta relação depois? De quem era o clube?

I: Aí eu não sei, não sei te explicar, só que Caetano lá assumiu, passou pra mim, eu fico. Sei que ta o Melo Reis era Prefeito, fiz uma demonstração, preparei meus alunos lá, fiz uma ginástica de solo, saltos e etc., cavalo no chão. Solo eu comecei ali sem ter instrução disso heim, e ficou chorou, ele chorou lá, não sei o que... Aí veio o Itamar Franco.

J: Depois do Melo?

I: Isso. Eu tinha feito a coisa, o Itamar veio hipotecar minha solidariedade a você. É homem de... pesado assim sabe.

J: Quem fez esta obra, o Estado ou a Prefeitura?

I: Aí foi Estado e Prefeitura e Associado . Estado, Prefeitura e Sociedade, Clube.

J: A obra que digo é de finalizar o clube.

I: Para terminar?

J: O que o senhor diria a essa pergunta: quem matou o clube?

I: Quem matou? Foi os políticos. Agora se me pedir que aponte quem? O que poderia dizer, são muitos. E sorrindo com você, conversando com você, participando com você e te apunhalando por trás.

J: Isso é que estou pensando. Porque o senhor falou, por exemplo, o Itamar.

I: O Itamar me prometeu o seguinte. Se ele tiver, agora, aqui agora neste momento, eu ia cobrar dele. Sabe como o senhor prometeu pra que eu ficasse calmo e não embaraçasse o problema, não criasse caso, que ele iria defender o Clube Ginástico.

Qual foi a defesa dele? Foi no período dele que eles fizeram a passagem. E qual é o progresso de Juiz de Fora? Está atrancando aqui, vai abrir uma rua. Falei, até concordo, eu acho isso lindo, mas em troca o que poderia ser feito para o clube, porque o clube vai ser prejudicado, vão tirar pedaço dele. O que que tem: basquete e vôlei e aparelhos. A quadra vai diminuir e como é que fica? Aí entra o presidente, tinha vencido o prazo dele, foi o Vianna. Para agradar os outros ele deu uma festa, permitiu uma festa. Turunas do Riachuelo e eu bobamente fiz uma demonstração de barra fixa alta e fiz giro gigante de frente, giro gigante, eles não tinham visto isso. Fiz uma exibição na barra, criei um número na barra, criei uma coisa espetacular, não deixa eu lembrar essas coisas, aí eu fico... Sei que você está falando numa disposição eu to te respondendo num outro.

J: Eu queria saber mesmo já que o senhor vivenciou, viu como foi aquela situação e participou diretamente nesta “briga”, era só mesmo que falasse na sua visão como foi o fechamento, quem são as pessoas, como estava o clube naquela época de alunos, de verba.

I: Ele tinha aluno mas a maioria não pagava. Tinha o cobrador antes como eu tava te contando, fui vendo que a gente, não tinha, não arrecadava dinheiro pra pagar o homem poxa! Dinheiro, mas que negócio é esse, tem alunos, muitos alunos e não sobra dinheiro.

J: Quando percebia, poucos pagavam.

I: Poucos pagavam. Quer dizer era uma coisa fictícia né. Então eu botei, o que eu fiz: eu pus meu filho a ser cobrador. Aí eu vi que o moleque também não tinha muita experiência eu falei com ele: ó quem quiser fazer ginástica o caixa é aqui ó. Quer fazer paga aqui. Mas eu cobrava aquele preço baratinho, 2 mil réis, meu Deus do céu, aquilo tava cheio de aluno, dava pra despesa.

J: Outras escolas faziam aula lá, alugava ou autorizava o uso da escola para outra escola?

I: Não, não. Eu lembro assim, foi assim por exemplo: Eu mesmo dava aula pro colega Vianna Junior pq me aposentei pelo Vianna e dando aula pelo Vianna ele me pagava as aulas e ele não tinha espaço para dar ginástica e eu levava eles lá pro Clube Ginástico. Agora aí, ele era Presidente, ele que sabia não sei se cobrava pq ele não falava nada. Eu era um trouxa lá, mandado lá e como eu gostava de ginástica eu ficava lá comandando aquilo lá. Ginástica eu comandava, isso aí, eu era bravo mas a parte de dinheiro eu não sabia nada, não entendia.

J: Ítalo, pra gente finalizar eu gostaria que o senhor falasse da melhor lembrança que teve do clube e alguma coisa que gostaria de falar e eu não tenha perguntado para você?

I: Você foi muito perspicaz, muito inteligente, falamos sobre um defunto, vivo e morto ao mesmo tempo, porque ali foi uma escola de aprendizado, de disciplina e ao mesmo tempo não teve proteção nenhuma, nenhuma das autoridades. Eles tinham uma concepção errônea, vamos dizer assim, faltam palavras neste momento. O clube não podia sustentar-se sozinho, compreendeu? Eles tinham que ajudar e nunca

teve ou se teve foi muito pouco. Mais conversa fiada do que tudo. Agora quem gostava de ginástica..... E assim são os professores, principalmente de Educação Física. Agrada, tinha que trabalhar em vários colégios pra fazer um salário. Bom seria trabalhar no Estadual mas ali só entrava os protegidos e eu não tinha proteção nenhuma. Tinha os fãs que me aplaudiam, gostavam, ginasticamente falando, mas que na verdade monetariamente não ajudava e hoje tudo é a mola real. Mas quando cheguei a compreender isso já tava velho, cansado e pouco pode contribuir.

J: Pouco? Contribuiu muito.

I: Só o prazer de ensinar, de entusiasmar a pessoa não desistia, continuava porque a vida é uma sequência de continuidades, repetições, aprendizagem e essa aprendizagem será eterna. Você nunca pode bater no peito e dizer que sabe porque você pode ter recuperado o método, você, porque tem uma coisa que é como a luz a isso e chamasse progresso.

J: Como pode não é. Ao invés de ajudar mais coisas atrapalha. Ítalo queria te agradecer por ter me cedido a entrevista e deixo aqui meus contatos com você.

I: Menina, é tão difícil, tão raro conversar com pessoas assim que se interessam por aquilo, foi a minha vida, tem sido minha vida.

J: É, porque o senhor entrou com 20 anos.

I: É, entrei com 20 e to com 82.

J: Bem vividos.

I: Devo à ginástica. Quer dizer praticamente eu acho que sou quase que o vovô dos que se... se tem gente aí tem pouca gente que passou da minha idade. Deve haver Colônia alemã, colônia italiana, de maneira que...

J: É muita coisa não é. Obrigada professor Ítalo.